THOMAS HARRIS



# DRAGÃO VERMELHO

# DADOS DE COPYRIGHT

**Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

**Sobre nós:**

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.***

# THOMAS HARRIS

# DRAGÃO VERMELHO

Título original: Red Dragon
Tradução: J. A. Nogueira Gil

*Porque a Misericórdia tem um Coração Humano,*
*A Piedade, um Rosto Humano,*
*E o Amor, a Forma Humana do Divino,*
*E a Paz, o Aspecto Humano.*

WILLIAM BLAKE, Cantos de Inocência,
«A Imagem Divina».

*A  Crueldade tem um Coração Humano*
*E a Inveja, um Rosto Humano,*
*O  Terror, a Forma Humana do Divino*
*E o Segredo, o Aspecto Humano.*

*Aspecto Humano é um metal forjado,*
*Forma Humana, uma forja acesa,*
*Rosto Humano, uma fornalha fechada,*
*Coração Humano, a sua garganta sequiosa.*

WILLIAM BLAKE, Cantos de Experiência,
«Uma Imagem Divina[{1}]».

# CAPÍTULO 1

Will Graham instalou Crawford numa mesa de piquenique, entre a casa e o oceano, e serviu-lhe um copo de chá gelado.

Jack Crawford olhou com agrado a velha casa, distinguindo, na claridade do dia, o prateado do sal do mar que salpicava as madeiras da construção.

— Devia tê-lo apanhado em Marathon, quando saiu do escritório — disse. — Não vai querer falar desse assunto aqui.

— Não quero falar disso aqui nem em lugar nenhum, Jack, mas se acha que é necessário, que seja. Só peço que não mostre fotografias. Se as trouxe, deixe-as na pasta. Molly e Willy não demoram a chegar.

— O que é que sabe ao certo?

— O que foi publicado no Miami Herald e no Times — disse Graham. — Duas famílias massacradas nas suas próprias casas no intervalo de um mês. Birmingham e Atlanta. As circunstâncias foram semelhantes.

— Não foram semelhantes. Foram as mesmas.

— Até agora, quantas confissões espontâneas?

— Oitenta e seis, quando telefonei esta tarde — disse Crawford. — Lunáticos. Nenhum deles conhecia os detalhes. O assassino quebra os espelhos e serve-se dos fragmentos. Nenhum deles sabia deste pormenor.

— O que mais não disse aos jornais?

— É louro, destro e realmente forte, calça quarenta e três. Sabe dar nós de marinheiro. Não há impressões digitais. Usa luvas cirúrgicas.

— Já disse isso publicamente.

— Não se sente muito à vontade com fechaduras — disse Crawford. — Na última vez, usou um diamante corta-vidro e uma ventosa para entrar na casa. Ah, e o seu sangue é AB positivo.

— Alguém o feriu?

— Tanto quanto se sabe, acho que não. Foi caracterizado pelo sêmen e

saliva. — Crawford olhou na direção do mar, que parecia um espelho. — Will, há uma coisa que preciso saber. Leu nos jornais e o segundo crime foi comentado na TV. Chegou a pensar em me fazer uma chamada?

— Não.

— Por que não?

— Porque sobre o primeiro, em Birmingham, não havia muitos detalhes. Podia ter sido qualquer coisa — vingança, um parente, sei lá!

— Mas depois do segundo, soube quem era?

— Soube. Um psicopata. Não telefonei porque não quis. Sei quem você já tem trabalhando nisto. Arranjou os melhores especialistas de laboratório, sem contar com o Heimlich, em Harvard, e o Bloorn, na Universidade de Chicago.

— E tenho você aqui consertando a merda dos barcos a motor.

— Estou convencido de que eu não serviria para nada, Jack. Deixei de me ocupar com esses assuntos.

— Sério? Os dois últimos que apanharam, foi exatamente você quem lhes colocou as mãos, não foi?

— Limitei-me apenas a fazer aquilo que você e os outros também são capazes de fazer.

— Isso não é totalmente verdade, Will. Você pensa de modo especial.

— Estou convencido de que já houve histórias demais sobre o modo como penso.

— Fez algumas deduções que ficaram sempre por explicar.

— As provas estavam lá — disse Graham.

— Certo. Havia tantas quantas se quisesse. Montes delas... depois de tudo ter acontecido. No início havia tão pouca coisa que praticamente nem sequer chegava para uma acusação.

— Tem uma boa equipe, Jack. Estou convencido de que eu não serviria de grande coisa. E além disso vim para cá para esquecer isso tudo.

— Eu sei. Da última vez se machucou. Agora já me parece em forma.

— E estou em forma, mas decidi parar, nem sei bem explicar porquê.

— Compreenderia perfeitamente que não fosse capaz de voltar a olhar...

— Não, não é isso. É verdade que é incômodo, mas é sempre possível continuar trabalhando depois deles terem morrido. A pior parte é o hospital e os

interrogatórios. É preciso esquecer o que se vê e continuar pensando. Presentemente não me sinto capaz de uma coisa dessas. Conseguiria me forçar a ver, mas seria incapaz de refletir.

— Todos já morreram, Will — disse Crawford suavemente.

Jack Crawford reencontrava no modo de falar de Graham o seu próprio ritmo, a sua própria síntese. Já ouvira Graham fazer o mesmo em relação a outras pessoas. Acontecia muitas vezes, numa conversa importante, Graham adquirir os tiques de linguagem do seu interlocutor. Crawford chegara a acreditar que ele fazia de propósito, que se tratava de um truque para conservar um determinado ritmo, mas chegara rapidamente à conclusão de que se tratava de um fenômeno absolutamente involuntário e que Graham tentara evitá-lo, embora sem êxito.

Crawford meteu dois dedos no bolso do casaco. Tirou duas fotografias, que colocou em cima da mesa.

— Todos mortos.

Graham fitou-o nos olhos antes de pegar as fotografias.

Eram instantâneos: uma mulher, três crianças e um pato, junto a um lago com utensílios para um piquenique. Uma família agrupada por trás de um bolo.

Depois de alguns segundos, voltou a pousar as fotografias. Colocou uma sobre a outra antes de se voltar para a praia, onde uma criança, agachada, procurava alguma coisa na areia. Uma mulher, com as mãos nas ancas, mantinha-se de pé, observando o pequenino, enquanto as ondas vinham se desfazer junto aos seus pés. Inclinou-se para sacudir o cabelo molhado que se colava em seus ombros.

Graham, ignorando o seu convidado, observou Molly e o filho por tanto tempo quanto o que demorara olhando para as fotografias.

Crawford sentia-se contente, mas procurava não demonstrá-lo, quase de modo idêntico ao cuidado que tivera na escolha do local daquela conversa. Estava convencido de que conquistara Graham. Mas era preciso deixá-lo amadurecer.

Três cães excepcionalmente feios vagueavam por perto e vieram se deitar perto da mesa.

— Meu Deus — exclamou Crawford.

— Fique calmo, são só cães, acho — explicou Graham. — Há muita gente

que vem abandonar cachorrinhos aqui por perto. Os mais bonitos ainda consigo dar. Os outros ficam por aí e vão crescendo ao Deus dará.

— Estão muito gordos, não estão?

— Molly é uma boba com estes vagabundos.

— Leva uma vida boa aqui, Will, com Molly e o garoto. Que idade tem ele?

— Onze.

— Está ótimo. Vai ser mais alto que você.

Graham concordou com um aceno.

— O pai era mais alto do que eu. Sim, me sinto bem aqui.

— A minha vontade era ter trazido Phyllis comigo para a Florida... Arranjar um cantinho para a minha aposentadoria e deixar de viver como um homem das cavernas. Ela diz que os amigos dela estão todos em Arlington.

— Era minha intenção lhe agradecer os livros que me levou ao hospital, mas nunca consegui arranjar tempo. Agradeça por mim.

— Fique descansado. — Duas pequenas aves de cores brilhantes pousaram na mesa, à procura de restos de doce. Crawford ficou vendo-as saltitar, até que levantaram vôo e desapareceram.

— Will, este bandalho[{2}] parece que se encontra na mesma fase que a lua. Assassinou os Jacobi em Birmingham num sábado à noite, 28 de Junho, dia de lua cheia. Assassinou os Leeds na noite de anteontem, 26 de Julho. Um dia a menos para completar um mês lunar. Deste modo, se tivermos sorte, resta-nos pouco mais de três semanas antes que volte a fazer a mesma gracinha.

— Me admiraria muito que fosse capaz de ficar aqui em Keys à espera de ler a reportagem do próximo crime no seu Miami Herald. Porra, não sou o papa, não estou aqui para lhe dizer o que tem que fazer, mas há uma coisa que quero saber Will: respeita a minha opinião?

— Sabe que sim.

— Estou convencido de que temos chances de apanhá-lo mais depressa se trabalhar conosco. Anda, Will, mexa esse traseiro e venha nos dar uma mão. Vá a Atlanta e Birmingham e observe à vontade. Depois vá falar comigo em Washington. Faça um esforço, é a única coisa que lhe peço.

Graham não respondeu.

Crawford esperou que algumas ondas viessem se desfazer na praia. Então

levantou-se, colocando o casaco no ombro.

— Voltamos a falar depois do jantar.

— Fique e coma conosco.

Crawford abanou a cabeça.

— Venho mais tarde. Deve haver recados para mim no Holiday Inn e tenho que fazer uma série de chamadas. De qualquer modo, agradeça à Molly por mim.

O carro de aluguel de Crawford levantou uma camada de poeira fina que assentou lentamente nos arbustos de ambos os lados da estrada de terra batida.

Graham voltou para junto da mesa. Receava que esta fosse a sua última recordação de Sugarloaf Key — gelo derretendo em dois copos de chá, guardanapos de papel que a brisa fazia esvoaçar da mesa de madeira vermelha e Molly e Willy ao longe na praia.

Pôr-do-sol em Sugarloaf: garças-reais imóveis e a bola de fogo enorme.

Will Graham e Molly Foster Graham estavam sentados num tronco de árvore que chegara à costa pela maré, os rostos iluminados pelo alaranjado do pôr-do-sol, enquanto nas suas costas iam se formando sombras violentas. Ela pegou sua mão.

— Crawford parou na boutique para falar comigo antes de vir aqui — disse ela. — Perguntou-me qual era o caminho. Tentei telefonar. Bem que você poderia se dar ao trabalho de atender o telefone de vez em quando. Vimos o carro quando chegamos em casa e demos a volta pela praia.

— O que mais ele te perguntou?

— Como você estava.

— E o que você respondeu?

— Disse-lhe que estava em forma e que devia deixá-lo em paz de uma vez por todas. O que ele quer agora?

— Que encontre provas. Sou um especialista forense, Molly, está escrito no meu diploma.

— O seu diploma? Você o usou para tapar uma rachadura no teto. — Sentou-se de cavalinho no tronco de árvore. — Se sentisse falta da sua vida anterior e do seu trabalho, falaria nisso, mas nunca o fez. Está mais aberto, mais descontraído... e eu gosto disso.

— Temos passado um tempo ótimo, não temos?

O modo como ela pestanejou deu a entender que poderia ter dito qualquer coisa mais apropriada. Mas ela continuou sem lhe dar tempo para interromper.

— Só lhe fez mal ter trabalhado para Crawford. Quem o ouvir é até capaz de ficar convencido de que não tem mais ninguém, mas se quiser pode requisitar o governo inteiro. Será que não pode nos deixar em paz de uma vez por todas?

— Crawford não te contou que foi o meu supervisor nas duas vezes em que deixei a Academia do FBI para intervir em casos reais? Esses dois casos foram os únicos que lhe apareceram em toda a sua vida profissional. E olha que o Jack já trabalha há muito tempo. Agora surgiu um terceiro caso. Esta espécie de psicopata é muito rara. Ele sabe que eu tenho... experiência.

— Não é preciso que me diga — respondeu Molly. A camisa estava aberta e podia ver a cicatriz que lhe atravessava o abdômen. Saliente, da largura de um dedo, em alguns pontos talvez mais, nunca ficava bronzeada com o sol. Subia-lhe em diagonal da anca esquerda e terminava no lado contrário, junto à caixa torácica.

O Dr. Hannibal Lecter fizera-lhe aquilo com uma faca de sapateiro. Acontecera um ano antes de ter encontrado Molly e por pouco fora a causa da sua morte. O Dr. Lecter, conhecido pelos jornais como «Hannibal, o Canibal», fora o segundo psicopata que Graham apanhara.

Quando finalmente saiu do hospital, Graham demitiu-se do FBI, deixou Washington, e arranjou trabalho como mecânico diesel na doca de Marathon, em Florida Keys. Era um trabalho que conhecia bem. Viveu numa caravana estacionada nas docas até que Molly veio se instalar numa casa velha de Sugarloaf Key.

Foi a vez de Graham se sentar de cavalinho no tronco, ao mesmo tempo que segurava as mãos de Molly. Os pés dela deslizaram debaixo dos seus.

— Escute uma coisa, Molly, Crawford acha que tenho uma habilidade especial para lidar com monstros. Para ele chega a ser uma superstição.

— Acredita nisso?

Graham olhou para três pelicanos que voavam em linha sobre a arrebentação.

— Molly, um psicopata inteligente — em especial um sádico — é extremamente difícil de apanhar por várias razões. Em primeiro lugar, não se encontra nenhum móbil compreensível, o que obriga que seja uma pista que é preciso pôr de lado. Na maioria das vezes é impossível se conseguir qualquer coisa dos informantes. Não se esqueça de que a maioria das detenções que se

efetuam é só porque alguém deu com a língua nos dentes, e não porque houve um trabalho sério de investigação. No caso deste tipo não existem informantes. Até pode acontecer que o assassino não saiba o que está fazendo. A única possibilidade que existe é a de se extrapolar a partir dos indícios que formos obtendo, por insignificantes que sejam. Somos obrigados a tentar reconstruir a sua atuação e a procurar encontrar padrões de comportamento.

— Antes de segui-lo e de encontrá-lo — disse Molly. -Tenho medo de que se lance na pista desse maníaco, ou seja lá de que raio que queira chamar. Tenho medo de que lhe façam o que o último fez. É isso, pronto!

— Não pense nisso, Molly. Ele nunca conseguirá me ver ou saber o meu nome. É a polícia que tem que prendê-lo, se conseguirem encontrá-lo, e não eu. Crawford precisa apenas da minha opinião.

Molly via a luz avermelhada do sol refletir-se na superfície espelhada do mar. Uma formação de cirros flutuava no horizonte.

Graham adorava a maneira como ela virava a cabeça, mostrando-lhe descuidadamente o seu pior perfil. Podia ver o pulsar da veia na garganta e de repente lembrou-se de uma forma intensa do gosto do sal na sua pele. Engoliu a saliva e acrescentou:

— O que é que eu posso fazer?

— Aquilo que já decidiu. Se ficar aqui e houver mais assassinatos, o mais certo é este lugar se tornar insuportável para você. Pensará sempre nessas histórias de lua cheia. E afinal para que pediu a minha opinião se já tinha decidido?

— E se eu te pedisse a sério, o que responderia?

— Que ficasse aqui comigo. Comigo, entende, e com o Willy. Seria capaz de fazer sei lá o quê se soubesse que funcionaria. Sei que espera que eu não chore e que me comporte normalmente. Se as coisas não correrem bem, terei a satisfação de saber que fez aquilo que estava certo. E tudo isto não passará de um momento fugidio. Depois só me restará voltar para casa e ligar um dos lados do cobertor elétrico.

— Me manterei à distância.

— Sabe muito bem que não. Acha que sou egoísta?

— Não me importo.

— Nem eu. Sinto-me bem aqui; é do prazer e da doçura que encontro aqui. E, quanto a você, é graças a tudo aquilo que te aconteceu anteriormente

que tem consciência disso, que o aprecia.

Ele acenou com a cabeça.

— Haja o que houver, não quero perder isto — disse ela.

— Nem eu. E não vamos perder.

A escuridão caiu rapidamente e Júpiter apareceu a sudoeste no horizonte.

Voltaram para casa, atrás da qual se erguia, no céu, uma lua corcunda. Para lá da arrebentação, os peixes debatiam-se para escapar da morte.

Crawford voltou depois do jantar. Tirara o casaco e a gravata e enrolara as mangas da camisa para se sentir mais à vontade, Molly achava que os braços de Crawford, gordos e esbranquiçados, eram repugnantes. Parecia-lhe um estupor de um macaco diabolicamente hábil. Serviu-lhe o café junto ao ventilador instalado na varanda, onde ele se encontrava sentado se refrescando, e ficou lhe fazendo companhia enquanto Graham e Willy foram dar comida aos cães. Não disse nada. Os insetos noturnos esbarravam nos mosquiteiros.

— Está com bom aspecto, Molly — disse Crawford. Tanto um como o outro estão com muito bom aspecto — elegantes e bronzeados.

— Diga o que disser, vai levá-lo, não vai?

— É verdade, tem que ser. Tenho que fazê-lo. Mas juro-lhe, por Deus, Molly, que vou tornar as coisas para ele o mais fáceis que me seja possível. Está modificado. Foi ótimo vocês terem se casado.

— Tem melhorado pouco a pouco. Já não tem pesadelos como antes. Houve uma altura em que tinha uma obcecação pelos cães. Agora limita-se a tomar conta deles e deixou de falar no assunto a toda a hora. Jack, você é amigo dele. Por que é que não pode deixá-lo em paz?

— Simplesmente porque ele é o melhor. Porque não pensa como todo mundo e não tem um espírito de rotina.

— Will está convencido de que precisa dele para encontrar indícios.

— É verdade. Nesse domínio ninguém o ultrapassa. Mas há também o outro aspecto do trabalho, aquele de que ele não gosta: o trabalho de imaginação, de extrapolação.

— Estou convencida de que também não gostaria de fazê-lo. Jack, prometa-me uma coisa. Prometa-me que o impedirá de se embrenhar demais nessa história. Tenho medo que morra se tiver que lutar.

— Não vai ter que lutar, isso posso garantir.

Quando Graham terminou o trabalho com os cães, Molly ajudou-o a fazer a mala.

# CAPÍTULO 2

Will Graham passou lentamente diante da casa onde a família de Charles Leeds vivera e morrera. Não havia qualquer luz nas janelas. No jardim ficara acesa uma única lâmpada. Parou a dois quarteirões de distância e voltou a pé, trazendo debaixo do braço um dossiê com o relatório dos detetives da polícia de Atlanta. A noite estava amena.

Graham insistira em vir sozinho. Se houvesse mais alguém na casa não conseguiria se concentrar — fora a explicação que dera a Crawford. No entanto, havia uma outra razão, essa, de caráter particular: não sabia muito bem como é que iria reagir e não queria ter ninguém observando suas reações. Conseguira agüentar o choque do necrotério.

O edifício em tijolo de dois andares encontrava-se levemente recuado em relação à rua, no meio de um terreno arborizado. Graham deixou-se ficar muito tempo sob as árvores a observá-lo. Precisava recuperar a sua calma interior. Na sua mente, um pêndulo de prata oscilava na noite. Esperou que o pêndulo se imobilizasse.

Alguns vizinhos passaram de carro, olhando furtivamente para a casa antes de desviarem o olhar. Uma casa onde se cometeu um assassinato é sempre um assunto penoso para os vizinhos, como se se tratasse do rosto de alguém que os tivesse traído. Só os forasteiros e as crianças eram capazes de olhá-la de frente.

As persianas estavam subidas. Tanto melhor. Significava que não viera ninguém da família. Os familiares sempre baixam as persianas.

Deu lentamente a volta na casa sem acender a lanterna. Parou duas vezes para escutar. A polícia de Atlanta estava a par de sua visita, mas não acontecia o mesmo com os vizinhos. Podiam reagir de modo violento e chegar a disparar sobre ele.

Olhando através de uma janela dos fundos conseguiu ver os móveis que se encontravam dentro de casa, recortando-se em sombras chinesas, iluminados pela luz do candeeiro do jardim da frente. O aroma de jasmim que pairava no ar tornava o ambiente pesado. Uma varanda envidraçada ocupava a maior parte dos fundos da casa. A porta da varanda fora selada pela polícia de Atlanta. Graham quebrou o selo e entrou.

Na porta que dava da varanda para a cozinha, a polícia substituíra os vidros quebrados por compensados. Acendendo a lanterna, abriu a porta com a chave que os policiais tinham lhe dado. Queria ligar as luzes, usar o seu distintivo reluzente e fazer barulho para justificar a sua presença naquela casa silenciosa onde cinco pessoas haviam sido assassinadas. Não fez nada disso. Dirigiu-se para a cozinha mergulhada na escuridão e sentou-se à mesa.

Duas lâmpadas piloto do equipamento de cozinha projetavam reflexos azulados na escuridão. Sentia-se o cheiro de maçãs e cera para móveis no ar.

O termostato disparou e o ar condicionado começou a trabalhar. Graham sobressaltou-se com o ruído inesperado, sentindo um laivo de medo, uma sensação que ele conhecia bem, mas logo se refez, decidido a continuar.

Conseguia ver e ouvir melhor quando sentia medo, mas em contrapartida deixava de falar controladamente, chegando por vezes a mostrar-se grosseiro. Mas ali não havia ninguém com quem falar, ninguém a quem pudesse insultar.

A loucura entrara naquela casa pela porta da cozinha, calçando sapatos tamanho quarenta e três. Sentado na escuridão, Graham farejava a loucura como um cão-policial fareja uma camisa.

Passara praticamente todo o dia e o começo da noite estudando o relatório dos detetives de Homicídios de Atlanta. Lembrou-se de que a luz do exaustor sobre o fogão se encontrava acesa na hora em que a polícia chegou. Voltou a ligá-la.

Havia dois posters na parede, um de cada lado do fogão. Num deles estava escrito: «Os beijos são efêmeros, mas os bons petiscos são eternos» e no outro: «É sempre na cozinha que os nossos amigos se reencontram porque é aí que ouvem o coração da casa bater.»

Graham olhou o relógio. Onze e meia da noite. Segundo o médico legista, as mortes teriam ocorrido entre as onze da noite a uma da manhã.

A entrada em primeiro lugar. Tentou imaginar como é que as coisas teriam acontecido...

O lunático começou arrombando a porta da varanda. Na escuridão tirou alguma coisa do bolso: uma ventosa, talvez a base de um apontador de mesa.

Agachado contra a parte inferior de madeira da porta da cozinha, o lunático ergueu a cabeça para espreitar pelo vidro. Umedeceu a ventosa com a língua, fez pressão contra o vidro e apertou a alavanca para fixá-la. Um pequeno cortador de vidros de diamante que lhe permitia cortar um círculo de vidro, estava preso à ventosa por um fio.

Um leve rangido do diamante e uma pancada seca para partir o vidro. Uma mão para dar a pancada e a outra para segurar a ventosa. O vidro não deve cair. A peça de vidro que cortou tem uma forma ligeiramente oval porque o fio embaraçou no topo da ventosa à medida que ia cortando. Apenas um leve ruído quando retira o pedaço de vidro e o coloca no chão. Pouco se importa por ter deixado saliva do tipo AB positivo no vidro.

A mão enluvada introduz-se pelo buraco e encontra a fechadura. A porta se abre sem qualquer ruído. Já está dentro de casa. A luz do exaustor permite-lhe distinguir os objetos naquela cozinha desconhecida. O ambiente está agradavelmente fresco.

Will Graham engoliu duas pastilhas contra a azia, sentindo-se irritado com o ruído produzido pelo celofane que as continha.

Atravessou a sala de estar mantendo a lanterna afastada de si, um hábito de longa data. Estudara conscienciosamente a planta do andar, mas mesmo assim enganou-se no caminho antes de alcançar as escadas. Não rangeram sob o seu peso.

Encontrava-se agora à porta do quarto principal.

Conseguia distinguir as coisas sem a ajuda da lanterna. Numa mesinha de cabeceira, um relógio digital projetava as horas no teto e uma luz alaranjada de vigia encontrava-se acesa perto do banheiro. O cheiro de cobre metálico do sangue ainda era bastante forte.

Olhos acostumados à escuridão conseguiam distinguir as coisas de modo razoável. O lunático conseguira distinguir o Sr. Leeds da esposa. Vira o suficiente para atravessar a sala, agarrar Leeds pelos cabelos e cortar-lhe a garganta. E a seguir? De volta ao interruptor de parede, um pequeno cumprimento à Sra. Leeds antes do tiro que iria mutilá-la?

Graham acendeu as luzes e as manchas de sangue nas paredes, no colchão e no assoalho saltaram-lhe aos olhos. O ar ainda estava cheio de gritos lancinantes. Sentiu-se desfalecer perante o ruído deste quarto silencioso sujo de manchas sombrias.

Graham sentou-se no chão para tentar se acalmar. Calma, tenha calma, mantenha-se calmo.

O número e diversidade das manchas de sangue fora um enigma para os detetives de Atlanta que tentaram reconstituir o crime. Todas as vítimas tinham sido encontradas nos próprios leitos, o que não era consistente com a localização das manchas.

Inicialmente pensaram que Charles Leeds fora agredido no quarto da filha e em seguida arrastado para o seu quarto. Uma análise mais cuidadosa das manchas obrigara-os a reconsiderar.

Ainda não fora possível determinar os movimentos do assassino em todos os quartos.

Mas agora, com a ajuda do relatório da autópsia e do laboratório, Will Graham começava a ver como as coisas tinham acontecido.

O assassino cortara a garganta de Charles Leeds, que dormia ao lado da mulher, e voltara ao interruptor de parede para acender a luz — no interruptor foram encontrados cabelos de Leeds e vestígios de brilhantina, deixados por uma luva de borracha. Disparou sobre a Sra. Leeds na hora em que esta se erguia da cama e em seguida dirigiu-se aos quartos das crianças.

Apesar do ferimento, Leeds levantou-se e tentou fazer-lhe frente para proteger as crianças, embora sangrasse abundantemente, indício de hemorragia arterial. Foi empurrado, caiu e morreu junto da filha.

Um dos garotos foi abatido a tiro na cama. O outro também foi encontrado deitado, mas tinha cotão nos cabelos. A polícia concluiu que devia estar debaixo da cama e que foi arrastado para fora antes de ser morto igualmente a tiro.

Quando todos já se encontravam mortos, talvez com exceção da Sra. Leeds, foi a hora de quebrar os espelhos, de escolher os fragmentos e de consagrar uma atenção especial à Sra. Leeds.

Graham recebera cópias de todos os relatórios de autópsia. O da Sra. Leeds especificava que a bala entrara à direita do umbigo, indo se alojar na coluna vertebral na altura das vértebras lombares, mas que morrera estrangulada.

O aumento dos níveis de serotonina e de histamina ao nível da ferida da bala indicava que sobrevivera pelo menos cinco minutos depois do tiro. O nível de histamina era mais elevado do que o de serotonina, o que significava que não resistira mais de quinze minutos. A maior parte dos outros ferimentos teriam sido feitos depois de morta, embora não houvesse certeza.

Se os outros ferimentos eram posteriores à sua morte, que raio o assassino estivera fazendo durante o espaço de tempo em que a Sra. Leeds agonizava?, perguntava Graham a si mesmo. Não havia dúvida de que lutara com Leeds e assassinara os outros membros da família, mas tudo isso não demorara mais de um minuto. Quebrou os espelhos, e depois?

Os detetives de Atlanta eram muito minuciosos. Tinham medido e fotografado tudo de uma forma exaustiva, aspirado toda a área, inspecionado os

cantos mais escondidos e investigado até os sifões do banheiro. Mesmo assim, Graham voltava a examinar toda a situação.

As fotografias da polícia e os contornos marcados nos colchões mostravam a Graham onde os corpos tinham sido encontrados. Vários indícios — por exemplo os vestígios de nitrato nas roupas de cama, no caso dos ferimentos a tiro, —indicavam que se encontravam aproximadamente na mesma posição na altura em que haviam falecido.

Mas a profusão de manchas de sangue e de marcas encontradas no tapete do patamar permaneciam sem qualquer explicação. Um dos detetives apresentara uma teoria segundo a qual algumas das vítimas teriam tentado rastejar para escapar do assassino. Graham não acreditava nisso. Era evidente que o assassino os deslocara depois de terem morrido para voltar a colocá-los no local onde foram encontrados.

Aquilo que ele fizera com a Sra. Leeds era óbvio. E a respeito dos outros? Não tinha lhes infligido as mesmas mutilações, como fizera com a Sra. Leeds. As crianças haviam sido apenas atingidas com um tiro na cabeça. Charles Leeds morrera da hemorragia e do sangue que engolira. A única marca adicional que se encontrara nele provinha de ter sido amarrado ao nível do peito, fato, muito possivelmente, posterior à sua morte. Sendo assim, o que o assassino fizera com eles depois de terem morrido?

Graham tirou do dossiê as fotografias da polícia, os relatórios do laboratório sobre manchas de sangue e de líquidos orgânicos individuais encontrados no quarto e um estudo comparativo permitindo calcular as projeções do sangue.

Estudou os quatro com atenção, esforçando-se por fazer corresponder os ferimentos às manchas e trabalhando no sentido inverso. Assinalou cada mancha num esboço à escala do quarto principal, usando os diagramas comparativos para calcular a direção e velocidade das projeções. Procurava deste modo determinar as posições dos corpos nos diferentes instantes do drama.

Uma fila de três manchas oblíquas, exatamente num dos cantos da parede do quarto. No tapete, três manchas muito tênues. Por cima da cabeceira da cama, do lado de onde dormia Charles Leeds, a parede encontrava-se manchada e havia marcas de sangue nos prumos. O diagrama de Graham começava a parecer um daqueles desenhos em que é preciso unir os pontos para formar uma imagem. Olhou-o com atenção, voltou a olhar para o quarto e de novo para o esquema, até começar a sentir uma dor de cabeça insuportável.

Foi ao banheiro, tomou os seus dois últimos comprimidos Bufferin e em seguida fez a água correr na mão em concha. Molhou o rosto e se limpou na barra da camisa. A água escorreu para o chão. Esquecera-se de que o sifão fora desligado para analisarem o filtro. Se não fosse esse detalhe, o banheiro se encontraria intacto, com exceção do espelho quebrado e do pó vermelho de impressões digitais, conhecido por «sangue de dragão». Escovas de dentes, cremes para o rosto, barbeador elétrico, encontrava-se tudo nos seus lugares.

Dir-se-ia que a família ainda continuava utilizando o banheiro: os collants da Sra. Leeds pendurados no toalheiro, onde ela os deixara secando. Reparou que cortava uma das pernas de um par quando tinha um fio corrido — podia usar dois pares ao mesmo tempo, cada um deles com uma perna só, conseguindo economizar dinheiro. Este tipo de pequena economia da Sra. Leeds impressionou-o; Molly agia de modo idêntico.

Graham passou por uma das janelas para se instalar sobre a cobertura de madeira da varanda. Abraçando os joelhos, a camisa úmida colada às costas, respirou fundo tentando libertar-se do cheiro de matadouro que lhe invadira o nariz.

As luzes de Atlanta iluminavam a noite, tornando difícil avistar as estrelas. Em Keys devia estar uma noite bonita. Podia estar naquele momento observando as estrelas cadentes na companhia de Molly e Willy, procurando ouvir o silvo — estavam todos de acordo sobre este ponto — que fariam ao cair. Os meteoros de Delta Aquário encontravam-se no seu apogeu e isto era uma coisa que Willy não queria perder.

Sentiu de novo um arrepio e fungou. Não era hora para pensar em Molly. Só podia servir para distraí-lo. E além disso não era de muito bom gosto.

Esse era exatamente o problema de Graham: nem sempre os seus pensamentos eram de muito bom gosto. Não existia uma separação real no seu espírito. Tudo aquilo que via e que aprendia contaminava todos os seus outros conhecimentos. Por vezes, estas misturas eram difíceis de suportar, mas não conseguia fazer nada para evitá-las. Todos os seus valores adquiridos de decência e de conveniência se rebelavam diante destas associações de idéias ou assustavam-se com os seus sonhos, e no ambiente fechado da sua mente não existia refúgio possível para aquilo que ele amava. As associações faziam-se à velocidade da luz, enquanto os juízos de valor preferiam o passo comedido da ladainha. Seria impossível que impusessem e orientassem a sua reflexão.

A sua própria mentalidade parecia-lhe grotesca e útil ao mesmo tempo, como se fosse uma cadeira tosca, mas não conseguia reagir contra isso.

Graham apagou a luz e atravessou a cozinha. Num dos cantos da varanda a lanterna iluminou uma bicicleta e uma cama para um cão feita num cesto de vime. No pátio havia uma casinha e perto dos degraus ficara abandonada uma tigela.

Tudo demonstrava que os Leeds haviam sido surpreendidos durante o sono.

Segurando a lanterna entre o queixo e o peito, escreveu uma nota: «Jack, onde estava o cão?»

Graham voltou ao hotel. Teve que se concentrar na direção embora o tráfego fosse praticamente nulo às quatro e meia da madrugada. A cabeça ainda doía e tentou encontrar uma farmácia que estivesse aberta a noite toda.

Encontrou uma em Peachtree. Um segurança de aspecto pouco cuidado cochilava perto da porta. O empregado da farmácia, envergando uma bata desbotada e cheia de caspa nos ombros, vendeu a Graharn os comprimidos Bufferin que este pediu. A iluminação da farmácia feria a vista. Graham detestava farmacêuticos jovens. Achava que tinham — na maioria das vezes — um ar convencido e desconfiava de que em casa deviam ser desagradáveis.

— Mais alguma coisa? — perguntou o farmacêutico, com os dedos pousados nas teclas da caixa registradora. — Mais alguma coisa?

Os escritórios do FBI de Atlanta tinham-lhe reservado um quarto num hotel absurdo, perto do novo centro comercial de Peachtree. Os elevadores eram envidraçados, em forma de vagem, para que não se esquecessem de que se encontravam na cidade.

Graham subiu no elevador juntamente com dois indivíduos cheios de adesivos, participantes numa convenção qualquer. Agarrados à barra do elevador, observavam o átrio do hotel.

— Olha para aquela maravilha junto da recepção, é a Wilma e os outros que estão chegando agora — disse o mais corpulento. — Porra, como eu gostaria de dar uma mordida naquilo.

— F... até que ela botasse sangue pelo nariz — disse o outro.

O medo, a violência, a cólera.

— A propósito, sabe por que uma mulher tem pernas?

— Não, porquê?

— Para não deixar um rasto como um caracol.

As portas do elevador se abriram.

— É aqui?

— É, chegamos — disse o mais corpulento. Ao sair foi de encontro à parede.

— Ora, ora, afinal não está melhor do que eu — disse o outro.

Chegando ao quarto, Graham colocou o dossiê em cima da cômoda. Mas arrependeu-se e guardou-o numa gaveta onde não pudesse vê-lo. Estava farto de todos aqueles mortos de grandes olhos arregalados. Teve vontade de telefonar para Molly, mas ainda era muito cedo.

Estava prevista uma reunião às oito da manhã na sede da polícia de Atlanta. Pouco tinha para lhes dizer.

Precisava tentar dormir. A sua mente era semelhante a uma casa onde todo mundo discutia e em que a luta começava logo no hall de entrada. Com uma sensação incômoda de vazio e de entorpecimento, bebeu dois dedos de whisky no copo de cabeceira antes de se deitar. O peso da escuridão o oprimia. Acendeu a luz do banheiro e voltou a deitar. Tentou imaginar Molly no banheiro escovando o cabelo.

Ressoavam-lhe na mente passagens do relatório de autópsia e era a sua própria voz que ele ouvia, embora nunca o tivesse lido em voz alta: «(...) (as fezes eram formadas (...) um vestígio de talco na parte inferior da perna direita. Fratura da parede média da órbita devido a inserção de um fragmento de espelho (...)»

Graham fez um esforço para pensar na praia de Sugarloaf Key e ouvir o ruído das ondas. Imaginou a sua oficina e pensou no escoamento da elepsidra que ele e Willy estavam construindo. Trauteou em surdina Whisky River e a seguir procurou cantar o Black Mountain Rag do começo ao fim. A música de Molly... Não tinha problemas com a parte de guitarra de Doc Watson, mas perdia-se sempre no solo de violão. Molly tentava ensinar-lhe sapateado no pátio da casa, fazia troça dele... acabou adormecendo.

Acordou menos de uma hora depois, banhado em suor: a silhueta da outra almofada recortava-se contra a luz do banheiro e era a Sra. Leeds que jazia a seu lado, mordida, despedaçada, os olhos vidrados, as têmporas e as orelhas cobertas de manchas de sangue, dando a idéia de hastes de óculos. Não conseguia olhá-la de frente. Com um uivo de sirene ecoando na cabeça, estendeu a mão e só encontrou os lençóis.

Experimentou um alívio imediato. Levantou-se, o coração pulsando desordenadamente, e vestiu uma blusa lavada antes de jogar aquela que tinha usado na banheira. Não foi capaz de se mudar para o lado seco da cama. Preferiu estender uma toalha sobre os lençóis empapados de suor e voltar a se deitar, as costas apoiadas na cabeceira da cama, um copo na mão. De uma só vez engoliu quase que um terço do conteúdo.

Procurou encontrar qualquer coisa em que pudesse pensar, não importava o quê. A farmácia onde comprara os comprimidos. Isso dava. Talvez porque tivesse sido a única coisa em todo o dia que não estivera relacionada a mortes.

Lembrou-se das velhas boticas e das suas fontes de soda. Nos seus tempos de criança sempre achara que tinham um ar esquisito. Quando se entra num deles, o primeiro pensamento que vem à cabeça é o de comprar preservativos, mesmo que não se tenha necessidade. Havia artigos nas prateleiras que já não se encontravam há muito tempo em outros lugares.

Na farmácia onde comprara o Bufferin, os contraceptivos com as suas embalagens ilustradas encontravam-se num mostruário em plástico brilhante, pendurado na parede por trás da caixa registradora.

Pessoalmente preferia a desordem da botica da sua infância. Graham aproximava-se a passos largos dos quarenta e começava a recordar com um aperto no coração o mundo que tinha conhecido; era como a âncora de um barco que arrastasse atrás de si durante uma tempestade.

Lembrou-se de Smoot. No tempo em que Graham era uma criança, o velho Smoot trabalhava como gerente para o farmacêutico proprietário da botica do bairro. Smoot, que bebia durante as horas de trabalho e que se esquecia de descer a persiana da vitrine, fazendo que as alpargatas em exposição ficassem desbotadas. Smoot, que se esquecia de desligar a máquina de fazer café para em seguida ter que chamar os bombeiros. Smoot, que dava crédito para as crianças que compravam sorvetes.

O seu maior crime fora o de ter encomendado cinqüenta bonecas Kewpie de um vendedor numa hora em que o proprietário se encontrava de férias. No seu regresso, este suspendeu Smoot durante uma semana. Logo a seguir fizeram uma campanha de venda das bonecas. As cinqüenta bonecas foram dispostas na vitrine em semicírculo, dando a impressão de que não tiravam os olhos de todas as pessoas que passavam na rua.

Tinham uns olhos enormes de um azul lindíssimo. A sua exposição atraía os olhares de todo mundo, e Graham por diversas vezes se perdera na sua

contemplação. Sabia perfeitamente que não passavam de bonecas, mas a sensação era a de que não tiravam os olhos dele. Tantas bonecas iguais. Muitas pessoas paravam para olhar para elas. Bonecas de gesso, todas com os mesmos caracóis um pouco ridículos — e no entanto todos aqueles olhares fixados nele davam-lhe calafrios.

Só agora é que Graham começava a se descontrair. Bonecas olhando para ele. Tentou beber um gole, mas engasgou-se e entornou a bebida no peito. Procurou a luminária de cabeceira às apalpadelas. Tirou o dossiê da gaveta da cômoda.

Separou os relatórios de autópsia referentes às crianças dos Leeds e o esboço anotado do quarto principal e espalhou tudo em cima da cama.

Ali estavam as três manchas de sangue na parede do quarto e as manchas correspondentes no tapete. Também estavam anotados os tamanhos das três crianças. Tudo combinava. Tudo. Nos três casos.

Tinham sido instalados encostados à parede, em frente da cama. Um público. Um público de mortos. E Leeds. Amarrado pelo peito à cabeceira da cama. Numa posição como se estivesse sentado. Ficando com a marca da corda no peito e manchando a parede acima da cabeceira.

O que é que eles olhavam? Nada, estavam todos mortos. Mas tinham os olhos abertos. Assistiam ao espetáculo dado pelo lunático e pelo corpo da Sra. Leeds, na cama, ao lado do Sr. Leeds. Um público. Este tarado podia ver os rostos à sua volta.

Graham chegou a pensar se ele teria acendido uma vela. A luz vacilante teria dado um toque de vida aos seus rostos. Mas não fora encontrada nenhuma vela. Talvez utilizasse uma da próxima vez.

Esta insignificante primeira ligação com o assassino devorava-o como uma sanguessuga. Febril, Graham mordeu o lençol.

Por que mudou-os de posição? Não podia tê-los deixado onde estavam? perguntou Graham. Há alguma coisa que fez e que quer esconder de mim. Alguma coisa de que tem vergonha. A menos que não possa permitir que eu saiba.

Abriu-lhes os olhos?

A Sra. Leeds era linda, não era? Acendeu a luz depois de ter cortado a garganta do marido para que ela o visse sangrar, não foi? Era insuportável ter que usar luvas quando a tocou, não era?

Havia talco na perna dela.

Não havia talco no banheiro.

Parecia que alguém lhe enunciava estes dois fatos em voz baixa.

Tirou as luvas, não tirou? O talco caiu da luva de borracha que tirou para tocá-la, não foi, seu filha da puta? Tocou-a com as mãos nuas antes de voltar a calçar as luvas para limpar. Mas enquanto estava sem luvas, abriu-lhe os olhos?

Ao quinto toque Jack Crawford levantou o auscultador. Durante a noite atendera o telefone tantas vezes que esta nova chamada não o incomodou.

— Jack, é Will.

— Diga.

— O Price ainda está nas Impressões Digitais Latentes?

— Está. Já não sai muito. Está trabalhando no arquivo das impressões individuais.

— Acho que ele devia dar um pulo em Atlanta.

— Porquê? Você mesmo disse que eles tinham um bom especialista.

— É bom, mas não se compara com o Price.

— O que quer que ele faça? O que é que ele deve investigar?

— As unhas das mãos e dos pés da Sra. Leeds. Estão pintadas, é uma camada muito fina. E as córneas dos olhos de toda a família morta. Jack estou convencido de que ele tirou as luvas.

— Meu Deus, Price vai ter que se mexer — disse Crawford. O funeral está previsto para esta tarde.

# CAPÍTULO 3

— Estou convencido de que sentiu necessidade de tocá-la — disse Graham à laia de preâmbulo.

Os dois se encontravam no comando da polícia de Atlanta. Crawford estendeu-lhe uma coca-cola que tirara da máquina automática. Faltavam dez minutos para as oito da manhã.

— Com certeza a deslocou — disse Crawford. -Encontramos marcas nos pulsos e na parte posterior dos joelhos que o provam. Mas todas as impressões foram produzidas por luvas não porosas.

— Não se preocupe, Price já chegou. Um filho da mãe sempre resmungando. Neste momento já está a caminho da Casa Funerária. O necrotério deixou levantar os corpos ontem à noite, mas a Casa Funerária ainda não fez nada. Está com um aspecto horrível. Conseguiu dormir?

— Cerca de uma hora. Estou convencido de que sentiu necessidade de tocar com as mãos nuas.

— Espero que tenha razão, mas o laboratório de Atlanta jura de pés juntos que ele sempre usou luvas cirúrgicas —disse Crawford. — Os fragmentos de vidro tinham impressões lisas. Uma impressão do indicador na parte de trás do fragmento cravado nos grandes lábios e uma impressão borra da do polegar na parte da frente do mesmo pedaço de espelho.

— Provavelmente esfregou-o depois de tê-lo enterrado, certamente para se conseguir ver ao espelho — disse Graham.

— Aquele que ela tinha na boca estava manchado de sangue. E aconteceu o mesmo com os que lhe cravou nos olhos. Nunca chegou a tirar as luvas.

— A Sra. Leeds era uma mulher de família, não viu? Se me encontrasse numa situação íntima tenho certeza de que gostaria de lhe tocar a pele. E você, não?

— Íntima? — Crawford não conseguiu evitar que a voz traduzisse o nojo que a idéia lhe causava. Começou a verificar os bolsos como se procurasse alguma coisa, para disfarçar.

— Sim, íntima. Estavam sós. Todos os outros estavam mortos. Podia abrir ou fechar seus olhos conforme lhe apetecesse.

— Sim, podia fazer o que lhe apetecesse — disse Crawford. — Procuraram impressões em toda a pele, mas não deu nada. A única coisa que encontraram foi a marca de uma mão no pescoço.

— O relatório não diz nada sobre a investigação de resíduos nas unhas.

— Acho que as unhas estavam sujas quando fizeram o levantamento. Enterrou as unhas nas palmas das mãos. Nunca chegou a arranhá-lo.

— Tinha pés bonitos — observou Graham.

— Umm-hmm. E se subíssemos — respondeu Crawford. — Chegou a hora de passarmos as tropas em revista.

O equipamento de Jiminy Price era bastante volumoso: duas malas grandes, mais um saco de fotógrafo e o tripé. Fez uma algazarra enorme ao entrar pela porta principal da Casa Funerária Lombard em Atlanta. Era um homem idoso e frágil e o interminável trajeto de táxi desde o aeroporto não melhorara em nada o seu temperamento.

Um jovem untuoso, com o cabelo cortado na moda, conduziu-o para um gabinete decorado em tons de ameixa e creme. A escrivaninha encontrava-se limpa de qualquer papel, tendo apenas uma estatueta conhecida por Mãos em Oração.

Price estava examinando os dedos das mãos em oração quando o próprio Sr. Lombard entrou. Este verificou as credenciais de Price com um cuidado meticuloso.

— O seu escritório de Atlanta ou agência, como quiser chamar, me telefonou, como é lógico, Sr. Price. Mas na noite passada tivemos que chamar a polícia para pôr na rua um sujeito detestável, que tentava tirar fotografias para o The National Tattler. Vejo-me portanto na obrigação de ser extremamente prudente e tenho certeza de que compreende; Sr. Price. Os corpos só nos foram entregues por volta da uma da manhã e o funeral está previsto para esta tarde às cinco horas. Não temos qualquer hipótese de adiá-lo.

— Isto não vai demorar muito tempo — disse Price. —Preciso de um assistente razoavelmente inteligente, se é que tem alguém nestas condições. Tocou nos corpos, Sr. Lombard?

— Não.

— Tente saber quem tocou. Tenho que recolher as impressões digitais deles.

Naquela manhã, na reunião dos inspetores encarregados do caso Leeds,

falou-se sobretudo de dentes.

O inspetor-chefe de Atlanta, R. J. Springfield, conhecido por Buddy, um tipo corpulento em mangas de camisa, encontrava-se junto da porta na companhia do Dr. Dominic Princi, enquanto os vinte e três detetives iam entrando.

— Muito bem, meus senhores, agora que estamos todos aqui, vamos dar um grande sorriso — disse Springfield. — Mostrem ao Dr. Princi os seus dentes. É isso, mostrem os dentes todos. Meu Deus, Sparks, que é que se passa? Isto é a sua língua ou engoliu uma serapilheira? Vamos, entrem.

Uma imagem frontal de uma dentadura muito ampliada, maxilar superior e inferior, estava afixada sobre o painel da ordem de serviço na parede por trás do estrado. Lembrava a Graham uma fantasia de Carnaval. Sentou-se com Crawford no fundo da sala enquanto os detetives se sentavam em carteiras.

O comissário de segurança pública de Atlanta, Gilbert Lewis, e o responsável das relações públicas encontravam-se à parte, em cadeiras desdobráveis, Lewis devia estar presente numa conferência de imprensa dali a uma hora.

O chefe de detetives Springfield iniciou a reunião.

— Muito bem, já nos divertimos o suficiente. Se deram uma olhada no relatório desta manhã, com certeza verificaram que não se avançou um milímetro.

— Os interrogatórios sistemáticos casa a casa vão continuar num raio de mais quatro blocos a partir da cena do crime. O Departamento R & 1 enviou-nos dois homens para ajudar a verificar todas as reservas aéreas e aluguéis de automóveis tanto em Birmingham como em Atlanta.

— Os detetives encarregados dos hotéis e do aeroporto vão sair mais uma vez. Sim, foi isso que eu disse, hoje, mais uma vez. Interroguem as empregadas domésticas, os miúdos, os empregados de recepção. O homem teve que tomar banho em algum lugar e é bem possível que tenha deixado vestígios. Se encontrarem alguém que tenha feito a limpeza, tirem as pessoas do quarto, selem-no e dirijam-se em passo de corrida para a lavanderia. Finalmente temos alguma coisa para lhes mostrar. Dr. Princi?

O Dr. Dominic Princi, médico-chefe de patologia do condado de Fulton, encaminhou-se para o estrado, tomando lugar junto da ampliação dos dentes. Na mão tinha uma dentadura.

— Meus senhores, os dentes do indivíduo devem ser muito parecidos com

estes. O Smithsonian em Washington conseguiu fazer a reconstituição a partir das impressões recolhidas das mordidas encontradas no corpo da Sra. Leeds e de uma mordida muito mais nítida num pedaço de queijo que estava na geladeira dos Leeds. — Princi continuou. — Como podem ver, os incisivos laterais estão apertados, aqui e aqui — Princi apontou os dois pontos na dentadura que tinha na mão e em seguida na ampliação. — O alinhamento é imperfeito e falta um canto neste incisivo central. O outro incisivo tem um entalhe. Dá a idéia de um «chanfro de alfaiate», uma coisa que acontece a quem tem o hábito de partir linha com os dentes.

— Filho da mãe de dentuço — resmungou alguém no meio da assistência.

— Diga-me uma coisa, Doc, como é que tem certeza de que foi o indivíduo que deu uma mordida no queijo? — perguntou um detetive de elevada estatura que se encontrava na primeira fila.

Princi detestava que o chamassem de «Doc», mas não se deu por achado.

— Os vestígios de saliva encontrados no queijo e nos ferimentos correspondem ao mesmo tipo sanguíneo. Os dentes e o tipo de sangue das vítimas são diferentes.

— Bom trabalho, Doutor — disse Springfield. — Vamos agora entregar-lhes fotografias dos dentes.

— E se comunicássemos aos jornais? — perguntou Simpkins, o responsável das relações públicas. — Com um texto do gênero «Você já viu estes dentes alguma vez?».

— Não vejo qualquer inconveniente — disse Springfield. E o senhor, comissário?

Lewis acenou com a cabeça.

Mas Simpkins ainda não tinha terminado.

— Dr. Princi, a imprensa vai perguntar por que é que foram necessários quatro dias para construir esta reprodução. Também vai querer saber por que é que foi preciso pedir ajuda a Washington.

O agente especial Crawford não tirava os olhos da ponta da sua esferográfica.

O Dr. Princi corou, mas a voz manteve-se calma.

— As marcas de mordidas na carne são deformadas quando o corpo é removido, Sr. Simpson.

— Simpkins.

— Pois seja, Simpkins. Nunca teríamos conseguido este resultado apenas com as mordidas na vítima e é aí que o queijo entra em jogo. O queijo é relativamente sólido, bastante delicado para uma moldagem. É preciso começar untando de óleo para que não haja aderência de bolor — O Smithsonian já fez trabalhos deste tipo para o laboratório criminal do FBI. Está mais bem equipado para conseguir fazer um estudo facial e possui um articulador anatômico. Além disso, tem como consultor um especialista em odontologia. E nós não temos. Mais alguma coisa?

— Seria correto dizermos que o atraso foi devido ao atraso no laboratório do FBI em vez de nos considerarmos responsáveis?

Princi voltou-se para ele.

— O que seria correto dizermos, Sr. Simpkins, é que foi um investigador federal, o agente especial Crawford, que descobriu o queijo na geladeira há dois dias, muito depois de seus homens terem virado o local do avesso. Foi a meu pedido que ele requisitou o trabalho de laboratório. De qualquer modo, confesso que me sinto aliviado por saber que não foi nenhum de vocês que deu uma mordida no queijo.

O comissário Lewis interrompeu, fazendo ecoar por toda a sala a sua voz de baixo.

— Ninguém está pondo em causa a sua opinião, Dr. Princi. Simpkins, a última coisa de que precisamos é começar uma merda de uma disputa com o FBI. Acabem com isso.

— Estamos todos no mesmo barco — disse Springfield. — Jack, os seus homens querem acrescentar mais alguma coisa?.

Crawford tomou a palavra. Nem todos os rostos que se voltavam para ele mostravam sinais de simpatia. Era preciso fazer alguma coisa a esse respeito.

— A única coisa que me interessa, chefe, é desanuviar o ambiente. A alguns anos havia uma rivalidade acentuada entre nós. Quer fossem os federais, ou a polícia local, cada um procurava puxar a coberta e descobrir o outro. E os criminosos aproveitavam para escapar. Presentemente, o Bureau e eu já não pensamos dessa maneira. Estou nas tintas para quem levar a taça. O investigador Graham é da mesma opinião. Para quem ainda não o conheça, é aquele que está sentado ali ao fundo. Se o tipo que fez isto for atropelado por um caminhão de lixo, para mim está perfeito, uma vez que a única coisa que é importante é que seja posto fora de circulação. Tenho certeza de que vocês pensam da mesma

maneira.

Crawford olhou para os detetives. Esperava que se acalmassem e que não procurassem armar-se em linha. O comissário Lewis dirigiu-lhe a palavra.

— O investigador Graham já trabalhou neste tipo de casos?

— Já.

— Sr. Graham, talvez tenha alguma coisa a acrescentar, uma sugestão?

Crawford interrogou Graham com o olhar.

— Quer fazer o favor de se aproximar do estrado? — disse Springfield.

Graham teria preferido falar com Springfield em particular. Fazer uma exposição diante de todos não o animava muito. No entanto, fez o que lhe pediam.

Despenteado e bronzeado pelo sol, Graham não se parecia de modo nenhum com um investigador federal. Springfield achava que se parecia mais com um pintor de construção civil que tivesse se endomingado para comparecer em tribunal.

Os detetives agitaram-se nas cadeiras.

Mas quando Graham se voltou para enfrentar a assistência, os olhos, de um azul-deslavado, fazendo contraste com o rosto bronzeado, conseguiram imobilizá-los nos lugares.

— Só algumas palavras — começou ele. — Não podemos concluir que se trate de um antigo doente mental ou de alguém que já tenha sido condenado por atentado ao pudor. Existem até muitas possibilidades de que não possua cadastro. E, se tiver, será mais do gênero de roubo por arrombamento.

— Pode ser que em crimes menores tenha manifestado a sua tendência para morder, como por exemplo em lutas de bar ou maus tratos infligidos a crianças. Neste aspecto, a maior ajuda que poderemos ter virá eventualmente do pessoal dos serviços de emergência e dos elementos da assistência social. Será preciso verificar todos os casos graves de mordidas de que eles se possam se lembrar, sem ter em conta a personalidade da vítima ou o modo de se relacionar com os acontecimentos. E era só isto o que queria lhes dizer.

O detetive de elevada estatura que se encontrava na fila da frente ergueu a mão e falou ao mesmo tempo.

— Mas para já, só tem mordido mulheres, não é?

— Segundo as informações que temos, é de fato assim. No entanto, não há

dúvida de que morde demais. Seis mordidas graves na Sra. Leeds, oito na Sra. Jacobi. Temos de concordar que é um bocado acima da média.

— Que média?

— A dos crimes sexuais, que é de três. Não, não há dúvida de que gosta de morder.

— As mulheres.

— Na maioria dos crimes sexuais, a mordida caracteriza-se por uma mancha esbranquiçada no centro, na zona da sucção. Nestes casos, estas características não aparecem. O Dr. Princi citou este fato no seu relatório de autópsia e eu mesmo tive oportunidade de verificar no necrotério. Não existem vestígios de sucção. Talvez morda mais pelo prazer da luta do que por perversão sexual.

— É muito pouco — disse o inspetor.

— Mas vale a pena verificar — disse Graham. — Todos os casos de mordidas devem ser verificados. As pessoas mentem sobre o modo como as coisas se passaram. Os pais de uma criança que foi mordida dirão que foi um animal e deixarão que seja vacinada contra raiva, só para evitar o escândalo na família, todos vocês já se depararam com casos assim. É melhor informarem-se junto dos hospitais e procurarem saber quem foi vacinado contra raiva.

— Pronto, agora acabei. — Quando Graham se sentou, os músculos das coxas crisparam-se com a fadiga.

— Vale a pena perguntar e vamos fazê-lo — disse o inspetor-chefe Springfield. — O grupo dos Cofres e Armazéns vai se ocupar do quarteirão juntamente com o grupo de Furtos por Esticão. Pensem no cão. Os dados e a fotografia encontram-se no dossiê. Tentem descobrir se o cão foi visto na companhia de um estranho. Quanto aos Costumes e Drogas, ocupem-se dos cowboys da nossa praça e dos bares freqüentados depois do trabalho de rotina. Marcus e Whitman, atenção às presenças no funeral. Terão os parentes e amigos da família que desfilarão diante de vocês. Bom. O que se passa com o fotógrafo? Certo. Entreguem o livro de registro de condolências do funeral ao R & 1. Estes já receberam o de Birmingham. O resto das missões, encontram-se especificadas na folha de serviço. Vamos lá.

— Só mais uma coisa — disse o comissário Lewis. Os detetives voltaram a se afundar nos assentos. — Ouvi agentes deste comando referirem-se ao assassino pelo nome de Dentuço. Estou nas tintas para o modo que o chamam entre vocês, concordo que têm que chamá-lo de alguma coisa. Mas gostaria que

nenhum agente se referisse a ele em público por «Dentuço». Não dá um ar muito profissional. Do mesmo modo, não quero que esse nome apareça em nenhum relatório interno. É tudo, meus senhores.

Crawford e Graham acompanharam Springfield de volta ao seu gabinete. O inspetor-chefe serviu-lhes café enquanto Crawford ligava para a central telefônica para tomar nota das mensagens que lhe eram destinadas.

— Ontem não consegui falar-lhe a sós — disse Springfield a Graham. — Isto está uma autêntica casa de doidos. O seu nome Will mesmo? Os rapazes conseguiram arranjar tudo aquilo que você precisava?

— Sim, foram perfeitos.

— Estamos «patinando» de uma forma incrível — observou Springfield. — É certo que se conseguiu uma fotografia das pegadas encontradas no canteiro de flores. Deixou pegadas nos arbustos e na relva e praticamente aquilo que se sabe é o número que calça e talvez uma idéia da sua estatura. A pegada esquerda é um pouco mais profunda, o que pode significar que transportava alguma coisa. É um trabalho delicado, mas no entanto, há alguns anos, conseguimos apanhar um ladrão a partir de uma fotografia como esta. Revelava que o indivíduo tinha a doença de Parkinson. Princi conseguiu identificar as características. Desta vez não temos tanta sorte.

— Tem uma boa equipe — disse Graham.,

— É verdade, mas não estamos habituados a este tipo de trabalho, graças a Deus. Responda-me francamente, vocês trabalham sempre juntos, o senhor, Jack e o Dr. Bloorn, ou só se reúnem para casos como este?

— Só para casos como estes — respondeu Graham.

— Não há dúvida de que é uma equipe de respeito. Ainda a pouco, o comissário dizia que foi o senhor que fisgou o Lecter há três anos.

— Estávamos os três trabalhando em colaboração com a polícia de Maryland — disse Graham. — Foi ela que o prendeu.

Springfield era teimoso, mas não era estúpido. Notava-se que Graham não estava à vontade. Fez rodar a cadeira ao mesmo tempo que reunia algumas folhas.

— Vocês quiseram saber o que aconteceu ao cão. Aqui está a informação a esse respeito. Na noite passada, um veterinário da zona telefonou ao irmão de Leeds. O cão estava na casa dele. Leeds e o menino mais velho levaram-no ao veterinário na tarde do dia em que foram assassinados. Tinha um abscesso no

abdômen. O veterinário operou-o e correu tudo bem. No início, pensou que se tratava de um ferimento a bala, mas não encontrou nada. Está convencido de que o cão foi ferido com um picador de gelo ou com uma sovela. Temos perguntado aos vizinhos se viram alguém brincando com o cão e hoje telefonamos aos veterinários da zona para saber se encontraram mais algum caso de mutilação.

— O cão usava coleira com o nome dos Leeds?

— Não.

— E em Birmingham os Jacobi tinham um cão? — perguntou Graham.

— Já devíamos ter verificado isso — disse Springfield. — Espere um instante. — digitou um número interno. — O tenente Flatt faz a nossa ligação com Birmingham... Alô, Flatt? O que é que se sabe sobre o cão dos Jacobi? Sim, sim... Uh-huh... uh-huh. Um minuto. — colocou a mão sobre o fone. — Não há cão. Encontraram um prato de gato, sujo, no banheiro do térreo, mas não havia vestígios do gato. Os vizinhos estão tentando encontrá-lo.

— Peça a Birmingham para verificar no jardim e nas construções vizinhas — disse Graham. — Se o gato foi ferido, é possível que as crianças não o tenham encontrado a tempo e depois o tenham enterrado. Conhece os gatos. Escondem-se para morrer. Os cães voltam para junto dos donos. Pode também perguntar-lhes se tinha uma coleira?

— Diga-lhes que enviaremos uma sonda de metano, se precisarem — disse Crawford. — Evita as escavações.

Springfield transmitiu as questões. O telefone tocou logo que acabou de desligar. A chamada era para Jack Crawford, e era de Jiminy Price, que ainda se encontrava na Casa Funerária Lombard. Crawford atendeu no outro telefone.

— Jack, encontrei impressões num fragmento, provavelmente de um polegar e de parte da palma.

— Jimmy, você é a luz da minha vida.

— Eu sei. O fragmento está tingido e a impressão borrada. Tenho que ver o que posso fazer quando voltar. É do olho esquerdo do filho mais velho. É a primeira vez que faço uma coisa destas. Quase que passei sem notar, mas sobressaía da hemorragia provocada pelo ferimento de bala.

— Acha que consegue identificá-lo?

— Pode demorar muito tempo, Jack. É possível, se estiver registrado no arquivo de impressões individuais, mas é a mesma coisa que procurar uma agulha num palheiro. A impressão da palma foi recolhida no dedo grande do pé

esquerdo da Sra. Leeds. Só serve para comparação. Teremos muita sorte se for possível avançar com isto. O adjunto responsável das relações públicas e o próprio Lombard estavam presentes. Tirei fotografias in situ. Acha que chega?

— Lembrou-se de tirar as impressões digitais dos empregados da Casa Funerária?

— Recolhi as impressões de Lombard e dos seus gatos-pingados, até mesmo daqueles que disseram que não tinham tocado nos cadáveres. Neste momento estão lavando os dedos e me rogando pragas. Quero ir embora, Jack. Trabalho melhor na minha própria câmara escura. Quem sabe o que será possível encontrar? Posso apanhar o avião de Washington dentro de uma hora e enviar as fotografias das impressões no início da tarde.

Crawford pensou por momentos.

— Ok, Jimmy, mas ande depressa com isso. E envie cópias ao FBI e à polícia de Atlanta e de Birmingham.

— Combinado. Há mais uma coisa que temos que esclarecer — disse Price.

Crawford ergueu os olhos para o teto.

— Não diga que vai me chatear com a diária?

— É isso mesmo.

— Meu velho Jimmy, nunca mais poderei lhe recusar o que quer que seja.

Graham olhou pela janela enquanto Crawford os punha a par sobre as impressões.

— É de fato notável — limitou-se a dizer Springfield.

O rosto de Graham estava lívido, fechado como o de um condenado, pensou Springfield.

Ficou observando Graham até este ter saído da sala.

Na altura em que Graham e Crawford deixaram o gabinete de Springfield, a conferência de imprensa dada pelo comissário estava terminando. Os jornalistas da imprensa escrita— precipitaram-se para os telefones. Os repórteres de televisão estavam fazendo «cortes», permanecendo de pé diante das câmaras para relatar as melhores perguntas que foram ouvidas na conferência de imprensa; a seguir, estendiam os microfones para o vazio, para obter uma resposta que seria inserida mais tarde a partir da seqüência de respostas dadas pelo comissário.

Crawford e Graham desciam a escada principal quando um homenzinho os ultrapassou para se voltar em seguida e lhes tirar uma fotografia. O rosto surgiu atrás da máquina fotográfica.

— Will Graham! — exclamou. — Lembra-se de mim? Freddy Lounds! Fiz a cobertura do caso Lecter para o Tattler e fui eu que escrevi a reportagem.

— Lembro-me muito bem — disse Graham. Crawford e ele continuaram descendo as escadas enquanto Lounds caminhava de lado diante deles.

— Quando é que o chamaram, Will? O que é que já conseguiu saber?

— Não tenho nada para lhe dizer, Lounds.

— Qual é a diferença entre este tipo e Lecter? Fez-lhes...

— Lounds — Graham quase gritou e Crawford. colocou-se entre os dois homens. — Lounds, os seus artigos são uma merda e o The National Tattler só serve para limpar o cú. Dê o fora!

Crawford agarrou Graham pelo braço.

— Vá, Lounds, andando. Já. Will, vamos tomar um café-da-manhã merecido. Vamos.

Viraram a esquina, caminhando calmamente.

— Desculpe-me, Jack, mas não consigo suportar esse tipo. Aproveitou o fato de eu estar no hospital para...

— Eu sei — disse Crawford. — Fui eu que o pus na rua, não lhe fez mal nenhum. — Crawford lembrou-se da fotografia publicada no The National Tattler na altura em que o caso Lecter terminara. Lounds introduzira-se no quarto do hospital enquanto Graham estava dormindo. Afastara o lençol, tirando uma fotografia que mostrava o ânus artificial temporário de Graham. O jornal limitara-se a cobrir o baixo-ventre de Graham com um quadrado negro e publicou a fotografia com o subtítulo «Louco esfaqueia policial».

O restaurante era tranqüilo e agradável. Graham, com as mãos ainda trêmulas, deixou entornar café no pires.

Viu que a fumaça do cigarro de Crawford incomodava um casal que se encontrava na mesa vizinha. O casal comia com lentidão, num silêncio carregado de rancor.

Duas mulheres — aparentemente mãe e filha — discutiam perto da porta. Falavam em voz baixa, mas os rostos encontravam-se deformados pela cólera, uma cólera que Graham conseguia sentir no seu próprio rosto, na nuca.

A perspectiva de ter que testemunhar num processo em Washington naquela mesma manhã irritava Crawford. Receava a possibilidade de ser retido durante vários dias. Enquanto acendia mais um cigarro, observava as mãos de Graham e o tom da pele.

— Atlanta e Birmingham vão comparar a impressão do polegar com as dos maníacos sexuais que já têm cadastro — disse Crawford. — Nós podemos fazer o mesmo. Entretanto Prince já tirou dos dossiês uma impressão individual. Vai submetê-la ao Finder. Olha que já adiantamos um bom bocado de trabalho!

O Finder era uma máquina do FBI que permitia ler e fazer o tratamento das impressões; era capaz de identificar a impressão do polegar a partir de uma ficha relativa a um assunto totalmente diferente.

— Quando o apanharmos, a impressão digital e os dentes constituirão provas conclusivas — disse Crawford. — No momento, temos que nos limitar a imaginar qual será o aspecto dele, o que poderá corresponder a muita gente. Mas suponhamos que conseguimos deter um suspeito com francas possibilidades de ser o nosso homem. —Avança para vê-lo. O que pode haver a respeito dele que não te surpreenda?

— Não faço idéia, Jack. Está vendo, para mim ele ainda não tem um rosto. Poderíamos passar anos à procura de gente que inventamos. Conseguiu falar com Bloorn?

— Falei com ele ontem à noite ao telefone. Bloorn não acredita que se trate de um suicida e Heiralich pensa o mesmo. Bloorn só esteve aqui meia-dúzia de horas no primeiro dia, mas ele e Heiralich têm o dossiê completo. Esta semana, Bloorn examinando candidatos a doutoramento. Mandou-lhe cumprimentos. Tem o número dele em Chicago?

— Tenho.

Graham gostava do Dr. Alan Bloorn, um homenzinho roliço de olhos tristes, mas que era um psiquiatra forense de primeira categoria. Graham apreciava sobretudo o fato do Dr. Bloorn nunca ter procurado ver nele um assunto de estudo. Não se podia dizer o mesmo de outros psiquiatras.

— Bloorn me disse que não ficaria nada surpreendido se viéssemos a ter notícias do Dentuço. Poderia até acontecer que nos envie uma mensagem — disse Crawford.

— Na parede de um quarto.

— Bloorn acredita que ele esteja desfigurado ou que acredite que se encontra desfigurado. Disse-me, no entanto, para não dar muita importância a

esse aspecto. «Não quero que percam a presa em busca de uma sombra», foi o que ele me disse. «Só iria distraí-los e arruinar os seus esforços.» Parece que lhe ensinaram a falar assim na universidade.

— Ele tem razão — observou Graham.

— Deve saber alguma coisa, senão não tinha descoberto a impressão digital — disse Crawford.,

— Ouça Jack, havia indícios suficientes na parede. Não tive qualquer influência. E além disso, gostaria que não esperasse muito de mim. De acordo?

— Fique tranqüilo, vamos apanhá-lo. Tenho certeza de que concorda comigo.

— Sim, vamos apanhá-lo. De uma maneira ou de outra.

— Como, por exemplo?

— Havemos de encontrar indícios que nos tenham escapado.

— E a outra maneira, qual é?

— Vai continuar no mesmo ritmo até o dia em que fará barulho demais ao entrar na casa e o marido tenha tempo de pegar numa arma.

— Não há mais soluções?

— Acha que vou conseguir detectá-lo no meio de uma multidão? Isso é bom para o Ezio Pinza. O Dentuço continuará até que tenhamos sorte suficiente ou provas que cheguem. Mas não irá parar.

— Porquê?

— Porque encontra prazer nisso.

— Diga-me uma coisa, afinal conhece-o melhor do que aquilo que quer dar a entender — disse Crawford.

Graham só lhe respondeu depois de terem saído do restaurante.

— Espere até a próxima lua cheia — disse Graham. — E depois poderá me dizer o que é que eu sei a respeito dele.

Graham voltou ao hotel e dormiu duas horas e meia.

Acordou ao meio-dia, tomou uma ducha e encomendou café e um sanduíche. Chegara a hora de estudar com atenção o dossiê Jacobi. Lavou os óculos com o sabonete do hotel e sentou-se perto da janela com o dossiê. Durante os primeiros minutos, erguia a cabeça a cada ruído, passos no hall ou o bater longínquo da porta do elevador. Até que se concentrou totalmente no

dossiê.

O empregado bateu à porta várias vezes. Quando se cansou de esperar, pousou o tabuleiro diante da porta e assinou ele mesmo a fatura.

# CAPÍTULO 4

Hoyt Lewis, leitor de contadores da Companhia de Eletricidade da Georgia, estacionou a caminhonete debaixo de uma grande árvore da avenida e recostou-se no assento, procurando uma posição mais confortável para almoçar. Deixara de ser agradável desembrulhar um almoço que fora embalado por ele. Ia longe o tempo dos bilhetinhos e das palavras carinhosas.

Estava na metade do sanduíche quando uma voz grossa lhe fez dar um pulo.

— Se não me engano devo ter gasto cerca de mil dólares de eletricidade apenas em relação ao mês passado.

Lewis voltou-se e viu a face corada de H. G. Parsons na janela da caminhonete. Vestia calções tipo bermudas e tinha uma vassoura na mão.

— Não entendi o que disse.

— Vai me dizer que gastei cerca de mil dólares de eletricidade? Entendeu agora?

— Sr. Parsons, não faço a menor idéia de quanto é que gastou porque ainda não li o seu contador. Quando o tiver lido faço o registro na minha ficha.

Parsons preocupava-se com o valor da fatura e já por várias vezes apresentara queixa junto aos serviços competentes.

— Sei muito bem aquilo que gasto — disse Parsons. — Vou apresentar uma queixa à Comissão de Litígios sobre o que está acontecendo.

— Quer ir ler o contador comigo? Podemos ir lá e...

— Sei perfeitamente ler um contador. E tenho certeza de que você também poderia fazê-lo se não fosse tão cansativo.

— Ouça uma coisa, Parsons — disse Lewis saindo da caminhonete. — No ano passado o senhor colocou um ímã no contador. A sua esposa me disse que estava no hospital. Aproveitei para retirá-lo e passei uma esponja sobre o assunto. Mas fui obrigado a fazer um relatório quando no Inverno passado o senhor jogou melaço no contador. E verifiquei que pagou sem discutir quando lhe apresentaram a fatura. A sua fatura aumentou depois de todas as instalações elétricas que o senhor fez. Fartei-me de lhe dizer que na sua casa havia uma fuga

qualquer de corrente. Contratou um eletricista para ver qual era a razão? Não, preferiu ir aos escritórios queixar-se de mim. Estou farto até às pontas dos cabelos das suas atitudes. — Lewis estava branco de cólera.

— Vou ser franco com você — disse Parsons, dirigindo-se para o jardim da sua casa. — Está sendo vigiado, Sr. Lewis. Vi alguém que anda na sua frente fazendo o mesmo percurso de contagens — disse ele já do lado de lá da vedação. — Não demora muito para que tenha de começar a procurar outro trabalho.

Lewis arrancou, dirigindo ao longo da avenida. Precisava arranjar outro local para acabar de almoçar. E era uma pena. Há anos que almoçava à sombra daquela árvore.

Ficava exatamente nos fundos da casa de Charles Leeds.

Às cinco e meia da tarde, Hoyt Lewis meteu-se no seu carro particular e seguiu para o bar do aeroporto, Cloud Nine, onde bebeu vários copos para se descontrair.

Quando telefonou à sua ex-mulher, só conseguiu dizer:

— Gostaria tanto que continuasse preparando o meu almoço.

— Devia ter pensado nisso antes. Espertinho — disse ela, desligando em seguida.

Sem convicção, jogou uma partida de cartas com vários empregados da Georgia Power. Parecia procurar alguém no meio da multidão. Funcionários da companhia aérea começavam a invadir o Cloud Nine. Tinham todos o mesmo bigodinho e o mesmo anel com uma pedra de fantasia. Só faltava que montassem um jogo de dardos no Cloud Nine e o transformassem num pub inglês... Já não se consegue ficar tranqüilo em casa!

— Viva, Hoyt. Jogamos valendo uma caneca de cerveja? — Era Billy Meeks, o seu chefe de serviço.

— A propósito, Billy, preciso falar contigo.

— O que se passa?

— Conhece aquele velho filho da mãe do Parsons que passa a vida telefonando?

— Telefonou na semana passada — disse Meeks. — O que ele fez?

— Disse que há alguém fazendo minha ronda, antes de mim, como se estivesse verificando se eu faço o meu trabalho. Não acha que eu faça a leitura dos contadores deitado na cama, não é?

— Nem pensar nisso.

— Não acredita, não é? Quer dizer... Se estou na lista negra de alguém, quero que venham me dizer diretamente.

— Se estivesse na minha lista negra, acha que teria medo de te dizer cara a cara?

— Não.

— Assim está melhor. Escute, se alguém estivesse verificando o seu itinerário, eu seria o primeiro a saber. As chefias estão sempre a par desse tipo de situação. Ninguém está investigando você, Hoyt. Não pode ligar para aquilo que Parsons diz, ele não passa de um velho rabugento. Telefonou semana passada para me dizer: «Parabéns por ter começado a prestar mais atenção ao trabalho de Hoyt Lewis.» Nem sequer lhe dei atenção.

— A minha pena é não termos atirado a lei para cima dele quando foi o caso daquele contador — disse Lewis. — Veja você, hoje estava muito sossegado na avenida à sombra de uma árvore comendo meu sanduíche, quando o Fulano me pulou em cima. O espertalhão está precisando é de um bom pontapé no traseiro.

— Quando eu fazia o seu itinerário, também parava ali para almoçar — disse Meeks. — Olha só, já tinha lhe contado que cheguei a ver a Sra. Leeds? Não parece lá muito certo estar falando dela agora, uma vez que já morreu, mas uma ou duas vezes a vi do lado de fora, nos fundos, em traje de banho se bronzeando. Uau! Que corpo ela tinha! É uma vergonha o que lhe aconteceu. Era uma senhora simpática.

— Já apanharam alguém?

— Nem pó.

— Foi uma pena terem apanhado os Leeds quando os velhos Parsons estavam bem ali no jeito — comentou Lewis.

— Talvez não acredite, mas nunca consentiria que a minha companheira passeasse em traje de banho no jardim da nossa casa. «Billy, meu querido, ninguém me vê», foi aquilo que ela me dizia. E eu lhe respondi que não era possível ter certeza, que há malucos para tudo, que de um momento para o outro podiam pular a vedação com a «coisa» na mão.

— Os tiras chegaram a te convocar? Perguntaram se tinha visto alguém?

— Perguntaram, mas estou convencido de que fizeram as mesmas perguntas para todo mundo que trabalha naquela zona.

— Por minha parte terminei ontem de fazer um trabalho em Lauxelwood, do outro lado da Avenida Betty Jane, onde estive toda a semana — disse Lewis enquanto arrancava o rótulo da garrafa de cerveja. — Disse que Parsons te telefonou na semana passada?

— Foi.

— Então deve ter visto alguém lendo o seu contador. Não teria telefonado se a idéia fosse só a de me chatear como fez hoje. Você disse que não mandou ninguém e ele tem a certeza de que não foi a mim que ele viu?

— Talvez um tipo da Southeastern Bell verificando alguma coisa.

— É possível.

— Embora isso me admire. Não temos as mesmas linhas. —Acha que deveria telefonar aos tiras?

— Não faria mal nenhum — disse Meeks.

— Nah, até poderia ser um bem para Parsons encontrar-se diante de uma farda. Vai ficar num cagaço danado quando vê-los chegar.

Graham, que pouco mais possuía do que um equipamento básico de pesca, um Volkswagen em terceira mão e duas caixas de Vitrinechet, sentiu uma leve animosidade contra estes brinquedos de adultos e tentou entender porquê.

Quem era Leeds? Um funcionário do fisco que tinha tido sucesso na vida, um jogador de futebol Sewanee, um homem calmo que gostava de rir, um homem que, mesmo com a garganta dilacerada, se ergueu e tentou lutar.

Um estranho sentido de dever fez com que Graham continuasse a sua busca por toda a casa, na mesma tentativa de reconstituir a personalidade do dono. Investigando a seu respeito era, de certo modo, uma maneira de se desculpar e poder logo em seguida fazer o mesmo em relação à esposa.

Graham pressentia que tinha sido ela que tinha atraído o monstro, como o canto de um grilo atrai a morte das moscas de olhos vermelhos.

# CAPÍTULO 5

Graham voltou à casa dos Leeds ao fim da tarde. Entrou pela porta da frente e tentou não olhar para os estragos que o assassino tinha feito. Até aí tinha visto processos, o local onde as mortes tinham ocorrido e os cadáveres — tudo muito depois das coisas terem acontecido. Já sabia muita coisa sobre o modo como tinham morrido. Hoje tinha programado tentar saber quais eram os seus hábitos de vida.

Tratava-se portanto de uma inspeção. Na garagem encontrou um excelente barco de ski, com bastante uso, mas muito bem conservado, e uma caminhonete station, Havia também tacos de golfe e uma bicicleta de exercício. O equipamento de ginástica praticamente não tinha uso. Brinquedos de adultos.

Graham tirou um dos tacos do saco e quase se desequilibrou ao ensaiar um remate longo. Quando voltou a encostar o saco dos tacos de golfe à parede, sentiu o cheiro de couro que evolava dele. Eram os objetos pessoais de Charles Leeds.

Continuou a investigação sobre Charles Leeds, procurando em toda a casa. Os seus troféus de caça encontravam-se na sala de estar. Um conjunto de Grandes Obras, todas numa fila. Os anuários Sewanee, H. Allen Smith, Perelman e Max Shulman nas estantes. Vonnegut e Evelyn Waugh. O livro Beat to Quarters, de C. S. Forrester, encontrava-se aberto numa mesa.

No armário da sala, uma boa espingarda de caça, uma máquina fotográfica Nikon, uma máquina de filmar Bolex Super 8 e um projetor.

Portanto tinha sido a Sra. Leeds.

Tinha um pequeno quarto de vestir no alto das escadas. Graham conseguiu chegar lá sem que tivesse de olhar à sua volta. O quarto de vestir estava forrado em tons de amarelo e, se não fosse o fato do espelho por cima do toucador se encontrar quebrado, podia se dizer que se encontrava intacto. No chão em frente do armário encontrava-se um par de mocassins L L Bean, como se ela tivesse acabado de tirá-los. O roupão encontrava-se pendurado e o armário revelava a leve desorganização característica de uma mulher que tem muitos outros armários para organizar.

O diário da Sra. Leeds estava no toucador, numa caixa de veludo cor-de-ameixa. A chave estava colada à tampa com fita adesiva, juntamente com um

talão de verificação do departamento de polícia.

Graham sentou-se numa frágil cadeira branca e abriu o diário à sorte:

Dezembro, 23, terça-feira. — Fomos à casa da mamãe. As crianças ainda estão dormindo. Quando a mamãe envidraçou a varanda dos fundos, detestei o modo como alterou o aspecto da casa, mas tenho que concordar que afinal é muito agradável poder ficar sentada aqui com uma temperatura amena olhando para a neve que cai lá fora. Quantos outros Natais ela será capaz de aguentar com uma casa cheia de netos? Espero que ainda sejam muitos.

Ontem, no regresso de Atlanta, começou a nevar depois de Raleigh e fizemos uma viagem difícil. Quase tivemos que vir andando. Ainda por cima me sentia cansada por ter sido obrigada a arrumar todo mundo. Perto de Chapel Hill, Charlie parou o carro e saiu. Tirou alguns cristais de gelo de um ramo para me preparar um martini. Regressou ao carro, as suas pernas imensas erguendo-se na neve, e ali estava ele com o cabelo e as pestanas cheias de neve. Neste instante o meu espírito foi invadido pelo amor que sinto por ele. Foi uma sensação como se dentro de mim alguma coisa se quebrasse com um mínimo de dor para logo em seguida ser inundada por um calor extremamente agradável.

Espero que a parka lhe sirva. Se ele me der aquele anel... tenho a impressão de que vai me dar alguma coisa. E se a Madelyn ver o anel, vai sentir como se tivesse lhe dado um chute naquele traseiro cheio de celulite. Quatro diamantes incrivelmente grandes, da cor de gelo sujo. O gelo formado da água congelada é tão transparente. O sol atravessou o pára-brisas do carro e incidiu no gelo partido que se encontrava dentro do copo, formando um pequeno prisma. Projetou uma mancha vermelha e verde na mão com que estava segurando o copo, e tive a sensação de sentir as cores projetadas.

Ele me perguntou o que eu queria que ele me desse de presente de Natal. Com as mãos em concha, sussurrei-lhe ao ouvido: o teu grande c... seu tolo e que o meta em mim tão fundo quanto puder.

Sua nuca ficou de um vermelho vivo de repente. Tem sempre receio de que as crianças possam ouvir. Os homens não têm confiança nenhuma nos sussurros.

A página estava suja da cinza de charuto do detetive que já tinha passado por ali.

Graham leu até já não ter luz, passando por episódios como a operação

de amígdalas da filha e um susto que a Sra. Leeds tinha tido em Junho último quando tinha lhe aparecido um caroço num dos seios (meu Deus, as crianças ainda são tão pequenas).

Três páginas depois, o caroço já era um quisto benigno que tinha sido facilmente removido.

O Dr. Janovitch me deu alta esta tarde. Deixamos o hospital e fomos até o lago. Há muito tempo que não íamos lá. Parece que nunca conseguimos arranjar tempo para isso. Charlie levou duas garrafas de champanhe no gelo, bebemos e demos comida aos patos enquanto o sol se punha.

Ficou à beira da água, de costas voltadas para mim, e estou convencida de que chegou a chorar.

A Susana disse que tivera medo de que levássemos do hospital para casa mais um irmão para ela. Casa!

Graham ouviu o telefone tocar no quarto. Ouviu-se um click e o zumbido de uma secretária eletrônica. «Alô? Fala Valerie Leeds. Peço desculpas por não poder atender neste momento, mas se após o sinal me deixar o seu nome e número de telefone, ligo o mais rápido possível. Obrigada.»

De certo modo, Graham esperava ouvir a voz de Crawford depois do sinal, mas só distinguiu o ruído de fundo da ligação. Tinham desligado.

Ouvira a voz dela; agora queria vê-la. Voltou à sala de estar. Trazia no bolso uma bobina de filme Super 8 que tinha pertencido a Charles Leeds. Três semanas antes da sua morte, este deixara o filme numa loja para revelar. Nunca chegou a pegá-lo. A polícia encontrara o talão na carteira de Leeds, tinha levantado o filme na loja, e os detetives viram o filme caseiro, juntamente com algumas fotografias reveladas ao mesmo tempo, não tendo encontrado nada de interesse.

Graham queria ver os Leeds em vida. Na esquadra os detetives puseram um projetor à sua disposição. Mas ele recusou porque queria ver o filme na casa. De certo modo contrariados, deixaram-no levar o filme do depósito.

Encontrou a tela e o projetor no armário da sala, montou-os e sentou-se no grande sofá de couro de Charles Leeds para ver o filme. Sentiu que havia alguma coisa no braço da cadeira que se colava à palma da mão — marcas dos dedos de uma criança lambuzados com hortelã-pimenta. A mão de Graham ficou

cheirando a bala.

Era um pequeno filme mudo bastante agradável, muito mais imaginativo do que a maioria dos que costumava ver. Começava com as imagens de um cão cinzento pêlo-de-arame dormindo no carpete da sala. O cão tinha ficado perturbado momentaneamente pelo zumbido e tinha levantado o focinho para olhar para a máquina. Mas aconchegou-se de novo e voltou a dormir. Um close up do focinho do cão ainda dormindo. De repente as orelhas do pêlo-de-arame arrebitaram-se. Ergueu-se e começou a latir — a câmera seguiu-o enquanto se dirigia para a cozinha, correndo para a porta, onde parou expectante, tremendo de excitação ao mesmo tempo que abanava o toco de cauda.

Graham mordeu o lábio enquanto também aguardava. Na tela a porta se abriu e surgiu a Sra. Leeds carregando sacos de supermercado. Pestanejou para logo em seguida rir surpreendida, ao mesmo tempo que compunha com a mão que tinha livre uma madeixa de cabelo que lhe caía sobre os olhos. Enquanto desaparecia da imagem notava-se o mover dos lábios. Logo em seguida surgiram as crianças com sacos menores. A menina tinha seis anos e os meninos, oito e dez.

O menino mais novo, aparentemente um veterano dos filmes feitos pela família, fez uma careta na direção da câmera. Esta estava numa posição muito alta. De acordo com o relatório da autópsia, Leeds tinha um metro e noventa de altura.

Graham ficou convencido de que esta parte do filme devia ter sido feita no início da Primavera. As crianças vestiam agasalhos e a Sra. Leeds tinha um aspecto pálido. No necrotério, o corpo apresentava-se bronzeado e viam-se as marcas do traje de banho.

Seguiram-se cenas breves dos meninos jogando pingue-pongue na garagem e de Susana desembrulhando um presente no quarto, a língua dobrada sobre o lábio superior num esforço de concentração, enquanto um farrapo de cabelo lhe caía sobre os olhos. Empurrou o cabelo para trás com a mãozinha gorducha como a mãe tinha feito na cozinha.

A cena seguinte mostrava Susana num banho de espuma, agachada como uma pequena rã. Na cabeça tinha uma enorme touca de banho. O ângulo da câmera era mais baixo, mas o foco não se mantinha estável — nitidamente o trabalho de um dos irmãos. A cena terminou com ela gritando para a câmera sem que se ouvisse qualquer som, cobrindo o peito enquanto a touca de banho lhe escorregava para os olhos.

Para não ficar atrás, Leeds tinha surpreendido a esposa no chuveiro. A cortina do chuveiro estremeceu, notando-se o vulto que estava por trás, como tantas vezes acontecia nas peças de teatro das festas do colégio. O braço da Sra. Leeds saiu da cortina. Na mão tinha uma enorme esponja de banho. A cena terminou com a lente obscurecida com espuma de banho.

O filme terminou com uma cena de Norman Vincent Peale falando na televisão e um grande plano de Charles Leeds ressonando na cadeira onde Graham se encontrava sentado agora.

Depois do filme ter acabado, ficou olhando para o retângulo de luz projetado na tela. Gostava dos Leeds e lamentava ter estado no necrotério. Lembrou-se de que o lunático que os tinha visitado também devia ter gostado deles. Mas o lunático gostava deles mais da maneira como se encontravam agora.

Graham sentia-se incapaz de raciocinar e a cabeça fervilhava de idéias. Nadou na piscina do hotel até sentir as pernas dormentes e saiu da água pensando em duas coisas ao mesmo tempo — um martini Tangueray e o gosto da boca de Molly. Preparou o martini num copo de plástico e telefonou para Molly.

— Olá, artista.

— Olá pequeno! Onde você está?

— Neste estupor de hotel em Atlanta.

— Fazer alguma coisa boa?

— Nada de interessante. Sinto-me só.

— Eu também.

— Com tesão.

— Eu também.

— Fale-me de você.

— Bom, tive uma questão com a Sra. Holper hoje. Ela queria devolver um vestido com uma mancha enorme de whisky no fundo das costas. Tenho quase certeza de que o usou naquela festa dos Jaycee.

— E que é que você disse?

— Disse-lhe que não o tinha vendido naquele estado.

— E o que é que ela respondeu?

— Disse que nunca tivera qualquer problema em devolver um vestido antes, e que era essa uma das razões que comprava na minha loja em vez de ir a outros lugares que estava farta de conhecer.

— E então o que é que você disse?

— Oh, disse-lhe que estava preocupada porque o Will falando ao telefone é impossível.

— Estou vendo.

— O Willy está ótimo. Anda cobrindo os ovos de tartaruga que os cães desenterram. Conte-me o que você tem feito.

— Tenho lido relatórios e a comida é uma porcaria.

— E com certeza tem pensado muito.

— Também.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Ainda não consegui agarrar nada de palpável, Molly. Os dados não são suficientes. Bom, há montes de informações, mas ainda não as trabalhei o suficiente.

— Ainda vai ficar em Atlanta durante muito tempo? Não quero te chatear pedindo que venha para casa, mas anseio que o faça.

— Não sei. Ainda vou estar aqui mais alguns dias. Sinto sua falta.

— Quer falar sobre foder?

— Tenho a impressão de que não agüentaria. Acho que é melhor não o fazermos.

— Não fazermos o quê?

— Falarmos sobre foder.

— Está bem. Mas não se importa se eu pensar nisso, não é?

— Sabe muito bem que não.

— Arranjamos mais um cão.

— Estou feito!

— Parece ser cruzado de basset e pequinois.

— Deve ser uma maravilha.

— Tem uns tomates enormes.

— Deixa os tomates do bicho.

— Quase que arrastam no chão. Quando corre tem que encolhê-los.

— Ele não é capaz de fazer isso.

— É, sim senhor. Você é que não sabe.

— Sei, sim senhora.

— Consegue fazer o mesmo com os teus?

— Lá vamos nós voltar ao ponto.

— E então?

— Se quer saber, tive que encolhê-los uma vez.

— Quando é que foi isso?

— Quando era rapaz. Tive que pular uma vedação de arame farpado a toda velocidade.

— Porquê?

— Levava debaixo do braço uma melancia que eu não tinha cultivado.

— Estava fugindo? De quem?

— Um porco qualquer que eu conhecia. Alertado pelos cães, disparou da barraca no seu BVD, de espingarda na mão. Felizmente tropeçou num arbusto, o que me deu o tempo de que eu precisava.

— Disparou em você?

— De início achei que sim. Mas os relatórios que ouvi devem ter sido feitos pelo meu traseiro. Nunca consegui saber ao certo o que tinha acontecido.

— Conseguiu passar a vedação? Tão novo e já tinha uma mentalidade criminosa.

— Menina, eu não tenho uma mentalidade criminosa.

— Eu sei que não. Estou pensando em pintar a cozinha. Qual é a cor que você gosta? Will? Qual é a cor que você gosta? Ainda está aí?

— Estou, uhm, pinte de amarelo.

— Para mim o amarelo é uma cor péssima. Ao café-da-manhã passaria a ter um aspecto esverdeado.

— Então azul.

— O azul é frio.

— Arre, se é assim... olha pinta de cor-de-caca-de-bebê, tanto faz... Não, espera, o mais certo é que dentro em breve eu já estar em casa e vamos juntos à loja de tintas, assim podemos escolher e compramos aquilo que quisermos. Combinado? Aproveitamos para comprar também alguns pincéis que nos fazem falta.

— Acho que sim, fazemos como você quiser. Nem sei por que é que estou falando disto. Sabe de uma coisa? Te amo, sinto a tua falta e está fazendo aquilo que tem de ser feito. Sei que também te custa muito. Estou aqui e estarei aqui quando voltar para casa ou então vou encontrá-lo onde quiser. E acho que é tudo.

— Querida Molly, minha querida Molly. Agora tem que ir para a cama.

— Está bem.

— Boa noite.

Graham estendeu-se na cama com as mãos atrás da cabeça enquanto relembrava os jantares que tinha tido com Molly. Caranguejo-das-rochas e Sancerre, com a brisa salgada misturando-se no aroma do vinho.

Um dos seus problemas era o de fixar os pormenores das conversas que tinha, e mais uma vez isso estava acontecendo. Lembrando-se da conversa telefônica que tinha tido, veio-lhe à mente aquela observação da «mentalidade criminosa». Era estúpido da sua parte.

Graham achava que o interesse que Molly tinha nele era na sua maioria inexplicável.

Telefonou para o comando da polícia e deixou um recado para Springfield dizendo-lhe que na manhã seguinte queria começar a ajudar no trabalho porta a porta. Não havia mais nada que se pudesse fazer.

O gin ajudou-o a adormecer.

# CAPÍTULO 6

Em cima da escrivaninha de Buddy Springfield estavam as cópias meio-amarrotadas de todos os recados telefônicos sobre o caso Leeds. Terça de manhã, quando Springfield chegou ao escritório, às sete horas, havia sessenta e três. A que se encontrava no alto tinha uma marca vermelha.

Dizia que a polícia de Birmingham encontrara um gato enterrado numa caixa de sapatos atrás da garagem dos Jacobs. O gato tinha uma flor presa nas patas e estava embrulhado numa toalha de mesa. O nome do gato estava escrito com uma letra infantil numa etiqueta atada à caixa com uma corda cheia de nós.

O examinador médico de Birmingham disse que o gato fora estrangulado. Rapara-lhe o pêlo e não tinha encontrado nenhuma ferida.

Enquanto pensava, Springfield batia com a haste dos óculos nos dentes.

No local encontraram terra macia e cavaram com uma pá.

Não fora necessária nenhuma prova de metano. No entanto, Graham tinha tido razão.

O chefe de detetives cuspiu no dedo e continuou a sua busca no monte das cópias de recados telefônicos. A maioria eram informações a respeito de veículos suspeitos na vizinhança durante a semana anterior, descrições vagas indicando só o tipo de veículo ou a cor. Quatro dos residentes de Atlanta tinham recebido chamadas telefônicas anônimas em que diziam: «Vou te fazer a mesma coisa que fiz aos Leeds.»

A chamada de Hoyt Lewis estava no meio do monte.

Springfield telefonou ao comandante do turno da noite.

— O que há sobre a informação desse leitor de contadores a respeito de um tal Parsons? Número quarenta e oito.

— Tentamos contatar o serviço de assistência ontem a noite, chefe, para verificar se eles tinham tido alguém naquela avenida — disse o comandante de serviço do turno da noite. — Vão nos telefonar esta manhã para dar uma resposta.

— Encarregue alguém para ligar o mais depressa possível — disse Springfield. — Verifique os serviços sanitários, os serviços de obras, licenças de construção ao longo da avenida, e depois me ligue no carro. — Em seguida ligou

para o número de Will Graham.

— Will? Dentro de dez minutos estarei na porta do seu hotel para darmos uma volta.

Ainda não faltavam quinze minutos para as oito quando Springfield estacionou o carro no fundo da avenida. Ele e Graham seguiram os vestígios de pneus que se distinguiam no saibro — Mesmo àquela hora da manhã o sol já aquecia bastante.

— Precisa comprar um chapéu — disse Springfield enquanto descia o seu próprio chapéu de palha sobre os olhos.

A vedação no fundo da propriedade dos Leeds estava coberta com videiras. Pararam junto ao contador de luz que se encontrava no poste.

— Se veio por este caminho conseguia ver os fundos da casa — disse Springfield.

Só tinham passado cinco dias e a propriedade dos Leeds já começava a ter um aspecto abandonado. O gramado não estava aparado e cebolas-bravas despontavam da erva. O pátio encontrava-se juncado de pequenos ramos que tinham caído. Graham sentiu vontade de apanhá-los. A casa parecia adormecida, as janelas da varanda vazias e obscurecidas pelas longas sombras que de manhã eram projetadas pelas árvores. Parado na avenida ao lado de Springfield, Graham conseguia ver o seu reflexo no vidro da porta da varanda. Estranhamente, a reconstituição da entrada do assassino parecia-lhe agora totalmente diferente à luz do sol. Reparou num papagaio de criança que se movia suavemente na brisa da manhã.

— Aquele deve ser o Parsons — disse Springfield.

H. G. Parsons morava duas casas depois. Tinha se levantado cedo e estava cavando um canteiro de flores. Springfield e Graham foram até à cancela dos fundos de Parsons e pararam junto aos baldes de lixo que se encontravam presos à vedação com correntes.

Com uma fita, Springfield mediu a altura a que se encontrava o contador.

Tinha apontamentos sobre todos os vizinhos dos Leeds.

Estes apontamentos diziam-lhe que Parsons se aposentara antecipadamente do posto que ocupava nos correios, a pedido do seu supervisor. O supervisor fizera um relatório em que especificava que Parsons era «incrivelmente distraído».

Os apontamentos de Springfield também continham uma parte de

mexericos. Os vizinhos diziam que a esposa de Parsons, sempre que podia, ficava com a irmã, que vivia em Macon, o máximo de tempo que lhe era possível, e que o filho nunca mais tinha telefonado.

— Sr. Parsons, Sr. Parsons — chamou Springfield.

Parsons encostou o ancinho à casa e aproximou-se da vedação. Calçava sandálias e meias brancas. Os calcanhares das meias estavam manchados da terra e da relva. O rosto era de um rosado brilhante.

Arteriosclerose, pensou Graham. E já tomou o comprimido.

— Sim?

— Sr. Parsons, podemos lhe falar por um momento? Precisamos da sua ajuda — disse Springfield.

— São da Companhia de Eletricidade?

— Não, me chamo Buddy Springfield e sou da polícia.

— Então é sobre o assassinato. Já tinha dito ao agente que a minha mulher e eu estávamos em Macon.

— Eu sei, Sr. Parsons. Queríamos lhe fazer uma pergunta sobre o seu contador.

— Foi... se esse... esse leitor de contadores disse que eu fiz qualquer coisa de ilegal, está só ...

— Não, não, Sr. Parsons. Na semana passada viu alguém desconhecido lendo o seu contador?

— Não.

— Tem certeza? Tenho a impressão de que disse a Hoyt Lewis que tinha passado alguém fazendo a mesma leitura de contadores antes dele.

— De fato disse. E já não é sem tempo. Estou tratando do assunto e a Comissão de Serviços Públicos vai receber da minha parte um relatório completo.

— Tudo bem. Tenho certeza de que irão examiná-lo com toda a atenção. Quem é que viu lendo o contador?

— Não era um estranho, era alguém da Companhia de Eletricidade da Georgia.

— Como é que sabe?

— Bom, parecia-se com um leitor de contadores.

— O que é que ele vestia?

— O que eles todos vestem, acho eu. O que é? Uma bata castanha e um boné.

— Conseguiu ver-lhe o rosto?

— Já não tenho certeza. Estava olhando pela janela da cozinha quando o avistei. Quis falar com ele, mas tive que ir vestir o roupão e quando saí já tinha ido embora.

— Tinha um caminhão?

— Não me lembro de ter reparado nisso. O que se passa? Por que está me fazendo estas perguntas todas?

— Estamos investigando todas as pessoas que estiveram na vizinhança semana passada. É muito importante, Sr. Parsons. Faça um esforço para se lembrar.

— Então é sobre o assassinato. Ainda não prenderam ninguém, não é?

— Não.

— Na noite passada estive vigiando a rua durante uns minutos e não passou um único carro de polícia. O que aconteceu aos Leeds foi horrível. A minha mulher tem estado completamente transtornada. Só quero ver quem é que vai comprar a casa. No outro dia vi alguns pretos olhando para ela. Sabe, tive que falar com o Leeds algumas vezes por causa das crianças, mas eram impecáveis. Evidentemente que nunca fez nada daquilo que lhe aconselhei a respeito da grama. O Departamento de Agricultura tem alguns folhetos excelentes sobre o controle de ervas daninhas. Cheguei mesmo a pôr os folhetos na caixa do correio. Aqui para nós, quando cortou as cebolas-bravas, o cheiro era simplesmente sufocante.

— Sr. Parsons, quando é que viu exatamente esse tipo na avenida? — perguntou Springfield.

— Não tenho certeza, estou tentando me lembrar.

— Lembra-se a que horas foi? De manhã? Ao meio-dia? A tarde?

— Sei as horas do dia, não é preciso mencioná-las. Talvez de tarde. Não me lembro.

Springfield esfregou a nuca.

— Desculpe-me, Sr. Parsons, mas tenho que ter alguma certeza a este respeito. Podemos ir à sua cozinha para nos mostrar de onde é que o viu chegar?

— Primeiro mostrem a sua identificação. Os dois.

Dentro da casa havia silêncio, superfícies brilhantes e ar abafado. Limpa. Imaculadamente limpa. O cuidado desesperado de um casal a envelhecer e que começa a ver as suas vidas esfumaçarem-se.

Graham tinha preferido ter ficado lá fora. Tinha certeza de que as gavetas estavam cheias de prata polida e de toalhas de linho.

Pára com isso e vamos espremer a velha múmia.

Da janela que ficava sobre a banca da cozinha tinha-se uma boa vista dos fundos.

— Aqui estamos. Estão satisfeitos? — perguntou Parsons. — Daqui pode-se olhar lá para fora. Não falei com ele e não me lembro do aspecto dele. Se é tudo o que queriam, tenho muito o que fazer.

Graham falou pela primeira vez.

— Disse que foi vestir o roupão e que quando saiu ele tinha ido embora. Isso quer dizer que não estava vestido?

— Não estava.

— No meio da tarde? Sentia-se doente, Sr. Parsons?

— O que eu faço na minha própria casa só a mim diz respeito. Se me der na telha até posso vestir uma fantasia de canguru. Por que é que não estão lá fora à procura do assassino? Se calhar é porque aqui está mais fresco.

— Soube que se aposentou, Sr. Parsons, e por isso acho que não tem qualquer importância se se veste ou não durante o dia. Há muitos dias em que nem sequer chega a se vestir, não é verdade?

As veias das têmporas de Parsons estavam dilatadas.

— Só porque estou aposentado não quer dizer que não me vista e que não tenha que fazê-lo todos os dias. Simplesmente estava cheio de calor, entrei e fui tomar um chuveiro. Estava trabalhando. Estava adubando e durante a tarde já tinha feito um dia de trabalho, o que é muito mais do que aquilo que os senhores farão hoje.

— Estava fazendo o quê?

— Adubando.

— Em que dias costuma fazer isso?

— Sexta. Foi na sexta-feira passada. Fizeram a entrega de manhã, uma

grande quantidade, e eu tinha... tinha tudo espalhado da parte da tarde. Pode perguntar ao Centro de Jardinagem a quantidade que era.

— E o senhor, como estava cheio de calor, entrou para tomar um chuveiro. O que é que estava fazendo na cozinha?

— Preparando um copo de chá gelado.

— E foi buscar gelo? Mas a geladeira fica do outro lado, longe da janela.

Parsons, junto da janela, olhou para a geladeira, parecendo perdido e confuso. Os olhos estavam sombrios e inexpressivos, como os olhos de um peixe no mercado já no fim do dia. De repente iluminaram-se, com um sentimento de triunfo. Dirigiu-se para o armário junto do lava-louças.

— Tinha vindo buscar comprimidos de sacarina e estava aqui precisamente quando o vi. É isso. E é tudo. Agora, se procurassem...

— Acho que ele viu Hoyt Lewis — disse Graham.

— Eu também — respondeu Springfield.

— Não era Hoyt Lewis. Não era ele. — Os olhos de Parsons estavam lacrimejantes.

— Como é que sabe? — disse Springfield. — Podia ter sido Hoyt Lewis e o senhor pensou...

— Lewis tem um tom de pele bronzeado. Tem o cabelo grisalho e oleoso e rugas na cara. — A voz de Parsons tinha subido de tom e falava tão depressa que era difícil compreendê-lo. — Foi por isso que eu vi que não era ele. Com certeza não era Lewis. Este tipo era mais pálido e o cabelo era louro. Voltou-se para escrever no bloco e pude ver debaixo do boné. Louro. Com o cabelo na nuca cortado reto.

Springfield permaneceu absolutamente imóvel e, quando falou, a sua voz ainda tinha um tom de ceticismo.

— E o rosto dele?

— Não sei. Talvez tivesse um bigode.

— Como Lewis?

— Lewis não tem bigode.

— Estou vendo — disse Springfield. — O contador estava ao nível dos olhos ou tinha que olhar para cima?

— Acho que ao nível dos olhos.

— Seria capaz de reconhecê-lo se o visse de novo?

— Não.

— Que idade ele tinha?

— Não era muito velho. Não faço idéia.

— Viu o cão dos Leeds perto dele?

— Não.

— Tenho de lhe confessar uma coisa, Sr. Parsons, verifico que tinha me enganado — disse Springfield. — A sua ajuda é muito importante para nós. Se não se importar, vou chamar o nosso artista. Sentado aqui à mesa da cozinha talvez o senhor consiga lhe dar uma idéia do aspecto desse fulano. Com certeza não era Lewis.

— Não quero que o meu nome apareça em nenhum jornal.

— Com certeza que não vai aparecer.

Parsons acompanhou-os até à saída.

— Fez um trabalho magnífico neste jardim, Sr. Parsons — disse Springfield. — Deviam lhe dar um prêmio.

Parsons não disse nada. O rosto estava vermelho e em constante movimento, enquanto os olhos lacrimejavam. Ficou ali, de sandálias e calções, que mais pareciam um saco, olhando para eles. Quando deixaram o jardim, pegou o ancinho e começou a revolver furiosamente a terra, espalhando o adubo na grama, sem se preocupar com as flores que encontrava pelo caminho.

Springfield pediu informações pelo rádio do carro. Nenhuma das companhias de serviços nem os departamentos da câmara eram capazes de dar qualquer informação sobre o homem que tinha percorrido a avenida no dia anterior ao assassinato. Springfield informou sobre a descrição de Parsons e deu instruções para o artista.

— Digam-lhe para desenhar o poste e o contador em primeiro lugar e começar a partir daí. Terá que pôr a testemunha à vontade para tentar conseguir alguma coisa.

— O nosso artista não gosta muito de atender chamadas a domicílio — disse o chefe de detetives a Graham, enquanto fazia deslizar o Ford conversível através do tráfego. — Gosta que as secretárias o vejam trabalhando, com a testemunha de pé, apoiando-se alternadamente num pé ou no outro, espiando por cima do ombro dele. Uma esquadra de polícia é um local muito triste para fazer

perguntas a alguém a quem não seja necessário meter medo. Logo que tenhamos o retrato na mão vai ser preciso percorrer a vizinhança de porta em porta. Tenho a impressão de que conseguiremos alguma coisa, Will. Ainda está tudo muito vago, mas já temos alguma coisa, não acha? Está vendo, apertamos o pobre diabo e ele se abriu. Agora temos que explorar os resultados.

— Se de fato o homem da avenida é aquele que procuramos, essas são as melhores notícias no momento — disse Graham. Estava farto daquilo.

— É isso mesmo. Significa que não se limita a sair do ônibus e seguir na direção que lhe dá na telha. Trabalha com um plano. Passou a noite na cidade. Um ou dois dias antes, sabe qual é o alvo. Tem de ter uma idéia qualquer. Marca o local, mata o animal de estimação e a seguir mata a família. Que raio de idéia é que ele terá na cabeça? — Springfield fez uma pausa. — De certo modo é o seu território, não é?

— De fato. Se não for de mais ninguém, tenho a impressão de que é meu.

— Sei que já viu casos deste tipo antes. Não gostou quando te falei de Lecter no outro dia, mas preciso falar contigo a esse respeito.

— Está bem.

— Ao todo matou nove pessoas, não foi?

— Temos conhecimento de nove. Houve duas que não morreram.

— O que lhes aconteceu?

— Uma delas está num hospital de Baltimore, num pulmão artificial. A outra está num hospital para alienados mentais em Denver.

— O que é que o levou a fazer isso, até que ponto ele era louco?

Graham olhou para os transeuntes que passavam a seu lado na calçada. A sua voz parecia impessoal, como se estivesse ditando uma carta.

— Fez o que fez porque sentiu prazer nisso. Ainda o sente. O Dr. Lecter não pode ser considerado louco no sentido vulgar da palavra. Fez algumas coisas monstruosas porque sentiu prazer nisso. Mas quando quer, pode funcionar perfeitamente e parecer normal.

— Como é que os psicólogos classificaram o caso? O que é que estava errado com ele?

— Dizem que é um sociopata, porque não encontraram mais nenhum termo que pudessem aplicar a ele. Tem algumas das características que atribuem a um sociopata. Não tem qualquer sentimento de remorso ou de culpa. E

apresentou o primeiro e o pior dos indicadores: sadismo para com os animais quando era criança.

Springfield resmungou.

— Mas não apresenta mais nenhuma das outras características — continuou Graham. — Não era um desenraizado e não apresentava nenhum histórico de problemas com a lei. Não era mesquinho e explorador nas pequenas coisas, como são a maioria dos sociopatas. Não é insensível. Não sabem como é que devem classificá-lo. Os seus encefalogramas mostram alguns padrões estranhos, mas não conseguiram tirar conclusões a esse respeito.

— Como é que o classificaria? — perguntou Springfield.

Graham hesitou.

— Só para você, como é que o classificaria?

— É um monstro. Quando penso nele, lembro-me dessas coisas que de vez em quando nascem nos hospitais e que só dão pena. Alimentam-nas, as mantém confortáveis, mas se as tiram da máquina, morrem. Sob o ponto de vista da mentalidade, Lecter é a mesma coisa, mas parece normal e ninguém é capaz de dizer o contrário.

— Alguns dos chefes meus amigos que tenho encontrado no sindicato são de Baltimore. Perguntei-lhes como é que conseguiu descobrir Lecter. Disseram-me que não sabem. Como é que o fez? Qual foi a primeira indicação, a primeira coisa que sentiu?

— Foi uma coincidência — disse Graham. — A sexta vítima foi assassinada na sua oficina. Havia equipamento para trabalhar madeira e também era lá que guardava o equipamento de caça. O corpo estava pendurado num gancho no local onde costumava pendurar as ferramentas e, de fato, encontrava-se numa lástima, cortado, esfaqueado e com setas por todo o corpo. As feridas lembravam-me alguma coisa. Mas não conseguia descobrir o que era.

— E teve que se preocupar com os seguintes.

— Foi. Lecter estava no seu máximo, fez os três seguintes em nove dias. Mas esta sexta vítima apresentava duas cicatrizes antigas na coxa. O patologista contatou o hospital local e soube que cinco anos antes caíra de uma árvore, quando andava caçando com arco e flecha, e que espetara uma na perna.

»O médico que fez o registro da ocorrência era o cirurgião residente, mas Lecter tratou-o em primeiro lugar, estava de serviço nas emergências. Encontramos o nome no registro de admissões. Já tinha se passado muito tempo

desde o acidente, mas convenci-me de que Lecter poderia se lembrar de alguma coisa que lhe tivesse parecido estranha sobre a ferida com a flecha. Fui ao gabinete dele para lhe falar a este respeito. Naquela altura agarrávamo-nos a qualquer indício que aparecesse.

»Naquela época, passara a se dedicar à psiquiatria e o gabinete era muito agradável, todo em estilo antigo. Disse-me que já não se lembrava muito bem do caso da ferida com flecha, que tinha sido um dos companheiros de caça da vítima que o tinha trazido, e era tudo.

»No entanto, houve alguma coisa que não me soou bem. Não tinha certeza se tinha sido alguma coisa que Lecter tinha dito ou fora alguma coisa que eu tinha visto no gabinete dele. Crawford e eu debruçamo-nos sobre o assunto. Verificamos os registros e Lecter não possuía qualquer registro a esse respeito. Precisava ficar só por algum tempo no gabinete dele, mas não conseguíamos arranjar um mandato de busca. Não havia a mínima evidência. Decidi ir falar de novo com ele.

»Era domingo, mas ele também dava consultas aos domingos. O edifício estava vazio, só havia duas ou três pessoas na sala de espera. Viu-me logo que cheguei. Conversamos e, enquanto ele fazia um esforço delicado para me ajudar, olhei para a prateleira por cima da cabeça dele e vi alguns livros de medicina muito antigos. E soube que era ele.

»Quando o olhei de novo, é possível que o meu rosto tivesse se alterado, não faço idéia. Eu sabia e sabia que ele sabia. No entanto, não era capaz de descobrir o motivo. Não conseguia acreditar. Tinha que pensar sobre o assunto. Murmurei alguma coisa e saí dali na direção do hall, onde havia uma cabine telefônica. Não queria alarmá-lo antes de ter conseguido ajuda. Estava falando com o operador da polícia quando ele surgiu em meias por uma porta de serviço. Não o senti se aproximando. Senti o seu hálito e a seguir... foi aquilo que você sabe.

— Afinal como é que conseguiu saber?

— Acho que foi uma semana depois, já no hospital, que consegui descobrir. Era uma ilustração do Homem Ferido, que se via muito nos livros antigos de medicina, como aqueles que Lecter tinha. Mostra diferentes tipos de ferimentos em combate, todos na mesma figura. Já a tinha visto num curso de supervisores que um patologista dera na GWU. A posição da sexta vítima e os seus ferimentos eram em tudo semelhantes aos do Homem Ferido.

— Homem Ferido? Era só isso que tinha?

— De fato era. Foi uma coincidência que eu tivesse visto a gravura. Foi uma questão de sorte.

— E que sorte.

— Se não acredita em mim, por que raio perguntou?

— Faço de conta que não ouvi o que disse.

— Está bem. Também não era isso que queria dizer. No entanto foi o modo como as coisas se passaram.

— Okay — disse Springfield. — Okay. Obrigado por ter me contado. Preciso saber de coisas como esta.

A descrição que Parsons dera do homem na avenida e as informações sobre o gato e o cão eram possíveis indicações sobre os métodos do assassino: aparentemente tinha inspecionado primeiro o local, disfarçado de leitor de contadores, e sentira-se impelido a ferir os animais de estimação das vítimas antes de ter ido matar a família.

O problema imediato que a polícia enfrentava era o de divulgar ou não esta teoria.

Com o público alertado e ciente dos sinais de perigo, a polícia poderia ter um aviso prévio de um possível futuro ataque do assassino, mas com certeza o assassino também estaria atento às notícias.

E podia modificar os seus hábitos.

No departamento de polícia havia um sentimento muito forte de que as tênues pistas que tinham obtido deveriam se manter em segredo, com exceção de um boletim especial que seria distribuído em todo o Sudoeste pelos veterinários e responsáveis de centros de recolha de animais, pedindo relatórios imediatos se verificassem mutilações de qualquer animal doméstico.

Por outro lado, isto se traduzia em não fornecer ao público um alerta que poderia ser vital. Era uma questão de ética e a polícia não se sentia muito confortável a este respeito.

Consultaram o Dr. Alan Bloorn em Chicago. O Dr. Bloorn disse-lhes que, se o assassino lesse um aviso nos jornais, provavelmente mudaria de método na marcação de uma casa. O Dr. Bloorn tinha dúvidas de que o homem fosse capaz de parar de atacar os animais de estimação, independentemente do risco que pudesse correr. O psiquiatra disse à polícia que não deveriam de modo nenhum concluir que tinham vinte e cinco dias para trabalhar, ou seja, o tempo que faltava antes da próxima lua cheia, em 25 de Agosto.

Na manhã de 31 de Julho, três horas depois de Parsons ter fornecido a sua descrição, foi tomada uma decisão após uma conferência telefônica entre as polícias de Atlanta e de Birmingham e Crawford, em Washington: deviam mandar confidencialmente o boletim para os veterinários, investigar durante três dias na vizinhança com o esboço do artista e a seguir fornecer a informação à imprensa, rádio e televisão.

Durante esses três dias, Graham e os detetives de Atlanta calcorrearam os passeios, mostrando o esboço aos proprietários das casas situadas na área da residência dos Leeds. O esboço traduzia apenas a sugestão de um rosto, mas esperavam encontrar alguém que pudesse fornecer mais pormenores.

A cópia do esboço que foi fornecida a Graham foi desbotando nas margens devido ao suor das mãos. A maioria das vezes era extremamente difícil que os moradores atendessem à porta. A noite deitava-se no quarto, coberto de pó de talco nas bolhas e vergões feitos pelo calor, enquanto a mente andava às voltas com o problema como se se tratasse de um holograma. Namorava o sentimento que usualmente antecede uma idéia. Só que esta nunca chegava.

Entretanto, em Atlanta, verificaram-se quatro incidentes com ferimentos e uma morte, tudo devido a moradores que dispararam contra parentes que chegaram tarde em casa. No comando da polícia amontoavam-se as chamadas telefônicas e as informações sem qualquer interesse. O desespero alastrava como uma epidemia de gripe.

Crawford regressou de Washington no terceiro dia e foi encontrar Graham sentado, tirando as meias ensopadas de suor.

— Muito trabalho?

— Se amanhã pegar num esboço, verá como é — disse Graham.

— Não é preciso, vai aparecer tudo nas notícias desta noite. Andou o dia todo a pé?

— Não é possível andar de carro nos jardins deles.

— Nunca esperei que fosse possível conseguir qualquer coisa desta investigação — disse Crawford.

— Se é assim, que raio estava esperando que eu fizesse?

— Simplesmente o melhor que fosse possível — Crawford ergueu-se para ir embora. — O excesso de trabalho foi muitas vezes para mim uma droga, especialmente depois de ter deixado a bebida. Tenho a impressão de que com você acontece o mesmo.

Graham estava irritado. Evidentemente que Crawford tinha razão.

Graham era um preguiçoso inato, e ele sabia. Nos seus tempos de escola tentava compensar este fato com a velocidade com que desempenhava as tarefas. Mas agora já não estava na escola.

Havia mais alguma coisa que ele podia fazer e já a dias que tinha consciência disso. Podia esperar até que fosse levado a fazê-lo por desespero, nos últimos dias antes da lua cheia. Ou podia fazê-lo já, enquanto valesse a pena.

Havia uma opinião de que precisava. Uma análise da situação que ele precisava compartilhar; um equilíbrio da mente que ele precisava recuperar depois do conforto de todos os anos passados em Keys.

As razões surgiram-lhe de repente como ondas que se quebram na orla da praia e finalmente, sem dar conta de que encolhia a barriga, Graham disse em voz alta:

— Tenho que ver Lecter.

# CAPÍTULO 7

O Dr. Frederick Chilton, diretor do Hospital Psiquiátrico Chesapeake para Criminosos Inimputáveis, rodeou a escrivaninha para apertar a mão de Will Graham.

— O Dr. Bloorn telefonou ontem, Sr. Graham, ou devo tratá-lo por Dr. Graham?

— Não sou médico.

— Gostei muito de receber notícias do Dr. Bloorn, conhecemo-nos há anos. Sente-se.

— Estamos muito gratos pela sua ajuda, Dr. Chilton.

— Para ser franco, às vezes tenho mais a impressão de ser o secretário de Lecter do que o seu guarda — disse Chilton. — A correspondência que ele recebe é impressionante. Estou convencido de que, para certos investigadores, é muito chic corresponderem-se com ele. Já vi cartas dele emolduradas em serviços de psicologia. Durante algum tempo poderia se dizer que todos os estudantes inscritos nesta especialidade queriam ter uma entrevista com ele. Seja como for, sinto-me contente por poder colaborar com o Sr. e com o Dr. Blorn.

— Gostaria de ver o Dr. Lecter na maior privacidade — disse Graham. — E talvez seja preciso que tenha que voltar ou telefonar.

Chilton acenou com a cabeça.

— Antes de mais nada, o Dr. Lecter não deverá deixar o seu quarto. Trata-se do único local onde não é obrigado a usar camisa-de-força. Uma das paredes do seu quarto é constituída por uma barreira dupla que dá para o corredor. Se quiser posso dizer para levarem uma cadeira. Sinto-me na obrigação de lhe pedir que não lhe passe nenhum objeto, com exceção de folhas de papel, que não tenham grampos ou clips. Nem classificadores, nem canetas, nem lápis. Tem as suas próprias canetas especiais.

— É capaz de ser preciso mostrar-lhe documentos que poderão excitá-lo — disse Graham.

— Mostre-lhe tudo o que quiser, desde que se trate de papel. Deve passar os documentos pela abertura destinada ao tabuleiro de refeições. Através das barras não lhe estenda nada nem aceite nada. Ele deve lhe devolver os

documentos pela mesma abertura do tabuleiro. É um ponto sobre o qual insisto. O Dr. Bloorn e o Sr. Crawford garantiram-me que seguiria escrupulosamente as minhas instruções.

— Não se preocupe — disse Graham, ao mesmo tempo que se levantava.

— Sei que tem pressa de vê-lo, Sr. Graham, mas antes quero contar-lhe uma coisa que de certeza vai interessá-lo.

»Pode parecer incongruente tentar precavê-lo, ao Sr., contra Lecter, mas as suas reações são absolutamente imprevisíveis. Comportou-se perfeitamente durante o primeiro ano de internamento e deu a idéia de que estava na disposição de querer colaborar com os médicos. Em conseqüência — isto passou-se durante a administração anterior — houve um certo abrandamento nas medidas de segurança a seu respeito.

»No dia 8 de Julho de 1976, na parte da tarde, queixou-se de dores agudas no peito. Na sala de exame tiraram-lhe a camisa-de-força para que pudessem fazer o eletrocardiograma. Um dos enfermeiros deixou a sala para fumar um cigarro e o outro voltou-se por segundos. A enfermeira era muito ágil, conseguiu salvar um dos olhos.

»Vai achar isto estranho. — Chilton tirou de uma gaveta uma fita de papel de eletrocardiograma que desenrolou em cima da mesa. Com o dedo seguiu a linha do gráfico. — Aqui, está deitado na mesa do exame. O pulso é de 72. Aqui, agarra a enfermeira pela cabeça e puxa-a para ele. Aqui, é neutralizado pelo enfermeiro. Não ofereceu a menor resistência, embora o enfermeiro lhe tenha deslocado o ombro. Está compreendendo? O seu pulso nunca passou dos 85. Mesmo quando arrancou a língua da enfermeira.

Chilton observava Graham, mas o rosto deste mantinha-se impenetrável. Recostou-se na cadeira e cruzou os dedos sob o queixo. As mãos estavam secas e brilhantes.

— Veja, quando Lecter foi preso, todos pensávamos que se tratava de uma ocasião única para ser possível estudar de perto um sociopata puro — disse Chilton. — É raro encontrar um vivo. Lecter é extraordinariamente lúcido e perceptivo, conhece a psiquiatria a fundo, mas é um criminoso terrível. Pareceu-nos que queria cooperar e ficamos convencidos de que tínhamos finalmente alguém para estudar este tipo de desvio. De um modo idêntico ao que se passou com Beaumont quando estudava a digestão no estômago de Saint Martin.

»Em resumo, não avançamos praticamente nada desde o dia da sua admissão. Chegou a ter conversas de interesse com Lecter?

— Não, só o vi no dia em que... Vi-o principalmente no tribunal. O Dr. Bloorn mostrou-me os artigos dele que foram publicados — disse Graham.

— Está muito ligado ao senhor, pensa muito em si.

— Já teve sessões com ele?

— Sim. Doze. É impenetrável. Encara os testes de modo sobranceiro, seja qual for o seu tipo ou finalidade. Edwards, Fabre e o próprio Dr. Bloorn em pessoa vieram conversar com ele. Fiquei com os seus apontamentos. Para eles, Lecter também constitui um enigma. É evidente que se torna impossível adivinhar o que ele esconde ou saber se compreende mais do que aquilo que quer dar a entender. Desde que entrou aqui, já escreveu alguns artigos brilhantes para o Boletim Americano de Psiquiatria e para os Arquivos Gerais, mas trata sempre de problemas que não se encontram relacionados a ele. Na minha opinião, tem medo de ser «resolvido», sabendo que a partir daí mais ninguém se interessaria por ele e que seria votado ao esquecimento até ao fim dos seus dias.

Chilton calou-se. Era seu hábito servir-se da sua visão periférica para observar os seus pacientes durante as entrevistas. E julgava poder fazer o mesmo com Graham.

— Aqui todos pensam que a única pessoa que deu provas de uma certa compreensão do Dr. Hannibal Lecter foi o senhor. Deseja fazer algum comentário a este respeito?

— Não.

— Parte do pessoal ficou com alguma curiosidade em saber se, quando o senhor viu as vítimas do Dr. Lecter, o «estilo» dos assassinatos, se assim podemos dizer, foi capaz de reconstituir as suas fantasias, e se isso o ajudou a identificá-lo.

Graham não respondeu.

— Dispomos de informações muito reduzidas a este respeito. Existe um artigo no Boletim de Psicologia Patológica e acho que é tudo. Acha que poderia discutir este assunto com o pessoal? Eu sei que desta vez não é possível, fui proibido formalmente pelo Dr. Bloorn. Devemos deixá-los a sós. Mas talvez numa próxima vez.

O Dr. Chilton conhecia bem o que era a hospitalidade e diante dele encontrava-se um exemplo típico.

Graham levantou-se.

— Obrigado, doutor. Agora gostaria de ver Lecter. Imediatamente.

A porta de aço da zona de alta segurança fechou-se atrás de Graham. Ouviu o barulho dos ferrolhos serem corridos.

Graham sabia que Lecter passava a maior parte da manhã dormindo. Lançou uma vista de olhos ao corredor. Do lugar onde se encontrava não conseguia ver a cela de Lecter, podendo, no entanto, ver que a luz se encontrava no mínimo.

Graham queria ver Lecter dormindo. Precisava de tempo para fortalecer a sua vontade. Se ele sentisse a loucura de Lecter invadir-lhe a mente precisava de se lhe opor rapidamente, como se se tratasse de preparar uma fuga.

Para cobrir o ruído dos seus passos acompanhou um empregado que empurrava um carro cheio de roupa suja. Era muito difícil apanhar o Dr. Lecter de surpresa.

Graham parou no meio do corredor. A frente da cela era em barras de aço. Mais atrás, e fora do alcance da mão, uma rede de nylon bastante rígida encontrava-se esticada do solo ao teto e de uma parede à outra. Graham distinguiu uma mesa e uma cadeira aparafusadas ao solo. A mesa encontrava-se cheia de livros e de correspondência. Aproximou-se das barras onde apoiou a mão para retirá-la logo em seguida.

O Dr. Hannibal Lecter estava deitado na cama, a cabeça apoiada numa almofada que se encontrava encostada à parede. Sobre o peito encontrava-se aberto o Grande Dicionário de Cozinha, de Alexandre Dumas.

Graham encontrava-se junto das barras não havia mais de cinco segundos quando Lecter abriu os olhos e disse:

— Continua com esse horrível after shave que usou no tribunal.

— Recebo-o todos os anos no Natal.

A luz desenhava minúsculos pontos vermelhos nos olhos castanhos do Dr. Lecter. Graham sentiu que os cabelos da nuca se eriçavam.

— Sim, no Natal — disse Lecter. — Recebeu o meu cartão?

— Recebi, muito obrigado.

O cartão de boas-festas do Dr. Lecter fora enviado a Graham pelo laboratório central do FBI em Washington. Queimara-o no jardim, lavando as mãos em seguida, antes de tocar em Molly.

Lecter levantou-se, dirigindo-se para a mesa. Um homem de baixa estatura e muito asseado.

— Então, Will, sente-se. Deve haver cadeiras dobráveis num desses armários. Pelo menos, acho que sim.

— O empregado foi me buscar uma.

Lecter permaneceu de pé enquanto Graham não se sentou.

— A propósito, como está o agente Stewart? — perguntou ele.

— Está bem.

O agente Stewart demitira-se depois de ter visto o subsolo do Dr. Lecter. Atualmente dirigia um motel, mas Graham não fez qualquer referência a esse assunto. Com certeza Stewart não estaria interessado em receber uma carta de Lecter.

— É uma pena que os problemas afetivos o tenham perturbado a tal ponto. Podia ter chegado muito longe. Você, Will, tem algum problema?

— Não.

— Era de esperar.

Graham. sentia que Lecter procurava adivinhar os pensamentos mais íntimos e sentia-se de certo modo como uma mosca apanhada numa armadilha.

— Sinto-me satisfeito que tenha vindo. Quanto tempo já se passou? Três anos? Os meus visitantes são todos pequenos psiquiatras ou doutores em Psicologia que ensinam em universidades de província. Escribas que redigem artigo atrás de artigo para preservar a sua reputação.

— O Dr. Bloorn mostrou-me o seu trabalho sobre habituação cirúrgica, o que foi publicado no Boletim de Psiquiatria Clínica.

— E depois?

— Achei-o muito interessante, mesmo sendo um profano.

— Um profano... um profano... eis um termo bastante interessante — disse Lecter. — Todos esses grandes professores, todos esses técnicos contratados pelo governo... e acha que é profano. No entanto foi o senhor que me prendeu, não foi, Will? Sabe como conseguiu?

— Tenho certeza que leu o relatório. Está tudo lá.

— Não, isso não está, Will, sabe como procedeu?

— Está no relatório. E, aliás, que importância isso tem?

— Para mim, nenhuma, Will.

— Dr. Lecter, gostaria que me ajudasse.

— Era isso que eu pensava.

— Trata-se de Birmingham e Atlanta.

— Sim.

— Está a par dos acontecimentos, tenho certeza.

— Li os jornais. Não pude recortar os artigos porque não me deixam ter tesoura. Sabe, às vezes ameaçam de me tirar os livros. Não queria de modo nenhum que pensassem que me interesso por um assunto tão mórbido. — Começou a rir. Os dentes do Dr. Lecter eram pequenos e brilhantes. — Quer saber como é que ele faz a sua escolha, é isso?

— Lembrei-me de que poderia ter uma opinião a este respeito que quisesse me transmitir.

— E por que é que eu faria uma coisa dessas?

Graham previra esta pergunta. Não podia dizer de modo nenhum que a razão seria para pôr fim a uma série de assassinatos, era coisa que não seria aceita por Lecter, pelo menos no momento.

— Há certas coisas que lhe fazem falta — respondeu Graham. — Material de investigação, filmes. Podia falar com o responsável.

— Chilton? Deve ter estado com ele antes de ter vindo aqui. Não acha que ele é macabro com aquele modo de nos triturar as meninges, como um aluno do colégio que tenta desapertar o seu primeiro soutien? Aposto como tentou a história da visão periférica com você. E aposto também que você percebeu isso. É capaz de não acreditar, mas tentou me submeter ao teste de percepção temática. Permanecia diante de mim, os lábios arreganhados, aguardando que eu tirasse o cartão MF 13. Ah, desculpe, esqueço-me sempre de que não faz parte dos eleitos. Trata-se de um cartão que representa uma mulher deitada e um homem de pé, em primeiro plano. Supostamente deveria evitar qualquer interpretação sexual. Escangalhei-me de rir. Inchado de orgulho, contou a quem quisesse ouvir que eu escapava à prisão graças a minha síndrome de Ganser. Mas estou aborrecendo-o com as minhas histórias.

— Poderia ter acesso aos documentos filmados da AAM.

— Não acredito que conseguisse o que me interessa.

— Ponha-me à prova.

— E, além disso, no momento tenho livros que cheguem.

— Podia ter acesso ao dossiê deste caso. Isso não lhe interessa?

— O que disse?

— Achei que pudesse estar interessado em verificar se é mais hábil do que aquele que estou procurando.

— Da sua afirmação sou levado a concluir que se considera mais hábil do que eu, uma vez que me prendeu.

— Não, sei que não sou mais hábil do que o senhor.

— Nesse caso, Will, como é que fez para me prender?

— Estava em desvantagem.

— Como?

— Estava sob o domínio da paixão. E além disso é um doente mental.

— E você está muito moreno, Will.

Graham não respondeu.

— As suas mãos estão todas estragadas, já não se parecem com as mãos de um policial. A sua loção pós barba é o tipo de presente que seria escolhido por uma criança. É aquela que tem um barco no rótulo, não é? — Dr. Lecter raramente erguia a cabeça. Quando fazia uma pergunta, colocava a cabeça de lado, como se pretendesse que partilhassem a sua própria curiosidade. Houve um novo instante de silêncio, após o que acrescentou: — Não acredite que é capaz de conseguir qualquer coisa fazendo apelo à minha vaidade intelectual.

— Não tenho qualquer intenção de tentar enganá-lo. Ou aceita ou recusa, é tudo. E, além disso, o Dr. Bloorn já está trabalhando no caso, e como é o maior ...

— Tem o dossiê com você?

— Tenho.

— Com fotografias?

— Sim.

— Me dê, para que eu possa estudar.

— Não.

— Will, você sonha muito?

— Adeus, Dr. Lecter.

— Não ameaçou de me tirar os livros.

Graham afastou-se.

— Me dê o dossiê e eu lhe digo o que penso sobre o caso.

Graham introduziu na abertura do tabuleiro a versão abreviada do dossiê. Lecter puxou-o para ele.

— O dossiê começa com um resumo. Pode lê-lo de imediato — disse Graham.

— Gostaria de ler sozinho, se não se importa. Me dê uma hora.

Graham aguardou numa sala triste, sentado num banco de plástico. Os enfermeiros trouxeram-lhe café. Não lhes dirigiu a palavra. Fixou os pequenos objetos que se encontravam na sala, feliz por verificar que não lhe dançavam diante dos olhos. Teve que ir ao banheiro duas vezes. Sentia o espírito enevoado.

O ajudante de carcereiro conduziu-o de novo à zona de alta segurança.

Lecter estava sentado à mesa, o olhar perdido na distância. Graham sabia que ele passara a hora inteira olhando para as fotografias.

— É um rapaz muito tímido, Will. Gostaria de encontrá-lo. Já considerou a possibilidade de que ele se encontre desfigurado ou de que pense que é desfigurado?

— Os espelhos.

— Exato. Repare que ele quebrou todos os espelhos da casa, mas a atitude teve uma segunda intenção. Quando enterra os fragmentos de espelho, não são os ferimentos que lhe interessam. Estão colocados de tal modo que pode se mirar neles. Pode se ver nos olhos da Sra. Jacobi e da... como é que se chama a outra?

— Sra. Leeds.

— É isso.

— É interessante — disse Graham.

— Não, não é «interessante». Você já tinha pensado nisso antes de mim.

— Confesso que considerei essa possibilidade.

— Você só veio aqui para me ver, para reencontrar o velho odor familiar, não é? Devia cheirar-se a si mesmo.

— Preciso da sua opinião.

— Ainda não tenho.

— Quando tiver gostaria muito de conhecê-la.

— Posso ficar com o dossiê?

— Ainda não decidi a esse respeito — disse Graham.

— Por que é que não foi feita nenhuma descrição do jardim? Existe de fato uma vista de frente da casa, a planta das dependências onde os crimes foram cometidos, mas não existe praticamente nada sobre o jardim. Qual é o aspecto do pátio nos dois casos?

— São pátios grandes com vedações e alguns arbustos. Por quê?

— Bom, meu caro Will, se é verdade que este peregrino mantém relações muito especiais com a lua, pode muito bem acontecer que goste de sair até o pátio para contemplá-la, antes de se arrumar, está entendendo? Já viu o sangue à luz do luar, Will? Tem um tom quase negro. Não deixa no entanto de conservar o seu brilho. Quando se está nu é preferível ter tranqüilidade suficiente para conseguir fazer este tipo de coisas ao ar livre. Digamos que é conveniente demonstrar consideração para com os vizinhos.

— Então está convencido de que o jardim poderia ser um fator preponderante de escolha quando ele procura as suas vítimas?

— Oh, pode ter certeza que sim. E a lista ainda não se encontra encerrada. Deixe-me ficar com o dossiê, Will. Vou estudá-lo. Quando tiver mais informações, gostaria que me deixasse a par. Pode telefonar. Às vezes, quando o meu advogado me telefona, me trazem um telefone. Antes ligavam a chamada ao sistema de intercomunicação. Todo mundo podia ouvir o que dizíamos nos alto-falantes. Quer me dar o seu número de telefone particular?

— Não.

— Will, sabe por que conseguiu me prender?

— Adeus, Dr. Lecter. Pode transmitir-me qualquer mensagem para o número de telefone indicado no dossiê. — Graham afastou-se.

— Sabe por que me apanhou?

Graham saíra do campo de visão de Lecter e dirigia-se a grandes passadas para a porta de aço.

— Apanhou-me porque você e eu somos semelhantes.

Foram as últimas palavras que Graham ouviu, quando a porta se fechou atrás dele.

Sentia-se entorpecido e ao mesmo tempo receava deixar este estado de entorpecimento. Caminhava de cabeça baixa e não falava com ninguém. O sangue latejava-lhe nas têmporas com um ruído que recordava um bater de asas. A distância que o separava da rua pareceu-lhe muito curta. Era um único edifício

e só cinco portas entre Lecter e o mundo exterior. Sentia uma impressão absurda de que Lecter saíra com ele. Parou diante da porta do Hospital e olhou à sua volta para se certificar de que de fato se encontrava só.

Instalado numa viatura estacionada do outro lado da rua, a teleobjetiva apoiada na parte de cima do vidro, Freddy Lounds tirou uma fotografia excelente, apanhando Graham de perfil no enquadramento da porta e a inscrição que se encontrava gravada na pedra por cima dela: «Hospital Psiquiátrico Chesapeake para Criminosos Inimputáveis».

Mais tarde o National Tattler reduziu o enquadramento da fotografia de modo a que se visse apenas o rosto de Graham e as duas últimas palavras gravadas na pedra: «Criminosos Inimputáveis».

# CAPÍTULO 8

Depois da partida de Graham o Dr. Hannibal Lecter ficou durante várias horas na penumbra, deitado na cama.

Por momentos interessou-se pelos tecidos: a trama da fronha da almofada contra as mãos que mantinha cruzadas atrás da nuca, o tecido mais fino muito perto do rosto.

Depois foram os odores e deixou vaguear a imaginação.

Alguns eram reais, outros não. Tinham colocado cloro nos sanitários; esperma. Serviam chili na cantina, uniformes enrijecidos pelo suor. Graham não quisera dar-lhe o seu número de telefone particular; o perfume, um pouco ácido, do chá acabado de colher.

Lecter sentou-se na cama. Afinal de contas podia ter se mostrado amável. Os seus pensamentos tinham o odor quente e de cobre de um despertador elétrico.

Pestanejou por várias vezes e em seguida ergueu as pálpebras. Subiu a intensidade da luz e escreveu um recado a Chilton, em que lhe pedia autorização para ligar ao seu advogado.

A lei permitia a Lecter falar a sós com o advogado e ele nunca abusara desta regalia. Chilton nunca o autorizaria a dirigir-se ao telefone; foi portanto o telefone que veio até ele.

Dois guardas trouxeram o aparelho e desenrolaram um longo cordão que se encontrava ligado à tomada do seu gabinete. Um dos guardas trazia as chaves e o outro, um aerosol de gás paralisante.

— Dr. Lecter, vá para o fundo da sua cela. De cara para a parede. Se virar ou se aproximar das barras antes de ter ouvido a porta se fechar, atiro o aerosol na cara. Compreendido?

— Perfeitamente — disse Lecter. — Obrigado por terem trazido o telefone.

Teve que passar a mão através da rede de nylon para digitar o número. O serviço de informações de Chicago deu-lhe os números do Departamento de Psiquiatria, na Universidade de Chicago, e do gabinete do Dr. Alan Bloorn.

Ligou à central do Departamento de Psiquiatria.

— Queria falar com o Dr. Alan Bloorn.

— Acho que ele não vem hoje, mas vou ligar ao seu serviço.

— Só um momento. Devia me lembrar do nome da sua secretária mas confesso que não consigo recordar.

— Linda King. Só um instante por favor.

— Obrigado.

O telefone tocou oito vezes até que alguém atendesse.

— Gabinete de Linda King.

— Bom dia, Linda.

— Linda não trabalha aos sábados.

O Dr. Lecter previra que as coisas se passariam desta maneira.

— Talvez consiga me dar uma informação. Aqui fala Bob Greer, das edições Blaine & Edwards. O Dr. Bloorn me pediu para enviar um exemplar do livro de Overholser, O Psiquiatra à Face da Lei à Will Graham. Linda deveria me indicar o endereço e o seu número de telefone mas ainda não o fez.

— Escute, sou interina, a Linda estará aqui na segun...

— Tenho que apanhar o Federal Express dentro de cinco minutos. Não queria ter que telefonar ao Dr. Bloorn porque foi ele que disse a Linda para enviá-lo e gostaria de evitar que ela arrumasse problemas por tão pouca coisa. Deve ter tomado nota na sua agenda. Se me der essa informação prometo-lhe um buque de flores.

— Ela não tem agenda.

— Bem, então deve estar num arquivo.

— Sim.

— Seja uma boa menina, me dê esta informação e prometo que não a faço perder mais tempo.

— Qual foi o nome que disse?

— Graham, Will Graham.

— Está aqui. O seu número particular é 305 5 7002.

— Tenho que enviar o livro para sua residência.

— Não tenho o endereço particular.

— Então qual é que tem?

— Federal Bureau of Investigation, Décima Rua e Avenida da Pensilvânia, Washington D. C. Espere, tenho aqui também a Caixa Postal 3680, Marathon, Florida.

— Você é um anjo. Obrigado.

— Não tem de quê.

Lecter sentia-se melhor. Talvez desse um telefonema a Graham ou, se ele não se mostrasse amável, pudesse fazer que um armazém de artigos médicos lhe enviasse uma bolsa para colostomia, como recordação dos bons velhos tempos.

# CAPÍTULO 9

A sudoeste dali e a mais de mil e cem quilômetros, na cafeteria da Gateway Filra, em Saint Louis, Francis Dolarhyde esperava pelo seu hamburger. As entradas dispostas no balcão geladeira estavam recobertas de molho coalhado.

Mantinha-se perto da caixa registradora e bebia café num copo de plástico.

Uma jovem ruiva, envergando uma bata de laboratório, entrou na cafeteria e aproximou-se do distribuidor de doces. Por diversas vezes olhou para as costas de Dolarhyde e fez um trejeito com a boca. Finalmente dirigiu-se a ele e disse:

— Sr. Dolarhyde?

Dolarhyde virou-se. Mesmo fora da câmara escura usava os seus óculos de proteção de lentes vermelhas. Ela se esforçou para não tirar os olhos da ponte da armação dos óculos. — Seria possível sentarmos por uns momentos? Preciso falar com o senhor.

— O que é que tem para me dizer, Eileen?

— Que me sinto verdadeiramente desolada. Bob estava um pouco tocado e se fazia de palhaço. Não o fazia por mal. Vamos nos sentar, eu lhe peço. Só um instante. Não quer?

— Mmm, hum — Dolarhyde nunca pronunciava «sim», sentia uma dificuldade enorme com as consoantes sibilantes.

Sentaram-se. A jovem torcia nervosamente um guardanapo de papel.

— Todo mundo estava se divertindo muito naquela noite e sentíamo-nos contentes por termos o senhor conosco — disse ela. — Um pouco surpreendidos, mas na realidade contentes. Sabe como é o Bob, nunca pára de fazer imitações, devia trabalhar na rádio. Imitou dois ou três sotaques, contou várias histórias, bem sabe que ele é mesmo capaz de falar como um negro. Quando ele imitou aquela outra voz, não era para ridicularizá-lo. Estava embriagado demais para saber quem estava lá.

— Todos eles riram muito e depois não riram mais.

— Foi então que Bob compreendeu o que estava fazendo.

— No entanto não deixou de continuar.

— Sim, eu sei. — Conseguiu erguer os olhos do guardanapo para a armação dos óculos sem se distrair. — Tive uma discussão com ele por causa disso. Ele não queria ofendê-lo. Tentava simplesmente fazer as pessoas rirem. Notou certamente como ele ficou corado.

— Convidou-me para... fazer um dueto com ele.

— Agarrou-o pelos ombros, queria que o senhor também risse. Acredite em mim, Sr. Dolarhyde.

— Tudo aquilo me divertiu muito, Eileen.

— Mas agora Bob está muito envergonhado.

— Ouça, não quero que ele fique preocupado por tão pouco. Não tem qualquer razão para isso. Diga-lhe isso da minha parte. Nunca mais falaremos disso no trabalho. Meu Deus, se eu tivesse tanto talento como o Bob faria... faria imitações também. Vamos nos encontrar dentro em breve e é preciso que ele compreenda que não lhe quero mal por causa disso.

— Ainda bem. Sabe, ele gosta de brincar, mas é um rapaz muito sensível.

— Não tenho qualquer dúvida. E igualmente temo.

A voz de Dolarhyde era abafada pela mão. Quando se encontrava sentado apoiava sempre o nó do dedo indicador contra o lábio superior.

— Perdão?

— Acho que tem uma boa influência sobre ele, Eileen.

— Com toda a franqueza também acho que sim. Nunca bebe a não ser aos fins-de-semana. Descontrai-se um pouco e depois a mulher telefona de casa. Faz caretas enquanto eu falo, mas sei que depois do telefonema fica preocupado. Uma mulher sente este tipo de coisas. — Pousou rapidamente os dedos sobre o pulso de Dolarhyde; apesar dos óculos, viu que o seu olhar se modificava. — Não se preocupe, Sr. Dolarhyde. Sinto-me feliz por termos tido esta conversa.

— Eu também, Eileen.

Dolarhyde ficou olhando para ela enquanto se afastava. Tinha uma marca na parte de trás do joelho. Disse então para si mesmo que Eileen não gostava dele. Aliás, não se enganava. Ninguém gostava dele.

A grande câmara escura estava fresca e cheirava a produtos químicos. Francis Dolarhyde trabalhava sob luz vermelha e verificava o revelador que se

encontrava na cuba. Centenas de metros de filmes particulares vindos de todo o país passavam continuamente naquela cuba.

A temperatura e a frescura dos produtos químicos eram de uma importância vital.

Ele era o responsável por isso e por todas as outras operações antes dos filmes passarem no secador. Várias vezes ao dia tirava filmes da cuba e verificava-os, imagem por imagem. Na câmara escura não havia qualquer ruído. Dolarhyde desencorajava qualquer tipo de conversa entre os seus assistentes e se comunicava com eles sobretudo por gestos.

Depois da equipe ter terminado o seu trabalho, ficou só na câmara escura para revelar, secar e montar os seus próprios filmes.

Dolarhyde voltava para casa por volta das dez horas da noite. Vivia só, numa grande casa, uma herança dos avós, que se situava no extremo de um caminho coberto por saibro e que atravessava um enorme pomar a norte de Saint Charles, na outra margem do rio Missouri, bem em frente de Saint Louis. O proprietário do pomar encontrava-se ausente e ninguém cuidava dele. Árvores mortas e galhos quebrados misturavam-se com as árvores que ainda se encontravam verdejantes. Julho estava chegando ao fim e o cheiro das maçãs apodrecendo espalhava-se para lá do pomar. Durante o dia as abelhas tomavam conta do lugar numa azáfama constante. O vizinho mais próximo morava a cerca de um quilômetro.

Logo que entrava, Dolarhyde fazia uma inspeção na casa; a alguns anos fora vítima de uma tentativa de roubo. Acendeu a luz em cada uma das dependências e procurou em todos os cantos. Um visitante não seria capaz de acreditar que ele vivia só: as roupas dos seus avós continuavam penduradas nos armários, as escovas da avó, onde ainda havia alguns cabelos, arrumadas no toucador, a dentadura da avó encontrava-se num copo, na mesinha de cabeceira. A avó morrera a dez anos.

O encarregado das pompas fúnebres dissera-lhe: «Sr. Dolarhyde, pode fazer o favor de trazer a dentadura da sua avó?» e ele respondeu: «Cale a boca e faça o que tem a fazer.»

Tendo verificado que se encontrava só na casa, Dolarhyde subiu ao primeiro andar, tomou uma ducha prolongada e lavou o cabelo.

Vestiu um quimono feito de um tecido sintético imitando seda e em seguida deitou-se na cama estreita do quarto que ocupava desde a infância. O secador de cabelo da sua avó tinha um tubo e uma touca de plástico. Colocou a

touca na cabeça e passou o tempo folheando uma revista de moda. A dureza e a brutalidade de certas fotografias possuíam qualquer coisa de notável.

Começava a se sentir excitado. Girou a lâmpada de leitura para iluminar uma gravura fixada na parede, junto da cama. Era uma reprodução de uma aquarela de William Blake, O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol.

Esta pintura transtornara-o completamente desde o momento em que a tinha visto. Antes, nunca vira nada que se encontrasse tão próximo do seu pensamento gráfico. Tinha a sensação de que Blake espiara por uma de suas orelhas e vira o Dragão Vermelho. Durante semanas, Dolarhyde receara que seus pensamentos pudessem sair pelas orelhas para se materializar na câmara escura e queimar os filmes. Colocara tampões de algodão nas orelhas. Mais tarde, temendo que o algodão fosse inflamável, tentara a lã de aço. Fizera-lhe sangrar as orelhas. Por último, cortara pequenos pedaços de tela de amianto da cobertura de uma tábua de passar ferro e fizera pequenas bolas que obstruíam perfeitamente os seus canais auditivos.

Durante muito tempo a única coisa que vira fora o Dragão Vermelho. Presentemente tinha outra coisa. Sentiu o início de uma ereção.

Por vontade dele as coisas teriam acontecido mais lentamente, mas agora, já não podia esperar.

Dolarhyde correu as pesadas cortinas das janelas da sala de estar do térreo. Montou a tela e o projetor. O seu avô não se importara com as objeções da avó e instalara uma cadeira reclinável na sala de estar (ela colocara um pano bordado no apoio da cabeça). Dolarhyde sentia-se bem. Colocou uma toalha no braço da cadeira.

Apagou a lâmpada. Deitado naquela sala escura, poderia imaginar-se em qualquer lugar. Instalara um pequeno aparelho rotativo no teto que projetava manchas multicoloridas nas paredes, no chão, na sua própria pele. Poderia ter se imaginado no assento de uma nave espacial, uma bola de vidro flutuando entre as estrelas. Quando fechava os olhos, parecia que sentia as manchas luminosas deslizarem sobre o corpo e, quando os reabria, podiam ser as luzes de uma cidade que brilhavam acima dele, abaixo dele. Não havia nem alto nem baixo. À medida que aquecia, o aparelho aumentava de velocidade e os pontos luminosos abatiam-se sobre ele, despejavam as suas torrentes angulares sobre a mobília, escorriam pelas paredes numa chuva de meteoros. Poderia ser um cometa mergulhando na direção da nebulosa de Câncer.

Havia um único lugar que se encontrava ao abrigo da luz.

Colocara diante do aparelho um pedaço de cartão que projetava uma sombra sobre a tela de cinema.

Talvez um dia viesse a fumar erva para aumentar os efeitos; mas hoje não sentia necessidade disso.

Acionou o interruptor para ligar o projetor. Um retângulo branco surgiu na tela, seguido de riscos acinzentados, estrias, até que se viu o pêlo-de-arame erguer as orelhas e dirigir-se para a porta da cozinha, agitando freneticamente a cauda. Um corte e em seguida o pêlo-de-arame mais uma vez, correndo, ao mesmo tempo que tentava pegar a cauda com os dentes.

A Sra. Leeds entra na cozinha com os sacos de supermercado. Começa a rir e leva a mão ao cabelo. As crianças entram por sua vez.

Novo corte seguido de um plano bastante mal iluminado. É o quarto de Dolarhyde no primeiro andar. Está nu diante d'O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol. Usa os «óculos de combate» fixos no rosto por uma tira elástica, semelhantes aos que os jogadores de hóquei no gelo usam. Tem uma ereção que mantém com a mão.

A imagem torna-se nublada quando se aproxima da câmera com movimentos estilizados, a mão estendida para fazer o ponto. O rosto ocupa toda tela. A imagem estremece para em seguida se estabilizar sobre um grande plano da boca; o lábio superior, disforme, está arreganhado, entre os dentes vê-se a ponta da língua. No alto da imagem pode ver um olho arregalado. A boca enche a tela, os lábios se afastam para deixar ver os dentes e por último é a escuridão total quando a boca se fecha sobre a objetiva.

A dificuldade da seqüência seguinte é evidente.

Uma imagem nublada, violentamente iluminada, transforma-se numa cama: Charles Leeds debate-se, a Sra. Leeds ergue-se, protege os olhos com a mão, volta-se para Leeds, coloca as mãos sobre o seu corpo, rola para a borda da cama e fica com as pernas presas nos lençóis, tenta se levantar. A câmara aponta na direção do teto, as molduras varrem a tela e por fim a imagem se estabiliza: a Sra. Leeds está deitada na cama de novo, vendo uma mancha escura que alastra pela roupa. Leeds agarra o pescoço com um olhar tresloucado. Durante alguns segundos a imagem fica negra para logo em seguida se verificar uma mudança brutal.

A câmera está imóvel, instalada num tripé. Já estão todos mortos. Cuidadosamente instalados. Duas crianças sentadas, encostadas à parede, diante

da cama, a terceira de frente para a câmera. O Sr. e a Sra. Leeds encontram-se deitados na cama com os lençóis puxados. O Sr. Leeds está encostado à cabeceira, a cabeça levemente inclinada. O lençol dissimula a corda que lhe amarra o peito.

Dolarhyde aparece na esquerda da imagem, executando movimentos estilizados de dançarino de Bali. Coberto de sangue, nu, com exceção dos óculos, desliza e dá saltos entre os mortos. Aproxima-se da cama, do lado da Sra. Leeds, agarra nos lençóis e puxa-os com um gesto largo, antes de tomar uma pose como se estivesse segurando uma capa de toureiro.

Sentado na sala de estar da casa dos seus avós, Dolarhyde estava coberto de suor. Sua língua espessa saía constantemente, a cicatriz do lábio superior encontrava-se brilhante de saliva e gemia enquanto se excitava.

Mesmo no momento do orgasmo sentia-se triste por verificar que nas seqüências seguintes perdia toda a graça e elegância, onde rastejava como um porco, as nádegas voltadas para a câmera. Já não se tratava de uma questão de pose plástica, de sentido de ritmo, de subida dramática; a única coisa que restava era um frenesi bestial.

Apesar de tudo, era absolutamente fantástico. Ver este filme era fantástico. Embora menos do que os crimes.

Dolarhyde se deu conta de que este filme tinha um defeito grave: não mostrava exatamente a morte dos Leeds e o final do seu número deixava muito a desejar. Era como se tivesse mandado os seus próprios critérios às favas. O Dragão Vermelho não se comportaria dessa maneira.

Não importa. Ainda podia rodar muitos filmes e, com a experiência, esperava poder vir a adquirir uma certa desenvoltura estética, mesmo nos instantes mais íntimos.

Era preciso que se ultrapassasse. Era a obra da sua vida, uma obra magnífica. Permaneceria para sempre.

Precisava portanto de se pôr ao trabalho, escolher os seus próximos parceiros. Já fizera cópias de vários filmes rodados no 4 de Julho, dia da festa nacional. O fim do Verão trazia sempre um acréscimo de trabalho quando chegavam ao laboratório os filmes das férias — as férias de Natal constituíam tradicionalmente o outro período de ponta do ano.

Todos os dias havia famílias que enviavam a sua candidatura ...

# CAPÍTULO 10

O avião de Washington para Birmingham ia meio-vazio. Graham instalou-se à janela. Ao lado dele o lugar estava vago.

Recusou o sanduíche de mau aspecto que a comissária lhe ofereceu e pousou sobre a mesa o dossiê Jacobi. Na primeira página anotara os pontos comuns entre os Jacobi e os Leeds.

Os dois casais aproximavam-se dos quarenta anos e tinham filhos — dois meninos e uma menina. Edward Jacobi tinha um filho de um casamento anterior que se encontrava na universidade no dia em que a família foi massacrada.

Em ambos os casos, os chefes de família possuíam diplomas universitários, e as famílias habitavam casas de dois andares numa zona agradável dos arredores. A Sra. Jacobi e a Sra. Leeds eram mulheres muito atraentes. As famílias tinham cartões de crédito das mesmas instituições e eram assinantes de um certo número de revistas populares.

Quanto a semelhanças era tudo o que havia. Charles Leeds era consultor fiscal. Edward Jacobi engenheiro metalúrgico. A família de Atlanta era presbiteriana; os Jacobi eram católicos. Os Leeds sempre haviam residido em Atlanta; os Jacobi haviam deixado Detroit três meses antes para virem morar em Birmingham.

A palavra «acaso» produzia na mente de Graham um ruído semelhante ao de uma torneira que pinga. «Vítimas escolhidas ao acaso», «sem motivo aparente», eram estas as expressões que os jornais utilizavam e que os inspetores lançavam aos quatro ventos para tentar dissimular a sua cólera e a sua frustração.

«Acaso» não era o termo que convinha. Graham sabia que os autores de assassinatos coletivos não escolhiam as suas vítimas ao acaso.

O homem que matara os Leeds e os Jacobi encontrara neles alguma coisa que o atraíra e que o levara a agir daquela maneira. Talvez os conhecesse muito bem — era o que Graham esperava —, mas também era possível que nunca os tivesse visto. Fosse como fosse, Graham tinha certeza de que o assassino os vira pelo menos uma vez antes de matá-los. Escolhera-os porque havia neles alguma coisa que o despertara, e as mulheres encontravam-se no cerne do enigma. No entanto, os crimes apresentavam certas diferenças.

Edward Jacobi fora abatido quando descia a escada de lanterna na mão,

provavelmente acordado por um ruído suspeito. A Sra. Jacobi e os filhos haviam sido abatidos com uma bala na cabeça, a Sra. Leeds recebera uma bala no abdômen. Tanto num caso como no outro, a arma era uma pistola automática de nove milímetros. Nos ferimentos foram encontrados vestígios de lã de aço provenientes de um silenciador de fabricação artesanal. Os invólucros não apresentavam impressões digitais.

A faca só servira para Charles Leeds. O Dr. Princi estava convencido de que se tratava de uma lâmina muito fina e muito pontiaguda, provavelmente uma faca de entalhar.

O modo como se introduziu nas casas também fora diferente: nos Jacobi forçara a porta do pátio, nos Leeds fora utilizado um diamante.

As fotografias dos crimes de Birmingham não mostravam a quantidade de sangue encontrada na casa dos Leeds, mas as paredes estavam manchadas numa zona compreendida entre os quarenta e os sessenta centímetros acima do assoalho. Tanto num caso como no outro, o assassino tivera público. A polícia de Birmingham procurara impressões nos cadáveres, inclusive nas unhas, e não encontrara nada. Um enterro ou um mês de Verão em Birmingham era o suficiente para destruir uma impressão como aquela que fora encontrada no filho dos Leeds.

E em ambos os casos eram os mesmos cabelos louros, a mesma saliva, o mesmo esperma.

Graham apoiou as fotografias das famílias contra as costas do assento da frente e ficou olhando longamente para elas no silêncio pesado do avião.

O que teria atraído mais a atenção do assassino na casa deles? Graham fazia de tudo para se convencer que existia um ponto comum e que não tardaria a descobri-lo.

Senão teria que visitar mais casas e ver o que o Dentuço teria deixado ali em sua intenção.

Graham havia recebido instruções dos escritórios de Birmingham e telefonou à polícia logo que chegou ao aeroporto. O ar condicionado da sua viatura projetava gotículas de água nos braços e nas mãos.

Parou em primeiro lugar junto à agência imobiliária Geelian, na Avenida Deimison.

Geelian, grande e calvo, atravessou o carpete turquesa para vir cumprimentar Graham. O sorriso desvaneceu-se logo que Graham lhe mostrou a sua placa de identidade e lhe pediu a chave da casa dos Jacobi.

— Hoje vamos ter policiais de uniforme? — perguntou ele, colocando a mão na cabeça.

— Acho que não.

— Espero mesmo que não, pois vou mostrá-la esta tarde a dois clientes. É uma bela casa. Todo mundo que a vê fica encantado com ela. Na última quinta-feira tive um casal vindo de Duluth, aposentados sem qualquer tipo de problema. Já estávamos na altura em que se falava de hipotecas quando chegaram os policiais na sua viatura. O casal fez algumas perguntas e no tocante às respostas, tiveram mais do que aquilo que esperavam. Esses valentes policiais levaram o casal para dar a volta completa, explicando-lhes quem fora assassinado em cada um dos locais. Depois disso tudo, adeusinho Geelian e desculpe por termos incomodado. Quis lhes dizer que já não havia problemas, mas não quiseram me ouvir. E partiram suavemente no seu Cadillac Sedan de Ville.

— Houve algum homem sozinho que tenha pedido para visitar a casa?

— Não sei, de qualquer modo, comigo não. Somos vários cuidando deste caso. Mas acho que não. A polícia não quis nos deixar pintar a casa mais cedo. Acabamos o interior na terça-feira passada. Foram necessárias duas demãos e em alguns lugares, até três. Ainda estamos trabalhando no exterior. Vai ficar um brinco.

— Como é que a pode vender antes da homologação da sucessão?

— Não se pode assinar, mas isso não impede que possa preparar tudo. As pessoas poderiam se mudar depois de terem assinado um protocolo de acordo. Não posso permitir-me ficar com os braços cruzados. É um dos meus colegas que está em poder da documentação e os juros não param de subir.

— Quem é o executor testamentário do Sr. Jacobi?

— Byron Metcalf, da firma Metcalf e Barnes. Quanto tempo pensa ficar por aqui?

— Ainda não sei. O mais provável é até ter acabado.

— Pode deixar a chave na caixa do correio.

Ao se dirigir à casa dos Jacobi, Graham teve a desagradável impressão de seguir uma pista já fria. A casa erguia-se na extremidade da vila, num quarteirão que havia sido reconstruído. Precisou parar à beira da estrada nacional para consultar o mapa antes de entrar por uma estrada secundária asfaltada.

Já se passara mais de um mês desde o assassinato. E ele, o que estava fazendo nessa altura? Montava um par de motores diesel num casco Rybovich de

dezenove metros e cinquenta, fazia sinal a Ariaga para descer a grua de mais um centímetro suplementar. Molly juntara-se a eles ao fim da tarde e tinham-se instalado sob um toldo, na cabine do barco em construção, para saborear camarões enormes que Molly trouxera e beber Dos Equis, enquanto Ariaga lhes explicava como é que se limpavam as lagostas, desenhando a cauda na serragem que se encontrava no chão. Os raios de sol, que se refletiam nas águas, brincavam no ventre das gaivotas.

O ar condicionado salpicou de água a camisa de Graham e ele despertou tomando consciência de que se encontrava em Birmingham. Já não havia camarões nem gaivotas, apenas a estrada, tendo à sua direita pequenos bosques e prados, cabras e cavalos, e à esquerda, Stonebridge, quarteirão residencial já antigo, constituído por algumas casas elegantes e outras tantas de aspecto nitidamente abastado.

Viu o painel da agência a uma centena de metros. A casa dos Jacobi era a única do lado direito da estrada. A seiva das árvores que a bordejavam tornava o saibro pegajoso, vindo bater com estrépito no interior dos pára-choques. Um carpinteiro estava empoleirado numa escada consertando uma janela. Fez um sinal com a mão na direção de Graham, quando este deu a volta na casa.

Um pátio coberto de lajes era abrigado pela sombra de um carvalho imponente. De noite, a árvore devia ocultar a luz do projetor colocado à entrada. Era por ali que o Dentuço entrara, por aquelas portas de vidro de correr. As portas tinham sido substituídas, os caixilhos de alumínio brilhavam e ainda se via a etiqueta do fabricante. Diante das portas de correr fora instalada uma porta de segurança gradeada, em ferro forjado. A porta da cave também era nova — em aço e cheia de fechos de segurança. No pátio exterior viam-se os componentes de uma caldeira.

Graham entrou. Um assoalho nu, um cheiro de sala fechada. Os seus passos ecoaram na casa vazia.

Os novos espelhos do banheiro nunca chegaram a refletir o rosto dos Jacobi, nem o do assassino. Em cada espelho via-se uma pequena mancha branca, indicando o lugar onde estava a etiqueta de preço. Uma tela dobrada fora colocada a um canto do quarto de casal. Graham sentou-se e ficou muito tempo naquela posição, olhando para o sol que entrava pelas janelas.

Não havia nada ali. Mais nada.

Seria possível que, se ele tivesse vindo logo após o assassinato dos Jacobi, os Leeds ainda estivessem vivos? perguntava ele a si mesmo. Graham testava

assim o pesado fardo desta dúvida.

E continuava sentindo esse peso nos ombros quando saiu para olhar o céu.

De costas curvadas e mãos nos bolsos, Graham colocou-se à sombra de uma árvore para observar a estrada que passava diante da casa dos Jacobi.

Como é que o assassino chegara à casa dos Jacobi? De carro. Onde é que estacionara? O caminho em saibro era ruidoso demais para uma visita noturna, mas a polícia de Birmingham não estava de acordo com Graham a este respeito.

Percorreu a área até a estrada. Havia valetas cavadas de um lado e do outro do asfalto. Com o terreno bem seco devia ser possível transpor a valeta e dissimular um veículo nos arbustos do lado da estrada onde viviam os Jacobi.

Em frente da casa havia a única estrada que conduzia a Stonebridge. Um painel indicava que Stonebridge dispunha de sua própria patrulha de serviço. Um veículo estranho teria sido imediatamente referenciado, e do mesmo modo qualquer homem que chegasse a pé durante a noite. Não havia, portanto, hipóteses de ter estacionado em Stonebridge.

Graham entrou de novo na casa e surpreendentemente verificou que o telefone não estava cortado. Ligou para o serviço de meteorologia local e soube que haviam caído cerca de oito centímetros de chuva no dia anterior ao da morte dos Jacobi. Por conseguinte, as valetas deviam estar cheias e o assassino não conseguira estacionar ao lado da estrada asfaltada.

Na zona adjacente ao pátio, um cavalo acompanhou Graham ao longo da vedação caiada que seguia na direção dos fundos da propriedade. Deu um torrão de açúcar ao cavalo, deixando-o em seguida, quando a vedação fez um ângulo para seguir ao longo das dependências.

Parou quando viu o buraco cavado na terra, no local onde os filhos dos Jacobi haviam enterrado o gato. No posto de polícia de Atlanta, quando se encontrara com Springfield, ficara com a idéia de que as dependências estavam pintadas de branco. Na realidade estavam pintadas de verde-escuro.

As crianças tinham embrulhado o gato numa toalha e colocaram-no depois numa caixa de sapatos, com uma flor nas patas.

Graham encostou-se à vedação.

O enterro de um animal, um ritual solene de infância. Os pais voltaram para casa para não serem obrigados a rezar. As crianças que olham umas para as outras e que descobrem em si uma coragem insuspeitada. A menina inclina a cabeça, os outros a imitam — a enxada é maior do que eles. Depois de terem

discutido brevemente para saber se o gato se encontra no céu com Deus e Jesus, as crianças param de chorar por um momento.

De pé, o sol a dardejar-lhe a nuca, Graham tem pelo menos uma certeza: tão certo como o Dentuço ter morto o gato era o fato de que também os vira enterrá-lo. Era um espetáculo que não podia permitir-se perder.

E, além disso, não fizera duas viagens: uma para matar o gato e outra para massacrar os Jacobi. Viera, matara o gato e esperara que as crianças o descobrissem.

Era impossível saber exatamente onde as crianças haviam encontrado o gato. Os policiais não conseguiram encontrar ninguém que tivesse falado com os Jacobi durante a tarde, cerca de dez horas antes do momento da sua morte.

Como é que o assassino viera e onde se escondera para esperar?

Entre a vedação e as primeiras árvores havia uma zona de arbustos de cerca de trinta metros, tendo aproximadamente a altura de um homem. Graham tirou do bolso das calças um velho mapa, que estendeu em cima da cerca. Indicava um bosque que se prolongava por cerca de quatrocentos metros na parte de trás da casa dos Jacobi. Por trás das árvores, na orla sul, uma estrada secundária seguia paralelamente à que passava diante da casa.

Graham entrou no carro, voltando à estrada nacional e tomando nota dos números que o contador marcava. Em seguida, dirigiu-se para sul ao longo da nacional até voltar na estrada secundária indicada no mapa. Rodou lentamente até que o contador lhe indicou que se encontrava na parte de trás da casa dos Jacobi, do outro lado do pequeno bosque.

O revestimento da estrada interrompia-se bruscamente à entrada de um conjunto de habitações de aspecto modesto, tão recente que nem sequer se encontrava marcado no mapa. Entrou no parque de estacionamento. A maior parte dos veículos era muito velha, assentadas em suspensões extremamente fatigadas. Dois veículos estavam assentados em cepos.

Crianças negras jogavam basquete na terra batida, em volta de um único cesto sem rede. Graham sentou-se no pára-choques para observá-los por uns momentos.

Queria tirar o casaco, mas sabia que o .44 Special e a pequena máquina fotográfica presa no cinto iam chamar a atenção. Sentia-se sempre incomodado quando as pessoas olhavam para a sua pistola.

Havia oito jogadores na equipe que usavam camisetas. Em número de onze, os jogadores da outra equipe estavam de tronco nu. A arbitragem fazia-se

por aclamação.

Um dos jogadores sem camiseta fora empurrado; deixou o jogo por instantes, voltando logo a seguir para se meter na confusão, depois de ter comido um biscoito.

Os gritos e os ruídos abafados da bola puseram Graham de bom humor.

Um cesto, uma bola de basquete. Mais uma vez se sentiu espantado pelo número de apetrechos que os Leeds possuíam. O mesmo acontecia com os Jacobi, segundo o relatório da polícia de Birmingham. Canoas e equipamentos de esporte, material de campismo, máquinas fotográficas, espingardas de caça, varas de pesca. Esta abundância era um outro ponto comum a ambas as famílias.

Tendo imaginado os Leeds e os Jacobi em vida, pensou automaticamente naquilo em que eles tinham se tornado presentemente, e deixou de conseguir continuar a ver o jogo de basquete. Inspirou profundamente e dirigiu-se para a orla sombria do bosque, do outro lado da estrada.

Bastante espessos na orla, os arbustos rareavam à medida que Graham avançava no sentido da mata de pinheiros, e não teve qualquer dificuldade em caminhar sobre o leito de caruma. Não havia o menor sinal de brisa. O ar estava morno e, nas árvores, os pássaros anunciavam o seu regresso.

O terreno descia em declive suave para o leito de um ribeiro seco, perto do qual cresciam alguns ciprestes. Pegadas de ratos-trocadores e de musaranhos estavam marcadas na argila vermelha. Havia igualmente pegadas de pés humanos, algumas delas de crianças. Os contornos estavam delineados para as chuvas sucessivas.

Do outro lado do riacho seco, o terreno elevava-se novamente: o aspecto era diferente, um terreno arenoso onde cresciam fetos. Graham continuou a sua ascensão até avistar a luz por entre as árvores na orla da floresta.

Por entre os troncos conseguia ver o andar superior da casa dos Jacobi.

De novo os arbustos, quase da sua altura, entre o bosque e a vedação da propriedade dos Jacobi. Graham abriu caminho por entre os arbustos e parou junto da vedação para olhar para o pátio.

O Dentuço devia ter estacionado no parque do conjunto habitacional e atravessado o bosque, para então se deter junto aos arbustos da parte de trás da casa, atrair o gato e estrangulá-lo, antes de rastejar até à vedação com o pequeno corpo inanimado na mão. Graham imaginou a cena: o gato atirado pelo ar, caindo pesadamente no pátio, em vez de se voltar e cair sobre as patas, se estivesse vivo.

O Dentuço fizera isso durante o dia, as crianças nunca teriam conseguido encontrar o gato à noite.

E esperara para observá-los.

Teria passado o dia todo no meio dos arbustos? Perto da vedação seria fácil avistá-lo. E para ver o pátio da zona dos arbustos seria necessário que se mantivesse de pé, ao sol, de frente para as janelas da casa. Só lhe restava portanto a solução de voltar ao bosque. Graham fez o mesmo.

Os polícias de Birmingham estavam muito longe de ser estúpidos. Haviam afastado os arbustos e investigado cuidadosamente toda a zona, mas isso fora antes do gato ter sido encontrado. Procuravam indícios, rastros, objetos abandonados, tudo, menos um posto de observação.

Will penetrou alguns metros na floresta e inspecionou o terreno. Começou por subir à elevação de onde conseguia ter uma vista parcial do pátio e em seguida prosseguiu ao longo da linha das árvores.

Procurava há mais de uma hora quando um ponto luminoso ao nível do solo lhe chamou a atenção. Tratava-se do anel metálico de uma lata de suco de fruta meio-enterrada sob as folhas, ao pé de um dos raros olmos que cresciam no meio dos pinheiros.

Encontrava-se a cerca de três metros quando o avistou, mas não se aproximou imediatamente, preferindo inspecionar o terreno durante vários minutos. Agachou-se e afastou as folhas diante dele, caminhando lentamente sobre a planta dos pés para não destruir eventuais indícios. Sem se apressar, limpou a base do tronco das folhas que se amontoavam ali. Não se avistava nenhuma pegada sob a camada de folhas do Outono passado.

Descobriu perto do anel metálico o resto de uma maçã roída pelas formigas. As aves tinham comido as sementes. Estudou o terreno durante mais dez minutos. Por último, sentou-se no solo, esticou as pernas e encostou-se à árvore.

Uma nuvem de mosquitos deslocava-se numa coluna de luz.

Uma lagarta rastejava pela face inferior de uma folha.

Por cima dele, num grande ramo, havia vestígios de lama avermelhada deixados por um calçado.

Graham pendurou o casaco num ramo e começou a trepar pelo outro lado do tronco, dando uma olhada nos ramos com vestígios de lama de vez em quando. Quando se encontrava a uma dezena de metros do solo, inclinou-se de

lado e avistou a casa dos Jacobi a cerca de cento e setenta metros de distância. Vista daquele ângulo parecia ligeiramente diferente e a cor do telhado era predominante. Conseguia ver o pátio, bem como o terreno situado do outro lado dos anexos. Com um bom binóculo seria possível distinguir o menor detalhe do rosto dos ocupantes da casa.

Viaturas passavam ao longe. Um cão ladrou. Uma cigarra começou a cantar e cobriu rapidamente todos os outros ruídos.

Por cima dele um ramo de diâmetro considerável formava um ângulo reto com a casa dos Jacobi. Trepou ao longo do tronco e inclinou-se para ver melhor o ramo.

Muito perto do rosto, uma lata de suco de fruta encontrava-se entalada entre o ramo e a casca.

— Formidável — disse ele em voz baixa. — Sobretudo não se mexa daqui...

Qualquer criança poderia ter deixado a lata ali.

Continuou a sua ascensão, embora os ramos fossem cada vez mais finos, e voltou a olhar para o ramo grosso, agora debaixo de si.

Fora arrancado um fragmento da casca: numa superfície do tamanho de uma carta de baralho via-se o tegumento da árvore, mais verde. O retângulo verde estava gravado até à madeira branca. Graham descobriu um seguinte desenho.

Fora cuidadosamente executado com o auxílio de uma faca pontiaguda, que nada tinha a ver com o trabalho de uma criança.

Graham fotografou a marca depois de se certificar de que regulara convenientemente a exposição.

Daquele ramo tinha-se uma vista excelente, ainda melhor depois que um pequeno ramo pendente do ramo superior fora cortado para permitir uma abertura. As fibras estavam esmagadas e a extremidade levemente achatada.

Graham procurou o raminho. Se estivesse caído no solo já o teria encontrado. Não, estava lá, com as suas folhas amareladas, entalado na folhagem mais verde do ramo inferior.

O laboratório teria necessidade dos dois lados da incisão para medir a inclinação dos bordos cortantes. Isto queria dizer que era preciso voltar com uma serra. Tirou várias fotografias do toco sem deixar de resmungar.

Sei que trepou aqui e que esperou depois de ter matado e atirado o gato no

pátio. Estou convencido de que vigiou as crianças e que não passou o tempo talhando um ramo e sonhando. Quando a noite caiu, viu-os passar diante das janelas iluminadas, viu os estores que desciam e as luzes que se apagavam uma após outra. Desceu em seguida e foi ao encontro deles. Foi assim, não foi? Não deve ter sido muito difícil ter descido deste grande ramo tendo uma lanterna e o luar.

Para Graham não foi assim tão fácil.

Enfiou um raminho na abertura da lata de suco de fruta e ergueu-a lentamente para libertá-la antes de descer ao longo do tronco, com o raminho preso nos dentes quando precisava das duas mãos.

Voltou ao parque e notou que haviam escrito sobre a poeira que cobria a viatura: «Levon é uma anedota.» A altura da inscrição mostrava que os residentes mais jovens do conjunto habitacional já eram ases da alfabetização.

Perguntou a si mesmo se teriam escrito no carro do Dentuço também.

Graham passou alguns momentos observando as janelas dos imóveis. Devia haver cerca de uma centena.

Alguém podia se lembrar de ter visto um branco no parque a altas horas da noite, mesmo já tendo passado mais de um mês. Para interrogar cada um dos moradores sem perder muito tempo seria preciso pedir a ajuda da polícia de Birmingham.

Resistiu à tentação de enviar a lata diretamente para Jinuny Price. Precisava dos policiais de Birmingham, portanto era melhor confiar-lhes a descoberta. Limpar a lata não seria muito complicado, mas já seria completamente diferente quando se tratasse de encontrar impressões provocadas por um suor ácido. Talvez Price pudesse tomar conta disso depois da polícia de Birmingham ter limpado a lata; o principal era não tocá-la com as mãos nuas. Sim, era melhor confiar o trabalho à polícia. Sabia que o FBI se agarraria freneticamente ao ramo gravado e que todo mundo teria uma fotografia.

Da casa dos Jacobi ligou para a Criminal de Birmingham.

Os inspetores chegaram exatamente ao mesmo tempo de Geelian, o agente imobiliário, que acompanhava eventuais compradores.

# CAPÍTULO 11

Quando Dolarhyde entrou na cafeteria, Eileen estava lendo um artigo do National Tattler intitulado «O pão envenenado!». Comera só o recheio do seu sanduíche de salada de atum.

Por trás dos seus óculos de lentes vermelhas, os olhos de Dolarhyde percorreram rapidamente a primeira página do Tattler. Entre os grandes títulos encontrava-se, além de «O pão envenenado!», «Elvis no seu ninho de amor: fotografias exclusivas!», «Medicamento miraculoso para as vítimas de câncer» e, sobretudo, ocupando toda a página, «Pedido de ajuda a Hannibal, o Canibal: o monstro colabora com a polícia no caso dos assassinatos do Dentuço».

De pé diante da janela, rodava lentamente o seu copo de café, esperando que Eileen se levantasse. Ela colocou o seu tabuleiro no carrinho e preparava-se para jogar o Tattler fora quando Dolarhyde tocou seu ombro.

— Eileen, posso ficar com o jornal?

— Com certeza. Só o comprei por causa do horóscopo.

Dolarhyde leu-o no seu gabinete, depois de ter fechado à chave.

Freddy Lounds publicara dois artigos na página central dupla. O artigo principal era uma reconstituição impiedosa do massacre das famílias Leeds e Jacobi. A polícia não divulgara os detalhes dos casos e Lounds recorrera a sua imaginação para rechear o seu artigo de notas macabras.

Dolarhyde achou-os essencialmente banais. O artigo de fundo era mais interessante.

UM LOUCO CRIMINOSO CONSULTADO PELA POLÍCIA A QUEM TENTARA ASSASSINAR

por Freddy Lounds

Chesapeake, Maryland. — Os inteligentes «cães de caça federais» patinam no caso do Dentuço — o assassino psicopata que massacrou famílias completas em Birmingham e Atlanta — e foram pedir ajuda do assassino mais bestial que atualmente se encontra em cativeiro. O Dr. Hannibal Lecter, cujas práticas inomináveis lhes foram relatadas há três anos nestas mesmas colunas, foi consultado esta semana na sua cela de alta segurança pelo investigador em

destaque Will Graham.

Graham esteve a ponto de perecer sob os golpes de Lecter na altura em que conseguiu desmascarar este último autor de uma série de assassinatos aterradores.

Foi retirado de sua aposentadoria precoce para relançar a caça ao Dentuço.

O que se terá passado no decorrer deste espantoso encontro entre dois inimigos mortais? O que Graham procurava, afinal de contas?

«Quem se parece, se atrai», confiou-nos um elemento importante da administração federal. Fazia referência a Lecter, mais conhecido sob o nome de Hannibal, o Canibal, que era ao mesmo tempo psiquiatra e responsável por assassinatos coletivos.

Os responsáveis recusaram-se a dizer por que colocaram na primeira linha de uma caça tão importante um indivíduo que sofre de instabilidade mental.

* Tattler soube que Graham, antigo professor de Medicina Legal na Academia do FBI em Quântico (Virgínia), esteve em tempos internado durante quatro semanas numa instituição para doentes mentais...

A natureza exata do problema psicológico de Graham não nos foi revelada, mas um antigo enfermeiro em psiquiatria classificou-a como «depressão profunda».

Garmon Evans, antigo auxiliar do Hospital Naval de Bethesda, explicou-nos que Graham fora admitido na seção criminal psiquiátrica pouco depois de ter morto Garrett Jacob Hobbs, o Monstro de Minnesotta. Graham abatera Hobbs em 1975, pondo assim termo ao reino daquele que durante oito meses mergulhara Minneapolis num ambiente de terror.

Ainda segundo Evans, durante a primeira semana de internamento, Graham ficara prostrado, recusando qualquer alimento.

Graham nunca foi agente do FBI. Os observadores mais atentos explicam esta particularidade pelo fato de que o Bureau impõe critérios de admissão muito severos para evitar qualquer forma de instabilidade psíquica.

As fontes federais indicam apenas que Graham começou trabalhando no laboratório central e que lhe confiaram um posto de ensino na Academia do FBI, após ele ter dado provas de capacidades excepcionais, tanto no laboratório como no terreno, onde desempenhara um lugar de «investigador especial».

Tattler soube igualmente que, antes de ser admitido na administração

federal, Graham trabalhara na Criminal em New Orleans, posto que ele deixou apenas para seguir cursos especiais de Medicina Legal na Universidade George Washington.

Um dos oficiais de polícia de New Orleans que trabalhou com Graham fez-nos o seguinte comentário: «Pode se dizer que está aposentado, mas os federais sabem onde podem encontrá-lo. É um pouco como se tivesse um mangusto no subsolo. Não se vê, mas sabemos que está lá para apanhar as serpentes.»

O Dr. Lecter está internado para o resto dos seus dias. Se chegar a ser considerado são de espírito, será julgado por ter cometido nove assassinatos com premeditação.

O advogado de Lecter informou-nos que o seu cliente passa o tempo redigindo artigos muito interessantes para as revistas científicas e que mantém um «diálogo permanente» por escrito com alguns dos maiores especialistas de psiquiatria.

Dolarhyde interrompeu a leitura para olhar para as fotografias. Havia duas por cima do artigo. A primeira mostrava Lecter espalmado contra uma viatura da polícia; a segunda era a que Freddy Lounds tirara de Will Graham diante do Hospital de Chesapeake. Cada um dos artigos de Lounds era ilustrado com um pequeno retrato do jornalista.

Dolarhyde olhou longamente para as fotografias. Acariciou-as durante muito tempo com a ponta do indicador e sentiu prazer naquele contato um pouco áspero. A tinta deixou uma mancha na ponta do dedo. Umedeceu-o com a língua e enxugou-o num lenço de papel. A seguir cortou o artigo e guardou-o no bolso.

No caminho de volta para casa, Dolarhyde comprou papel higiênico idêntico ao usado em camping e nos barcos, bem como um inalador.

Sentia-se em forma, apesar da sua asma dos fenos. Como a maior parte das pessoas que sofreram uma rinoplastia extensiva, Dolarhyde não tinha pêlos no nariz e a asma dos fenos atacava-o continuamente. Acontecia-lhe o mesmo no que dizia respeito às infecções das vias respiratórias superiores.

Quando um caminhão avariado bloqueou a circulação na ponte que atravessava o Missouri na direção de Saint Charles durante dez minutos, esperou pacientemente. A sua caminhonete negra, com o interior forrado de carpete, era um lugar agradável. A aparelhagem estereofônica difundia a Música Aquática, de Haendel.

Os dedos tamborilavam no volante ao som da música e por vezes dava

pancadinhas no nariz.

Num conversível parado na fila vizinha estavam duas mulheres de shorts e blusas amarradas com um nó sobre o estômago. Dolarhyde tinha uma vista superior sobre o conversível.

Pareciam cansadas de pestanejar por causa do brilho do sol que se punha no horizonte. A passageira tinha a cabeça deitada para trás e os pés apoiados no painel de bordo.

Esta posição provocava-lhe duas pregas no estômago.

Dolarhyde reparou num sinal no interior da coxa. Ela surpreendeu-o olhando e sentou-se normalmente antes de cruzar as pernas. O rosto refletia um certo desagrado.

Disse qualquer coisa à motorista e ambas olharam para frente. Sabia que falavam dele, mas sentia-se tão feliz que nem sequer se importou. Aliás, cada vez acontecia menos de ficar encolerizado. Sabia que ia forjando uma dignidade impecável sob todos os aspectos.

A música era das mais agradáveis.

Os carros que o precediam conseguiram arrancar. A fila vizinha continuava paralisada. Tamborilou no volante ao som do ritmo e baixou o vidro com a outra mão.

Tossiu lançando em seguida um escarro esverdeado na direção da passageira, atingindo-a ao lado do umbigo. Arrancou e as imprecações da mulher foram rapidamente cobertas por Haendel.

O enorme arquivo de Dolarhyde tinha pelo menos um século. Forrado em couro negro e com cantos de cobre, era tão pesado que foi preciso uma mesa de datilógrafa para suportá-lo dentro do armário fechado à chave no alto das escadas, onde se encontrava arrumado. Dolarhyde soube que seria dele desde o primeiro momento em que o viu num leilão organizado por causa da falência de uma velha tipografia de Saint Louis.

Tomara banho e voltara a vestir o quimono; agora podia abrir a porta do armário e tirar a mesa de rodas. Logo que o livro se encontrou no seu lugar, sob a reprodução d’O Grande Dragão Vermelho, instalou-se numa cadeira e abriu-o. O cheiro do papel mofado subiu-lhe às narinas.

Na primeira página viam-se em toda a largura, em grandes letras iluminadas por ele, as palavras do Apocalipse: «E depois um outro prodígio

apareceu no céu — era um grande dragão vermelho [...]»

A primeira peça deste dossiê era igualmente a única que não se encontrava impecavelmente apresentada. Entre as páginas encontrava-se uma fotografia amarelada, representando uma criança de pouca idade ao lado de sua avó, nos degraus da grande moradia. Agarrava-se à saia da avó. Esta mantinha-se rígida, de braços cruzados.

Dolarhyde apressou-se a virar a página, como se a fotografia tivesse sido esquecida por engano naquele lugar.

Havia vários recortes de jornais: os mais antigos diziam respeito ao desaparecimento de mulheres de idade madura em Saint Louis e Toledo. As páginas encontravam-se preenchidas com a escrita de Dolarhyde, em tinta preta, e que não era muito diferente da própria escritura de William Blake.

Colados na margem, fragmentos de couro cabeludo pareciam-se com cometas alinhados no livro de apontamentos do Criador.

Havia os recortes dos jornais referentes aos Jacobi, bem como as bobinas de filme e os dispositivos, metidos em pequenas bolsas coladas nas páginas.

Os artigos relativos à família Leeds também estavam acompanhados de um filme.

A expressão «Dentuço» só aparecera nos jornais depois de Atlanta. Este nome fora riscado de todos os comentários feitos sobre os Leeds.

E neste momento, Dolarhyde agia da mesma maneira com o artigo do Tattler, riscando cada menção de «Dentuço» com grandes traços enraivecidos de marcador vermelho.

A página seguinte estava virgem e cortou cuidadosamente o artigo do Tattler para colocá-lo na página. Devia conservar a fotografia de Graham? As palavras «Criminosos inimputáveis» gravadas na pedra por cima de Graham irritavam Dolarhyde. Tinha horror a tudo que simbolizava uma doença qualquer. O rosto de Graham estava fechado, indecifrável. Colocou-o de lado para mais tarde.

Mas Lecter... Lecter. A fotografia do doutor não estava muito boa. Dolarhyde possuía uma melhor que tirou de uma caixa arrumada no armário. Fora publicada na altura da detenção de Lecter e os seus olhos estranhos distinguiam-se perfeitamente. Apesar de tudo, também não o satisfazia plenamente. Na mente de Dolarhyde, Lecter só podia se parecer com um daqueles inquietantes retratos dos príncipes da Renascença. Porque Lecter era possivelmente o único homem no mundo que possuia a sensibilidade e a

experiência suscetíveis de lhe permitirem compreender plenamente a glória e a majestade do destino de Dolarhyde.

Dolarhyde sentia que Lecter conhecia a irrealidade dos que morrem para ajudar a cumprir um determinado destino, atendendo a que não são seres de carne, mas de ar e de luz, de cores e de sons muito breves, que se desvanecessem no mesmo instante da sua transmutação. Como balões de ar coloridos que arrebentam. E em que a mudança lhes confere uma importância muito superior às vidas miseráveis a que se agarram.

Dolarhyde reunia os seus gritos como um escultor reúne a poeira que se liberta da pedra trabalhada.

Lecter era capaz de compreender que o sangue e o alento não passavam de elementos cuja transformação era necessária para o seu brilho. Do mesmo modo como a combustão é a fonte da luz.

Gostaria de se encontrar com Lecter, discutir e trocar idéias, alegrar-se com ele pela sua visão comum, ser reconhecido por ele do mesmo modo como João, conhecido pelo Batista, reconheceu Aquele que viria depois dele, apoiar-se nele como o Dragão sobre 666 nas aquarelas de William Blake consagradas ao Apocalipse, filmar finalmente a sua morte quando, no instante da morte, ele se fundiria com a força do Dragão.

Dolarhyde calçou um par de luvas de borracha novas e dirigiu-se para o seu gabinete. Desenrolou e rasgou a camada exterior do papel higiênico que comprara e em seguida destacou uma tira de sete folhas.

Com a mão esquerda, e cuidadosamente, escreveu uma carta a Lecter.

A fala nunca dá uma informação completa sobre as capacidades de escrita de um indivíduo; a de Dolarhyde era entrecortada, pontuada de dificuldades tanto reais como imaginárias, e o contraste com a sua escrita era impressionante. Apesar de tudo, deu conta de que lhe era impossível exprimir tudo o que lhe ia no coração.

Precisava ter notícias de Lecter. Precisava de uma resposta pessoal antes de poder dizer a Lecter aquilo que era realmente importante.

Como é que poderia conseguir isso? Procurou na caixa os recortes de jornais que se referiam a Lecter e leu todos. Foi então que descobriu um método simples e pôs-se ao trabalho.

Mesmo assim a sua carta pareceu-lhe muito hesitante quando a releu, tímida demais. Assinara como um «Admirador Fervoroso».

«Um fervoroso.» É isso mesmo. Ergueu a cabeça com um gesto imperioso.

Introduziu o polegar na boca, tirou a dentadura e colocou-a no mata-borrão.

A parte superior era pouco comum. Os dentes eram normais, brancos e bem implantados, mas a parte em acrílico cor-de-rosa tinha uma forma tortuosa que lhe permitia adaptar-se às intumescências e às deformações das suas gengivas. Além disso possuía uma prótese em plástico mole com um obturador que se destinava a fechar o palato mole quando falava.

Tirou da gaveta uma caixa pequena que continha uma outra dentadura. A parte superior era idêntica, com exceção da prótese que lhe faltava; entre os dentes, irregulares, havia manchas escuras e o conjunto libertava um cheiro levemente desagradável.

Esta dentadura era idêntica à da sua avó, que se encontrava no copo pousado na mesinha de cabeceira.

Dolarhyde aspirou o odor e em seguida abriu a boca, colocou a dentadura e umedeceu-a com a ponta da língua.

Dobrou a carta no local da assinatura e mordeu o papel com toda a força. Quando voltou a desdobrar a carta, a assinatura apareceu dentro de uma marca oval. Era a sua marca, o seu carimbo, um sinete constelado de sangue seco.

# CAPÍTULO 12

Eram cinco horas quando o advogado Byron Metcalf tirou a gravata, serviu-se de um copo e colocou os pés em cima da mesa.

— Tem certeza que não quer um?

— Fica para outra vez. — Graham desapertou os punhos da camisa. O ar condicionado não era suficiente.

— Não conhecia os Jacobi muito bem — disse Metcalf. Só moravam nesta cidade a três meses. Fui uma vez ou duas beber um copo na casa deles, juntamente com a minha mulher. Ed Jacobi me contatou para lhe redigir um novo testamento, foi assim que os conheci.

— E é o seu executor testamentário?

— Sou. A mulher estava designada em primeiro lugar; escolheu-me a seguir prevendo o caso de que ela também falecesse ou que estivesse doente. Tem um irmão na Filadélfia, mas acho que não se entendiam lá muito bem.

— O senhor foi procurador-adjunto no tribunal do distrito.

— Fui, de 1968 a 1972. Tentei conseguir a eleição para procurador em 1972 mas as coisas não correram bem. No momento já não penso nisso.

— Na sua opinião, Sr. Metcalf, o que é que se passou ao certo?

— De início pensei em Joseph Yablonski. Sabe, o líder sindicalista.

Graham acenou com a cabeça.

— Um assassinato com um motivo — neste caso o poder —, tudo disfarçado como se se tratasse de um crime sádico. Passamos a pente fino os papéis de Ed Jacobi. Quando digo «nós» refiro-me a Jerry Estridge, do gabinete do procurador, e a mim mesmo.

»Nada. A morte de Ed Jacobi não teria servido de proveito a ninguém. Evidentemente que ganhava bem e registrara licenças que lhe davam lucros, mas tudo o que entrava na casa saía imediatamente. A mulher herdaria tudo com exceção de uma propriedade na Califórnia, que seria para os filhos e para os seus descendentes. Existe também uma pequena quantia de parte destinada ao outro filho. Deveria ser suficiente para pagar três anos de estudos na universidade, o

mais certo três anos a repetir.

— Niles Jacobi.

— Esse mesmo. Esse rapaz causava montes de preocupações a Ed Jacobi. Vivia com a mãe na Califórnia. Foi enviado para Chino por roubo. Estou convencido de que a mãe dele não presta para nada. Ed foi ver o garoto no ano passado. Trouxe-o para Birmingham e inscreveu-o no Bardwell Community College. Tentou tê-lo em casa, mas fazia a vida impossível a todos os outros elementos da família. A Sra. Jacobi agüentou algum tempo, mas depois puseram-no num lar para estudantes.

— Onde é que ele se encontrava?

— Na noite de 28? — Metcalf tinha as pálpebras semicerradas para olhar para Graham. — A polícia pôs a questão e eu também o fiz. Foi ao cinema, depois voltou para a escola. Foi confirmado. Além disso ele é do grupo O. Sr. Graham, tenho de ir buscar a minha mulher dentro de meia hora. Se quiser podemos nos encontrar amanhã. Diga-me se precisar de alguma coisa.

— Gostaria de ver os artigos pessoais dos Jacobi. Diários pessoais, fotografias, etc.

— Não existe grande coisa. Perderam praticamente tudo no incêndio da casa deles em Detroit. Não houve nada de suspeito no que aconteceu, Ed estava soldando no subsolo, caíram faíscas numas latas de tinta e a casa se incendiou.

»Há algumas cartas particulares. Estão no cofre com os valores. Não me lembro de ter visto qualquer diário particular. O resto está tudo no armazém. É possível que Niles tenha algumas fotografias, embora isso me admirasse. Ouça, tenho que estar no tribunal às nove e meia, mas poderia me encontrar um pouco mais tarde para lhe mostrar o cofre.

— Perfeito — disse Graham. — Oh, só mais uma coisa: gostaria de ter as cópias de tudo o que se refere à sucessão, correspondência, contestações, etc.

— O gabinete do juiz de Atlanta já me pediu o mesmo, estão fazendo comparações com a sucessão dos Leeds — disse Metcalf.

— De acordo, mas queria cópias para mim também.

— Bom, e vai tê-las. Não acredita que seja uma história de dinheiro, não é?

— Não. Mas tenho esperança de ver um nome que seja comum nos dois casos.

— Você não é o único.

Os estudantes do Bardwell Community College encontravam-se alojados em quatro pequenos dormitórios dispostos em volta de um retângulo de terra batida. Quando Graham chegou ao local, uma guerra de alto-falantes estava no auge.

Os alto-falantes, instalados nas varandas de estilo motel, enfrentavam-se a grandes golpes do Kiss de um lado e da Abertura 1812 do outro. Um saco plástico cheio de água desenhou uma curva no céu antes de vir arrebentar a três metros de Graham.

Afastou a roupa que estava secando e passou por cima de uma bicicleta para entrar na sala do apartamento que Niles partilhava com outros estudantes. A porta do quarto de Niles estava entreaberta e deixava escapar uma torrente de música. Graham bateu na porta.

Não houve resposta.

Abriu a porta para trás. Sentado num dos leitos gêmeos, um tipo com o rosto cheio de acne fumava um gigantesco cachimbo de ópio. Uma garota que usava uma bata encontrava-se deitada na outra cama.

O rapaz virou a cabeça para poder ver Graham melhor.

Via-se nitidamente que sentia dificuldade em refletir.

— Procuro Niles Jacobi.

O outro pareceu surpreendido. Graham baixou o volume da música.

— Procuro Niles Jacobi.

— É apenas um remédio para a asma. Não tem o hábito de bater na porta antes de entrar?

— Onde está Niles Jacobi?

— E eu é que sei? Além disso, o que quer com ele?

Graham exibiu o distintivo.

— Vamos, faça um esforço.

— Oh, merda — disse a garota.

— Os entorpecentes, não pode ser... ouça, não é aquilo que está pensando, eu vou explicar.

— Diga-me onde se encontra Niles Jacobi.

— Acho que consigo encontrá-lo — disse a garota.

Graham esperou que ela se informasse nos outros quartos. Um concerto de

descargas de autoclismo assinalou a sua passagem.

No quarto havia poucos vestígios de Niles Jacobi: num toucador, uma fotografia da família Jacobi, era tudo o que existia. Graham ergueu um copo cheio de gelo que se derretia lentamente e enxugou com a manga a marca de umidade.

A garota voltou.

— Tente o Hateful Snake — disse ela.

O bar do Hateful Snake encontrava-se instalado num armazém de janelas pintadas de verde-escuro. Os veículos que se encontravam estacionados em frente eram dos mais extravagantes: cabines de caminhões sem os reboques, viaturas clássicas, um conversível lilás, um Chevrolet e um Dodge cujas carrocerias se encontravam assentadas sobre pneus traseiros sobredimensionados para se parecerem com dragsters, quatro Harley-Davidson em bom estado.

O ar condicionado instalado sobre a porta pingava no passeio.

Graham evitou as gotas que caíam e entrou no bar.

O local estava apinhado e tresandava a desinfetante e perfume barato. A empregada, uma espécie de matrona de macacão azul, estendeu uma coca a Graham por cima da cabeça dos clientes. Era a única mulher que se encontrava no estabelecimento.

Muito moreno e extremamente magro, Niles Jacobi encontrava-se perto da juke-box. Meteu uma moeda no aparelho mas deixou ao seu companheiro a tarefa de apertar as teclas para escolher a música.

O aspecto de Jacobi era o de um estudante libertino, o que já não era o caso daquele que escolhera os discos.

O companheiro de Jacobi tinha uma cara de menino num corpo musculoso. Usava uma t-shirt e jeans surrados até à trama sobre as costuras dos bolsos. Os braços eram nodosos e as mãos enormes eram bem feias. No antebraço esquerdo via-se uma tatuagem visivelmente executada por um profissional: «Rei do cacete». No outro braço, uma tatuagem, que fora certamente feita na prisão, mais grosseira: «Randy».

O cabelo rapado crescera a esmo. Na altura em que apertou numa das teclas da juke-box, Graham avistou um pequeno retângulo rapado no antebraço.

Graham sentiu um aperto no estômago.

Seguiu Niles Jacobi e Randy, que abriam caminho entre os clientes. Instalaram-se num reservado.

Graham parou a menos de um metro da mesa.

— Niles, me chamo Will Graham. Queria falar com você por uns minutos.

Randy dirigiu-lhe um sorriso autoritário. Um dos dentes da frente fora quebrado.

— Nos conhecemos?

— Não. Niles, tenho que lhe falar.

Niles ergueu as sobrancelhas com um olhar surpreendido. Graham interrogava-se sobre o que poderia ter acontecido na penitenciária de Chino.

— Gostaria de continuar a conversar em particular.

— Dá o fora — disse Randy.

Graham olhou para os braços musculosos, o pedaço de adesivo na parte de dentro do cotovelo, o retângulo liso onde Randy ensaiara o fio da lâmina da sua faca. A panóplia completa do profissional.

Randy faz-me medo. Ataca ou então afasta-te diplomaticamente.

— É surdo ou o quê? — disse Randy. — Estou dizendo para dar o fora!

Graham desabotoou o casaco e colocou a placa de identificação em cima da mesa.

— Nem um gesto, Randy. Se tentar se levantar fica com um segundo umbigo.

— Desculpe-me senhor. — A subserviência imediata do antigo presidiário.

— Randy, vai me fazer um favor. Vai meter dois dedos no bolso de trás das calças. Vais encontrar uma navalha de ponta e mola que deve ter uns bons doze centímetros. Coloque-a em cima da mesa. Aí... tal e qual.

Graham meteu a navalha no bolso. O cabo encontrava-se gorduroso.

— Bom, agora a sua carteira. Me dê. Vendeu sangue hoje, não vendeu?

— Sim, e daí?

— Vai me mostrar o recibo que eles te deram, aquele que deverá apresentar da próxima vez. Coloque-o aí.

Randy era do grupo O. Mais uma pista para pôr à parte.

— Há quanto tempo saiu da prisão?

— Três semanas.

— Qual é o nome do oficial de polícia que se ocupa de você?

— Eu não saí de condicional.

— Não está esperando que eu acredite, não é? — Graham tinha vontade de sacudir Randy durante um bocado. Poderia prendê-lo por porte de arma proibida. E freqüentar um bar constituía uma violação da liberdade condicional. Graham sabia que não suportava Randy por ter tido medo dele.

— Randy.

— Sim?

— Desapareça.

— Não sei o que possa lhe contar. Conhecia mal o meu pai — disse Niles Jacobi quando Graham o acompanhou de volta à escola. — Abandonou a minha mãe quando eu tinha três anos e depois disso nunca mais o vi, a minha mãe opunha-se terminantemente.

— Veio vê-lo na Primavera passada.

— Veio.

— Em Chino.

— Está muito bem informado.

— Só quero esclarecer as coisas. Como foi a visita?

— Bom, ele estava no parlatório, mantinha-se tenso, como se não quisesse olhar à sua volta, entende, há muitas pessoas que têm a impressão de estarem no zoológico. A minha mãe me falou muito dele, mas o aspecto não era tão terrível assim. Com o seu casaco esporte podia ser um tipo qualquer.

— O que ele te disse?

— Estava esperando que me enfiasse a cara na merda que eu tinha feito, ou que me acusasse de todas as desgraças da Terra, normalmente é assim que as coisas acontecem no parlatório. Mas limitou-se apenas a perguntar se pensava em voltar para a escola. Disse que eu seria confiado a ele se voltasse à escola e que era preciso que eu fizesse um esforço. «É preciso que se controle um pouco, entende? Faça um esforço e posso mandá-lo para a escola.» Este tipo de coisas.

— Isso foi quanto tempo antes da sua saída?

— Duas semanas.

— Ouça uma coisa, Niles, falou da sua família para alguém enquanto estava em Chino? A companheiros de cela, por exemplo.

Niles Jacobi ergueu os olhos por instantes na direção de Graham.

— Oh, estou entendendo. Não, não falei do meu pai, se é isso que quer dizer. Há anos que não pensava nele e não vejo razão pela qual poderia ter falado.

— E aqui? Alguma vez levou amigos para a casa dos seus pais?

— Não são os meus pais. Ela não é minha mãe.

— Já levou alguém à casa deles? Colegas de escola, por exemplo, ou então...

— Indivíduos pouco recomendáveis, é isso que quer dizer, senhor oficial de polícia Graham?

— Exato.

— Não.

— Nunca?

— Já lhe disse que não.

— Alguma vez recebeu alguma ameaça? Notou se ele tinha problemas particulares nestes dois últimos meses antes disso ter acontecido?

— Da última vez que o vi parecia preocupado, mas era por causa dos meus estudos. Acordava sempre tarde. Chegou a me comprar dois despertadores. Fora isso, não sei de mais nada.

— Tem alguma coisa que tenha pertencido a ele? Cartas, fotografias, por exemplo?

— Não.

— Tem uma fotografia da família toda, está sobre o toucador do teu quarto, ao lado do cachimbo de ópio.

— O cachimbo não é meu. Nunca me serviria de uma porcaria daquelas.

— Preciso dessa fotografia. Vou mandar tirar cópias e depois devolvo. Não tem mais nada?

Jacobi tirou um maço de cigarros e apalpou os bolsos à procura de fósforos.

— É tudo o que tenho. Aliás, gostaria de saber por que eles me deram a fotografia. O meu pai está sorrindo para a Sra. Jacobi e para os rebentos... Pode ficar com ela. Ele nunca olhou para mim daquela maneira.

Graham precisava conhecer os Jacobi. E as suas recentes ligações de

Birmingham pouco adiantavam.

Byron Metcalf deu-lhe acesso ao cofre. Leu as poucas cartas que se encontravam ali — a maioria era correspondência profissional — e deu uma olhada nas jóias.

Passou três dias completos no armazém onde se encontravam os móveis dos Jacobi. Metcalf vinha ajudá-lo à noite. As caixas empilhadas sobre as paletas foram todas abertas e o seu conteúdo examinado. As fotografias da polícia permitiram a Graham situar o lugar dos diferentes objetos dentro da casa.

A maior parte dos móveis eram novos, tinham sido comprados com a indenização paga pela companhia de seguros depois do incêndio de Detroit. Os Jacobi nem sequer tinham tido tempo de deixar as suas marcas pessoais naqueles móveis.

Houve um móvel que atraiu em especial a atenção de Graham: tratava-se de uma mesinha de cabeceira sobre a qual ainda se viam restos de pó de impressões digitais. Um pouco de cera verde ficara colada no meio do tampo da mesinha.

Pela segunda vez Graham pensou se o assassino não teria acendido uma vela.

A equipe científica da polícia de Birmingham fizera um trabalho excelente.

A impressão borrada da extremidade de um nariz era tudo aquilo que em Birmingham e Jimmy Price em Washington tinham conseguido tirar da lata de suco de fruta encontrada na árvore.

A seção de Ferramentas e Armas de Fogo do laboratório central do FBI estudara o ramo cortado. As lâminas que haviam cortado a madeira eram espessas e pouco inclinadas: tratava-se com certeza de um alicate de corte para metal.

A seção de Documentos transmitira o desenho gravado na casca ao Departamento de Estudos Asiáticos de Langley.

Graham sentou-se numa caixa de embalagem e leu cuidadosamente o relatório. Os Estudos Asiáticos pensam que o desenho era um caractere chinês que significava «bateu» ou ainda «bateu na cabeça» — é uma expressão usada por vezes nos jogos a dinheiro. Este sinal possuía um significado «positivo» ou «benéfico». Os especialistas da seção indicavam ainda que o caractere aparecia igualmente numa das peças de mah-jong. Era a marca do Dragão Vermelho.

# CAPÍTULO 13

Washington, quartel general do FBI. Crawford falava ao telefone com Graham, que se encontrava no aeroporto de Birmingham, quando a sua secretária entrou no gabinete e lhe chamou a atenção.

— O Dr. Chilton, do Hospital de Chesapeake, no 2706. Diz que é muito urgente.

Crawford acenou com a cabeça.

— Will, não desligue. — Acionou as teclas do telefone.

— Frederick Chilton, Sr. Crawford, estou no...

— Diga, doutor.

— Tenho aqui uma mensagem, ou antes, dois pedaços de uma mensagem, que parece ter sido enviada pelo homem que matou as duas famílias, em Atlanta e...

— Onde a encontrou? —

— Na cela de Hannibal Lecter. Está escrita em papel higiênico e tem marcas de dentes.

— É capaz de lê-la sem tocar?

Chilton fez um esforço para se acalmar e começou a ler:

“Caro Dr. Lecter:

Gostaria de poder lhe dar uma idéia de como me sinto feliz por ver que se interessa por mim. E logo que soube da existência dos seus numerosos correspondentes, disse para mim mesmo: «Será que poderei me atrever?» pois bem, atrevi-me. Tenho certeza de que não diria a eles quem eu sou mesmo se o soubesse. Além disso, o corpo que ocupo neste momento não tem qualquer importância.

O que importa é a minha transformação. Sei que só o senhor poderá me compreender. Tenho comigo algumas coisas que gostaria de lhe mostrar. Talvez um dia, se as circunstâncias o permitirem. Espero que possamos nos corresponder... — Sr. Crawford, há um buraco porque o papel foi cortado nesta zona. Continuo.

“Há anos que o admiro e tenho a coleção completa dos artigos que a imprensa lhe consagrou. Por minha parte acho que são bastante injustos. Tão injustos como os que escreveram a meu respeito. Gostam muito de dar alcunhas humilhantes. «O Dentuço». Seria possível encontrar expressão menos apropriada? Sentia-me envergonhado por saber que lia uma coisa dessas e não fazia idéia de que suportara os mesmos insultos da imprensa.

O investigador Graham interessa-me muito. Tem um ar especial para um tira, não concorda? Não é muito bonito, mas tem um ar decidido.

Devia ter-lhe ensinado a não se meter nos seus assuntos. Perdoe-me pelo papel. Escolhi-o porque se dissolve rapidamente, isto para o caso de ter que engoli-lo.

— Senhor Crawford, falta uma passagem completa. Vou ler o final.

“Se receber notícias suas, da próxima vez envio-lhe possivelmente qualquer coisa úmida. Entretanto, receba a consideração e respeito do seu

Admirador Fervoroso.

Seguiu-se um longo silêncio à leitura de Chilton.

— Ainda aí está?

— Estou. Lecter sabe que o senhor tem essa mensagem?

— Ainda não. O transferimos para um calabouço para fazer a limpeza da sua cela. Em vez de utilizar um pano para limpar o sanitário, o empregado tirou folhas de papel higiênico do distribuidor. A mensagem estava escondida entre as folhas. Trouxe-me logo. Sempre me trazem tudo que encontram.

— Neste momento onde Lecter está?

— Continua no calabouço.

— Do lugar onde está consegue ver a cela?

— Deixe-me pensar... Não, é impossível.

— Bom. Não desligue, doutor. — Crawford deixou Chilton em espera. Durante vários segundos olhou fixamente para os pequenos indicadores luminosos do aparelho. Pescador de homens, via a sua bóia subir a corrente. Retomou o seu contato com Graham.

— Will, há uma mensagem, provavelmente do Dentuço, escondida na cela de Lecter em Chesapeake. Parece mais uma carta de um admirador. Quer a aprovação de Lecter e está interessado em você. Faz perguntas.

— Como é que se supõe que Lecter irá responder?

— Ainda não se sabe. Uma parte do texto foi arrancada, outra rasurada. É capaz de termos a possibilidade de assistir uma troca de correspondência, desde que Lecter não saiba que estamos a par. Quero enviar a mensagem ao laboratório e quero revistar de alto a baixo a sua cela, mas acho que é um pouco arriscado. Se Lecter desconfiar de alguma coisa, não deixará de encontrar um meio de prevenir esse safado. É preciso que eles se correspondam, mas entretanto precisamos dessa mensagem. — Crawford explicou a Graham onde Lecter se encontrava no momento e como a mensagem fora descoberta. — Daqui até Chesapeake são duzentos quilômetros e não posso ficar à sua espera. O que me diz?

— Dez vítimas num mês... não podemos demorar mais. Estou de acordo que é preciso ir para a frente.

— Eu também estou completamente de acordo — disse Crawford.

— Encontramo-nos dentro de duas horas.

Crawford chamou a sua secretária.

— Sara, arranje-me um helicóptero. Telefone para a polícia municipal ou para os Marines, não me interessa, mas ande depressa. Dentro de cinco minutos estarei na cobertura. Ligue para os Documentos, diga-lhes para prepararem uma maleta. Peça a Herbert para organizar uma equipe especializada em buscas. Na cobertura dentro de cinco minutos.

Restabeleceu a comunicação com Chilton.

— Dr. Chilton, vamos ter que fazer uma busca na cela de Lecter sem que ele saiba. Precisamos da sua ajuda. Já contou isto a alguém?

— Não.

— Onde está o empregado que descobriu a mensagem?

— Está no meu gabinete.

— Mantenha-o junto de si e diga-lhe para ficar calado. Lecter já saiu há muito tempo da cela?

— Há cerca de meia hora.

— É mais do que o normal?

— Não, ainda dá. Mas como não é preciso mais do que meia hora para limpar a cela, dentro em breve vai se interrogar sobre o que se passa.

— Bom, vai fazer o seguinte: chame o vigilante, o engenheiro, enfim a

pessoa responsável pelo edifício. Ele que corte a água e que abra os disjuntores no corredor de Lecter. Faça que ele passe na frente do calabouço com ferramentas na mão. Deve se mostrar muito apressado e tão preocupado que não seja capaz de responder a perguntas. Compreendido? Se ele quiser explicações, eu as dou pessoalmente. Cancele o despejo dos baldes de lixo hoje, se a coleta ainda não tiver passado. E sobretudo não toque na mensagem.Vamos para aí.

Em seguida Crawford ligou para o responsável da seção de Análises Científicas.

— Brian, tenho uma mensagem e há fortes indícios de que vem do Dentuço. É uma prioridade absoluta. Tem que voltar para o lugar onde estava dentro da próxima hora, sem qualquer marca. Passará pelos Cabelos e Fibras, pelas Impressões e pelos Documentos, antes de ir parar nas suas mãos. Deve estabelecer uma coordenação com os diferentes serviços. De acordo? Sim, eu a levo de seção em seção.

Fazia bastante calor no elevador — os vinte e seis graus impostos pela administração federal —, quando Crawford desceu da cobertura com a mensagem, os cabelos despenteados pelas correntes de ar produzidas pelo helicóptero. Com o rosto inundado de suor, dirigiu-se para a seção de Cabelos e Fibras.

É um serviço com instalações modestas, calmo e ao mesmo tempo cheio de trabalho. A sala comum encontra-se apinhada de caixas cheias de provas enviadas pelos serviços de polícia de todo o país: adesivos que fecharam bocas ou amarraram pulsos, tecidos rasgados ou sujos, lençóis de leito mortuário.

Crawford avistou Everly Katz através do vidro que dava para uma pequena sala de exames, enquanto procurava abrir caminho entre as caixas que se encontravam por todo o lado. Ela tinha umas calças de criança penduradas por cima de uma mesa recoberta por uma folha de papel branco. À luz crua da sala, raspava as calças com uma espátula metálica, passando e repassando sobre as bandas de veludo, escovando o pêlo no sentido normal e no sentido inverso. Uma chuva de poeira e de areia caiu sobre o papel. Ao mesmo tempo, mais lentamente do que a areia e mais rapidamente do que a poeira, caiu igualmente um cabelo frisado. Inclinou a cabeça e contemplou-o com o seu olhar de lince.

Crawford conseguia ver seus lábios se mexerem.

Sabia o que ela dizia: «Te peguei».

Dizia sempre a mesma coisa.

Crawford bateu no vidro. Ela saiu da sala ao mesmo tempo que tirava as

luvas.

— Ainda não foi fotocopiado?

— Não.

— Bom, vou me instalar na sala aqui ao lado.

Calçou um novo par de luvas enquanto Crawford abria a maleta. Os dois pedaços da mensagem tinham sido colocados entre duas folhas de plástico. Everly Katz viu a marca dos dentes e dirigiu um olhar rápido a Crawford.

Este acenou com a cabeça: estas marcas correspondiam ao molde da dentadura do assassino, que levara com ele para Chesapeake.

Através do vidro viu-a pegar a mensagem com uma pinça flexível, segurando-a sobre uma folha de papel branco. Estudou-a com uma lupa de grande aumento e em seguida sacudiu-a delicadamente. Bateu na pinça com uma espátula e em seguida examinou o papel branco à lupa.

Crawford olhou para o relógio.

Katz prendeu a mensagem com uma outra pinça para poder virá-la e observar o outro lado. Pinças quase que da grossura de um cabelo permitiram-lhe retirar algo minúsculo.

Fotografou as bordas rasgadas em grande plano e em seguida voltou a colocá-la na maleta. Juntou-lhe um par de luvas brancas. As luvas brancas significam que existe uma interdição formal de tocar no objeto; devem acompanhá-lo enquanto as impressões não forem investigadas.

— Aqui está — disse ela, entregando a maleta a Crawford. — Encontrei um fragmento de pêlo ou de cabelo que não chega a medir um milímetro. Alguns grãos azuis. Vou começar já com o trabalho. O que me traz?

Crawford estendeu-lhe três envelopes sobre os quais se encontrava marcado: cabelos do pente de Lecter; pêlos de barba da sua máquina elétrica; cabelos do empregado de limpeza.

— Até breve — disse Katz. — E parabéns pelo seu novo penteado.

No serviço de Impressões Ocultas, Jiminy Price fez uma careta quando viu que se tratava de papel higiênico poroso. Debruçou-se sobre o ombro do técnico que regulava o laser de heliocadinio para tentar detectar uma impressão e torná-la fluorescente. Pontos brilhantes apareceram no papel, manchas de suor e mais nada.

Crawford quis fazer uma pergunta, depois hesitou e esperou sob a luz

azulada.

— Sabemos que houve três pessoas que a manipularam sem luvas. É isso? — perguntou Price.

— É verdade, o empregado, Lecter e Chilton.

— O fulano que limpa os sanitários provavelmente limpou as mãos. Quanto aos outros... que raio de papel! — Price colocou a mensagem diante da luz; na sua velha mão manchada a pinça não tremia. — Podia colori-lo Jack, mas não garanto que haja tempo para tirar as manchas de iodo.

— E a ni-hidrina? Também poderia aquecê-la.

Em circunstâncias normais, Crawford não teria se atrevido a pôr questões de ordem técnica, mas neste caso procurava desesperadamente um meio de conseguir resultados. Esperava que Price lhe respondesse com um ar resmungão, mas o velho disse com uma voz lúgubre:

— Não, não seria possível lavá-lo. Lamento, Jack, mas não consigo descobrir impressões digitais, não há nenhuma.

— Merda — disse Crawford.

O outro voltou-se. Crawford colocou a mão sobre o ombro ossudo de Price.

— Não se preocupe, Jimmy, sei perfeitamente que, se houvesse alguma, a teria encontrado.

Price não respondeu. Já estava desembalando os objetos referentes a um outro caso. Neve carbônica fumegava num cesto onde Crawford jogou as luvas brancas.

Com o estômago apertado pela desilusão sofrida, Crawford apressou-se a dirigir-se ao serviço de Documentação, onde era esperado por Lloyd Bowinan. Tinham ido buscá-lo no tribunal e esta brusca interrupção quebrara a sua concentração, o que fazia que pestanejasse como alguém que acaba de acordar.

— Antes de mais nada, quero lhe felicitar pelo seu penteado.

— Vejo que arrancou em quarta marcha — disse Bowman, que, com uma mão ágil, transferiu a mensagem para o seu plano de trabalho.

— Quanto tempo tenho?

— Vinte minutos, no máximo.

Os dois pedaços da mensagem pareciam irradiar sob as lâmpadas de Bowman. O mata-borrão aparecia em verde-escuro por um longo rasgão da parte

superior.

— O que é importante, fundamental mesmo, é saber como Lecter iria responder — disse Crawford quando Bowman acabou a sua leitura.

— As instruções para uma resposta encontravam-se provavelmente na parte que falta. — Enquanto falava, Bowman regulava cuidadosamente as lâmpadas, os filtros e uma pequena câmera de vídeo. — Aqui diz: «Espero que possamos nos corresponder...» e o buraco começa a seguir. Lecter riscou o papel com um lápis de bico redondo e a seguir dobrou-o e rasgou a maior parte.

— Não tem nada para cortar.

Bowman fotografou a marca dos dentes bem como o verso da mensagem sob uma luz extremamente oblíqua; quando fazia a lâmpada rodar em volta do papel, a sombra dançava de uma parede à outra e as mãos desenhavam no ar estranhos arabescos.

— Agora já é possível apertá-lo um bocado. — Bowman colocou o texto entre duas placas de vidro para alisar a borda rasgada do buraco. As fibras estavam ligeiramente tingidas de tinta vermelha. Murmurava em voz baixa. Na terceira vez, Crawford conseguiu entender o que ele dizia: «Talvez sejas hábil, mas para hábil, hábil e meio».

Bowman colocou filtros numa pequena câmera de vídeo e em seguida focou a mensagem. Diminuiu a luz da sala, deixando apenas a luminosidade baça de uma lâmpada e o azul-esverdeado da tela de controle.

As palavras «Espero que possamos nos corresponder» e o rasgão apareceram na tela em grande plano. A mancha de tinta desaparecera, mas eram visíveis nas bordas fragmentas de escrita.

— Os corantes azóicos das tintas de cor são transparentes aos infravermelhos — disse Bowman. — Isto aqui podia ser a barra transversal de um T. Ali também e ainda ali. No principio podia ser a barra vertical de um M ou de um N, ou talvez de um R. — Bowman pegou numa fotografia e voltou a acender a luz. — Jack, só há dois meios de comunicação, o telefone e os jornais. Lecter pode receber chamadas telefônicas?

— Pode, mas a rotina é muito demorada e deve passar obrigatoriamente pela central telefônica do Hospital.

— Portanto, a única coisa que temos é o jornal.

— Sabemos que este queridinho lê o Tattler. Foi nesse jornal que apareceu o artigo sobre Graham e Lecter. Tanto quanto sei, mais nenhum jornal falou no

assunto.

— Temos três T e um R em Tattler. Os anúncios classificados? Vale a pena verificar.

Crawford ligou para a biblioteca do FBI e em seguida transmitiu as suas instruções para o escritório de Chicago. Quando terminou, Bowman entregou-lhe a maleta.

— O Tattler sai esta noite — disse Crawford. — É impresso em Chicago às segunda e às quinta. Vamos arranjar as provas dos anúncios classificados.

— Devia ter conseguido encontrar mais alguma coisa — disse Bowman.

— Comunique imediatamente para Chicago tudo o que conseguir. Me ponha a par quando voltar do Hospital — disse Crawford já a caminho da porta.

# CAPÍTULO 14

A cancela do metro de Washington cuspiu de volta o bilhete de Graham e este saiu do edifício para a tarde abrasadora, carregando a sua maleta de vôo.

O Edifício J. Edgar Hoover parecia-se com uma imensa gaiola erguendo-se acima da nuvem de calor da Décima Rua. O FBI mudara-se para este novo edifício depois de Graham ter deixado Washington. Nunca trabalhara ali.

Crawford encontrou-se com ele no balcão de visitas situado no subsolo, para confirmar a validade das credenciais de Graham, emitidas às pressa. Este parecia cansado e mostrava-se impaciente enquanto assinava o registro. Crawford tentava imaginar como ele se sentiria, sabendo do interesse que o assassino demonstrava por ele.

Graham recebeu um cartão magnético codificado, semelhante àquele que Crawford trazia pendurado na lapela. Introduziu-o no leitor do portão e seguiu por um emaranhado de corredores pintados de branco. Crawford transportava a sua maleta.

— Esqueci de dizer a Sara para te mandar um carro. Provavelmente assim foi mais depressa.

— Conseguiu devolver a mensagem a Lecter sem problemas?

— Consegui — disse. — Voltei há pouco. Inundamos o chão do corredor. Procedeu-se como se um cano tivesse arrebentado e houvesse um curto-circuito. Simimons estava conosco, —acaba de ser nomeado adjunto de segurança de Baltimore —, limpava o chão do corredor quando Lecter passou para a cela. Siminons acha que ele não desconfia de nada.

— No avião vinha pensando se não terá sido Lecter que escreveu a carta a ele mesmo.

— De início também pensei nisso, antes de ver melhor a mensagem. As marcas de dentes no papel condizem com as marcas de dentes encontradas nas vítimas. Além disso é escrita com esferográfica, uma coisa que não damos a Lecter. A pessoa que escreveu a carta leu o Tattler, e Lecter não recebe este jornal. Rankin e Willingliam viraram a cela do avesso. Fizeram um trabalho excelente, mesmo não tendo encontrado nada. Antes de começarem, tiraram fotografias com uma Polaroid, para no final deixarem tudo exatamente como

estava antes. A seguir entrou o homem da limpeza, que fez o seu trabalho normal.

— Se é assim, qual é a sua opinião?

— Como prova material no sentido de uma identificação, a carta não nos serve para nada — disse Crawford. — Talvez poderíamos utilizá-la para estabelecermos o contato, mas ainda não consegui ver muito bem como. Dentro de momentos teremos os resultados complementares do laboratório.

— Conseguiu organizar as coisas de modo a ter o correio e o telefone no Hospital sob vigilância?

— Somos informados sempre que Lecter se lembre de telefonar. No sábado de tarde fez um estupor de uma chamada numa linha direta. Disse a Chilton que ia telefonar ao advogado.

— E o advogado, o que é que ele disse?

— Nada. Separamos uma linha para ele na central telefônica e assim temos a escuta montada permanentemente. A partir da próxima distribuição vamos verificar toda a correspondência. Felizmente não há qualquer problema ao nível das comissões rogatórias.

Crawford parou diante de uma porta e introduziu na ranhura o seu cartão magnético.

— O meu novo escritório. Entre. O decorador utilizou o resto da tinta que sobrou de um barco de guerra que lhe fora confiado. Aqui está a mensagem. A fotocópia está na escala exata.

Graham leu-a duas vezes. A leitura do seu nome provocou-lhe um certo mal-estar.

— A biblioteca confirma que o Tattler é o único jornal que publicou um artigo a seu respeito e de Lecter — disse Crawford enquanto preparava uma alka-seltzer. — Quer uma? Te faria bem. Foi publicado na segunda à noite. Estava nas bancas em todo o país na terça — com exceção de alguns lugares como o Alaska e o Maine, por exemplo, que só o receberam na quarta. O Dentuço arranjou um — não antes de terça, de qualquer maneira. Leu-o antes de escrever a Lecter. Rankin e Willingliam ainda andam vasculhando o lixo do Hospital à procura do envelope. Mas é um trabalho quase impossível. No Chesapeake não separam os papéis das ligaduras.

— Lecter não pode ter recebido a mensagem antes de quarta-feira. Ele rasgou a parte referente ao modo como deverá responder e risca a passagem

referente a um acontecimento mais antigo. Aliás, gostaria de saber por que não a rasgou também.

— Estava no meio de um parágrafo cheio de elogios — disse Graham. — Não foi capaz de destruí-lo! Foi por causa disso que não jogou a carta fora. — Esfregou as têmporas.

— Bowman está convencido de que Lecter vai publicar a resposta no Tattler. E você, acha que ele vai responder?

— Com certeza que sim. Gosta muito de escrever e tem correspondentes por toda parte.

— Se estão utilizando o Tattler, Lecter não terá tempo de publicar a sua resposta no número desta noite, mesmo que a tenha enviado por correio expresso no dia em que recebeu a mensagem. Chester, do escritório de Chicago, está no Tattler verificando todos os anúncios. Estão neste momento fazendo a paginação.

— Sobretudo é preciso que o Tattler não desconfie do que quer que seja — disse Graham.

— O mestre da tipografia pensa que Chester é um agente imobiliário que tenta curto-circuitar os anúncios. Vende-lhe discretamente as provas logo que a página se encontre pronta. Para disfarçar, pegamos em todos os anúncios classificados. Bom, admitamos que conseguimos descobrir a forma de resposta de Lecter e que somos capazes de imitá-lo. Podemos enviar uma mensagem falsa ao Dentuço, mas o que vamos dizer?

— O essencial é fazê-lo comparecer num ponto de encontro, que pode ser numa caixa de correio — disse Graham. — É preciso atraí-lo com qualquer coisa que ele gostasse de ver. Um «elemento importante» de que Lecter teria tomado conhecimento depois de ter conversado comigo. Um erro que ele teria cometido e que esperávamos que o Dentuço viesse a repetir.

— Era preciso ser idiota para cair numa coisa dessas.

— Eu sei. Quer saber qual seria a melhor isca?

— Não faço idéia.

— Simplesmente o próprio Lecter — disse Graham.

— E como é que faria isso?

— Sei perfeitamente que não seria fácil. Seria preciso colocar Lecter sob controle federal, e Chilton nunca aceitaria uma coisa dessas em Chesapeake, e fechá-lo na zona de alta segurança de um hospital psiquiátrico de Virgínia. E depois de estar lá, inventaríamos uma evasão.

— Oh, valha-me Deus.

— Enviaríamos uma mensagem ao Dentuço no número seguinte do Tattler. Lecter poderia marcar um encontro.

— Só gostaria de saber se haverá alguém com vontade de se encontrar com Lecter. Mesmo o Dentuço!

— Para assassiná-lo, Jack. — Graham ergueu-se. Não havia janelas no gabinete e deteve-se diante do aviso dos dez criminosos mais procurados, a única decoração da dependência. — Deste modo o Dentuço poderá absorvê-lo, torná-lo seu, vir a ser mais do que ele.

— Está muito seguro do que está dizendo.

— Não estou seguro de coisa nenhuma. Aliás, quem é que poderia estar? Ele escreveu na sua mensagem «Tenho comigo algumas coisas que gostaria de lhe mostrar». É possível que isto seja suficientemente sério e que não se trate de uma simples fórmula de delicadeza.

— Não consigo imaginar o que ele possa ter para mostrar. As vítimas estavam intactas. Não faltava nada a não ser um pouco de pele e de cabelos que foram certamente... como é que Bloorn disse?

— Ingeridos — disse Graham. — Só Deus sabe o que ele pode ter para mostrar. Olha, Tremont, por exemplo, lembra-se da história dos disfarces de Tremont em Spokane? Mesmo amarrado a uma maca erguia o queixo para mostrar aos tiras de Spokane onde os tinha escondido. Não, Jack, não tenho certeza de que Lecter consiga atrair o Dentuço. Estou só dizendo que é a nossa melhor chance.

— Vai ser um escândalo de todo o tamanho se as pessoas desconfiarem que Lecter anda à solta. Os jornais vão ficar histéricos. Talvez seja a nossa melhor chance, mas vamos guardá-la para o fim.

— É possível que não se aproxime do ponto combinado, mas com certeza vai querer ver para ter certeza de que Lecter não o traiu. Seria necessário observá-lo de bem longe. Poderíamos arranjar um lugar onde fosse possível ver a uma grande distância e de um número limitado de pontos, de modo a ser possível encurralá-los. — Graham não se sentia convencido com esta proposta.

— Os Serviços Secretos têm um espaço para anúncios que nunca utilizam e que poderiam nos ceder. Mas vai ser preciso esperar até à próxima segunda-feira se não publicarmos o anúncio hoje. As rotativas arrancam às cinco horas, hora de Washington. Chicago fica portanto ainda com uma hora e um quarto para encontrar o anúncio de Lecter. Se houver um, evidentemente.

— E a reserva de Lecter, a nota de encomenda que teria enviado ao Tattler encomendando o anúncio, não será possível consegui-lo mais rapidamente?

— Chicago só pode ocupar-se do mestre da tipografia — disse Crawford. — O correio fica no gabinete do gerente dos anúncios classificados. Vendem em seguida os nomes e endereços às firmas que efetuam vendas por correspondência e que enviam às pessoas solitárias prospectos oferecendo elixires do amor, produtos para aumentar a virilidade, métodos para ultrapassar a timidez, enfim, você conhece o gênero. Poderíamos evidentemente apelar para o sentido cívico do gerente dos anúncios e pedir-lhe para ficar calado, mas não quero correr o risco de ver o Tattler cair em cima de nós. Era preciso ter um mandato especial para poder ler o correio deles. É assunto para ser pensado.

— Se Chicago não encontrar nada, podemos pôr o nosso anúncio — disse Graham. — Se me enganei em relação ao Tattler apaga-se tudo e começa-se de novo.

— Está certo, mas se o Tattler serve para eles, de fato, como meio de comunicação e se nos espalharmos na resposta, isto é, se lhe parecer estranha, estamos feitos. A propósito, não te perguntei nada a respeito de Birmingham. Encontrou alguma coisa?

— O caso de Birmingham está encerrado de uma vez por todas. A casa dos Jacobi foi pintada e redecorada e está à venda. Aquilo que lhes pertencia está guardado em armazém, à ordem do executor do testamento. Estive inspecionando os caixotes. Aa pessoas com quem falei não conheciam os Jacobi muito bem. A única coisa que me disseram foi que pareciam na realidade muito ligados um ao outro. Andavam sempre de mãos dadas. E agora, tudo o que resta são cinco caixotes num armazém. Lamento não ter podido...

— Pare de se lamentar, agora está metido nisto.

— E a marca na árvore deu alguma coisa?

— «Bateu na cabeça», é,isso? Se quer saber, para mim não tem qualquer significado, nem mesmo o Dragão Vermelho. Everly sabe jogar mah-jong. É esperta, mas não sabe o que isso quer dizer. De qualquer modo, os cabelos provam que não é chinês.

— Cortou o ramo com um alicate de metal. Não vejo onde é que...

O telefone de Crawford começou a tocar. Respondeu com meias palavras.

— Will, o laboratório tem os resultados da mensagem. Vamos subir para o gabinete de Zeller. É maior e menos sinistro que o meu.

Indiferente ao calor ambiente, Lloyd Bowman encontrou-os no corredor. Trazia fotografias ainda úmidas e debaixo do braço um molho de folhas de datafax.

— Jack, tenho que estar no tribunal às quatro e quinze — disse enquanto os ultrapassava. — É aquele caso de falsificação de Nilton Eskew e da sua amiguinha, Nan. Estou convencido de que ela é capaz de desenhar uma nota de banco em três tempos. Nestes dois últimos anos me deixaram doido, fazendo os seus próprios traveller's cheques numa Xerox em cores. Acha que consigo chegar a tempo ou será melhor telefonar ao Ministério Público?

— Vai conseguir — disse Crawford.

— Já chegou todo mundo.

Everly Katz, sentada num sofá no escritório de Zeller, sorriu para Graham quando este entrou, preparando-se para lhe apresentar Price, que se encontrava ao lado dela.

O chefe da seção de Análises Científicas, Brian Zeller, era jovem para o cargo, mas o cabelo já começava a rarear e usava lentes bifocais. Na estante que estava atrás da mesa de Zeller, Graham avistou o manual de ciência forense de H. J. Walls, a obra de Tedeschi Forensic Medicine, em três volumes, e uma edição antiga de The Wreck of the Deutschland, de Hopkins.

— Tenho a impressão de que já nos encontramos uma vez na universidade — disse ele. — Conhece todo mundo?... Ótimo.

Crawford encostou-se ao canto da mesa de Zeller com os braços cruzados.

— Alguém tem novidades? Okay, encontraram alguma coisa que possa indicar que a mensagem não veio do Dentuço?

— Não — disse Bowman. — Falei com Chicago há poucos minutos para dar uns números que encontrei escritos no verso da carta. Seis-seis-seis. Depois lhes mostro quando chegarmos a esse ponto. Chicago tem para analisar cerca de duzentos anúncios pessoais. — Estendeu a Graham um monte de folhas de cópias datafax. — Já as li e é a mesma história de sempre: ofertas de casamento, apelos para desaparecidos. Ainda não consegui saber como seremos capazes de reconhecer o anúncio se o virmos.

Crawford abanou a cabeça.

— Também não sei. É melhor começarmos analisando o papel. Um outro aspecto que temos que considerar é o de que Jimmy Price fez tudo aquilo que era possível e não conseguiu descobrir nenhuma impressão. E você, Bev, conseguiu

alguma coisa?

— Tenho uma hipótese muito vaga. O peso e a textura coincidem com as amostras de Hannibal Lecter. O mesmo se passa com a cor. Esta cor é nitidamente diferente da cor das amostras obtidas em Birmingham e Atlanta. Três grãos azuis e algumas partículas escuras foram encontradas pela equipe de Brian.

Encarou Brian Zeller ao mesmo tempo que erguia as sobrancelhas.

— Os grãos eram de um detergente comercial granulado — disse ele. — Devem ter vindo das mãos do homem, quando ele limpou as mãos. Havia algumas partículas minúsculas de sangue seco. Não há dúvida de que é sangue, mas não há quantidade suficiente para determinar qual é o tipo.

— As marcas das bordas dos pedaços de papel dão idéia de perfurações — continuou Everly Katz. — Se conseguirmos encontrar o rolo na posse de alguém e ainda não tiver sido rasgado mais nenhum pedaço, será possível fazer um estudo comparativo. Recomendo que seja enviado um aviso aos agentes para que estes não se esqueçam de tentar encontrar o rolo.

Crawford acenou com a cabeça.

— Bowman?

— Sharon, do meu gabinete, fez uma investigação sobre o papel e encontrou amostras para poder comparar. É papel higiênico distribuído aos marinheiros e utilizado pelos campistas. A textura permite concluir que se trata de papel da marca Wedeker, fabricado em Minneapolis. É distribuído a nível nacional.

Bowman dispôs as suas fotografias num cavalete próximo da janela. A sua voz era surpreendentemente profunda, atendendo à sua pequena estatura, e o laço que usava agitava-se levemente enquanto falava.

— Considerando a caligrafia, verificou-se que se trata de uma pessoa que escreveu deliberadamente com a mão esquerda, embora use normalmente a mão direita, e que escreveu propositadamente em letras maiúsculas. Pode ver-se facilmente pela incerteza do traço e pelo tamanho diferente das letras.

»Os tamanhos diferentes levam-me a concluir que o nosso homem terá possivelmente uma certa dose de astigmatismo não corrigido.

»A tinta de ambas as partes da carta parece vir do mesmo tipo de esferográfica, azul-marinho à luz natural, embora se note uma pequena diferença

com filtros coloridos. Usou duas esferográficas e tudo indica que mudou de caneta enquanto escrevia a parte da carta que falta. Nota-se perfeitamente a altura em que a primeira começou a falhar. A primeira caneta não era usada freqüentemente — estão vendo a mancha que fez quando ele começou a escrever? Deve ter sido guardada sem tampa e de bico para baixo num copo para lápis ou noutro recipiente qualquer, o que sugere uma situação de quem normalmente trabalha numa escrivaninha. Nota-se ainda que a superfície sobre a qual escreveu era suficientemente macia para nos ser permitido concluir que poderia ser um mata-borrão. Um mata-borrão que poderá ter impressões se for encontrado. Gostaria que o assunto do mata-borrão fosse considerado no relatório a ser elaborado pela Everly.

Bowman mostrou uma fotografia que tinha mandado fazer do verso da carta. A ampliação exagerada fazia que o papel apresentasse um aspecto enevoado, com depressões e zonas sombreadas.

— Ele dobrou a carta para escrever a parte final, incluindo aquela que mais tarde foi rasgada. Neste aumento do verso, a luz oblíqua revela algumas impressões. Podemos distinguir «666 e». É muito possível que tenha sido nesta altura que ele voltou a ter problemas com a esferográfica e precisou escrever por cima. Só consegui notar isso com esta fotografia de elevado contraste. Pelo menos até agora não há nenhum «666» em nenhum dos anúncios.

»A estrutura das frases é ordenada e não se nota qualquer vestígio de divagação. As dobras sugerem que a carta foi enviada num envelope de formato clássico. Estas duas manchas escuras são manchas de tinta de impressão. Possivelmente a carta foi enviada dentro de um impresso qualquer.

— É mais ou menos isso — disse Bowman. — Se não tiver mais perguntas, Jack, acho que é melhor ir andando para o tribunal. Volto logo que tenha prestado depoimento.

— Afunde-os bem — disse Crawford.

Graham estudou a coluna de anúncios pessoais do Tattler: «Senhora atrativa com aparência de rainha, jovem com 52 anos, procura cristão do signo de Leão, não fumante, com idade compreendida entre os 40 e os 70. Sem filhos por favor. Amputados são bem-vindos. Assunto sério. Enviar fotografia com a primeira carta.»

Perdido na dificuldade e no desespero dos anúncios, não percebeu que os outros tinham ido embora até Everly Katz falar com ele.

— Desculpe, Everly. O que disse? — Olhou para os seus olhos brilhantes

e rosto de aspecto extremamente agradável.

— Estava dizendo que me sinto contente por ter voltado, Campeão. Está com bom aspecto.

— Obrigado, Everly.

— Saul anda numa escola de culinária. Ainda não está em forma, mas podia ir lá em casa um dia destes para lhe fazer um teste.

— Irei, não me esqueço.

Zeller dirigiu-se para o seu laboratório para ver como corriam as coisas. Crawford e Graham foram deixados sozinhos. De vez em quando olhavam para o relógio.

— Faltam quarenta minutos para as rotativas do Tattler começarem a rodar — disse Crawford. — Vou verificar o correio deles. O que você acha?

— Força.

Crawford ligou para Chicago pelo telefone de Zeller e deu o recado.

— Will, se Chicago acertar no alvo, temos que estar preparados com um anúncio substituto.

— Vou prepará-lo.

— Por minha parte vou tratar de arranjar um ponto de encontro. — Crawford ligou para os Serviços Secretos e falou durante algum tempo. Quando acabou, Graham ainda estava escrevendo.

— Okay, o local de coleta de correio é ideal — disse finalmente Crawford. — É no exterior de um serviço de extintores de incêndio nos arredores de Annapolis. É território que pertence a Lecter. O Dentuço vai concluir que se trata de qualquer coisa que Lecter sabe. As pessoas interessadas passam por lá para receber recados e correio. O nosso homem pode ficar observando instalado num parque do outro lado da rua. O Serviço Secreto jura de pés juntos que o local é ótimo. Prepararam aquele local para apanhar um falsificador, mas depois chegou-se à conclusão de que já não era preciso. O endereço é este. E a mensagem?

— Temos que pôr duas mensagens na mesma edição. A primeira avisa o Dentuço de que os seus inimigos estão mais próximos do que o que ele possa imaginar. Diz que cometeu um erro grave em Atlanta e que, se cometer o mesmo erro, está feito. Diz que Lecter lhe mandou por correio «informações confidenciais» baseadas naquilo que eu lhe disse sobre o que estávamos fazendo, o modo como nos encontramos extremamente próximos, as pistas que temos. E

encaminha o Dentuço para uma segunda mensagem que começa com «a sua assinatura».

— A segunda mensagem começa com «Admirador Fervoroso... » e contém o endereço do local de recebimento do correio. Temos que fazer desta maneira. Mesmo considerando a linguagem perifrástica da primeira mensagem, vai ser o suficiente para excitar alguns lunáticos ocasionais. Não conseguindo descobrir o endereço também não conseguem encontrar a caixa postal e já não se corre o risco de que estraguem as coisas.

— Ótimo. Estupendo. Quer esperar no meu escritório enquanto as coisas se desenvolvem?

— Prefiro fazer alguma coisa. Preciso de falar com Brian Zeller.

— Então vai. Se precisar de você, sei onde posso encontrá-lo.

Graham encontrou o chefe de seção na Serologia.

— Brian, pode me fazer um favor?

— Com certeza, o que é?

— As amostras que usou para identificar o grupo sanguíneo do Dentuço.

Zeller olhou para Graham por cima dos óculos.

— Há alguma coisa no relatório que não tenha compreendido?

— Não.

— Há alguma coisa que esteja pouco clara?

— Não.

— Alguma coisa incompleta? — Zeller pronunciou a palavra como se tivesse um gosto detestável.

— O seu relatório estava ótimo, era impossível esperar melhor. Trata-se apenas do fato de querer ter as provas nas minhas mãos.

— Ah, com certeza, podemos fazer isso. — Zeller acreditava que todos os investimentos no terreno mantinham as superstições de um caçador primitivo. Sentia-se contente por poder fazer humor com Graham. — Está tudo resumido no final.

Graham seguiu-o ao longo dos armários cheios de aparelhos e equipamento.

— Está lendo Tedeschi.

— Estou — disse Zeller por cima do ombro. — Como sabe, não fazemos

medicina forense aqui, mas Tedeschi tem uma série de assuntos muito interessantes. Graham. Will Graham, foi você que escreveu aquela monografia sobre a determinação da ocasião da morte provocada por insetos, não foi? Ou não se trata do mesmo Graham?

— Fui eu que escrevi. — Uma pausa. — Tem razão, na opinião de Tedeschi, Mant e Zvorteva são melhores no caso de insetos.

Zeller ficou surpreendido por ouvir o seu raciocínio ser pronunciado em voz alta.

— Não há dúvida de que têm melhores fotografias e uma tabela das ondas de invasão. Isto sem ofensa.

— Com certeza que não. São melhores, eu mesmo lhes disse.

Zeller tirou frascos e dispositivos de um armário e do frigorífico, colocando tudo na bancada.

— Se quiser perguntar alguma coisa, estou no lugar onde me encontrou. A luz da objetiva do microscópio fica deste lado.

Graham não queria saber do microscópio. Não punha em dúvida as conclusões de Zeller. Na realidade não sabia ao certo o que procurava. Ergueu os frascos e as lamelas à luz, bem como um envelope transparente que continha dois cabelos louros encontrados em Birmingham. Um segundo envelope continha três cabelos encontrados na Sra. Leeds.

Na mesa em frente de Graham havia saliva, cabelos e sêmen. Mas havia também um vazio onde tentava descortinar uma imagem, um rosto, qualquer coisa que pudesse substituir o pesadelo informe que o atormentava.

De um alto-falante no teto surgiu uma voz de mulher.

— Graham, Will Graham, ao gabinete do agente especial Crawford. Alerta vermelho.

Encontrou Sara com fones de ouvido colocados na cabeça enquanto ia escrevendo à máquina e Crawford que espiava por cima do ombro dela para ler o que escrevia.

— Chicago encontrou a encomenda de publicação de um anúncio que mencionava o 666 — disse Crawford num murmúrio pelo canto da boca. — Estão ditando para Sara agora. Já disseram que parte dele se parece muito com um código qualquer.

As linhas escritas iam surgindo na máquina de escrever de Sara.

Caro Peregrino,

Sinto-me muito honrado...

— É ele, é ele — disse Graham. Lecter chamou-lhe de peregrino quando esteve falando comigo.

...você é muito belo

— Meu Deus — disse Crawford.

Ofereço 100 orações pela sua segurança.

Encontrará consolo em João 6:22, 8:16, 9:1; Lucas 1:7, 3:1; Gálatas 6.11, 15:22; Atos 32; Revelação 18:7, Jonas 6:8...

A datilografia diminuiu de velocidade enquanto Sara repetia cada par de números para o agente em Chicago. Quando ela terminou, a lista de referências das escrituras enchia um quarto de página. Estava assinado «Que seja abençoado, 666».

— Acabou — disse Sara.

Crawford pegou o telefone.

— Okay, Chester, como é que as coisas se passaram com o chefe da seção de anúncios?... Não, fez bem... Uma completa ostra, certo. Não saia de perto do telefone, volto a telefonar.

— Código — disse Graham.

— Tinha que ser. Temos vinte e dois minutos para cozinhar uma mensagem se formos capazes de descodificar isto. O encarregado da tipografia precisa de dez minutos de pré-aviso e trezentos dólares para meter o anúncio à força nesta edição. Bowman tem um canto no seu gabinete onde pode trabalhar. Se quiser posso falar para a Criptografia em Langley por causa da descodificação. Sara, mande um telex com o texto do anúncio para a seção de Criptografia da CIA. Vou avisá-los de que vai a caminho.

Bowman colocou a mensagem na sua mesa, alinhando-a exatamente com os cantos do mata-borrão. Limpou lentamente os óculos sem armação, durante um tempo que pareceu uma eternidade a Graham.

Bowman tinha reputação de ser rápido.

— Temos vinte minutos — disse Graham.

— Compreendo. Ligou para Langley?

— Foi Crawford que ligou.

Bowman leu a mensagem várias vezes, mirou-a de todas as maneiras possíveis, até de lado e de pernas para o ar, e percorreu as margens com o dedo. Tirou uma Bíblia da estante. Durante cinco minutos os únicos sons que se ouviam eram a respiração dos dois homens e o restolhar das folhas de papel de seda.

— Não — disse ele. — Não vamos conseguir acabar a tempo. É melhor usarmos o tempo que temos para alguma coisa que possa fazer.

Graham mostrou-lhe as mãos vazias.

Bowman rodou na cadeira até ficar de frente para Graham e tirou os óculos. Tinha uma mancha cor-de-rosa de cada lado do nariz.

— Tem certeza absoluta de que a carta que Lecter recebeu foi a única comunicação que teve do Dentuço?

— Tenho.

— Então o código parece ser bastante simples. Precisam apenas que se proteger contra a curiosidade de leitores eventuais. Fazendo uma medição a partir das perfurações na carta que Lecter recebeu pode concluir-se que faltam cerca de três polegadas. Não dá muito espaço para instruções que se pretendesse enviar. Os números não correspondem à grelha do alfabeto penitenciário o código de batidas. Estou convencido de que se trata de um livro de código.

Crawford juntou-se à conversa.

— Livro de código?

— Parece que sim. O primeiro numeral, estas «100 orações», podia ser o número da página. Os pares de números nas referências das escrituras podiam representar a linha e a letra. Mas o pior é descobrir qual é o livro.

— Não é a Bíblia?

— Não, não é a Bíblia. De início também pensei que fosse. Mas foi o «Gálatas 6:11» que me convenceu do contrário: «Vede a extensa carta que vos escrevi com as minhas próprias mãos». Poderíamos dizer que bate, mas trata-se apenas de uma coincidência, porque logo a seguir vem «Gálatas 15:2». Os Gálatas têm só seis capítulos. A mesma coisa acontece com «Jonas 6:8», Jonas

tem quatro capítulos. Não foi a Bíblia que ele usou.

— Talvez o título do livro possa estar oculto na parte clara da mensagem de Lecter — disse Crawford.

Bowman abanou a cabeça.

— Acho que não.

— Então foi o Dentuço que se referiu ao livro que deveria ser usado. Deve ter mencionado na carta que escreveu a Lecter — disse Graham.

— Tudo leva a crer que sim — disse Bowman. — E se déssemos um aperto em Lecter? Num hospital de alienados tenho a impressão de que as drogas...

— Já se tentou o amital de sódio, há três anos, para tentar descobrir onde ele enterrara um estudante de Princeton — disse Graham. — Deu-lhes a receita para um molho. Além disso, se o apertarmos, perdemos a ligação. Se o Dentuço escolheu o livro é porque se trata de alguma obra que ele sabia que Lecter tem na cela.

— Tenho certeza de que não encomendou nenhum, nem pediu nenhum emprestado a Chilton — disse Crawford.

— O que é que os jornais disseram a este respeito, Jack? Acerca dos livros de Lecter.

— Que ele tem livros de medicina, livros de psicologia, livros de culinária.

— Então tem que ser alguma coisa básica numa destas áreas, alguma coisa tão básica que o Dentuço tem certeza que Lecter possui — disse Bowman. — Precisamos de uma lista dos livros de Lecter. Tem alguma?

— Não — Graham ficou olhando para os sapatos. — Podia ligar para Chilton... Espere. Rankin e Willingliam tiraram fotografias para poderem voltar a pôr tudo no mesmo lugar.

— Pode lhes dizer que venham e que tragam as fotografias que tiraram dos livros? — disse Bowman enquanto arrumava a pasta.

— Onde?

— Biblioteca do Congresso.

Crawford tentou contatar a Criptografia da CIA mais uma vez. O computador em Langley continuava sistemática e progressivamente a processar a substituições números-letras, utilizando uma imensidade de grelhas de

alfabetos. Sem qualquer progresso. O criptógrafo concordou com Bowman em que provavelmente deveria ter sido utilizado um livro de código. Crawford olhou para o relógio.

— Will, temos três possibilidades de escolha, mas temos que decidir agora. Podemos retirar o anúncio de Lecter do jornal e, no momento, as coisas ficam como estão. Podemos substituí-lo pela nossa mensagem em linguagem clara, convidando o Dentuço a se dirigir à caixa postal. Ou podemos deixar que Lecter publique o anúncio.

— Tem certeza de que ainda podemos retirar o anúncio de Lecter do Tattler?

— Chester está convencido de que o mestre da tipografia, por quinhentos dólares, é capaz de fazer milagres.

— Detesto ter que pôr uma mensagem em linguagem clara, Jack. O mais certo é Lecter nunca mais ouvir falar dele.

— Tem razão, mas também tenho medo de deixar o anúncio de Lecter seguir sem saber o que é que ele diz — disse Crawford.

— O que Lecter podia dizer que ele já não saiba? Se ele descobre que temos uma impressão parcial de um polegar e que as suas impressões não constam de qualquer arquivo, podia raspar a pele do polegar, mudar os dentes e no tribunal dar uma gargalhada monstruosa.

— A questão do polegar não estava mencionada no processo que Lecter viu. É melhor deixarmos a mensagem de Lecter seguir. Pelo menos tem a vantagem de encorajar o Dentuço a voltar a contatá-lo.

— E se isso o encoraja a fazer mais alguma coisa do que se limitar simplesmente a escrever?

— Seria o suficiente para nos pôr doentes durante muito tempo — disse Graham. — Mas temos que fazê-lo.

Em Chicago, quinze minutos mais tarde, as grandes rotativas do Tattler começaram a rodar, aumentando de velocidade até conseguirem levantar uma nuvem de pó na sala de tipografia. O agente do FBI que aguardava, envolvido pelo cheiro de tinta e pelo calor abafado das máquinas, pegou num dos primeiros exemplares que surgiram das rotativas.

Os cabeçalhos incluíam títulos como «Transplante de cabeça!» e «Astrônomos conseguem avistar Deus!».

O agente teve o cuidado de verificar que o anúncio pessoal de Lecter

estava publicado no local próprio, e expediu o jornal por correio expresso para Washington. Havia de ver mais tarde o mesmo jornal e recordar-se da impressão do seu polegar sujo de tinta na primeira página, mas isso seria anos depois, ao visitar com os filhos a sala de provas célebres, numa visita que fizeram à sede do FBI.

# CAPÍTULO 15

Uma hora antes de amanhecer, Crawford acordou de um sono profundo. Viu o quarto às escuras, e sentiu o traseiro de sua esposa encostado confortavelmente contra os seus rins. Não compreendeu por que acordou, até que o telefone tocou uma segunda vez. Levantou o auscultador sem pressa.

— Jack, é Lloyd Bowman. Tenho a chave do código. Tem que saber imediatamente do que se trata.

— Okay, Lloyd. — Com as pontas dos pés Crawford procurava os chinelos.

— Diz: «A casa de Graham é em Marathon, Florida. Defenda-se. Mate todos.»

— Porra. Tenho que sair.

— Eu sei.

Crawford dirigiu-se para a escrivaninha sem sequer se preocupar em vestir o roupão. Telefonou duas vezes para a Florida, uma vez para o aeroporto, e a seguir telefonou para Graham no hotel.

— Will, Bowman acabou de decifrar a mensagem.

— O que é que diz?

— Já lhe digo. Mas primeiro tem que me ouvir. Não há qualquer problema. Tomei todas as providências, portanto faça-me o favor de se manter ao telefone enquanto estiver falando com você.

— Diga-me já.

— É o endereço da sua casa. Lecter deu ao filho da mãe o endereço da sua casa. Espere, Will. O departamento do xerife tem neste momento dois carros a caminho de Sugarloaf. A lancha da alfândega de Marathon vigia o lado do mar. O Dentuço não seria capaz de fazer o que quer que fosse em tão pouco tempo. Agüente. Consegue resolver as coisas muito mais depressa comigo ajudando. Ouça agora o que vou lhe dizer.

»Os ajudantes do xerife não vão assustar a Molly. Vão se limitar a fechar a estrada que vai para sua casa. Dois ajudantes vão se aproximar o suficiente para

vigiarem a casa. Pode telefonar quando ela acordar. Vou buscá-lo dentro de meia hora.

— Já não me apanhará aqui.

— O primeiro avião não parte antes das oito. É muito mais rápido trazê-los para cá. A casa do meu irmão em Chesapeake está vaga e à disposição. Tenho um bom plano, Will, espere e ouça o que digo. Se não estiver de acordo, eu mesmo te levo ao avião.

— Preciso de algumas armas.

— Arranjaremos depois que for buscá-lo.

Molly e Willy foram dos primeiros a sair do avião no Aeroporto Nacional, em Washington. Ela avistou Graham no meio da multidão, não sorriu, mas voltou-se para Willy e disse alguma coisa, enquanto caminhavam apressadamente na frente da torrente de turistas que voltavam da Florida.

Olhou para Graham de alto a baixo e aproximou-se dele, dando-lhe um beijo de leve. Os dedos morenos com que lhe tocou o rosto estavam gelados.

Graham sentiu que o menino os observava. Apertou-lhe a mão com o braço estendido.

Enquanto caminhavam para o carro, Graham disse um gracejo sobre o peso da mala de Molly.

— Eu levo a mala — disse Willy.

Um Chevrolet castanho com placa de Maryland seguiu-os enquanto saíam do estacionamento.

Graham atravessou a ponte em Arlington, enquanto lhes indicava os monumentos a Lincoln e Jefferson e logo a seguir o monumento a Washington, antes de virarem para este em direção a Chesapeake Bay. Dez milhas depois de terem saído de Washington, o Chevrolet colocou-se ao lado deles na pista do lado de dentro e o condutor olhou para eles, ao mesmo tempo que punha uma mão em concha na boca, e uma voz, vinda não se sabia de onde, soou dentro do carro.

— Fox Edward, não são seguidos. Façam boa viagem.

Graham pegou no microfone que se encontrava oculto no painel do carro.

— Roger, Bobby, muito obrigado.

O Chevrolet voltou a ficar para trás, ao mesmo tempo que fazia sinal de que ia inverter o sentido de marcha.

— Foi só para termos certeza de que não éramos seguidos por nenhum carro da imprensa ou por qualquer outro carro — disse Graham.

— Compreendo — disse Molly.

Quase ao fim da tarde estacionaram num restaurante ao lado da estrada e comeram caranguejos. Willy foi espreitar o tanque das lagostas.

— Detesto toda esta situação, Molly. Perdoe-me — disse Graham.

— Agora ele anda atrás de você?

— Não temos nada que nos garanta isso. Lecter limitou-se a sugerir que o fizesse, dizendo até que o fizesse o mais rapidamente possível.

— É uma situação que me deixa doente e desorientada.

— Eu sei que tem razão. Na casa do irmão de Crawford estará perfeitamente em segurança com Willy. Ninguém neste mundo sabe que vai para lá a não ser eu e Crawford.

— No momento não gostaria de falar em Crawford.

— É um lugar agradável, você vai ver.

Inspirou profundamente e quando deixou escapar o ar parecia que a irritação se desvanecera com o ar que tinha expirado, deixando-a cansada e ao mesmo tempo calma. Sorriu-lhe com um ar astuto.

— Droga, já sei que vou ficar maluca durante algum tempo. Temos de aturar algum dos Crawford?

— Nenhum. — Afastou o cesto do pão para pegar sua mão. — O que Willy sabe sobre tudo isto?

— Praticamente tudo. A mãe de um dos seus amigos, Torrany, comprou uma porcaria de jornal no supermercado e levou-o para casa. Tommy o mostrou a Willy. Havia uma série de coisas a seu respeito e, ao que parece, bastante distorcidas. Sobre Hobs, o lugar para onde foi depois disso, Lecter, tudo. Deixou o menino preocupado. Perguntei-lhe se queria falar sobre o assunto. Só me perguntou se eu sabia o que estava acontecendo. Disse-lhe que sim, que você e eu já tínhamos falado uma vez a esse respeito, que me contou tudo antes de termos nos casado. Perguntei-lhe se queria que esclarecesse alguma coisa. Disse-me que iria perguntar a você cara a cara.

— Ainda bem. É ótimo para ele. Que jornal era, o Tattler?

— Não sei, acho que sim.

— Obrigadinho, Freddy. — O fato de ter se lembrado de Freddy Lounds

fez com que tivesse um acesso de raiva que o obrigou a se levantar. Foi ao banheiro lavar o rosto com água fria.

Sara ia ao gabinete de Crawford para lhe dar boa-noite quando o telefone tocou. Pousou a bolsa e o guarda-chuva para atender.

— Gabinete do agente especial Crawford... Não, o Sr. Graham não está no escritório, mas deixe-me... Espere, tenho todo o gosto em... Sim, amanhã à tarde estará aqui, mas deixe-me...

O tom da voz dela chamou a atenção de Crawford, que se aproximou da mesa.

Segurava no auscultador com um ar incrédulo.

— Perguntou por Will e disse que talvez voltasse a telefonar amanhã à tarde. Tentei impedi-lo de desligar.

— Quem?

— Disse: «Diga ao Sr. Graham que é o Peregrino». Foi como o Dr. Lecter chamou ao...

— Dentuço — disse Crawford.

Enquanto Molly e Willy desfaziam as malas, Graham foi ao supermercado. Comprou melões e outras frutas. De volta, parou em frente da casa do outro lado da rua e deixou-se ficar sentado por alguns minutos, as mãos ainda agarrando o volante. Sentia-se envergonhado porque, por causa dele, Molly fora obrigada a sair da casa de que gostava e vir viver no meio de estranhos.

Crawford fizera o melhor que lhe fora possível. Não se tratava de nenhuma daquelas casas federais, seguras, mas sem qualquer identidade, onde os braços das cadeiras iam embranquecendo com a transpiração. Era uma casa agradável, recentemente pintada de branco, com hortênsias que floresciam emoldurando as escadas, resultado de mãos cuidadosas e de um certo bom gosto. O quintal descia em declive até à Chesapeake Bay, onde se avistava uma balsa que se encontrava amarrada.

Por trás das cortinas via-se o pulsar da luz azul-esverdeada da televisão. Graham sabia que Molly e Willy estavam vendo a competição de baseball.

O pai de Willy fora um jogador de baseball e por sinal até bastante bom. Molly conhecera-o no ônibus da escola e casaram-se quando ainda estavam na universidade.

Enquanto ele permaneceu na equipe dos Cardinals, andaram por todos os

lugares onde se realizavam jogos da Liga do Estado da Florida. Levavam Willy com eles e passaram momentos felizes. Quando deixou de ser um simples reserva, atuou com segurança e eficácia nos seus dois primeiros jogos. Pouco depois começou a sentir dificuldade em engolir. O cirurgião tentou operá-lo, mas havia metástases que o minaram completamente. Morreu cinco meses depois, quando Willy tinha seis anos.

Willy via baseball sempre que podia. Molly via baseball quando se sentia preocupada.

Graham não tinha chave e teve que bater na porta.

— Eu abro — ouviu-se Willy dizer.

— Espere. — O rosto de Molly apareceu por entre as cortinas. — Pode abrir.

Willy abriu a porta. No punho fechado, meio oculto pela perna, empunhava uma matraca.

Graham não acreditava nos seus olhos. O garoto devia tê-la trazido na mala.

Molly pegou no saco que ele trazia.

— Quer café? Há gin mas não é da marca que você gosta.

Quando ela foi para a cozinha, Willy pediu a Graham para irem até o jardim.

Da varanda dos fundos viam-se as luzes de presença dos barcos ancorados na baía.

— Will, há alguma coisa que eu precise saber para poder proteger minha mãe?

— Aqui vocês estão perfeitamente em segurança Willy. Lembra-se do carro que nos seguiu desde o aeroporto, para se certificar de que ninguém nos vigiava? Ninguém conseguirá descobrir onde você e sua mãe estão.

— Esse doido quer matá-lo, não quer?

— Não temos certeza disso ainda. De qualquer forma, não me sentiria tranqüilo por ele saber o nosso endereço.

— Vai matá-lo?

Graham fechou os olhos por instantes.

— Não. O meu trabalho é simplesmente o de encontrá-lo. Vão interná-lo

num hospital de doidos para poderem tratá-lo e impedir que ele ataque mais pessoas.

— A mãe do Tommy comprou aquele jornal, Will. Dizia que você matou um tipo em Minnesota e que esteve num hospital para doentes mentais. Nunca ouvi falar disso. É verdade?

— É.

— Comecei falando com a minha mãe sobre isto, mas depois achei que era melhor perguntar diretamente a você.

— Aprecio a sua franqueza. Não era apenas um hospital de doenças mentais; tratam de qualquer doença lá. — A diferença parecia importante. — Estive no pavilhão psiquiátrico. Quer saber tudo por ter casado com a tua mãe?

— Prometi ao meu pai que tomaria conta dela e vou fazê-lo.

Graham sentia que dissera o suficiente. Era melhor não dizer demais.

As luzes se apagaram na cozinha. Viu a silhueta vaga de Molly através da porta de tela e sentiu a importância do seu julgamento. O que acontecesse com Willy teria certamente influência no coração dela.

Era nítido que Willy já não sabia o que perguntar. Graham deu-lhe uma ajuda.

— O caso do hospital foi depois daquilo que aconteceu com Hobbs.

— Disparou contra ele?

— Disparei.

— Como aconteceu?

— Para começar, Garrett Hobbs era louco. Atacava garotas do colégio e... matava-as.

— Como?

— Com uma faca; bom, um dia encontrei nas roupas de uma das garotas um bocadinho de apara de metal. Era o tipo de apara que uma máquina de rosquear produz, lembra-se de quando montamos o chuveiro no pátio?

»Tive que investigar uma quantidade enorme de instaladores de tubulação de vapor, de canalizadores e de outras pessoas. Levou muito tempo. Hobbs tinha deixado a sua carta de demissão numa obra que eu estava investigando. Vi-a e achei... estranho. Já não estava trabalhar em lugar nenhum e tive que procurá-lo em casa.

— Ia subindo as escadas da casa onde Hobbs tinha o apartamento. Um agente fardado ia comigo. Hobbs deve nos ter visto subindo. Estava a meio caminho do lance de escadas para o seu apartamento quando ele, da porta, atirou uma mulher em nossa direção, que veio cair em cima de nós já morta.

— Ele a matou?

— Sim. Foi por isso que pedi ao agente que ia comigo para telefonar para o comando de intervenção especializado neste tipo de coisas. Mas nessa altura ouvi crianças gritando. Quis esperar, mas não fui capaz.

— Entrou no apartamento?

— Entrei. Hobbs segurava uma garota diante dele e a golpeava com uma faca. Matei-o.

— A garota morreu?

— Não.

— Ficou bem?

— Depois de algum tempo, sim. Agora já não tem nenhum problema.

Willy digeriu isto lentamente. Vinda de um dos barcos de recreio que se encontravam ancorados, ouvia-se uma música tênue.

Graham podia poupar Willy da descrição do que acontecera, mas não conseguia evitar reviver mais uma vez todas aquelas cenas.

A Sra. Hobbs no lance de escadas, caída sobre ele, esfaqueada tantas vezes. Ver que ela tinha morrido, ouvir os gritos no apartamento, libertar-se dos pequenos dedos tintos de sangue, atirar-se contra a porta antes que ela se fechasse. Quando conseguiu entrar, a visão de Hobbs segurando a própria filha enquanto lhe cortava o pescoço, a menina que se defendia, tentando proteger a garganta com o queixo, a 38 que ia desfazendo-o aos pedaços enquanto ele continuava a cortar sem se deixar ir abaixo. Hobbs sentado no chão gritando e a menina num estertor aflitivo. Segurar a menina e ver que ele tinha cortado sua traquéia, mas que não tinha atingido as artérias. A filha que olhava para ele com os olhos esgazeados e o pai sentado no chão e gritando: «Está vendo? Está vendo?», até cair morto.

Foi nessa hora que Graham perdeu a fé na 38.

— Willy, o caso de Hobbs incomodou-me muito. Não conseguia me esquecer daquilo e revivia a cena continuamente, compreende? Fiquei de tal forma que praticamente não era capaz de pensar em mais nada. Pensava que talvez pudesse ter agido de uma outra maneira. Até que chegou uma hora em que

deixei de sentir o que quer que fosse. Não era capaz de comer e deixei de falar com as pessoas. Peguei mesmo uma depressão. Foi nessa hora que o médico me pediu para ir para o hospital, e eu fui. Depois de algum tempo já conseguia me distanciar de tudo aquilo. A filha de Hobbs veio me visitar. Já estava boa e falamos bastante. Finalmente consegui pôr o problema de lado e voltei ao trabalho.

— Quando se mata alguém, mesmo que seja necessário, dá para se ficar tão doente assim?

— Willy, é uma das coisas mais terríveis que existem no mundo.

— Olha, vou dar um pulo na cozinha. Quer que te traga alguma coisa, uma coca? — Willy gostava de fazer coisas para Graham, mas fazia sempre que tudo parecesse casual, como se houvesse outra coisa mais importante que tivesse que fazer. Nada de uma deslocação propositada com essa finalidade ou qualquer coisa no gênero.

— Está bem, uma coca.

— Mamãe devia vir até aqui fora para ver a iluminação.

Ainda nesta noite, Graham e Molly sentaram-se na cadeira de balanço na varanda dos fundos. Caía uma chuva leve e as luzes dos barcos projetavam halos granulosos no nevoeiro. A brisa que soprava da baía fazia que ficassem com a pele arrepiada.

— Isto ainda é capaz de demorar um bocado, não é? — disse Molly.

— Espero que não, mas pode acontecer.

— Will, a Evelyn disse que podia tomar conta da loja esta semana e mais quatro dias da próxima semana. Mas tenho que voltar a Marathon, nem que seja por um dia ou dois, por causa dos vendedores. Poderia ficar com a Evelyn e com Sam. Preciso fazer compras em Atlanta. Tenho que ter tudo preparado para Setembro.

— A Evelyn sabe onde você está?

— Só lhe falei em Washington.

— Ótimo.

— É difícil conseguir ter qualquer coisa, não é? É raro conseguir, e mais difícil conservar o que se tem. É um estupor de mundo.

— A quem está dizendo.

— Vamos voltar a Sugarloaf, não vamos?

— Se Deus quiser.

— Tente resolver as coisas de modo que isto não demore muito. Não vai demorar, não é?

— Não.

— Vai sair cedo? Esteve falando por meia hora ao telefone com Crawford.

— Um bocadinho antes de almoço. Se de fato tem que ir a Marathon, há umas coisas que temos que combinar de manhã. Willy pode ir pescar.

— Ele tinha coisas para te perguntar sobre o outro.

— Eu sei e não o censuro por isso.

— Raios partam esse repórter. Como é que ele se chama?

— Lounds. Freddy Lounds.

— Tenho certeza de que o detesta. Não devia ter falado no assunto. Vamos para a cama que eu lhe esfrego as costas.

Uma certa dose de ressentimento invadiu por momentos a mente de Graham. Justificara-se diante de um garoto de onze anos. Willy disse que estava tudo bem, que compreendia que ele tivesse necessitado de se tratar. Agora era ela que ia lhe esfregar as costas. Vamos para a cama

Quando estiver debaixo de tensão tente manter a boca fechada.

— Se quiser meditar um pouquinho deixo-o sozinho — disse ela.

Não queria pensar. Não havia qualquer dúvida a esse respeito.

— Esfregue minhas costas e eu lhe esfrego outra coisa... — disse ele.

— Vamos a isso, parceiro.

O vento arrastara a chuva miúda da baía e às nove da manhã o solo libertava nuvens de vapor. Os alvos mais distantes na linha de tiro do departamento do xerife pareciam agitar-se no ar pesado.

O diretor da linha de tiro observou com o binóculo até se ter convencido de que o homem e a mulher no extremo mais distante da linha de fogo estavam cumprindo todas as regras de segurança.

As credenciais do Departamento de Justiça que o homem mostrara quando pediu para usar a linha de tiro diziam: «Investigador». Podia ser qualquer coisa. O diretor não concordava que o ensino de tiro não fosse feito por um instrutor qualificado.

No entanto, tinha que admitir que o federal sabia o que estava fazendo.

Estavam só usando um revólver .22, mas estava ensinando à mulher tiro de combate no estilo Weaver, o pé esquerdo levemente avançado, o revólver seguro firmemente nas mãos, com uma tensão isométrica nos braços. Disparava contra o alvo de silhueta que se encontrava sete jardas à frente dela. Incansavelmente, tirava a arma do bolso exterior da bolsa a tiracolo. A situação repetiu-se até chegar a um ponto em que o diretor da carreira já não podia olhar para aquilo.

Uma alteração no som dos disparos fez com que o diretor voltasse a pegar no binóculo. Agora usavam protetores de ouvidos e ela usava um revólver atarracado de cano curto. Reconheceu o som de cargas mais leves.

Conseguia ver a arma que ela agarrava firmemente e interessou-se. Foi se deslocando ao longo da linha de fogo até que parou a algumas jardas deles.

Queria examinar a arma, mas não era uma boa hora para interromper. Teve oportunidade de examiná-la quando ela parou para retirar as cápsulas vazias e introduzir mais cinco projéteis alinhados numa placa de aço.

Estranha arma para um federal. Era um Bulldog .44 Special, curto e feio, em que o orifício do cano era simplesmente aterrador. Fora extensivamente modificado por Magna Port. O cano era ventilado próximo da mira para ajudar a mantê-la baixa no recuo. O percussor era reforçado e o punho era anatômico. Estava convencido de que era especialmente adaptado para ser carregado a alta velocidade. Um raio de uma arma diabólica quando era carregada com aquilo que o federal desconfiava. Tentava imaginar como é que a mulher agüentaria com aquilo.

As munições no balcão que se encontrava por trás deles apresentavam uma progressão interessante. Primeiro, via-se uma caixa de balas semiocas de carga leve. A seguir, viam-se projéteis normais de ponta endurecida, e por último havia qualquer coisa sobre a qual o diretor da carreira já ouvira falar, mas que raras vezes vira. Uma fila de projéteis de segurança Glaser. As pontas pareciam-se com borrachas de lápis. Depois da ponta havia uma cápsula de cobre contendo carga número doze suspensa em teflon líquido.

Este projétil ligeiro fora concebido para se deslocar a tremenda velocidade e esmagar-se no alvo libertando a carga. Na carne os resultados eram devastadores. O diretor lembrava-se bem dos números. Em noventa glasers disparados a distância média, todos os noventa provocaram uma parada imediata. Em oitenta e nove dos casos a morte foi instantânea. Um homem

sobreviveu, o que deixou os médicos admirados. O projéctil Glaser tinha ainda uma vantagem sob o ponto de vista da segurança: não havia ricochetes e não conseguia atravessar uma parede, não correndo, portanto, o risco de matar alguém que se encontrasse na sala ao lado.

O homem era muito gentil com a mulher, ao mesmo tempo que ia encorajando-a, mas parecia sentir-se profundamente triste.

A mulher disparara carregadores completos e o diretor verificava com agrado que aguentava perfeitamente o recuo da arma, e mantinha ambos os olhos abertos e sem pestanejar. É certo que levava cerca de quatro segundos para disparar o primeiro tiro, sacando a arma da bolsa, mas três acertavam no círculo central. Nada mau para uma principiante. Não havia dúvida de que possuía um certo talento.

Já regressara à torre havia algum tempo quando ouviu o barulho diabólico dos glasers sendo disparados.

Disparava os cinco em rajada. Não poderia dizer que fosse procedimento standard dos federais.

O diretor tentava imaginar que raio eles teriam visto na silhueta do alvo que os levasse a disparar os cinco glasers.

Graham voltou à torre para devolver os protetores de ouvidos, tendo deixado a sua aluna sentada num banco, cabeça baixa, os cotovelos assentados nos joelhos.

O diretor pensou que ele deveria se sentir contente com os resultados que ela tinha obtido e lhe disse isso mesmo. Ela fizera progressos enormes num único dia. Graham agradeceu-lhe com um ar ausente. A expressão do seu rosto deixou o diretor confuso. Parecia um homem que tivesse testemunhado uma perda irreparável.

# CAPÍTULO 16

O interlocutor, o Peregrino, dissera a Sara que talvez voltasse a telefonar na tarde seguinte. Na sede do FBI foram tomadas algumas medidas para receber a chamada.

Quem era o Peregrino? Lecter não era. Crawford encarregara-se de se certificar sobre esse ponto. Seria o Peregrino, o Dentuço? Era possível, pensou Crawford.

As mesas e telefones do gabinete de Crawford haviam sido trocadas durante a noite para um gabinete mais amplo do outro lado do hall.

Graham permanecia à porta de uma cabine à prova de som.

Atrás dele, na cabine, estava o telefone de Crawford. Sara limpara-o. Com a escrivaninha e uma mesa adicional ocupadas com o espectrógrafo de impressão de voz, gravadores e calculador de stress e Everly Katz sentada na sua cadeira, Sara precisava encontrar alguma coisa para fazer.

No grande relógio de parede faltavam dez minutos para o meio-dia.

O Dr. Alan Blorn e Crawford permaneciam junto de Graham. Tanto um como o outro procuravam aparentar um ar despreocupado, com as mãos nos bolsos.

Um dos técnicos sentara-se em frente de Everly Katz tamborilando com os dedos na mesa, até que um franzir de sobrancelhas de Crawford fez que ele parasse.

A mesa de Crawford estava apinhada com dois novos telefones, uma linha aberta para o centro de comutação eletrônica da Bell System e uma linha direta para o centro de comunicações do FBI.

— Quanto tempo é necessário para localizar uma chamada? —perguntou o Dr. Blorn.

— Com o novo sistema de comutação é muito mais rápido do que se possa imaginar — disse Crawford. — Talvez um minuto, se todo o sistema for eletrônico, um pouco mais, se for uma central eletromagnética.

Crawford ergueu a voz para que todos o ouvissem.

— Se ele chegar a telefonar, tenham cuidado porque vai ser muito rápido. Temos que estar atentos para que não haja erros. Quer ensaiar de novo, Will?

— Certo. Quando chegarmos à altura em que eu falo, quero lhe fazer algumas perguntas, Doutor.

Blorn chegara depois dos outros. Tinha uma conferência programada em Quântico, ao fim do dia, na Seção de Ciência do Comportamento. Blorn sentiu o cheiro de cordite que exalava da roupa de Graham.

— Okay — disse Graham. — O telefone toca. O circuito se fecha imediatamente e começa a busca no Bell System, mas o gerador de tonalidade continua tocando, de modo que ele não sabe que já estamos na linha. Isso nos dá cerca de vinte segundos de vantagem. — Apontou para o técnico. — Gerador de tonalidade desligado no final do quarto toque, compreendeu?

O técnico acenou com a cabeça.

— No final do quarto toque.

— A seguir Everly pega no telefone. A sua voz é diferente daquela que ele ouviu ontem. Não haverá reconhecimento de voz. Everly deverá parecer chateada. Ele pergunta por mim. Everly diz-lhe: «Tenho que tentar encontrá-lo, importa-se de ficar na linha?» Pronta para isso, Ev? — Graham pensou que era melhor não ensaiarem de novo as falas. A repetição podia fazer que viessem a se tornar impessoais. — Certo, a linha estará aberta para nós, morta para ele. Estou convencido de que vai passar mais tempo na linha, à espera, do que na realidade falando.

— Tem certeza de que não quer colocar a música de fundo? — perguntou o técnico.

— Porra, nem pensar nisso — disse Crawford.

— Damos cerca de vinte segundos de espera em linha e a seguir Everly volta a falar e diz: «O Sr. Graham já vem atender o telefone. Vou ligá-lo agora». A seguir eu pego no telefone. — Graham voltou-se para o Dr. Bloorn. — Como é que o senhor lidaria com ele, Doutor?

— Ele vai esperar que você se mostre cético e que de fato tenha dúvidas de que seja ele. No seu lugar demonstraria uma certa dose de ceticismo delicado. Faria mesmo uma diferenciação nítida entre o aborrecimento das falsas chamadas e o significado, a importância, de uma chamada de uma pessoa real. As chamadas falsas são fáceis de reconhecer porque falta a capacidade de compreender o que se passou, coisas desse gênero.

»Faça-o dizer qualquer coisa que prove na realidade que é ele. — O Dr. Bloorn olhou para o chão enquanto massageava a nuca. — Você não faz idéia do que ele quer. Talvez procure compreensão, talvez tenha uma idéia fixa a seu respeito como seu adversário e tudo não passe de um desafio, veremos. Tente determinar o seu estado de espírito e dê-lhe aquilo de que ele está à procura, um pouco de cada vez. Seria perfeitamente ridículo lhe fazer um apelo para que viesse nos ajudar, a menos que note que é isso que ele está esperando.

»Se ele for paranóico vai perceber rapidamente. Nesse caso alinharia em concordar com as suas queixas de que se sente ofendido. Deixe-o desabafar. Se ele continuar a desabafar, talvez se esqueça de quanto tempo está falando. É tudo o que lhe posso dizer. — Blorn pôs a mão no ombro de Graham e falou calmamente. — Não se esqueça de que isto não é nenhuma conversa à toa nem lengalenga; pode conseguir levá-lo a fazer o que nós queremos. Esqueça-se dos conselhos e das regras e faça aquilo que lhe parecer que está certo.

Tinha começado a espera. Meia hora de silêncio era mais do que suficiente.

— Chamada ou não chamada, temos que decidir o que é que vamos fazer ao sair daqui — disse Crawford. — Quer tentar?

— Não consigo ver nada melhor — disse Graham.

— Isso nos daria duas possibilidades de o apanharmos, uma espera na sua casa em Keys e a caixa postal.

O telefone estava tocando.

Gerador de som ligado. No Bell System começou a busca. Quatro toques. O técnico rodou o comutador e Everly pegou no telefone. Sara estava à escuta.

— Gabinete do agente especial Crawford.

Sara abanou a cabeça. Conhecia a pessoa, um dos velhos amigos de Crawford do Departamento de álcool, Tabaco e Armas de Fogo. Everly livrou-se dele rapidamente e interrompeu a busca. Todos no edifício do FBI sabiam que era preciso deixar a linha livre.

Crawford começou a rever mais uma vez os detalhes do assunto da caixa postal. Sentiam-se ao mesmo tempo aborrecidos e tensos. Lloyd Bowman apareceu para lhes mostrar como os pares de números das escrituras se encaixavam na página 100 da brochura A Alegria de Cozinhar. Sara distribuiu café em copos de papel.

O telefone tocou.

O gerador de som entrou mais uma vez em funcionamento e o Bell System iniciou a busca. Quatro toques. O técnico rodou o comutador. Everly pegou no telefone.

— Gabinete do agente especial Crawford.

Sara estava acenando a cabeça num gesto afirmativo.

Grandes acenos de cabeça.

Graham foi para a sua cabine e fechou a porta. Conseguia ver os movimentos dos lábios de Everly. Apertou o botão «Hold» e ficou olhando para o ponteiro dos segundos no relógio de parede.

Graham conseguia distinguir o seu rosto no receptor polido. Duas imagens distorcidas no bocal e no auscultador. A camisa cheirava a cordite, recordação da linha de tiro. Não desligue. Meu Deus, faça com que ele não desligue. Passaram-se quarenta segundos. O telefone que estava na sua mesa estremeceu levemente quando tocou. Deixe-o tocar. Mais uma vez. Quarenta e cinco segundos. Agora.

— Fala Will Graham, em que posso ajudá-lo?

Um riso em tom baixo. Uma voz abafada:

— Irá saber mais tarde.

— Pode me dizer por favor quem está falando?

— A sua secretária não lhe disse?

— Não, meu caro senhor, mas me fez interromper uma reunião...

— Se me disser que não quer falar com o Peregrino, desligo imediatamente. Sim ou não?

— Sr. Peregrino, se tiver qualquer problema que eu tenha possibilidade de resolver, tenho o maior prazer em falar com o senhor.

— Tenho a impressão de que o problema é seu, Sr. Graham.

— Peço desculpas, mas não estou entendendo.

O ponteiro dos segundos marcava quase uma volta completa.

— Tem sido um rapaz muito ocupado, não tem? — disse o interlocutor.

— Ocupado demais para continuar ao telefone se não me disser o que pretende.

— Os nossos pontos de interesse coincidem: Atlanta e Birmingham.

— Sabe alguma coisa a esse respeito?

Um riso suave.

— Se sei alguma coisa a esse respeito? Está interessado no Peregrino? Sim ou não. Se mentir desligo já.

Graham via Crawford através do vidro. Tinha um telefone em cada mão.

— É evidente que sim. Mas veja bem, costumo receber muitas chamadas e a maior parte delas são de pessoas que dizem que sabem uma série de coisas.

Tinha passado um minuto.

Crawford pousou um dos telefones e rabiscou alguma coisa num pedaço de papel.

— Ficaria admirado se soubesse o número de pretendentes que tenho que atender — disse Graham. — Falo com eles alguns minutos e logo vejo que não têm capacidade nem para entender o que está acontecendo. Não concorda comigo?

Sara encostou uma folha de papel no vidro para que Graham conseguisse ler. Dizia: «Cabine telefônica em Chicago, busca em marcha.»

— Vamos combinar uma coisa, o senhor me diz alguma coisa que saiba sobre o Peregrino e talvez eu lhe diga se tem razão ou não — disse a voz abafada.

— Vamos direto ao assunto de que estamos falando — disse Graham.

— Estamos falando sobre o Peregrino.

— Como é que eu posso saber se o Sr. Peregrino fez qualquer coisa em que eu possa estar interessado? Fez?

— Digamos que sim.

— O senhor é o Peregrino?

— Tenho a impressão de que isso é uma das coisas que não vou lhe dizer.

— É amigo dele?

— Mais ou menos.

— Então prove. Diga-me qualquer coisa que mostre como o conhece bem.

— O senhor primeiro. Mostre-me primeiro o que é que sabe. — Um riso nervoso. — Logo que se engane, desligo.

— Está certo, o Sr. Peregrino é destro.

— Isso não tem qualquer dificuldade. Acontece o mesmo com a maior

parte das pessoas.

— O Sr. Peregrino não é compreendido.

— Deixe de tretas, por favor.

— O Sr. Peregrino é muito forte fisicamente.

— Sim, acho que pode-se dizer isso.

Graham olhou para o relógio. Minuto e meio. Crawford fez-lhe um gesto de encorajamento.

Não lhe digas nada que o faça mudar de opinião.

— O Sr. Peregrino é branco e tem, digamos, cerca de um metro e oitenta de altura. Estou vendo que não me disse nada ainda. Começo a duvidar que o conhece.

— Quer parar de falar?

— Não, mas disse que se tratava de uma troca. E estou vendo que estou falando sozinho.

— Acha que o Sr. Peregrino é doido?

Blorn abanava a cabeça dizendo que não.

— Acho que alguém que pode ser tão cuidadoso como ele é, não pode ser doido. Acho que é diferente. Muita gente pensa que ele é doido e a única razão que vejo para isso é o fato dele ainda não ter deixado que se soubesse grande coisa a seu respeito.

— Descreva exatamente o que acha que ele fez à Sra. Leeds e talvez eu lhe diga se está certo ou errado.

— Não quero fazer isso.

— Adeus.

O coração de Graham deu um salto, mas ainda conseguia ouvir a respiração no outro extremo da linha.

— Não quero falar nisso até que...

Graham ouviu a porta da cabine telefônica em Chicago bater ao ser aberta violentamente e o telefone cair fazendo um ruído surdo. Murmúrios de vozes e as pancadas do telefone suspenso do cordão. Todos ouviam os mesmos ruídos nos alto-falantes.

— Não se mexa. Nem sequer pisque. Ponha as mãos na nuca e saia lentamente da cabine, de costas. Lentamente. Afaste as mãos, e encoste-as no

vidro.

Graham sentia-se invadir por um alívio agradável.

— Não estou armado, Stan. O meu cartão de identidade está no bolso do peito. Isso faz cócegas.

Ouviu-se uma voz alta ao telefone.

— Com quem estou falando?

— Will Graham, FBI.

— Fala o sargento Stanley Riddle, Departamento de Polícia de Chicago. — E logo a seguir num tom irritado. — É capaz de fazer o favor de me dizer que raio está acontecendo?

— O senhor é que tem que me dizer. Deteve um homem?

— Claro que sim. Freddy Lounds, o repórter. Conheço-o há dez anos... Tome a sua agenda, Freddy... Tem alguma acusação contra ele?

O rosto de Graham estava pálido. Crawford estava vermelho. O Dr. Blorn observava a rotação das bobinas do gravador.

— Está me ouvindo?

— Sim, tenho uma acusação contra ele. — A voz de Graham parecia estrangulada. — Obstrução da justiça. Leve-o e detenha-o para ser ouvido pelo procurador-geral da República.

De repente Lounds estava ao telefone. Falava rápida e claramente, depois de ter tirado as bolas de algodão de dentro da boca.

— Will, ouça ...

— Diga o que tiver que dizer ao procurador-geral da República. O sargento Riddle que venha ao telefone.

— Sei umas coisas...

— Ponha Riddle ao telefone!

A voz de Crawford apareceu na linha.

— Deixe-me falar, Will.

Graham desligou com um gesto violento, o que fez com que todos que conseguiam ouvir os alto-falantes desse um pulo. Saiu da cabine e abandonou a sala sem olhar para ninguém.

— Lounds, você arranjou uma encrenca dos diabos, meu caro — disse

Crawford.

— Quer apanhá-lo ou não? Eu posso ajudá-lo. Deixe-me falar só um minuto. — Em face ao silêncio de Crawford, Lounds procurou se apressar. — Ouça, você acaba de demonstrar como precisa desesperadamente do Tattler. Antes não tinha lá muita certeza, mas agora é diferente. E a prova está nessa história do anúncio do Dentuço. Se não fosse assim, você não teria vindo de peito para fisgar esta chamada. Ótimo. O Tattler está aqui à sua disposição. Tudo aquilo que você quiser.

— Como é que você descobriu?

— O chefe da seção de anúncios veio falar comigo. Disse-me que o Departamento de Chicago tinha mandado aquele manequim para verificar os anúncios. O vosso rapaz retirou cinco cartas dos anúncios recebidos. Disse que estava investigando um caso de «fraude postal». Fraude postal uma ova. O chefe da seção de anúncios tirou fotocópias das cartas e dos envelopes antes de entregá-los ao seu homem.

»Estive analisando-as. Sabia que tinha tirado cinco cartas para poder camuflar aquela que ele queria na realidade. Levei um dia ou dois para verificar tudo. A resposta estava no carimbo do envelope do Chesapeake. O número de código postal correspondia ao da zona do Hospital Psiquiátrico Chesapeake. Descobri logo que só podia ter sido o seu amigo de traseiro peludo. Quem mais poderia ter sido?

»No entanto tinha que me certificar. Foi por causa disso que telefonei, para me certificar se pulava em cima do Peregrino com unhas e dentes, e foi o que aconteceu.

— Cometeu um erro enorme, Freddy.

— Você precisa do Tattler e eu posso pô-lo à sua disposição. Anúncios, editorial, monitorização, correio recebido, qualquer coisa. Basta que me diga. E além disso sou capaz de ser discreto. Pode ter certeza que sim. Deixe-me entrar no jogo, Crawford.

— Não há nada em que possa deixá-lo entrar.

— Okay, então não há qualquer problema se alguém se lembrar de pôr seis anúncios pessoais na próxima edição. Todos destinados ao Sr. Peregrino e assinados todos da mesma maneira.

— E eu o espeto com um processo e uma acusação formal por obstrução da justiça.

— E tudo isto pode se espalhar para todos os jornais do país. — Lounds sabia que a conversa dele estava sendo gravada. Já não se importava. — Juro por Deus que faço, Crawford. Sou capaz de destruir as suas chances antes de destruir as minhas.

— Temos que acrescentar a transmissão de uma ameaça como resposta ao que acabei de lhe dizer.

— Deixe-me ajudá-lo, Jack. Pode crer que sou capaz.

— Vá para a esquadra, Freddy. Agora deixe-me falar com o sargento.

O Lincoln Versailles de Freddy Lounds cheirava a tônico capilar e loção pós barba, meias e charutos, e o sargento da polícia sentiu-se feliz quando conseguiu sair do carro ao chegarem à esquadra.

Lounds conhecia o capitão que comandava a esquadra e a maior parte dos agentes. O capitão serviu café a Lounds e telefonou para o gabinete do procurador-geral, para «tentar esclarecer toda aquela merda».

Não apareceu nenhum assistente federal por causa de Lounds. Meia hora depois, este recebeu uma chamada telefônica de Crawford no gabinete do comandante da esquadra. Depois disso, estava livre para poder ir embora. O capitão acompanhou-o ao carro.

Lounds sentia-se enervado e a sua condução era rápida e incerta, enquanto cruzava o Loop em direção a este, a caminho do seu apartamento com vista sobre o lago Michigan. Havia várias coisas que ele queria esclarecer nesta história e sabia que era capaz. Dinheiro era uma delas e sabia que havia de vir do jornal. Nas trinta e seis horas a seguir à sua captura ia verificar-se um aumento instantâneo da tiragem. Uma história exclusiva na imprensa diária ia ser um furo jornalístico. Ia ter a satisfação de ver a imprensa regular — o Chicago Tribune, o Los Angeles Times, o santificado Washington Post e o sagrado New York Times correr atrás do seu material com direitos reservados, seguindo as suas instruções e garantindo-lhes os créditos que ele pretendia.

E depois, ver os correspondentes desses augustos jornais, que tinham o hábito de olhá-lo de cima, que se recusavam a beber um copo com ele, a roerem-se de inveja.

Para eles, Lounds era um pária porque seguira princípios diferentes. Se ele tivesse sido um incompetente, um louco sem mais nenhum meio de rendimento, era possível que os veteranos da imprensa regular lhe tivessem perdoado o fato de trabalhar no Tattler, do mesmo modo que se perdoa um atrasado mental. Mas Lounds era bom. Tinha as qualidades de um bom repórter: inteligência, coragem

e uma vista apurada. Tinha uma enorme vitalidade e tinha paciência.

Havia contra ele o seu comportamento, o que fazia que fosse detestado pelos diretores de notícias, isto além de ser incapaz de se manter afastado das suas histórias.

Em Lounds havia a necessidade desesperada de ser notado, o que muitas vezes o fazia cometer erros. Era coxo, feio e de pequena estatura. Tinha dentes de cavalo e os seus olhos de rato tinham o brilho de cuspe no asfalto.

Trabalhara dez anos na imprensa regular até se ter convencido de que nunca ninguém o mandaria a lugar nenhum, nem mesmo à Casa Branca. Verificou que os seus editores se serviriam dele, que o utilizariam até chegar a altura em que não passaria de um boneco arrebentado e bêbado, que passaria os seus últimos dias sentado numa escrivaninha, inútil, caminhando a passos largos para uma cirrose ou para qualquer outra coisa igualmente triste.

Queriam a informação que ele pudesse obter, mas não queriam Freddy. Pagavam-lhe de acordo com o topo da escala, o que não se podia dizer que fosse muito quando tinha que comprar mulheres. Batiam-lhe nas costas e diziam-lhe que tinha montes de coragem, mas recusavam-se a inscrever o seu nome num dos lugares do parque de estacionamento.

Uma noite, em 1969, quando se encontrava no escritório refazendo um artigo, Freddy teve a sua epifania.

Frank Larkin encontrava-se próximo dele, recebendo uma reportagem ao telefone. No jornal onde Freddy trabalhava, receber reportagens por telefone era o prato forte dos velhos repórteres que trabalhavam ali. Frank Larkin tinha cinqüenta e cinco anos, mas parecia que tinha setenta. Os seus olhos pareciam ostras e de meia em meia hora ia ao armário para beber. Do lugar onde se encontrava, Freddy conseguia sentir-lhe o cheiro.

Larkin levantou-se e arrastou-se até o intercomunicador, falando num murmúrio gutural com o editor de notícias, uma mulher. Freddy tinha o hábito de ouvir as conversas das outras pessoas.

Larkin pediu-lhe que mandasse buscar um absorvente higiênico da máquina que se encontrava no banheiro das senhoras. Tinha que usá-los no traseiro, que sangrava.

Freddy parou de escrever. Tirou o artigo da máquina, colocou novo papel e escreveu uma carta de demissão.

Uma semana depois estava trabalhando no Tattler.

Começou como editor de casos de câncer, com um vencimento que andava próximo do dobro do que ganhava antes. A administração mostrava-se impressionada com a sua conduta.

O Tattler podia permitir-se pagar bem porque os casos de câncer eram extraordinariamente lucrativos.

Um em cada cinco americanos morria de câncer. Os parentes dos moribundos, arrasados, fatigados de tanto rezarem, tentavam lutar contra um carcinoma devastador com pancadas nas costas, pudim de banana e anedotas que tinham o gosto amargo do fel, e acolhiam qualquer coisa que lhes trouxesse uma esperança.

Os analistas de mercado demonstravam que um cabeçalho direto, como «Nova cura para o câncer» ou «Medicamento milagroso para o câncer», aumentava as vendas nos supermercados de qualquer edição do Tattler em cerca de vinte por cento. Podia verificar-se uma queda de seis pontos nessas vendas quando a história era publicada logo a seguir ao cabeçalho, na primeira página, o que permitia que os clientes a lessem logo na banco, enquanto a caixa totalizava o preço das compras.

Os analistas de mercado chegaram à conclusão de que o ideal era publicar o cabeçalho a cores na primeira página e o artigo nas páginas centrais, o que fazia que fosse muito mais difícil manter o jornal aberto ao mesmo tempo que se conduzia o carrinho de compras e se manejava a carteira.

A história básica não devia ter mais de cinco parágrafos, em tom otimista, em letra de corpo dez, diminuindo progressivamente o corpo da letra até citar que a «droga milagrosa» não se encontrava disponível ou que a investigação animal só tinha começado agora.

Freddy ganhou o seu dinheiro com estas histórias e as histórias venderam montes de exemplares do Tattler.

Para aumentar o número de leitores havia ainda os anúncios de venda por correspondência de medalhões milagrosos e de roupas que curavam. Os fabricantes destes artigos pagavam um prêmio para poderem ter os seus anúncios publicados próximos da história semanal sobre o câncer.

Muitos leitores escreviam para o jornal pedindo mais informações. Com isto obtinham-se rendimentos adicionais, vendendo os seus nomes a um «evangelizador» da rádio, um sociopata que só sabia gritar e que lhes escrevia pedindo dinheiro, usando envelopes com um carimbo que dizia: «Alguém que você ama morrerá a não ser que...»

Freddy Lounds era bom para o Tattler e o Tattler era bom para ele. Atualmente, após onze anos trabalhando para o jornal, ganhava razoavelmente. Fazia mais ou menos aquilo que lhe apetecia e gastava o dinheiro se divertindo. Dentro das suas possibilidades, vivia tão bem quanto lhe era possível.

Da maneira como as coisas estavam, acreditava que era capaz de aumentar os seus rendimentos com as tiragens, além dos direitos que pudessem surgir por causa de um eventual filme. Tinha ouvido dizer que Hollywood era um lugar excelente para tipos obnóxios e com dinheiro.

Freddy sentia-se bem. Desceu a rampa em direção à garagem subterrânea do edifício onde morava e estacionou no seu lugar reservado com um chiar de borracha dos pneus. Ali, na parede, encontrava-se pintado o seu nome em letras de um pé de altura, assinalando o seu local privativo: «Sr. Frederick Lounds».

Wendy já tinha chegado — o seu Datsun estava estacionado no lugar depois do seu. Ótimo. Tinha vontade de levá-la junto na sua viagem a Washington. Enquanto subia no elevador ia assobiando uma melodia em voga.

Wendy estava fazendo as malas. Toda a vida tinha vivido no meio de malas, o que lhe proporcionava sempre bom trabalho.

Impecável nos seus jeans e blusa estampada, os cabelos castanhos apanhados num rabo de cavalo que lhe caía da nuca, podia confundir-se perfeitamente com uma garota do campo se não fosse a sua extrema palidez e as suas formas. O aspecto de Wendy era quase uma caricatura da puberdade.

Olhou para Lounds com olhos de quem já não se surpreende com nada. Viu que ele estava tremendo.

— Anda trabalhando demais, Roscoe. — Gostava de chamá-lo de Roscoe e o que era certo era que lhe agradava, embora não soubesse dizer porquê. — Em qual conexão vai, no avião das seis? — Trouxe-lhe uma bebida e tirou de cima da cama um terno de duas peças e a pasta para que ele pudesse se deitar. — Posso levá-lo ao aeroporto. Só tenho que ir ao clube depois das seis.

Wendy City era o bar topless onde ela trabalhava e já não era obrigada a dançar. Lounds tinha sido um dos responsáveis pela situação.

— Quando me telefonou parecia a Toupeira Morocco — disse ela.

— Quem?

— Sabe perfeitamente quem é, aparece na televisão no sábado de manhã, é muito misteriosa e ajuda o Esquilo Agente Secreto. Era o programa que costumávamos assistir quando pegou a constipação... Hoje conseguiu uma coisa

importante, não conseguiu? Não cabe dentro de si.

— Pode crer que sim. Hoje me arrisquei e valeu a pena. Consegui uma oportunidade que deve ser estupenda.

— Tem tempo para uma soneca antes de partir. Está despencando.

Lounds acendeu um cigarro. Embora já tivesse outro no cinzeiro, que ardia lentamente.

— Sabe de uma coisa? — disse ela. — Aposto que, se acabasse a bebida e se deitasse, seria capaz de dormir um bocadinho.

O rosto de Lounds, comprimido como um punho contra a nuca dela, descontraiu-se por fim, tornou-se de repente flexível, do mesmo modo como um punho fechado se transforma numa mão. Os tremores tinham passado. Contou-lhe tudo num murmúrio, com a boca quase colada no vale dos seus volumosos seios, enquanto ela, com um dedo, desenhava oitos na sua nuca.

— Só mostra como você é inteligente, Roscoe — disse ela. — Mas agora vai dormir. Acordo-o quando estiver na hora para o avião. Fique descansado porque vai correr tudo bem. Quando tudo tiver acabado vamos nos divertir muito.

Murmuraram os locais que iriam visitar. Até que ele adormeceu.

# CAPÍTULO 17

O Dr. Alan Blorn e Jack Crawford sentavam-se em cadeiras de dobrar, a única mobília que tinha ficado no gabinete de Crawford.

— O bar está vazio, Doutor.

O Dr. Blorn estudava a face simiesca de Crawford enquanto tentava adivinhar o que viria a seguir. Além das indisposições de Crawford e da sua mania de tomar Alka-Seltzer, o Dr. Blorn conseguia distinguir nele uma inteligência fria como gelo.

— Onde o Will foi?

— Foi dar um passeio para se acalmar — disse Crawford. Ele odeia Lounds.

— Ele teve medo de perder Will quando Lecter divulgou seu endereço? Pensou que ele pudesse voltar para a sua família?

— Por momentos fiquei convencido disso. Foi uma coisa que o abalou muito.

— É compreensível — disse Blorn.

— Depois verifiquei que não lhe é possível voltar para casa, nem Molly e Willy, não há qualquer hipótese sem que o Dentuço esteja afastado do caminho.

— Conhece a Molly?

— Conheço. É estupenda, gosto dela. É evidente que o desejo dela era me ver no inferno. No momento tenho que me manter afastado.

— Está convencida de que você está usando Will?

Crawford olhou para o Dr. Blorn com um olhar astuto.

— Tenho uns assuntos para discutir contigo. São coisas que temos que verificar em conjunto. Quando tem que estar em Quântico?

— Só na terça de manhã. É a única coisa que tenho que fazer. — O Dr. Blorn era leitor convidado da Seção de Ciência do Comportamento na Academia do FBI.

— Graham gosta de você. Não é capaz de imaginar que você possa ter algum jogo escondido a respeito dele — disse Crawford. A observação de Blorn de que ele estava usando Will tinha-o atingido.

— E não tenho. Nem sequer me daria ao trabalho de tentar — disse Blorn. — Sou tão honesto com ele como seria com qualquer paciente.

— Exatamente.

— Não, quero ser seu amigo e o sou na realidade. Jack, estou habituado a observar por causa da minha especialidade. Lembre-se, no entanto, que quando você me pediu um estudo sobre ele, eu recusei.

— Foi Petersen, do andar de cima, que pediu o estudo.

— Foi você que pediu. Não interessa, se alguma vez tiver que fazer qualquer coisa a Graham, se houver mesmo qualquer coisa que possa beneficiar terapeuticamente outros, o farei de uma forma tão impessoal que será totalmente irreconhecível. Se alguma vez fizer qualquer coisa de natureza acadêmica, só será publicada postumamente.

— Depois de você ou depois de Graham?

O Dr. Blorn não respondeu.

— Uma coisa que eu notei, e sobre a qual sinto uma certa curiosidade: você não é capaz de ficar sozinho numa sala com Graham, não é? Sempre se conseguiu desembaraçar muito bem, mas nunca esteve frente a frente com ele. Qual é a razão disto tudo? Acha que ele é médium, é isso?

— Não, é um eideteker, tem uma memória visual absolutamente extraordinária, mas não penso que seja médium. Se assim fosse, nunca deixaria que Duke lhe fizesse um teste, embora isso possa não ter qualquer significado. Detesta ser examinado e testado, mas acontece o mesmo comigo.

— Mas...

— Will quer pensar nisto como se fosse um simples exercício intelectual e dentro da limitada definição da ciência forense, isso é que é na realidade. É bom nesse campo, mas acho que há pessoas tão boas como ele.

— Não muitas — disse Crawford.

— Além disso tem uma coisa que só se pode classificar como empatia pura e projeção — disse o Dr. Blorn. — Pode concordar com o seu ponto de vista, ou com o meu, e talvez até com outros pontos de vista que o aterrorizem e que possam deixá-lo doente. É um dom que se torna muito desconfortável, Jack. A percepção é uma ferramenta que pode ser usada nos dois sentidos.

— Por que você nunca fica sozinho com ele?

— Porque tenho uma certa curiosidade profissional a seu respeito e é uma

coisa que ele perceberia num instante. É muito rápido.

— Se o apanhasse espiando seria capaz de baixar as persianas.

— É uma analogia, desagradável, mas não deixa de ser exata. Já teve a sua vingança, Jack. Vamos ao que interessa. E de uma forma resumida. Não me sinto muito bem.

— Uma manifestação psicossomática, provavelmente — disse Crawford.

— Neste momento é um problema com a minha vesícula. O que é que você pretende?

— Tenho um «médium» que me permite falar com o Dentuço.

— O Tattler — disse Blorn.

— Isso mesmo. Acha que haverá algum meio de o empurrarmos para um caminho autodestrutivo com aquilo que lhe possamos dizer?

— Levá-lo ao suicídio?

— O suicídio lhe cairia bem mesmo.

— Tenho dúvidas. Em certos casos de doenças mentais isso pode ser possível. Neste caso, tenho dúvidas. Se ele fosse autodestrutivo não seria tão cuidadoso, não se protegeria tão bem. Se ele fosse um esquizofrênico paranóico clássico, você seria capaz de influenciá-lo para que ele se tornasse visível. Poderia até levá-lo a fazer mal a si mesmo. De qualquer modo, não seria capaz de ajudá-lo. — O suicídio era um inimigo mortal de Blorn.

— Não, estou convencido que não — disse Crawford. Acha que conseguiríamos enraivecê-lo?

— Por que quer saber? Para que fim?

— Deixe-me fazer esta pergunta: seria possível enraivecê-lo e fixar a sua atenção?

— Já está fixado em Graham como seu adversário, e você sabe disso. Não se disperse. Está decidido a safar o pescoço de Graham, não está?

— Acho que tenho que fazê-lo. Ou é assim ou ele vai suar no dia 25. Ajude-me.

— Não estou muito certo de que você saiba o que está pedindo.

— Conselhos, é o que eu estou pedindo.

— Não me refiro a mim — disse o Dr. Blorn. — É o que você está pedindo a Graham. Não quero que interprete isto mal, eu normalmente não diria

uma coisa dessas, mas acho que tem que saber: o que é que você pensa que constitui uma das mais fortes motivações de Will?

Crawford abanou a cabeça, indicando que não sabia.

— É medo, Jack. O homem tem que se defrontar com uma quantidade enorme de medo.

— Porque se feriu?

— Não, não na sua totalidade. O medo surge com a imaginação, é uma penalização, é o preço da imaginação.

Crawford ficou olhando para as suas mãos duras cruzadas sobre o estômago. Corou. Era embaraçoso falar sobre isso.

— Certo. Não se preocupe em me dizer que ele tem medo. Não sou tão burro assim, Doutor.

— Nunca pensei que você o fosse, Jack.

— Nunca o enviaria lá para fora se não fosse capaz de protegê-lo. Okay, se não pudesse protegê-lo em oitenta por cento. Ele não é mau. Não é o melhor, mas é rápido. Nos ajuda a pescar o Dentuço, Doutor? Já morreu uma série de gente.

— Só se Graham souber na sua totalidade o risco que tem à sua frente e o assumir voluntariamente. Quero ouvi-lo dizer isso.

— Sou como o senhor, Doutor. Nunca o engano. Ou pelo menos não o faço mais do que é costume fazermos uns aos outros.

Crawford encontrou Graham no pequeno gabinete de trabalho que ficava próximo do laboratório de Zeller, onde tinha se instalado e que estava cheio de fotografias e de artigos pessoais das vítimas.

Crawford esperou até que Graham pousasse o Law Enforcement Bulletin que estava lendo.

— Deixe-me lhe dar uma idéia do que está organizado para o dia 25. — Não precisava dizer a Graham que o próximo dia 25 seria dia de lua cheia.

— É o dia em que ele vai repetir a gracinha?

— Sim, se tivermos qualquer coisa que corra mal nesse dia.

— É quase certo.

— Ambas as vezes foi num sábado à noite. Birmingham, 28 de Junho, lua cheia, e caiu num sábado à noite. 26 de Julho, em Atlanta, foi um dia antes da

lua cheia, mas também foi num sábado à noite. Desta vez a lua cheia cai numa segunda-feira, 25 de Agosto. Parece que gosta dos fins-de-semana, mas, mesmo assim, estaremos prontos à partir de sexta-feira.

— Prontos? Estaremos prontos?

— Correto. Sabe como é que vem no manual: a maneira ideal de investigar um homicídio?

— Nunca vi nada feito dessa maneira — disse Graham. Isso nunca funciona assim.

— Não. Praticamente nunca. No entanto seria estupendo se fôssemos capazes de fazê-lo: mandar um homem. Apenas um. Deixá-lo ir ao local. Equipado com um transmissor e vai falando continuamente. Tem o lugar todo por conta dele pelo tempo que quiser. Só ele... só você.

Seguiu-se uma longa pausa.

— O que está querendo me dizer?

— Para começar, a noite de sexta-feira, 22, temos um Grumman Gulfstream em alerta permanente na Base da Força Aérea de Andrews. Consegui emprestado do Ministério do Interior. Tem o equipamento básico de laboratório montado. Ficaremos aguardando: eu, você, Zeller, Jimmy Price, um fotógrafo e dois elementos da Seção de Interrogatórios. Logo que a chamada chegue, estaremos a caminho. Podemos estar em qualquer ponto do Leste ou do Sul em uma hora e quinze minutos.

— E os residentes? Não são obrigados a cooperar. Não vão esperar.

— Estamos cobrindo todos os chefes de polícia e departamentos de xerifes. Um por um. Estamos pedindo que as ordens sejam transmitidas a todos os despachantes e oficiais de serviço.

Graham abanou a cabeça.

— Tolice. Eles não colaborariam. Nem poderiam.

— O que nós pedimos não é tanto assim. Pedimos que, quando e se chegar um relatório, os primeiros agentes em cena se desloquem para inspecionar. O pessoal médico vai a seguir e certifica-se se não há sobreviventes. Se for assim, voltam a sair. Barreiras de estradas e interrogatórios, podem fazer como eles quiserem, mas a cena fica selada até que nós cheguemos. Quando nós aparecermos, você entra. Usa o transmissor. Só fala para nós quando sentir que vale a pena, não faça nada quando vir que não é necessário ou não tem interesse. Leve o tempo que quiser. A seguir nós entramos.

— As pessoas de lá não vão esperar.

— Evidentemente que não. Vão mandar alguns elementos dos Homicídios. Mas de qualquer modo, o pedido sempre terá algum efeito. Vai reduzir muito o tráfico no local e vai encontrar as pistas frescas.

Frescas. Graham inclinou a cabeça para trás, encostando-a na cadeira, e ficou olhando para o teto.

— Evidentemente — disse Crawford — que ainda temos treze dias antes desse fim-de-semana.

— Bolas, Jack.

— Bolas porquê? — disse Crawford.

— Parece que quer me matar.

— Não estou entendendo.

— Não finja. O que você decidiu foi me usar como isca porque não tinha mais nada. É por causa disso que, antes que faça a pergunta, vai me dizer exatamente até que ponto vai ser perigoso desta próxima vez. E deixe de psicologia barata, que só é boa para ser usada num estupor de um idiota qualquer. O que acha que eu diria? Está preocupado, com medo de que eu já não tenha tomates desde aquilo que aconteceu com o Lecter?

— Não.

— Não posso censurá-lo pelo fato de ter pensado isso. Ambos conhecemos gente a quem aconteceu isso. Detesto a idéia de ser obrigado a andar com um colete Kevlar, com a coronha da arma saindo de um dos bolsos. Mas, porra, agora estou metido nisso até os cabelos. Não podemos ir para casa enquanto ele andar à solta.

— Nunca pensei que o fizesse.

Graham viu que ele era sincero.

— Há mais qualquer coisa, não há?

Crawford não disse nada.

— Molly, nem pense. De maneira nenhuma.

— Meu Deus, Will, nem seria capaz de te pedir uma coisa dessas.

Graham ficou olhando para ele por alguns momentos.

— Oh, pelo amor de Deus, Jack. Decidiu fazer o jogo de Freddy Lounds, não foi? Você e o Freddy fizeram um acordo.

Crawford ficou olhando para uma pinta que tinha na gravata. Por fim ergueu o olhar para Graham.

— Você sabe que é a melhor maneira de lançar o anzol. O Dentuço vai passar o Tattler de fio a pavio. Quem mais nós temos?

— E tem que ser Lounds a fazê-lo?

— É ele que trabalha no Tattler.

— Então o programa é mandar umas bocas no Tattler a respeito do Dentuço e depois lhe damos um tiro. Acha que isto é melhor do que a caixa postal? Não vale a pena responder a isso, sei que é. Falou com Blorn a este respeito?

— Só de passagem. Vamos nos encontrar com ele. E com Lounds. Vamos desenvolver a operação da caixa postal ao mesmo tempo.

— E a respeito da encenação? Tenho a impressão de que tenho que sugerir algum lugar que tenha uma boa vista, ao ar livre. Um lugar qualquer de onde ele possa se aproximar. Não estou a vê-lo como atirador especial. Pode ser que me engane, mas não estou a imaginá-lo com uma espingarda.

— Vamos ter vigias fixos nos pontos elevados.

Estavam pensando a mesma coisa. O colete Kevlar conseguia deter os projéteis de nove milímetros do Dentuço e a sua faca, antes que Graham fosse atingido. Não havia qualquer modo de protegê-lo contra um tiro na cabeça, se um atirador escondido tivesse a oportunidade de disparar.

— Fale você com o Lounds. Não quero fazer isso.

— Ele precisa entrevistá-lo, Will — disse Crawford suavemente. — Tem que tirar uma fotografia sua.

Blorn tinha avisado Crawford de que este ia ser o ponto mais difícil.

# CAPÍTULO 18

Quando chegou a hora, Graham surpreendeu tanto Crawford como Blorn. Parecia ansioso para se encontrar com Lounds e, apesar dos frios olhos azuis, tinha uma expressão afável.

O fato de se encontrar na sede do FBI tivera um efeito positivo no comportamento de Lounds. Era delicado quando se lembrava de ser e fazia o seu trabalho rapidamente e em silêncio.

Graham irritou-se uma única vez: recusou frontalmente que Lounds pudesse ver o diário da Sra. Leeds ou qualquer correspondência particular de ambas as famílias.

Quando a entrevista começou, respondeu às perguntas de Lounds de uma maneira civilizada. Ambos os homens consultaram notas tiradas na conferência que tinham tido com o Dr. Blorn. As perguntas e as respostas foram muitas vezes reconstruídas.

Alan Blorn estava convencido de que era difícil esquematizar as coisas até o mais ínfimo pormenor. Por último resolveu-se expor simplesmente as suas teorias sobre o Dentuço. Os outros ouviam como estudantes de karate numa aula de Anatomia.

O Dr. Blorn citou que o comportamento do Dentuço e a sua carta indicavam um esquema de projeção de ilusões que o compensavam de sentimentos intoleráveis de inadaptação. O estilhaçar dos espelhos relacionava esses sentimentos com a sua aparência.

A objeção do assassino ao nome «Dentuço[3]» era baseada nas implicações psicológicas do nome. Blorn acreditava que ele tinha um conflito homossexual inconsciente, um medo terrível de ser gay. A opinião de Blorn era reforçada por uma curiosa observação que tinha sido feita na casa dos Leeds: as marcas de dobras e manchas de sangue tapadas indicavam que o Dentuço tinha vestido uns shorts em Charles Leeds depois deste ter morrido. O Dr. Blorn acreditava que ele tinha feito aquilo para salientar a ausência de interesse que tinha em Leeds.

O psiquiatra falou dos fortes elos de ligação que se encontram entre os comportamentos agressivos e sexuais de sádicos logo na primeira fase da sua vida.

Os ataques selvagens contra mulheres, executados na presença das suas famílias, representavam nitidamente ataques a uma figura maternal — Blorn, andando de um lado para o outro, dizendo metade das coisas quase que para ele mesmo, classificava o indivíduo como «filho de um pesadelo». Crawford baixou os olhos, sentindo a compaixão que havia na sua voz.

Na entrevista com Lounds, Graham fez afirmações que nenhum investigador faria e às quais nenhum jornal daria crédito.

Especulou dizendo que o Dentuço era feio, impotente com pessoas do sexo oposto, e afirmava falsamente que o assassino tinha molestado sexualmente as suas vítimas masculinas. Graham disse que o Dentuço era a maior piada que tinha conhecido em toda a sua vida e sem dúvida o resultado de uma relação incestuosa.

Salientou ser evidente que o Dentuço não era tão inteligente como Hannibal Lecter. Prometeu fornecer ao Tattler mais indicações e pontos de vista sobre o assassino, à medida que lhe ocorressem. Disse mesmo que muitos agentes da lei não concordavam com ele, mas enquanto dirigisse a investigação, o Tattler podia ter a certeza de que teria da parte dele todas as informações disponíveis.

Lounds tirou uma quantidade enorme de fotografias.

A fotografia de base tinha sido tirada no «esconderijo de Graham em Washington», um apartamento que ele tinha pedido emprestado até «conseguir esmagar o Dentuço». Era o único lugar onde conseguia «encontrar solidão» na «atmosfera agitada» da investigação.

A fotografia mostrava Graham em roupão de banho sentado a uma escrivaninha, trabalhando a altas horas da noite. Representava uma «concepção de artista» do Dentuço absolutamente grotesca.

Atrás dele podia se ver através da janela parte da cúpula do Capitólio iluminada. Mais importante ainda, no canto inferior esquerdo da janela, desfocado, mas legível, distinguia-se o anúncio de um motel conhecido do outro lado da rua.

Se quisesse, o Dentuço podia encontrar o apartamento.

Na sede do FBI, Graham foi fotografado junto a um espectrômetro de massa. Não tinha nada a ver com o caso, mas Lounds achou que dava um certo toque.

Graham chegou ao ponto de concordar que tirassem uma fotografia com Lounds, em que este o entrevistava. Tiraram esta fotografia diante dos imensos

armeiros da seção de Armas de Fogo e Ferramentas. Lounds empunhava uma automática de nove milímetros do mesmo tipo da arma do Dentuço. Graham apontava para o silenciador de fabricação caseira, feito de um pedaço de tubo de antena de televisão.

O Dr. Blorn ficou surpreendido quando viu que, antes de Crawford disparar a máquina fotográfica, Graham colocava uma mão no ombro de Lounds num gesto amistoso de camaradagem.

A entrevista e as fotografias deviam ser publicadas no Tattler do dia seguinte, segunda-feira, 11 de Agosto. Logo que reuniu todo o material, Lounds partiu para Chicago. Disse que queria supervisionar a composição pessoalmente. Combinou se encontrar com Crawford na terça de tarde a cinco quarteirões da armadilha.

A partir de terça-feira, quando o Tattler se encontrava em todas as bancas, encontravam-se montadas duas armadilhas para o monstro.

Graham passaria a ir todas as noites à sua «residência temporária» mostrada na fotografia do Tattler.

Na mesma edição, um anúncio pessoal codificado convidava o Dentuço a deslocar-se a uma caixa postal em Annapolis, que passou a ser vigiada durante vinte e quatro horas por dia. Se ele desconfiasse da caixa postal, poderia pensar que o esforço para apanhá-lo tinha sido concentrado ali. A partir daí, Graham passaria a ser um alvo muito mais atraente, raciocinou o FBI.

As autoridades da Florida forneceram uma vigilância permanente em Sugarloaf Key.

Havia um ar de descontentamento entre os caçadores — duas operações de primeira grandeza ocupavam mão-de-obra que podia ser utilizada em outros trabalhos, e a presença de Graham todas as noites na armadilha limitava os seus movimentos na área de Washington.

Embora Crawford pensasse que esta era a melhor maneira de proceder, o plano era passivo demais para o seu gosto. Tinha a sensação de que estavam brincando com eles mesmos na escuridão da lua, com menos de duas semanas antes que ela se erguesse novamente como lua cheia.

O domingo e a segunda passaram de uma forma curiosamente agitada Os minutos arrastavam-se e as horas parecia que voavam.

Na segunda-feira de tarde, Spurgen, chefe de instrutores SWAT em Quântico, circundou o bloco de apartamentos. Graham ia ao seu lado e Crawford seguia no assento de trás.

— O tráfico de peões diminuiu por volta das sete e quinze. É a hora que todo mundo se prepara para jantar — disse Spurgen. Com um corpo compacto e peludo e o boné de baseball puxado para trás, parecia-se mais com um jogador. — Amanhã a noite, quando atravessar a linha da estrada de ferro da B&O, dê-nos um sinal na banda livre. Tente fazê-lo entre as oito e trinta e as oito e quarenta. — Entrou no parque dos apartamentos. — Esta disposição não é uma maravilha, mas podia ser pior. Amanhã à noite vai estacionar aqui. A partir daí vamos mudar todas as noites o local onde vai estacionar, mas será sempre deste lado. São setenta e cinco jardas para a entrada dos apartamentos. Vamos a pé.

Spurgen, baixo e de pernas arqueadas, caminhou na frente de Graham e de Crawford.

Anda à procura de lugares onde possa apanhar o bandido, pensou Graham.

— Provavelmente será no caminho a pé que a coisa acontecerá, se chegar a acontecer — disse o chefe da SWAT. — Veja, daqui temos uma linha direta do seu carro até à entrada dos apartamentos, um caminho natural passando pelo centro do parque. Fica tão longe quanto possível da linha de carros que estarão aqui durante todo o dia. Será obrigado a caminhar em campo aberto para se aproximar. Ouve bem?

— Perfeitamente — disse Graham. — Bem demais neste parque.

Spurgen tentou descobrir qualquer coisa no rosto de Graham, mas não encontrou nada que conseguisse reconhecer. Parou no meio do parque.

— Vamos reduzir levemente a intensidade de iluminação destes postes para tornar as coisas mais difíceis para um homem munido de uma espingarda.

— Também será mais difícil para o seu pessoal — disse Crawford.

— Dois dos nossos têm sistemas Startron de visão noturna — disse Spurgen. — Além disso, vou pedir para pulverizar os seus casacos com um spray incolor que vou lhe dar, Will. A propósito, não se esqueça de que, esteja o calor que estiver, tem que usar permanentemente colete à prova de bala. Certo?

— De acordo.

— O que é?

— É Kevlar... o quê, Jack? Segunda oportunidade?

— Segunda oportunidade — disse Crawford.

— É quase certo que se dirigirá a você, provavelmente vindo da retaguarda, ou poderá pensar em seguir em frente, voltando-se para disparar quando o tiver ultrapassado — disse Spurgen. — Já disparou na cabeça por sete

vezes, não foi? Viu que isso funciona. Tentará fazer o mesmo com você, se lhe der tempo para tanto. Não lhe dê tempo para isso. Depois que lhe mostrar algumas coisas na entrada e no patamar, vamos à linha de tiro. Tem dúvidas? É capaz de agir como eu lhe disse?

— Ele é capaz — disse Crawford.

Na linha de tiro, Spurgen era uma autoridade. Obrigou Graham a colocar tampões e protetores de orelhas e apresentava-lhe alvos que surgiam dos mais variados ângulos. Sentiu-se aliviado porque Graham não usava o 38 regulamentar, mas o flash que saía do cano preocupava-o. Trabalharam durante duas horas. Insistiu em verificar o cilindro do 44 de Graham quando este acabou de disparar.

Graham tomou um chuveiro e mudou de roupa para se libertar do cheiro de fumaça da pólvora, antes de se por a caminho para a sua última noite livre com Molly e Willy.

Depois de jantar, levou a esposa e o enteado ao supermercado, onde fez uma considerável escolha de melões. Preocupou-se em se abastecessem abundantemente — a última edição do Tattler ainda estava nas estandes junto às caixas e fazia votos para que Molly não visse a edição seguinte na próxima manhã. Não queria lhe dizer o que estava acontecendo.

Quando ela perguntou o que ele queria para o jantar na semana seguinte, teve que lhe dizer que estaria ausente, que tinha que voltar a Birmingham. Era a primeira verdadeira mentira que tinha dito, e a consciência disso fazia-o sentir-se imensamente desconfortável.

Ficou a olhá-la no seu passeio pelos corredores do supermercado: Molly, a sua irrequieta e linda esposa, com a sua incessante vigilância no despiste de caroços, a sua insistência em exames médicos periódicos para ele e para Willy, o seu medo controlado do escuro, o seu conhecimento, adquirido às custas de muito sacrifício, de que tempo é felicidade. Conhecia o valor dos seus dias. Podia reter um momento pelo seu valor. Tinha-o ensinado a aproveitar tudo o que surgia.

Pachelbel’s Canon enchia o quarto inundado de sol onde tinham se conhecido e havia um sentimento de exultação impossível de ocultar — mesmo assim, o medo pairava no ar como a sombra de uma fera: era bom demais para durar muito.

Molly, nas suas deslocações nos corredores do supermercado de um lado para o outro, mudava freqüentemente a bolsa que trazia a tiracolo de um ombro

para o outro, como se a arma que trazia na bolsa exterior pesasse demais.

Graham ocupou-se finalmente dos melões, blasfemando enquanto fazia a sua escolha, escandalizando-se ele mesmo com a sua linguagem.

Carregados de modos diferentes, com mentiras, armas e artigos de mercearia, os três constituíam uma pequena e curiosa tropa.

Molly pressentiu um rato, mas não disse a Graham até as luzes se apagarem. Teve um pesadelo com pegadas que se dirigiam para uma casa onde os quartos mudavam constantemente.

# CAPÍTULO 19

Há uma tabacaria para jornais no Aeroporto Internacional de Lambert, em Saint Louis, que tem a maior parte dos jornais publicados nos Estados Unidos. Os jornais de New York, Washington, Chicago e Los Angeles são transportados por via aérea, pelo que podem ser comprados no mesmo dia em que são publicados.

Como acontece em muitas tabacarias, esta faz parte de uma cadeia onde é costume haver também, juntamente com as revistas standard e os jornais, alguma quinquilharia.

Quando foi feita a entrega do Chicago Tribune, às dez horas da segunda-feira à noite, um molho de jornais Tattler amarrados encontrava-se no chão. O molho ainda estava morno no meio.

O empregado da tabacaria trabalhava em frente das estantes, distribuindo os Tribune. Tinha muito que fazer. Já era hábito os empregados de serviço durante o dia não executarem a parte do serviço que lhes competia.

No meio de toda esta azáfama percebeu a presença de um par de botas pretas com fecho de correr. Um turista. Não, as botas apontavam para ele. Alguém que queria realmente alguma coisa. O empregado da tabacaria queria acabar de arrumar os seus Tribune, mas a atenção insistente do cliente deixou-o irritado.

O seu negócio era direto. Não precisava ser amável.

— O que deseja — disse ele, falando sem se levantar.

— Dê-me um Tattler.

— Tem que esperar até eu desatar o molho.

As botas não se afastaram. Estavam muito próximas.

— Já lhe disse que tem que esperar até que eu desate o molho. Compreendeu? Não vê que estou trabalhando?

Uma mão, um lampejo de aço brilhante e a corda do molho que se partiu com um som estranho. Um dólar que caiu no chão à sua frente. Uma cópia fresca do Tattler tirada do meio do molho fez que as outras caíssem no chão.

O empregado pôs-se de pé. Tinha o rosto congestionado. O outro afastava-se com o jornal debaixo do braço.

— Hei! hei, você.

O homem voltou o rosto para ele.

— Eu?

— Sim, você. Eu disse que...

— Disse-me o quê? — Aproximava-se até ficar muito próximo. — Disse-me o quê?

Normalmente um negociante consegue, com modos rudes, intimidar os seus clientes, mas havia qualquer coisa de terrível na calma deste.

O empregado olhou para o chão.

— Tenho que lhe dar o troco.

Dolarhyde voltou-lhe as costas e se afastou. O rosto do empregado da tabacaria ficou ardendo por mais de meia hora. É isso, este tipo esteve aqui na semana passada também. Se ele voltar de novo lhe digo onde é que ele deve ir. Tenho uma coisa especial debaixo do balcão para os espertinhos.

Dolarhyde não olhou para o Tattler enquanto estava no Aeroporto. A mensagem que Lecter lhe mandara na última quinta-feira deixara-o confuso. Evidentemente que o Dr. Lecter tivera razão quando lhe disse que ele era lindo, e era excitante ler uma coisa dessas. Ele era lindo. Sentiu-se satisfeito pelo receio do Doutor em relação ao policial. Lecter parecia não ser capaz de compreender muito melhor do que o público.

No entanto, estava se coçando para saber se Lecter tinha mandado outra mensagem. Só ia ver quando chegasse em casa. Dolarhyde tinha orgulho no seu autocontrole.

Enquanto dirigia, pensava no que acontecera com o empregado da tabacaria.

Houve uma altura em que teria pedido desculpa por ter incomodado o homem e não voltaria a pôr os pés na tabacaria. Durante anos tinha aceitado toda a merda que as outras pessoas lhe tinham dado. Mas isso acabara. O homem podia ter insultado Francis Dolarhyde: mas não podia enfrentar o Dragão. Tudo fazia parte do renascer.

À meia-noite a luminária de sua escrivaninha ainda estava acesa. A mensagem do Tattler fora descodificada, para depois a amassar e jogar no chão. Pedaços do Tattler estavam espalhados por todos os lados, depois de Dolarhyde ter recortado os artigos para o seu diário. O grande volume permanecia aberto diante da pintura do Dragão, a cola ainda secando nos pontos em que tinham

sido colados novos artigos. Por baixo deles, recentemente fixado, havia um pequeno saco de plástico que, por enquanto, ainda se encontrava vazio.

A legenda ao lado do saco dizia: «Com estes ele me ofendeu». Mas Dolarhyde já não estava na escrivaninha.

Estava sentado nas escadas do subsolo, envolvido pela umidade da terra e do bolor. A luz da lanterna elétrica percorreu as mobílias protegidas com panos, as costas poeirentas dos grandes espelhos que outrora estiveram pendurados na casa e que agora jaziam de encontro às paredes, a arca contendo a sua mala de dinamite.

A luz da lanterna deteve-se numa forma alta, envolvida em panos, uma das muitas que se encontravam no canto mais distante do subsolo. Teias de aranha roçaram-lhe o rosto quando se dirigiu para lá. O pó que se levantou quando tirou a cobertura de pano o fez espirrar.

Reteve as lágrimas enquanto fazia que a luz se refletisse na velha cadeira de rodas em carvalho que tinha descoberto. Era de costas altas, pesada e forte, uma das três que se encontravam no subsolo. O condado as tinha fornecido à sua avó em 1940, na altura em que ela dirigia um lar naquela mesma casa.

As rodas chiaram enquanto empurrava a cadeira pelo assoalho. Apesar do seu peso, transportou-a facilmente pelas escadas acima. Quando chegou à cozinha oleou as rodas. As pequenas rodas da frente ainda chiavam, mas as rodas de trás tinham bons rolamentos e giravam livremente com um pequeno toque do seu dedo.

A ira devastadora que sentia abrandou um pouco enquanto ouvia o som produzido pelo movimento das rodas. Sem reparar, Dolarhyde começou a imitar o ruído produzido pelas rodas.

# CAPÍTULO 20

Quando Freddy Lounds deixou o escritório do Tattler, ao meio-dia de terça-feira, sentia-se cansado e desorientado. Tinha preparado o artigo para o Tattler durante a sua viagem de avião para Chicago e exatamente trinta minutos depois de ter chegado, o artigo estava na composição.

Durante o resto do tempo trabalhara continuamente nos seus papéis, não recebendo qualquer chamada. Era bem organizado e conseguira assim um trabalho de base sólida em que se apoiar.

Quando o Dentuço fosse apanhado, o furo estava garantido, bem como o crédito de sua captura. O material de base encaixaria perfeitamente. Conseguira fazer que três dos melhores repórteres do Tattler estivessem prontos para arrancar ao menor sinal. Poucas horas depois da captura estariam em posição de poder investigar os detalhes sobre o modo como o Dentuço vivera.

O seu agente falava em números muito elevados. O fato de discutir o projeto com ele antes do tempo era uma violação do acordo que tinha feito com Crawford. Para cumprir o que fora combinado, todos os contatos e memorandos deveriam ter uma data posterior à captura.

Crawford tinha um argumento muito forte — gravara a ameaça de Lounds. A transmissão entre estados de uma ameaça era um crime passível de pronúncia, que não poderia ser englobado na proteção de que Lounds gozava. Lounds sabia também que Crawford, com um simples telefonema, podia causar-lhe problemas sérios com o Serviço de Impostos.

Embora tivesse poucas ilusões acerca do rigor do seu trabalho, havia em Lounds alguma honestidade, o que lhe permitia desenvolver o seu projeto com um fervor quase que religioso.

Sentia-se possuído por uma visão de uma vida melhor do lado onde ficava o dinheiro. Enterrado na lama onde sempre estivera atolado, as suas velhas esperanças ainda persistiam e começavam agora a agitar-se e a tentar erguer-se.

Satisfeito por suas máquinas e equipamentos de gravação se encontrarem prontos, meteu-se no carro a caminho de casa, para dormir três horas antes do vôo para Washington, onde iria se encontrar com Crawford, perto da armadilha.

Um aborrecimento imprevisto na garagem subterrânea. A caminhonete preta estacionada no lugar ao lado do seu estava em cima da linha. Quase que

ocupava o espaço claramente marcado com o letreiro «Mr. Frederick Lounds».

Lounds abriu a sua porta com tanta força que esta bateu na parte lateral da caminhonete, deixando-lhe um amassado e um arranhão. Aquilo iria ensinar o filho da mãe a ter respeito pelos outros.

Estava fechando o carro quando a porta da caminhonete se abriu atrás dele. Ia se virando, já tinha quase feito meia volta, quando o bastão achatado bateu por cima da orelha. Ergueu as mãos, mas os joelhos não o agüentaram, ao mesmo tempo sentia uma enorme pressão no pescoço, faltando-lhe o ar. Quando conseguiu respirar de novo, inalou clorofórmio.

Dolarhyde estacionou a caminhonete atrás da sua casa, desceu e parou por momentos para se espreguiçar. Durante todo o caminho desde Chicago tinha agüentado vento lateral e sentia os braços doloridos. Observou o céu noturno. A queda dos meteoros Perseid não devia demorar e não queria de modo nenhum perder o espetáculo.

Revelação:... e a sua cauda atingiu um terço das estrelas do céu, fazendo-as cair sobre a terra...

Os seus feitos noutros tempos. Precisava ver o espetáculo e recordar-se.

Abriu a porta dos fundos e fez a investigação de rotina na casa. Quando voltou a sair, usava uma máscara feita com uma meia de mulher.

Ligou uma rampa à porta de trás da caminhonete. Em seguida tirou Freddy Lounds. Este só usava cuecas, além de uma mordaça e venda nos olhos. Embora estivesse só semiconsciente, não cambaleou. Mantinha-se sentado muito ereto, a cabeça apoiada no encosto da velha cadeira de rodas de carvalho. Estava colado à cadeira com uma cola especial da cabeça até as solas dos pés.

Dolarhyde levou-o para casa e colocou-o num canto da sala, voltado para a parede, como se tivesse se comportado mal.

— Está com frio? Quer um cobertor?

Arrancou os guardanapos que cobriam os olhos e a boca de Lounds. Este não respondeu. Desprendia-se dele um cheiro enjoativo a clorofórmio.

— Vou buscar um cobertor — Dolarhyde tirou uma manta de viagem de um sofá e enrolou-a em volta de Lounds, cobrindo-o até o pescoço. A seguir colocou-lhe um frasco de amoníaco debaixo do nariz.

Lounds abriu os olhos, conseguindo ver apenas a mancha indistinta das paredes. Tossiu e começou a falar.

— Acidente? Estou muito ferido?

Atrás dele soou a voz:

— Não, Sr. Lounds. Vai ficar bom.

— Doem-me as costas. A minha pele. Tenho queimaduras? Deus queira que não tenha me queimado.

— Queimado? Queimado. Não. Descanse. Volto já para falar com você.

— Então deixe-me deitar. Ouça, preciso telefonar para o meu escritório. Meu Deus, estou num aparelho especial. Tenho alguma coisa partida nas costas, diga-me a verdade!

Ouviram-se passos que se afastavam.

— O que eu estou fazendo aqui? — No final da frase o tom da pergunta subiu num tom agudo.

A resposta veio de uma certa distância atrás dele.

— Se recuperando, Sr. Lounds.

Lounds ouviu passos que subiam uma escada. Ouviu água a correr de um chuveiro. Agora sentia a cabeça menos pesada. Lembrava-se de que saíra do escritório e entrara no carro, mas a partir daí não se lembrava de mais nada. A parte lateral da cabeça latejava de uma forma insuportável e o cheiro de clorofórmio o fez tossir. Preso numa posição rigidamente ereta, receava ter um acesso de vômitos. Abriu a boca o máximo que podia e inspirou profundamente. Conseguia ouvir o bater do coração.

Lounds queria se convencer de que estava dormindo. Tentou erguer o braço do apoio da cadeira, fazendo força deliberadamente, até que a dor na palma da mão e no braço foi suficiente para acordá-lo, dissipando-lhe qualquer possível idéia de que fosse um sonho. Não estava dormindo. O cérebro começou a trabalhar a toda velocidade.

Fazendo um esforço conseguia ver os braços, embora só por alguns segundos de cada vez. Conseguiu ver como estava preso. Não era nenhum aparelho para proteger costas quebradas. Não era nenhum hospital. Alguém o tinha apanhado.

Teve a impressão de ouvir passos no andar de cima, mas também podiam ser as batidas do seu coração.

Tentou pensar. Fez um esforço para pensar. Mantenha-se frio e pense, murmurou. Pense friamente.

As escadas rangeram quando Dolarhyde desceu.

Sentiu o peso dele em cada passo. Uma presença que agora se encontrava atrás dele.

Lounds pronunciou várias palavras antes de conseguir ajustar o volume da voz.

— Ainda não vi seu rosto. Não fui capaz de identificá-lo. Não sei qual é o seu aspecto. O Tattler, trabalho para o The National Tattler, pagaria uma recompensa, uma grande recompensa por mim. Meio milhão, talvez um milhão. Um milhão de dólares.

Atrás dele fez-se silêncio. A seguir ouviu-se um rangido de molas de um sofá. Estava então se sentando.

— Em que está pensando, Sr. Lounds?

Coloque a dor e o medo de lado e pense. Já. De uma vez por todas. Para ganhar algum tempo. Para ganhar anos. Ainda não decidiu me matar. Não me deixou ver seu rosto.

— Em que está pensando, Sr. Lounds?

— Não sei o que me aconteceu.

— Sabe quem sou eu, Sr. Lounds?

— Não. Não quero saber, acredite-me.

— De acordo com a sua opinião, sou um tarado, um pervertido de um fracassado sexual. Um animal, como disse. Provavelmente liberto de um manicômio por um juiz benevolente. — Normalmente, Dolarhyde teria evitado o sibilante «s» de «sexual», mas na presença desta audiência, em que não havia o perigo de rirem dele, sentia-se à vontade. — Agora já sabe, não sabe?

Não minta. Pense depressa.

— Sim.

— Por que escreve mentiras, Sr. Lounds? Por que  diz que eu sou doido? Responda.

— Quando uma pessoa... quando uma pessoa faz coisas que os outros não conseguem compreender, chamam de...

— Doido.

— Chamam... como fizeram aos Irmãos Wright. Vem tudo na história...

— História. Compreende qual é a minha missão, Sr. Lounds?

Compreender. Ali estava uma oportunidade. Uma oportunidade.

— Não, mas acho que terei uma oportunidade de compreender e então todos os meus leitores também poderão compreender.

— Sente-se privilegiado?

— Não há dúvida de que é um privilégio. Mas tenho que confessar, de homem para homem, que me sinto aterrorizado. A concentração é extremamente difícil quando nos sentimos aterrorizados. Se tem uma idéia brilhante, não tem necessidade de me aterrorizar para que eu me sinta impressionado.

— De homem para homem. De homem para homem. Noto que utiliza essa expressão num sentido de franqueza, Sr. Lounds. Mas veja bem, eu não sou um homem. Comecei sendo um homem, mas pela graça de Deus e pela minha própria vontade, tornei-me outro e mais do que um homem. Diz que está aterrorizado. Acredita que Deus está aqui presente, Sr. Lounds?

— Não sei.

— Neste momento está rezando?

— Algumas vezes rezo. Tenho que confessar que normalmente só rezo quando me sinto aterrorizado.

— E Deus vem em seu auxílio?

— Não sei. Depois que tudo passa não penso mais nisso. E no entanto devia fazê-lo.

— Devia. Hm-hmmmm. Há tantas coisas que devia compreender. Dentro em pouco vou ajudá-lo a compreender... Me dá licença por uns momentos?

— Com certeza.

Passos saindo da sala. O ruído do abrir de uma gaveta da cozinha. Lounds fizera a cobertura de muitos assassinatos cometidos em cozinhas, onde as coisas estavam à mão. Os relatórios da polícia eram capazes de modificar completamente o modo como se viam as cozinhas. Ouviu-se o barulho de água corrente.

Lounds achava que devia ser noite. Crawford e Graham estavam à espera dele. Com certeza já tinham dado pela sua falta. Uma grande e profunda tristeza pulsou por momentos em sintonia com o seu medo.

Enquanto sentia a respiração atrás dele, conseguiu apanhar pelo canto do olho um lampejo de branco. Uma mão possante e pálida. Segurava uma xícara de chá com mel. Lounds sorveu-o por um canudo.

— Seria capaz de fazer uma grande reportagem — disse entre dois sorvos.

— Tudo aquilo que quiser dizer. Descreva as coisas da maneira que quiser ou então não descreva nada, não diga nada.

— Shhh. — Um dedo bateu-lhe no topo da cabeça. As luzes aumentaram de intensidade. A cadeira começou a rodar.

— Não. Não quero vê-lo.

— Oh, mas tem de ver, Sr. Lounds. O senhor é um repórter. Está aqui para fazer uma reportagem. Quando eu o voltar, abra os olhos e olhe para mim. Se não abri-los garanto-lhe que grampeio suas pálpebras na testa.

Um ruído de boca úmida, um estalo e a cadeira rodou.

Lounds ficou virado para a sala com os olhos fechados. Um dedo bateu insistentemente no peito. Um toque nas pálpebras. Olhou.

Para Lounds, que se encontrava sentado, parecia-lhe muito alto, de pé diante dele no seu quimono. Uma máscara com uma meia de mulher encontrava-se enrolada até o nariz. Virou as costas para Lounds e deixou cair o roupão. Os potentes músculos das costas flexionaram-se sob a brilhante tatuagem da cauda desenhada ao longo da parte inferior das costas e que se enrolava em volta da perna.

O Dragão virou a cabeça lentamente, olhou para Lounds por cima do ombro e sorriu de um modo infernal.

— Oh, meu querido Senhor Jesus — disse Lounds.

Lounds encontrava-se agora no meio da sala, voltado para a tela. Dolarhyde, atrás dele, tinha voltado a vestir o roupão e tinha colocado a dentadura que lhe permitia falar.

— Quer saber quem eu sou?

Tentou acenar com a cabeça; a cadeira puxou-lhe o escalpe.

— Mais do que qualquer outra coisa, mas tinha medo de perguntar.

— Olhe.

O primeiro slide era a gravura de Blake, o grande Homem-Dragão, asas abertas e cauda chicoteando o ar, pousado sobre a Mulher Vestida de Sol.

— Está vendo agora?

— Estou.

Rapidamente Dolarhyde foi passando os outros slides.

Click. A Sra. Jacobi viva.

— Está vendo?

— Sim.

Click. A Sra. Leeds viva.

— Está vendo?

— Estou.

Click. Dolarhyde, o Dragão ao ataque, músculos flexionados e tatuagem da cauda em evidência, na cama dos Jacobi.

— Está vendo?

— Sim.

Click. A Sra. Jacobi à espera.

— Está vendo?

— Sim.

Click. A Sra. Jacobi depois do que aconteceu.

— Está vendo? —

— Sim.

Click. O Dragão ao ataque.

— Está vendo?

— Sim.

Click. A Sra. Leeds à espera, o corpo do marido ao lado dela.

— Está vendo?

— Sim.

Click. A Sr. Leeds depois do que aconteceu, coberta de sangue.

— Está vendo?

— Sim.

Click. Freddy Lounds, uma amostra de um fotógrafo do Tattler.

— Está vendo?

— Oh, meu Deus.

— Está vendo?

— Oh, meu Deus.

— Está vendo?

— Por favor, não.

— Não o quê?

As palavras saíram-lhe como uma criança que está chorando.

— Eu não.

— Não o quê? Você é um homem, Sr. Lounds. Você é um homem?

— Sou.

— Quer dizer com isso que eu sou alguma espécie de maricas?

— Meu Deus, não.

— O senhor é maricas, Sr. Lounds?

— Não.

— Vai escrever mais mentiras a meu respeito, Sr. Lounds?

— Oh, não, não.

— Por que escreveu aquelas mentiras, Sr. Lounds?

— Foi a polícia que me disse. Fiz aquilo que eles me disseram.

— Citou Will Graham.

— Foi Graham que me disse as mentiras, Graham.

— E agora vai dizer a verdade? Sobre mim. Sobre o meu trabalho. A minha transformação. A minha arte, Sr. Lounds. Isto é arte?

— Arte.

O medo no rosto de Lounds fazia que Dolarhyde se sentisse livre para falar e sentia-se à vontade para voar pelas sibilantes e fricativas; explosivas eram as suas grandes asas rendilhadas.

— Você disse que eu, que vejo mais além do que você, sou louco. Eu, que impulsionei o mundo muito mais do que você, sou louco. Ousei muito mais do que você. Imprimi o meu único selo na terra, tão fundo que perdurará muito mais do que a sua poeira. A sua vida comparada com a minha é muito menos do que o rastro de um caracol numa pedra. Um pequeno rastro de muco prateado entrando e saindo das letras no meu monumento. — As palavras que Dolarhyde tinha escrito no seu diário vinham-lhe agora à mente numa enxurrada. — Eu sou o Dragão e você me chama de louco? Os meus movimentos são seguidos e registrados tão avidamente como os de uma famosa estrela convidada. Sabe alguma coisa sobre a estrela convidada em 1054? Evidentemente que não. Os seus leitores seguem-no como uma criança segue com um dedo o rastro de um

caracol, e percorrendo as mesmas fatigadas evoluções de raciocínio. Volte ao seu diminuto crânio e à sua cara de bobo como um caracol segue o seu próprio rastro de volta para casa.

»Diante de mim, você é um caracol ao sol. Está na presença de um grande renascido e não é capaz de reconhecer nada. Você é menos do que uma formiga acabada de nascer.

»Está na sua natureza fazer uma única coisa corretamente: diante de mim você treme e tem razão para isso. Medo não é aquilo que você me deve, Lounds, você e todos os outros babacas. Você me deve reverência.

Dolarhyde manteve-se de pé com a cabeça baixa, o polegar e o indicador apoiados na ponta do nariz. A seguir abandonou a sala.

Ele não tirou a máscara, pensou Lounds. Ele não tirou a máscara. Se ele voltar sem a máscara, sou um homem morto. Deus meu, estou todo molhado. Tentou voltar os olhos para a porta de saída, procurando adivinhar os sons que se ouviam nos fundos da casa.

Quando Dolarhyde voltou ainda usava a máscara. Trazia com ele uma lancheira e duas térmicas.

— Para o seu regresso para casa. — Segurou uma das térmicas. — Gelo, vamos precisar disso. Antes de sairmos ainda temos que gravar algumas coisas. — Pendurou um microfone na manta de viagem, junto ao rosto de Lounds. — Repita comigo.

Gravaram durante cerca de meia hora. Finalmente, disse:

— É tudo, Sr. Lounds. Trabalhou muito bem.

— Vai me deixar ir embora agora?

— Falta pouco. No entanto há ainda algumas coisas que vão fazer com que eu o ajude a compreender melhor e a se lembrar.

Dolarhyde afastou-se.

— Quero compreender. Quero que saiba como lhe agradeço o fato de me libertar. Pode ter certeza de que, daqui para a frente, serei perfeitamente justo.

Dolarhyde não podia responder. Tinha mudado a dentadura.

O gravador estava trabalhando de novo.

Sorriu para Lounds, um sorriso onde sobressaíam as manchas acastanhadas da dentadura. Colocou a mão no coração de Lounds e, inclinando-se como se fosse beijá-lo, trincou-lhe os lábios, cuspindo-os no chão.

# CAPÍTULO 21

Madrugada em Chicago, um ar pesado e um céu cinzento e muito baixo.

Um guarda de segurança saiu do átrio do edifício do Tattler e parou na curva, fumando um cigarro e esfregando a nuca. Estava sozinho e no silêncio que se fazia sentir conseguia ouvir o click da mudança de luzes dos semáforos no alto da colina, a um bom quarteirão de distância.

A cerca de meio quarteirão a norte das luzes, fora da vista do guarda, Dolarhyde agachava-se ao lado de Lounds, nos fundos da caminhonete. Arrumou a manta que o envolvia, de modo a esconder-lhe a cabeça.

Lounds sentia dores enormes. Parecia que se encontrava em estado de choque, mas a mente trabalhava a toda velocidade. Havia coisas que tinha que se lembrar. A venda estava esticada sobre o nariz, o que lhe permitia ver os dedos de Dolarhyde que lhe verificavam a mordaça.

Dolarhyde vestiu um casaco de enfermeiro, colocou uma térmica no colo de Lounds e empurrou-o para fora da caminhonete. Quando travou a cadeira de rodas e se virou para voltar a pôr a rampa dentro da caminhonete, Lounds conseguiu ver a extremidade do pára-choques da caminhonete pela parte de baixo da venda.

Virou-se um pouco, vendo a parte de baixo do pára-choques... Era isso, a matrícula. Foi só um instante, mas Lounds gravou-a na mente.

Deslocavam-se agora. Rebordas de calçadas. Mais uma esquina e uma curva. Papel que estalava debaixo das rodas.

Dolarhyde parou a cadeira de rodas num ponto que lhe servia de abrigo, entre um recipiente de lixo e um caminhão estacionado. Deu uma esticada na venda. Lounds fechou os olhos. Um frasco de amoníaco debaixo do nariz.

A voz suave, muito próxima, a seu lado.

— Consegue me ouvir? Estamos chegando. — Tirou-lhe a venda. — Pisque os olhos se está me ouvindo.

Dolarhyde abriu-lhe um olho com o polegar e o indicador. Lounds estava olhando o rosto de Dolarhyde.

— Eu lhe disse uma mentira. — Dolarhyde bateu na térmica. —De fato

não tenho os seus lábios, no gelo. — Afastou a manta ao mesmo tempo que abria a térmica.

Lounds retesou os músculos quando sentiu o cheiro de gasolina que lhe empolava a pele na parte inferior dos antebraços e que produzia toda uma série de ruídos estranhos na cadeira de rodas. Sentia o frio da gasolina que se espalhava pelo corpo, os vapores iam-lhe invadindo a garganta, enquanto rolavam em direção ao centro da rua.

— Gosta de ser o animal de estimação de Graham, Freeeddyyyyy?

Incendiado e empurrado, rolou em direção ao Tattler, as rodas da cadeira produzindo um eeek, eeek, eeekeeekeeek insuportável.

O guarda olhou no momento em que um grito cuspiu a mordaça, em chamas. Viu a bola de fogo que se aproximava, ressaltando nos buracos do pavimento, deixando um rastro de fumaça e de faíscas, as chamas alongando-se para a retaguarda como duas asas, imagens desfocadas que passavam num relance pelas vitrines das lojas.

Mudou de direção, bateu num carro estacionado e virou em frente do edifício, uma roda ainda a girar loucamente, chamas por todo o lado, os braços em chamas erguidos na posição de defesa de todos os queimados.

O guarda correu de novo ao átrio. Lembrou-se de repente se tudo aquilo não iria explodir, se não deveria afastar-se das janelas... Acionou o alarme de incêndios. Que mais poderia fazer? Tirou o extintor de incêndios da parede e olhou para fora... Ainda não tinha explodido.

O guarda aproximou-se cautelosamente através da fumaça gordurosa que se espalhava em camadas baixas sobre o pavimento e, finalmente, cobriu Freddy Lounds de espuma.

# CAPÍTULO 22

Estava combinado que Graham deixasse o apartamento em Washington que se encontrava vigiado às cinco e quarenta e cinco da manhã, muito antes do engarrafamento do trânsito de todos os dias.

Crawford telefonou enquanto estava fazendo a barba.

— Bom dia.

— Nem tanto — disse Crawford. — O Dentuço pegou Lounds em Chicago.

— Oh, que porra.

— Ainda não morreu e pediu para falar contigo. Não agüenta por muito mais tempo.

— Eu vou.

— Encontre-se comigo no aeroporto. É o vôo 245 da United. Parte dentro de quarenta minutos. Pode voltar esta noite para o apartamento, se ainda valer a pena continuar com isso.

O agente especial Chester do FBI de Chicago estava à espera deles no Aeroporto O'Hare, sob um leve aguaceiro. Chicago é uma cidade habituada às sirenes. O tráfego à frente deles afastou-se com relutância enquanto Chester disparava pela auto-estrada, a luz vermelha do capô colorindo de tons rosados a chuva que fustigava o pára-brisas.

Ergueu a voz para se conseguir fazer ouvir acima do ruído da sirene.

— O Departamento de Polícia de Chicago diz que ele foi apanhado na garagem do prédio onde mora. Tudo aquilo que sei é em segunda mão. Hoje não somos muito populares aqui pelas redondezas.

— O que é que se conseguiu saber? — perguntou Crawford.

— Praticamente tudo, a armadilha, a história completa.

— Lounds conseguiu vê-lo?

— Não ouvi nenhuma descrição. O Departamento de Polícia de Chicago emitiu um pedido de captura por volta das seis e vinte da manhã, com a indicação de uma placa de matrícula.

— Conseguiu contatar o Dr. Blorn e dar o meu recado?

— Falei com a esposa, Jack. O Dr. Blorn vai ser operado de um rim esta manhã.

— Era só o que me faltava — exclamou Crawford.

Chester estacionou debaixo do alpendre de entrada do hospital. Voltou-se no assento, olhando para trás.

— Jack, Will, antes de vocês subirem... Ouvi dizer que essa besta acabou com Lounds. Devem estar preparados para isso.

Graham acenou com a cabeça. Durante toda a viagem para Chicago tinha tentado afastar a idéia de que Lounds ia morrer antes de conseguir vê-lo.

O corredor do Centro de Queimados Paege era um tubo de mosaicos imaculados. Um médico de elevada estatura, com um rosto que era curiosamente um misto de velho e de rapaz, conduziu Graham e Crawford para longe do grupo de pessoas que se encontrava à porta do quarto de Lounds.

— As queimaduras do Sr. Lounds são fatais — disse o médico. — Posso ajudá-lo aliviando as dores e é isso que farei. Inalou as chamas e tem a garganta e os pulmões danificados. É possível que não volte a ficar consciente. Nas condições em que se encontra é até uma bênção.

»No caso de voltar a consciência de novo, a polícia me pediu para lhe tirar o tubo da garganta, para que possa eventualmente responder a qualquer pergunta. Concordei em tentar isso na condição de que seja muito rápido.

»Neste momento os seus pólos nervosos periféricos encontram-se anestesiados pelo fogo. Mas, se ele viver o suficiente, terá dores insuportáveis. Tentei explicar isto à polícia e quero fazer a mesma coisa com os senhores: interromperei qualquer tentativa de perguntas para anestesiá-lo, logo que ele me peça. Compreenderam?

— De acordo — disse Crawford.

Com um aceno para o agente que se encontrava à porta, o médico cruzou as mãos atrás da bata branca de laboratório que envergava e afastou-se como um fantasma.

Crawford olhou para Graham.

— Sente-se bem?

— Estou bem. Estive com a equipe da SWAT.

A cabeça de Lounds encontrava-se soerguida na cama. O cabelo e as orelhas tinham desaparecido e compressas sobre os olhos sem visão substituíam

as pálpebras queimadas. As gengivas estavam recobertas de bolhas.

A enfermeira que se encontrava a seu lado afastou um suporte de soro para que Graham pudesse se aproximar. Lounds cheirava como um estábulo incendiado.

— Freddy, é Will Graham.

Lounds retesou a nuca contra a almofada.

— O movimento é apenas reflexo, não se encontra consciente — explicou a enfermeira.

O tubo de inalação que lhe mantinha aberta a garganta em chaga e cheia de bolhas produzia um som de passagem de ar em simultâneo com o respirador.

A um canto encontrava-se sentado um pálido sargento detetive, com um gravador e um bloco de apontamentos no colo. Graham só deu por ele quando o ouviu falar.

— Lounds mencionou o seu nome na sala de emergências antes de lhe colocarem o inalador.

— Você estava lá?

— Cheguei mais tarde. Mas tenho tudo aquilo que ele disse gravado. Quando o trouxeram tinha dado ao bombeiro o número de uma placa de matrícula. A seguir perdeu a consciência e veio nessas condições durante toda a viagem de ambulância, mas quando chegou à sala de emergências recuperou os sentidos durante cerca de um minuto, quando lhe deram uma injeção no peito. Alguns elementos do Tattler tinham seguido a ambulância, estavam presentes. Tenho uma cópia da fita que eles gravaram.

— Deixe-me ouvi-la.

O detetive pôs o gravador para funcionar.

— Acho que gostaria de usar o fone de ouvido — disse com um ar absolutamente inexpressivo. Acionou o botão.

Graham começou a ouvir vozes, ruídos metálicos:

«... ei! coloquem-no no três», a pancada de uma maca numa porta giratória, uma tosse áspera e o grasnar de uma voz, alguém que falava sem lábios.

«Hentuças.»

«Freddy, conseguiu vê-lo? Qual é o aspecto dele, Freddy?» «Wendy? Hur havor Wendy. Graham aranjou-he àto. O coiro sabia. Graham aranjou-he àto. O

coiro identificou-he hor hausa da fotohrafia em que hareço um animal de estimação. Wendy?»

Um ruído como o de aspiração de um tubo. A voz de um médico:

«Acabou. Com licença. Saiam do caminho. Já.»

E foi tudo.

Graham inclinava-se sobre Lounds enquanto Crawford ouvia a gravação.

— Procuramos a placa de matrícula — disse o detetive.

— Conseguiu compreender aquilo que ele estava dizendo?

— Quem é Wendy? — perguntou Crawford.

— Essa dona que está no hall. A loura dos peitos grandes. Tem feito tudo para vê-lo. Não sabe de nada.

— Por que não a deixa entrar? — perguntou Graham, que se encontrava ao lado da cama. Estava de costas para eles.

— Não são permitidas visitas.

— O homem está morrendo.

— E acha que eu não sei disso? Estou aqui desde quando faltava um quarto de hora para a merda das seis da manhã... desculpe-me, enfermeira.

— Descanse por uns minutos — disse Crawford. — Vá tomar um café e lavar o rosto. Ele não consegue dizer nada. Se disser, estou aqui e tenho o gravador.

— Okay, acho que é isso que vou fazer.

Quando o detetive saiu, Graham deixou Crawford ao lado da cama e aproximou-se da mulher que estava na sala de espera.

— Wendy?

— Sim.

— Se tem certeza de que quer entrar eu a levo comigo.

— Quero. Talvez fosse melhor dar primeiro um jeito no cabelo.

— Não vale a pena — disse Graham.

Quando o policial voltou, não tentou fazer que ela saísse. Wendy, da Wendy City, segurava a mão de Lounds, que mais se assemelhava a uma garra enegrecida, enquanto o olhava fixamente. Um pouco antes do meio-dia mexeu-se levemente.

— Vai ficar bem, Roscoe — disse ela. — Ainda vamos passar uns momentos formidáveis como nos velhos tempos.

Lounds agitou-se mais uma vez e morreu.

# CAPÍTULO 23

O capitão Osborne dos Homicídios de Chicago tinha um rosto acinzentado e pontiagudo, fazendo lembrar uma raposa de pedra. Havia exemplares do Tattler espalhados por toda a seção. Um deles encontrava-se na sua mesa.

Não convidou Crawford e Graham para sentar.

— Tinham combinado algum trabalho com Lounds em Chicago?

— Não, estava planejado que ele fosse a Washington — disse Crawford. — Tinha uma reserva para o avião. Com certeza verificou isso.

— Sim, foi uma das coisas que verificamos. Deixou o escritório ontem por volta da uma e meia. Quando foi apanhado na garagem do edifício onde morava deveriam ser cerca de uma e cinqüenta.

— Havia alguma coisa na garagem?

— As chaves dele foram empurradas com o pé para baixo do carro. Não existe nenhum empregado na garagem, a porta abre por controle remoto e entraram logo depois de alguns carros, quando ela ainda se encontrava aberta. Ninguém viu o que aconteceu.

— Vai ser um refrão que eu vou ter que ouvir não sei quantas vezes hoje. Estamos trabalhando no assunto do carro.

— Podemos ajudá-lo nesse assunto?

— Vocês podem ter os resultados logo que eu os receba. Está muito calado, Graham. No jornal fartou-se de falar.

— Também pouco apanhei de tudo aquilo que você disse.

— Está chateado, capitão? — perguntou Crawford.

— Eu? Por que haveria de estar? Investigamos uma escuta telefônica para vocês e apanhamos a merda de um repórter. A seguir dizem-me que não têm nenhuma acusação contra ele. Arranjam não sei que acordo com ele e lixamo-nos por causa da sua página de escândalos. E agora os outros jornais acabam de adotá-lo como se fizesse parte da sua equipe.

»Por último temos a sorte de conseguir um assassinato do Dentuço

exatamente aqui em Chicago. Não há dúvida de que é uma maravilha. «O Dentuço em Chicago», rapazes. Antes da meia-noite vamos arranjar pelo menos uns seis acidentes domésticos com arma de fogo, o parceiro que tenta entrar em casa perdido de bêbado e a mulher que ouve um ruído, não está com meias medidas e bang... Talvez o Dentuço goste de Chicago, decida ficar por aí se divertindo um pouco.

— Podemos decidir uma de duas coisas — disse Crawford. — Bater com a cabeça na parede, chamar o comissário de polícia e o procurador-geral e juntar todos os sacanas, os do seu lado e os do meu lado. Ou podemos nos sentar e tentar ver qual é a melhor maneira para apanharmos esse filho da mãe. Eu sei que esta operação era minha e caiu na merda. Alguma vez imaginou que isto podia acontecer aqui em Chicago? Não quero lutar com você, capitão. Queremos apanhá-lo e ir embora. O que decide?

Osborne mexeu em várias coisas que tinha em cima da mesa, um suporte de lápis, a fotografia de um menino com cara de raposa, vestindo uma farda de uma banda musical qualquer. Recostou-se na cadeira, franziu os lábios e expirou o ar lentamente.

— Agora eu só quero um café. Vocês também querem?

— Eu aceito — disse Crawford.

— E eu também — confirmou Graham.

Osborne distribuiu os copos de plástico. Apontou para as cadeiras.

— O Dentuço tinha que ter uma caminhonete ou um carro de caixa aberta para andar com Lounds na cadeira de rodas de um lado para o outro — disse Graham.

Osborne acenou com a cabeça.

— A matrícula que Lounds viu foi roubada de uma caminhonete de reparação TV em Oak Park. Roubou uma placa comercial, pelo que se destinava com certeza a uma caminhonete ou a um carro de caixa aberta. Substituiu a matrícula no veículo de reparação TV por outra matrícula também roubada, de modo que não se notasse tão depressa. Muito escorregadio este rapaz. Há uma coisa de que temos certeza: afanou a matrícula da caminhonete de reparações TV ontem de manhã, pouco depois das oito e trinta. A primeira coisa que o condutor da caminhonete fez ontem foi colocar gasolina e usou cartão de crédito. O empregado copiou a matrícula correta no talão, pelo que esta teve de ser roubada depois disso.

— Não houve ninguém que tivesse visto um carro de caixa aberta ou uma

caminhonete? — perguntou Crawford.

— Nada. O guarda do Tattler não viu nada. Desculpa-se por ter estado assistindo luta livre na televisão, pelo que não deu conta de nada. Os primeiros a chegar ao Tattler foram os bombeiros. Tinham se deslocado apenas por causa do fogo. Investigamos todos os trabalhadores noturnos na vizinhança do Tattler e na vizinhança do local onde o empregado das reparações TV tinha trabalhado na terça de manhã. Espero que alguém o tenha visto tirando a placa de matrícula.

— Gostaria de ver a cadeira de rodas outra vez — disse Graham.

— Está no nosso laboratório. Vou telefonar para avisá-los. — Osborne fez uma pausa. — Lounds foi um idiotazinho muito corajoso, têm que concordar. Lembrar-se da placa de matrícula e ser capaz de cuspi-la, no estado em que estava. Ouviram aquilo que ele disse no hospital?

Graham fez um aceno com a cabeça.

— Não quero ser chato, mas gostaria de ter certeza de que o compreendemos da mesma maneira. Como é que vocês o interpretaram? — disse Osborne.

Graham disse num tom monótono:

— Dentuço. Graham arranjou-me isto. O couro sabia. Graham arranjou-me isto. O couro identificou-me por causa da fotografia em que pareço um animal de estimação.

Osborne não fazia idéia de como Graham se sentia a este respeito. Fez outra pergunta.

— Estava se referindo a fotografia que você tirou com ele e que apareceu no Tattler?

— Não podia ser outra.

— Onde ele teria ido arranjar essa idéia?

— Lounds e eu tivemos algumas discussões.

— Mas na fotografia você e Lounds pareciam tão amigos. O Dentuço mata primeiro o animal de estimação, é isso?

— É isso. — A raposa de pedra era muito rápida, pensou Graham.

— É uma pena não ter conseguido apanhá-lo.

Graham não respondeu.

— Tínhamos calculado que Lounds estivesse conosco quando o

Dentuço visse o Tattler — disse Crawford.

— Aquilo que ele disse tem mais algum significado para vocês, qualquer coisa que seja possível utilizarmos?

Graham estava muito longe e por isso teve que repetir mentalmente a pergunta de Osborne antes de responder.

— Sabemos por aquilo que Lounds disse que o Dentuço viu o Tattler antes de tê-lo atacado, certo?

— Acho que sim.

— Se aceitar a idéia de que foi por causa do Tattler que ele entrou em ação, não concorda que foi obrigado a montar todo o esquema às pressas? A notícia surgiu no jornal segunda à noite, terça, não sabemos a que horas, provavelmente na terça de manhã, já está em Chicago roubando placas de matrícula, e na terça à tarde já está em cima de Lounds. O que isto lhe diz?

— Ou soube disso antes ou então não veio de muito longe — disse Crawford. — Ou leu a notícia aqui em Chicago ou a viu em algum lugar na segunda à noite. Não se esqueça de que estava esperando que o jornal saísse para ver a coluna de anúncios pessoais.

— Ou já estava aqui ou veio de carro de um lugar qualquer relativamente próximo — disse Graham. — Atacou Lounds depressa demais e usou uma cadeira de rodas que não podia ter transportado num avião, nem sequer é dobrável. E também temos a certeza de que não veio de avião para cá para roubar uma caminhonete na chegada, roubar placas de matrícula para ela e ainda por cima dar uma volta para encontrar uma cadeira de rodas de um modelo muito antigo. Tinha que ter uma velha cadeira de rodas... uma cadeira nova não serviria para aquilo que ele fez. Graham estava de pé, distraído com o cordão da persiana, enquanto olhava para a parede de tijolos que se avistava em frente através da janela. — Ou já tinha a cadeira de rodas ou sempre soube onde poderia encontrá-la.

Osborne ia fazer uma pergunta, mas a expressão do rosto de Crawford deu-lhe a entender que devia aguardar.

Graham dava nós no cordão da persiana. As suas mãos não estavam firmes.

— Sempre soube onde ela estava... — concluiu Crawford.

— Um-hmm, — disse Graham. — É fácil de ver como as coisas se passaram... a idéia começa com a cadeira de rodas. Vendo e pensando na cadeira

de rodas. Foi daí que a idéia partiu, quando começou a pensar no que deveria fazer com aqueles cabrões. Freddy deslizando em chamas pela rua afora deve ter sido um espetáculo.

— Acha que ficou olhando?

— Talvez. Com certeza visualizou tudo antes de tê-lo feito, na altura em que decidia a atitude que ia tomar. Osborne olhou para Crawford. Crawford era duro. Osborne sabia que Crawford era duro e que concordava com isto.

— Se ele tinha a cadeira ou se sempre soube onde ela estava... podemos verificar nos lares das redondezas — disse Osborne.

— Era perfeita para imobilizar Freddy — disse Graham.

— Durante muito tempo. Durou mais ou menos quinze horas e vinte e cinco minutos — disse Osborne.

— Se ele quisesse só dar cabo de Freddy, podia ter feito isso na garagem — disse Graham. — Podia tê-lo queimado dentro do carro. Queria falar com Freddy ou torturá-lo durante um tempo.

— Ou o fez nos fundos da caminhonete ou então levou-o para algum lugar — disse Crawford. — Atendendo ao espaço de tempo, diria que o levou para algum lugar.

— Tinha que ser um lugar que fosse seguro. Se o tivesse amarrado bem, não ia chamar muita atenção entrando e saindo de uma casa — disse Osborne.

— No entanto isso era muito arriscado — disse Crawford.

— Além disso implicava um certo trabalho de limpeza. Partamos do princípio de que ele tinha a cadeira, tinha acesso à caminhonete e tinha um lugar seguro para onde pudesse levá-lo e ocupar-se dele. Não acham que tudo isso indica... a casa dele?

O telefone de Osborne tocou. Resmungou enquanto pegava no auscultador.

— O quê?... Não, não quero falar com o pessoal do Tattler... Bom, é melhor que não sejam só tolices. Pode ligá-la... Capitão Osborne, sim... A que horas? Quem é que atendeu o telefone inicialmente, na central? Tire-a da central, por favor. Diga-me de novo o que ele disse... Mando um agente dentro de cinco minutos.

Osborne ficou olhando pensativamente para o telefone depois de ter desligado.

— A secretária de Lounds recebeu uma chamada há cerca de cinco minutos — disse. — Jura que era a voz de Lounds. Disse qualquer coisa, qualquer coisa que não pegou bem, como «a força do grande Dragão Vermelho». Foi aquilo que ela acha que ele disse.

# CAPÍTULO 24

O Dr. Frederick Chilton encontrava-se no corredor, em frente da cela de Hannibal Lecter. Junto de Chilton estavam três corpulentos auxiliares. Um deles trazia uma camisa-de-força e cintas de prisão para as pernas e o outro uma lata de Mace.

O terceiro transportava uma espingarda de pressão de ar carregada com um dardo tranqüilizador.

Lecter estava consultando um mapa-planta estendido em cima da mesa e ia tomando notas. Tinha ouvido os passos que se aproximavam. Ouviu atrás de si o ruído da culatra se fechando, mas continuou a ler, não dando qualquer sinal de que sabia que Chilton se encontrava ali.

Chilton tinha lhe mandado os jornais por volta do meio-dia e deixou-o esperar até à noite, mantendo-o na expectativa sobre o castigo que ia lhe dar por ter ajudado o Dragão.

— Dr. Lecter — disse Chilton.

Lecter voltou-se.

— Boa noite, Dr. Chilton. — Fez de conta que não dava pela presença dos guardas. Olhava só para Chilton.

— Vim buscar os seus livros. Todos os seus livros.

— Compreendo. Posso perguntar-lhe por quanto tempo tenciona guardá-los?

— Isso depende da sua atitude.

— Essa decisão é sua?

— Sou eu quem decide sobre os castigos a aplicar nesta casa.

— Com certeza que é. Aliás não é o tipo de coisas que Will Graham lhe pedisse para fazer.

— Vire-se para a rede e vista isto, Dr. Lecter. E  não vou pedir duas vezes.

— Com certeza, Dr. Chilton. Espero que seja o tamanho trinta e nove, o trinta e sete aperta-me muito no peito.

Lecter vestiu a camisa-de-força como se tratasse de um traje para jantar. Um dos auxiliares estendeu os braços através da barreira e apertou-a nas costas.

— Ajudem-no a se deitar no beliche — disse Chilton.

Enquanto os auxiliares esvaziavam as estantes, Chilton limpava os óculos e revolvia os papéis pessoais de Lecter com uma esferográfica.

Lecter observava-o do canto da cela que se encontrava na sombra. Curiosamente, mesmo com a camisa-de-forças, tinha um porte de certa elegância.

— Por baixo da pasta amarela — disse Lecter calmamente — pode encontrar um talão de devolução que o Archives lhe enviou. Trouxeram-no por engano com o correio que recebi deles, e lamento tê-lo aberto sem ter reparado no envelope. Peço desculpas.

Chilton ficou corado. Disse para um dos auxiliares.

— Acho melhor tirarmos a tampa do sanitário do Dr. Lecter.

Chilton olhou para o mapa-planta. Lecter tinha escrito a sua idade no topo: quarenta e um.

— E o que é que temos aqui? — perguntou Chilton.

— Tempo — disse Lecter.

O chefe de seção Brian Zeller levou a mala do correio e as rodas da cadeira de rodas para a Análise Instrumental, caminhando tão depressa que fazia assobiar as abas da sua gabardina.

Os elementos da equipe, que tinham recebido ordem para aguardar depois do turno diurno ter terminado, conheciam aquele assobio muito bem: Zeller estava cheio de pressa.

Já tinha havido atrasos demais. O correio, completamente arrasado, depois do seu vôo de Chicago ter atrasado devido ao mau tempo e em seguida desviado para Filadélfia, tinha alugado um carro e dirigido durante todo o caminho até o laboratório do FBI em Washington.

O laboratório da polícia de Chicago era eficiente, mas havia análises para as quais não se encontrava equipado. Zeller preparava-se para fazê-las.

Junto do espectrômetro de massa pousou algumas películas da pintura da porta do carro de Lounds.

Everly Katz, que estava na seção de Cabelos e Fibras, recebeu as rodas para partilhar a sua análise com os outros elementos da seção.

A última parada de Zeller foi na pequena sala aquecida onde Liza Lake se debruçava sobre um cromatógrafo de fase gasosa. Estava fazendo uma análise de cinzas referente a um caso de fraude ocorrido na Florida, observando o ponteiro traçar as linhas pontiagudas de um gráfico sobre o papel que ia se movendo lentamente.

— Gás Ace para isqueiro — disse ela. — Foi com isso que ele ateou o fogo.

— Já tinha examinado tantas amostras que podia distinguir as marcas, sem ser preciso consultar o manual.

Zeller desviou os olhos de Liza Lake e censurou-se asperamente por sentir prazer em estar no gabinete. Pigarreou e estendeu-lhe as duas pequenas latas brilhantes.

— Chicago? — perguntou ela.

Zeller acenou com a cabeça.

Ela verificou o estado das latas e o selo das tampas. Uma das latas continha cinzas da cadeira de rodas; a outra, material carbonizado de Lounds.

— Há quanto tempo se encontra nas latas?

— Mais ou menos seis horas — disse Zeller.

— Vou dispersá-lo.

Furou a tampa com uma seringa resistente e extraiu o ar que se encontrava dentro da lata juntamente com as cinzas, injetando esse ar diretamente no cromatógrafo de fase gasosa. Procedeu a ajustamentos meticulosos. À medida que a amostra se movia ao longo da coluna da máquina, o ponteiro oscilava nervosamente na larga banda de papel para gráficos.

— Sem chumbo... — disse ela. — É gasohol, gasohol sem chumbo. Não há muitos vestígios. — Folheou rapidamente um molho de gráficos de amostras. — Ainda não tenho elementos para lhe indicar uma marca. Deixe-me repetir a análise com pentano e depois entro em contato.

— Ótimo — disse Zeller. O pentano ia dissolver os fluidos que se encontravam nas cinzas, fraccionando-se no cromatógrafo logo no início e deixando os fluidos para uma análise mais em detalhe.

Por volta da uma da manhã, Zeller tinha conseguido tudo o que lhe fora possível.

Liza Lake conseguira determinar o tipo de gasohol: Freddy Lounds fora

queimado com o Servco Supreme.

Uma escovada paciente das fendas do rastro da cadeira de rodas permitira descobrir dois tipos de fibras para carpete — lã e sintética. O bolor na sujeira dos rastros indicava que a cadeira estivera guardada num lugar frio e escuro.

Os outros resultados eram menos satisfatórios. As películas de tinta não eram da pintura original. Examinadas no espectrômetro de massa e comparando depois com o catálogo nacional de tintas de automóveis, concluía-se que a tinta era de elevada qualidade, da marca Duco, pertencente a um lote fabricado durante o primeiro trimestre de 1978, para venda a diversas cadeias comerciais de venda de tinta para automóveis.

Zeller convencera-se de que seria possível determinar a marca do veículo e o ano aproximado de fabricação.

Enviou os resultados por telex para Chicago.

O Departamento de Polícia de Chicago queria as suas rodas de volta. A embalagem das rodas era incômoda demais para ser enviada pelo correio. Zeller meteu os relatórios escritos do laboratório na bolsa, algum correio que tinha chegado e uma encomenda que tinha vindo para Graham.

— Expresso federal é que eu não sou — disse o correio, quando teve certeza de que Zeller já não podia ouvi-lo.

O Departamento de Justiça mantém diversos pequenos apartamentos próximo do Tribunal do Sétimo Distrito, para serem utilizados por juristas e por técnicos especiais que se deslocam para testemunhar quando o Tribunal se encontra em sessão. Graham ficou instalado num desses apartamentos e Crawford noutro que ficava em frente, do outro lado do hall.

Chegou às nove da noite, cansado e encharcado. Não comera nada desde o café-da-manhã que tinham servido no avião de Washington, mas o pensamento de comida fazia-o sentir-se enjoado.

Aquela quarta-feira chuvosa tinha finalmente terminado.

Fora o pior dia da sua vida de que conseguia se recordar.

Com Lounds morto tudo parecia indicar que ele seria o próximo, e durante o dia Chester tinha observado se alguém o seguia; enquanto esteve na garagem de Lounds, enquanto permaneceu na chuva no pavimento esburacado onde Lounds fora queimado. Com as luzes dos flashes cegando-o, declarou à imprensa que se sentia «muito deprimido com a perda do seu amigo Frederick Lounds».

Também ia ao funeral. Iam igualmente vários agentes federais e policiais, na esperança de que o assassino aparecesse para verificar o desgosto de Graham.

No momento não sentia nada que fosse capaz de definir, apenas uma náusea fria e uma ocasional onda de alegria doentia por não ter sido ele quem fora queimado até à morte em vez de Lounds.

Graham tinha a impressão de que não fora capaz de aprender nada em quarenta anos: apenas ficara cansado. Preparou um martini generoso e bebeu-o enquanto se despia. Bebeu outro depois de ter tomado um chuveiro, enquanto via as notícias.

«Uma armadilha do FBI para apanhar o Dentuço deu mau resultado e um repórter veterano morreu. Voltaremos com detalhes nas Notícias Testemunhadas logo a seguir».

Antes do noticiário ter terminado já se referiam ao assassino como sendo «o Dragão». O Tattler tinha espalhado a informação por todas as redes de notícias. Graham não estava surpreendido. A edição de quinta ia vender muito bem. Preparou um terceiro martini e telefonou para Molly.

Ela tinha visto as notícias na televisão às seis e às dez e lera o Tattler. Sabia que Graham servira de isca numa armadilha.

— Devia ter-me dito, Will.

— Talvez, não.

— Acha que agora ele vai tentar matá-lo?

— Mais dia, menos dia. Agora será muito difícil para ele porque nunca estou parado no mesmo lugar. Tenho proteção permanente, Molly, e ele sabe disso. Não vai haver problemas.

— Está com a voz um bocadinho arrastada, não me diga que esteve falando com o seu amigo da geladeira?

— Bebi dois copos.

— Como se sente?

— Razoavelmente arrasado.

— As notícias disseram que o FBI não tinha nenhuma proteção para o repórter.

— Devia estar junto de Crawford na hora em que o Dentuço lesse o jornal.

— As notícias agora o chamam de «o Dragão».

— É como ele chama a si mesmo.

— Will, há uma coisa... Queria pegar Willy e sair daqui.

— E ir para onde?

— Para a casa dos avós dele. Já a muito tempo que não o vêem e tenho certeza de que ficariam contentes.

— Oh , um-hmmm.

Os avós de Willy tinham um rancho na costa do Oregon.

— Aqui é assustador. Eu sei que temos que partir do princípio de que estamos em segurança, mas não estamos dormindo muito bem. Talvez as lições de tiro tenham me excitado, não sei.

— Lamento, Molly. Quem me dera poder dizer-lhe como lamento.

— Vou sentir sua falta. Vamos sentir sua falta.

Molly já tinha decidido.

— Quando parte?

— Amanhã de manhã.

— E a loja?

— Evelyn quer ficar com ela. Ainda vou tratar das compras de Outono, só pela comissão, e a partir daí pode ficar com o que conseguir ganhar.

— Os cães?

— Pedi que telefonasse para a Câmara, Will. Tenho pena, mas talvez haja alguém que queira ficar com alguns deles.

— Molly, eu...

— Se ficar aqui significasse que poderia evitar que lhe acontecesse alguma coisa de mal, bem sabe que ficaria sem hesitar. Mas não pode defender todo mundo, Will, aqui não estou ajudando. Sabendo que nós dois estamos lá, passa a preocupar-se só contigo. Não quero carregar o estupor desta pistola comigo para o resto da vida, Will.

— Talvez consiga ir a Oakland para ver os A’s. — Não era isso que queria dizer. Oh, porra, aquele silêncio estava sendo comprido demais.

— Olha, eu telefono depois — disse ela — ou melhor, o mais certo vai ser você telefonar para lá.

Graham teve a impressão de que alguma coisa se rasgava dentro dele.

Sentiu que lhe faltava o ar.

— Deixe-me ligar para o escritório para arranjarem tudo. Já fez alguma reserva?

— Não usei o meu nome. Pensei que talvez os jornais...

— Ótimo. Fez bem. Deixe-me arranjar alguém que te acompanhe na partida. Não seria preciso passar pela porta de embarque e sairia de Washington absolutamente limpa. Posso fazer isso? Deixe-me fazer isso. A que horas o avião parte?

— Nove e quarenta. Vôo 118 da American.

— Okay, digamos, às oito e trinta... atrás do Smithsonian. Há um parque. Estacione o carro ali. Alguém irá encontrá-la. Alguém tentando ver se o relógio está funcionando quando sair do carro, okay?

— Está bem.

— Diga-me uma coisa, faz escala em O'Hare. Podia ir...

— Não, faço escala em Minneapolis.

— Oh, Molly, talvez eu possa ir buscá-la quando tudo isto tiver terminado!

— Seria estupendo.

Estupendo.

— Tem dinheiro que chegue?

— O banco vai me mandar algum por via telegráfica.

— O quê?

— Para o Barclays no aeroporto. Não se preocupe.

— Vou sentir sua falta.

— Eu também, mas a situação não é diferente da que temos agora. A mesma distância pelo telefone. O Willy manda um abraço.

— Dê-lhe um também.

— Tenha cuidado contigo, querido.

Nunca tinha chamado-o de querido antes. Nunca tinha se importado também. Não ligava para nomes novos: querido, Dragão Vermelho.

O agente de serviço do turno da noite em Washington ficou contente por poder preparar as coisas para Molly. Graham encostou o rosto no vidro frio da

janela e ficou observando as bátegas de água fustigando o tráfego indistinto que se avistava lá embaixo na rua, que passava do cinzento para as súbitas cores dos anúncios que iam se acendendo e apagando. O rosto deixou no vidro a marca da testa, nariz, lábios e queixo.

Molly fora embora.

O dia terminara e restava-lhe apenas a noite para enfrentar e a voz sem lábios que o acusava.

A mulher de Lounds segurara o que lhe restava da mão até tudo ter terminado.

— Alô? Fala Valerie Leeds. Lamento não poder atender no momento ...

— Eu também lamento — disse Graham.

Graham encheu o copo mais uma vez e sentou-se à mesa junto à janela, olhando para a cadeira vazia que se encontrava em frente dele. Continuou a olhá-la até que o espaço à sua frente tomou uma forma humana preenchida com manchas e pontos que se moviam continuamente, uma presença como uma sombra no meio de poeira em suspensão. Tentou fazer que a imagem adquirisse consistência, tentou vislumbrar um rosto. Não se moveria, não tinha qualquer consistência, mas, mesmo sem rosto, encarava-o com uma atenção palpável.

— Eu sei que é difícil — disse Graham. Estava completamente embriagado. — Tem que tentar parar, agüentar até que o encontremos. Se quiser fazer alguma coisa, foda-se, venha atrás de mim. Pouco me importa. Depois será muito melhor. Encontrarão alguma coisa para ajudá-lo a parar. Para ajudá-lo a parar de querer dessa maneira. Ajude-me. Ajude-me um pouquinho. A Molly partiu, o velho Freddy morreu. Agora o jogo é entre nós dois. — Debruçou-se sobre a mesa, as mãos estenderam-se para tocar e a presença desvaneceu-se.

Graham deitou a cabeça na mesa, o rosto apoiado no braço.

Conseguia distinguir no vidro a marca da sua testa, nariz, boca e queixo à luz dos relâmpagos; um rosto com gotas que escorriam por ele ao longo do vidro. Sem olhos. Um rosto cheio de chuva.

Graham fizera um esforço muito grande para tentar compreender o Dragão.

Por vezes, no silêncio que se respirava na casa das vítimas, os locais por onde o Dragão se movimentara tentavam falar.

Algumas vezes Graham sentia-se próximo dele. Um sentimento que ele recordava de outras investigações tinha-o invadido nos últimos dias: o

sentimento angustiante de que ele e o Dragão estavam fazendo as mesmas coisas a várias horas do dia, de que havia paralelos entre os detalhes quotidianos das suas vidas. Num lugar qualquer o Dragão estava comendo, ou tomando chuveiro, ou dormindo, enquanto ele fazia o mesmo.

Graham fizera um esforço para conhecê-lo. Tentara vê-lo para lá do brilho deslumbrante dos slides e dos frescos, entre as linhas dos relatórios da polícia, tentara descobrir-lhe o rosto nos borrões das impressões digitais. Tentara mais do que podia e sabia.

Mas para começar a compreender o Dragão, para ouvir o frio gotejar na sua escuridão, para observar o mundo através da sua visão avermelhada, Graham teria que ver coisas que nunca poderia ver e deveria ter que voar através dos tempos...

# CAPÍTULO 25

Sprinffield, Missouri, 14 de Junho de 1938.

Marian Dolarhyde Trevane, cansada e cheia de dores, desceu de um táxi em frente do City Hospital. Enquanto subia os degraus era envolvida por um vento quente que lhe chicoteava os tornozelos. A mala que transportava tinha melhor aspecto do que o seu velho vestido desbotado, o mesmo acontecendo com a bolsa trançada que comprimia contra o ventre dilatado. Na bolsa tinha duas moedas de um quarto de dólar e uma outra de dez cêntimos. Trazia Francis Dolarhyde no ventre.

Disse ao empregado da recepção que se chamava Betty Johnson, uma mentira. Disse que o marido era músico, mas que não sabia onde estava, o que era verdade.

Instalaram-na na seção de caridade do pavilhão da maternidade. Não olhou para as pacientes que se encontravam de ambos os lados. Olhou para as solas dos pés que ficavam do outro lado da coxia.

Em quatro horas foi levada para a sala de partos, onde Francis Dolarhyde nasceu. O médico fez uma observação dizendo que «ele se parecia mais com um morcego de nariz achatado do que com um bebê», outra verdade. Tinha nascido com fissuras bilaterais no lábio superior e no palato duro e cartilagínio. A secção central da boca não era ancorada e era protuberante. O nariz era achatado.

Os supervisores do hospital decidiram aguardar algum tempo antes de mostrá-lo à mãe. Esperaram para ver se a criança conseguiria sobreviver sem oxigênio. Puseram-no numa cama nos fundos do berçário, de tal modo que não pudesse ser observado da janela do corredor. Conseguia respirar, mas era incapaz de se alimentar. Com a deficiência que tinha no palato era incapaz de sugar.

O seu choro no primeiro dia não era tão contínuo como o de um bebê dependente de heroína, mas era igualmente estridente.

Na tarde do segundo dia o único som que era capaz de produzir era um leve gemido agudo.

Quando os turnos mudaram, às três da tarde, uma sombra enorme projetou-se sobre a sua cama. Prince Easter Mize, cento e trinta quilos, empregada de limpeza e auxiliar no pavilhão da maternidade, parou para olhar

para ele, os braços cruzados sobre o peito. Em vinte e seis anos de trabalho na enfermaria tinha visto cerca de trinta e nove mil crianças. Esta conseguiria viver se comesse.

Prince Easter não tinha recebido nenhuma instrução do Senhor para que deixasse esta criança morrer. E tinha dúvidas de que o hospital tivesse recebido qualquer coisa do gênero. Tirou do bolso uma tampa de borracha que era atravessada por um tubo curvo de vidro, para beber. Adaptou a tampa a uma garrafa de leite. Conseguia segurar o bebê e apoiar-lhe a cabeça na sua mão enorme. Encostou-o ao peito até ter certeza de que ele sentia o bater do seu coração. Em seguida deitou-o de novo e introduziu-lhe o tubo pela garganta. Bebeu cerca de duas onças e adormeceu.

— Um-hum — disse ela. Saiu de junto da criança e dirigiu-se para o seu serviço de troca de fraldas.

No quarto dia as enfermeiras mudaram Marian Dolarhyde Trevane para um quarto particular. Na prateleira do lavatório encontrava-se uma jarra com glicínias que tinha sido deixada pela ocupante anterior. Tinham-se agüentado muito bem.

Marian era uma moça bonita e lentamente os sinais de inchaço do rosto iam desaparecendo. Olhou para o médico quando ele começou a falar com ela, a mão apoiada no ombro. Sentia o cheiro forte de sabonete das suas mãos e pensou nas rugas que ele tinha no canto dos olhos até que começou a dar atenção ao que ele estava dizendo. Foi então que fechou os olhos e só os abriu quando lhe trouxeram o bebê.

Finalmente decidiu-se a olhar. Fecharam a porta quando ela gritou. Depois deram-lhe uma injeção.

No quinto dia abandonou o hospital sozinha. Não sabia para onde ir. Nunca mais poderia voltar para casa; a mãe tinha deixado isso bem claro.

Marian Dolarhyde Trevane contava os passos entre os postes de iluminação. De três em três postes sentava-se na mala para descansar. Ao menos ainda tinha a mala. Em todas as cidades havia uma loja de penhores junto da estação de ônibus. Aprendera isso nas viagens com o marido.

Em 1938, Springfield não era um centro para cirurgia plástica. Em Springfield usava-se a cara que se tinha e mais nada.

Um cirurgião no City Hospital fez o melhor que pode por Francis Dolarhyde, primeiro fazendo a retração da parte central da boca com uma banda elástica e em seguida fechando as fissuras do lábio por meio de uma técnica de

tampa retangular que presentemente se encontra fora de moda. Os resultados estéticos não foram lá muito bons.

O cirurgião debruçara-se sobre o problema, estudando tudo o que havia a esse respeito, e decidira, corretamente, que a reparação do palato duro da criança teria de esperar até que esta atingisse os cinco anos. Uma operação feita mais cedo iria distorcer o crescimento da face.

Um dentista local oferecera-se como voluntário para fazer um obturador que tapava o palato da criança e lhe permitia se alimentar sem inundar o nariz com os alimentos.

A criança foi para o Lar de Crianças Abandonadas de Springfield durante um ano e meio e em seguida para o Orfanato Morgan Lee Memorial.

O reverendo S. B. «Buddy» Lomax era o diretor do Orfanato. O irmão Buddy chamou os outros meninos e meninas e disse-lhes que Francis era leporino, mas que deviam ter cuidado para nunca o chamarem disso.

O irmão Buddy sugeriu que rezassem por ele.

A mãe de Francis Dolarhyde aprendeu a tomar conta dela nos anos que se seguiram ao nascimento da criança.

Marian Dolarhyde encontrou primeiro um trabalho como datilógrafa no escritório de um dos patrões de um estaleiro na máquina democrática de Saint Louis. Com a sua ajuda conseguiu anular o seu casamento com o ausente Sr. Trevane.

Nos papéis de anulação não se fazia referência à existência de uma criança.

Cortara relações com a mãe. («Não te criei para te por debaixo desse traste irlandês», foram as últimas palavras da Sra. Dolarhyde para Marian, quando esta abandonou a casa na companhia de Trevane).

Um dia o ex-marido de Marian telefonou para o escritório. Sóbrio e contrito, disse que se emendara e queria saber se ele, Marian, e a criança, «que ele nunca tivera a alegria de conhecer», poderiam iniciar uma nova vida em conjunto. Parecia falido.

Marian disse que a criança tinha nascido morta e desligou. Apareceu na casa onde ela estava hospedada, de mala na mão e completamente bêbado. Quando ela disse para ir embora, respondeu-lhe que a culpa era dela se o casamento falhara e a criança nascera morta. Chegou a pôr em dúvida se a criança seria dele.

Desnorteada, Marian Dolarhyde explicou em detalhes a Michael Trevane «a coisa» de que ele era pai e disse-lhe que era bem-vindo se quisesse tomar conta dela. Recordou-lhe que na família Trevane havia dois casos de falha do palato. Colocou-o na rua e disse-lhe para nunca mais telefonar.

Não o fez. Mas anos mais tarde, embriagado e a par do casamento rico que Marian fizera, e da vida desafogada que ela levava, telefonou para a mãe de Marian.

Contou à Sra. Dolarhyde o que acontecera com a criança deformada e disse-lhe que o defeito dos dentes provava que a falta hereditária era do lado dos Dolarhyde.

Uma semana mais tarde, um ônibus em Kansas City cortou Michael Trevane em dois.

Quando Trevane disse à Sra. Dolarhyde que Marian tinha um filho escondido, ficou acordada a maior parte da noite. Alta e magra, sentada na sua cadeira de balanço, a avó Dolarhyde olhava para as chamas. Perto da madrugada começou um lento e propositado balançar.

Em algum lugar no andar de cima da enorme casa, uma voz entrecortada falava no sono. O assoalho por cima da avó Dolarhyde rangeu quando alguém se dirigiu ao banheiro.

Uma pancada seca no teto — alguém que caíra — e a voz entrecortada gemendo de dores.

A avó Dolarhyde nunca tirou os olhos das chamas. Balançava-se com mais rapidez e, algum tempo depois, a voz deixou de gemer.

Quase no final dos seus cinco anos, Francis Dolarhyde teve a sua primeira e única visita no Orfanato.

Encontrava-se sentado num canto da cafeteria quando um rapaz mais velho veio chamá-lo para levá-lo ao gabinete do irmão Buddy.

A senhora que se encontrava com o irmão Buddy era alta e de meia-idade, o rosto com uma enorme camada de pó-de-arroz, o cabelo num carrapito apertado. O rosto era de um branco doentio. Havia manchas amarelas no cabelo grisalho, nos olhos e nos dentes.

O que chocou Francis e o que ele sempre recordaria: a senhora sorriu com prazer quando viu o seu rosto. Era coisa que nunca acontecera antes. Mais ninguém voltaria a fazer uma coisa dessas.

— Esta é a sua avó — disse o irmão Buddy.

— Olá — disse ela.

O irmão Buddy limpou a boca com a sua longa mão.

— Diga «olá», vamos.

Francis aprendera a dizer algumas coisas tapando as narinas com o lábio superior, mas nunca tivera muitas ocasiões para dizer «olá». «Lhaa» foi o melhor que conseguiu produzir.

A avó parecia ainda mais contente com ele.

— É capaz de dizer «avó»?

— Tente dizer «avó» — disse-lhe o irmão Buddy.

A impotência derrotou-o. Francis explodiu em lágrimas. Ouviu-se o zumbido de uma vespa batendo descontrolada de encontro ao teto.

— Deixa para lá — disse a avó. — Aposto que é capaz de dizer o seu nome. Tenho certeza de que um menino crescido como você é capaz de dizer o seu nome. Diga-o para eu ouvir.

O rosto da criança ficou brilhante de excitação. Os meninos mais velhos tinham-no ajudado nisto. Queria agradar. Recompôs-se.

— Cara de Cú — disse.

Três dias depois a avó Dolarhyde foi buscar Francis no Orfanato e levou-o para casa. Começou imediatamente a ajudá-lo a aprender a falar. Concentraram-se numa simples palavra: «mãe».

Dois anos depois da anulação, Marian Dolarhyde conheceu e casou-se com Howard Vogt, um advogado de sucesso com sólidas ligações na máquina de Saint Louis e no que restara da velha máquina Pendergast de Kansas; City.

Vogt era um viúvo com três filhos ainda novos, um homem ambicioso e afável quinze anos mais velho do que Marian Dolarhyde. A única coisa que ele detestava era o Saint-Louis Post Dispatch que lhe queimara a reputação no escândalo do registro de votos em 1936 para a eleição de governador.

Em 1943, a estrela de Vogt elevava-se de novo nos céus da política. Era um candidato em formação para a legislatura do estado e fora mencionado como um possível candidato para a convenção constitucional estadual que se aproximava.

Marian era uma boa anfitriã com mérito e atrativa e Vogt comprou-lhe uma bela casa em Olive Street, que era perfeita para as recepções.

Francis Dolarhyde vivia com a avó havia uma semana quando esta o levou

lá.

A avó nunca tinha ido a casa da filha. A empregada que atendeu à porta não a conhecia.

— Sou a Sra. Dolarhyde — disse ela empurrando a empregada. Nas costas viam-se umas três polegadas das calcinhas saindo da saia. Conduziu Francis para uma grande sala de estar com uma lareira agradável.

— Quem é, Viola? — ouviu-se uma voz de mulher perguntar do andar superior.

A avó agarrou o rosto de Francis com a mão. Este sentia o cheiro do couro da luva. Um murmúrio imperioso.

— Vá ver sua mãe, Francis. Vá ver a sua mãe. Corre!

Libertou-se dela, desviando-se do seu olhar.

— Vá ver a sua mãe. Corre! — Agarrou-o pelos ombros e encaminhou-o para as escadas. A criança parou junto aos degraus e olhou para trás na direção dela. Esta fez-lhe um gesto com o queixo na direção do andar de cima.

Na direção do andar de cima, que não conhecia, e da porta aberta do quarto.

A mãe estava sentada ao toucador, verificando o make-up num espelho emoldurado com luzes. Estava se preparando para um comício político e não era conveniente pôr muito rouge. Estava de costas voltadas para a porta.

— Mali — titubeou Francis, dizendo como lhe tinham ensinado. Esforçou-se por pronunciar corretamente. — Mali.

Foi então que ela o viu no espelho.

— Se está procurando Ned só está em casa às ...

— Mali. — Aproximou-se, ficando iluminado pelas luzes.

Marian ouviu a voz da mãe no térreo pedindo chá. Arregalou os olhos ao mesmo tempo que permanecia imóvel. Não se virou. Apagou as luzes de make-up e desapareceu da frente do espelho. No quarto escurecido deu um pequeno gemido que terminou num soluço. Podia ter sido por causa dela ou talvez por causa dele.

A partir desse dia a avó levou Francis a todos os comícios políticos e explicou quem ele era e de onde tinha vindo. Obrigava-o a dizer «olá» a todo mundo. Em casa não tinham ensaiado o «olá».

O Sr. Vogt perdeu as eleições por mil e oitocentos votos.

# CAPÍTULO 26

Na casa da avó, o novo mundo de Francis Dolarhyde era uma floresta de pernas cheias de varizes.

Havia três anos que a avó Dolarhyde dirigia um lar quando ele veio viver com ela. O dinheiro tinha sido sempre um problema desde a morte do marido, em 1936; fora educada como uma senhora e não possuía qualificações especiais.

Ficara apenas com uma grande casa e com as dívidas do seu falecido marido. Aceitar hóspedes estava fora de questão. O lugar era isolado demais para poder vir a ser uma casa de hóspedes com sucesso. Sentia-se ameaçada com a possibilidade de ter que deixar o lugar.

O anúncio nos jornais do casamento de Marian com o influente Sr. Howard Vogt parecera à avó uma bênção do céu. Escreveu várias vezes a Marian pedindo auxílio, mas nunca recebeu resposta. A cada vez que telefonava, uma empregada dizia-lhe que a Sra. Vogt não estava.

Finalmente, e com uma amargura imensa, a avó Dolarhyde fez um acordo com a Câmara e começou a receber idosos indigentes. Por cada um recebia uma determinada quantia além de pagamentos esporádicos dos familiares que a Câmara conseguia localizar. Foi extremamente duro até ter começado a receber pacientes particulares de famílias de classe média.

Entretanto, e durante todo esse tempo, nenhuma ajuda viera de Marian — e Marian podia ter ajudado.

Agora Francis brincava no chão, no meio da floresta de pernas. Brincava de carrinhos com as peças de mah-jong da avó, empurrando-as por entre pés que mais faziam lembrar raízes retorcidas.

A senhora Dolarhyde obrigava os seus hóspedes a usarem roupas lavadas, mas desesperava-se para conseguir que andassem calçados.

Os idosos ficavam sentados o dia todo na sala de estar ouvindo rádio. A Sra. Dolarhyde também tinha colocado lá um pequeno aquário para distraí-los e um benemérito particular viera em seu auxílio para que ela pudesse forrar os assoalhos de tacos de madeira com linóleo, necessário por causa das incontinências inevitáveis.

Sentavam-se em fila nos sofás ou em cadeiras de rodas ouvindo o rádio, os olhos mortiços fixos nos peixes, em nada ou talvez em alguma coisa que já

tinham visto há muito tempo.

Francis nunca mais se esqueceria do arrastar de pés no linóleo nos dias quentes e cheios de zumbidos, do cheiro de guisado de tomates e couves que vinha da cozinha, do cheiro dos velhos que mais pareciam aparas de carne seca ao sol, e do eterno ruído de fundo do rádio:

Happy little washday song.

Rinso white,

Rinso bright.

Francis passava todo o tempo que podia na cozinha porque a sua amiga estava lá. A cozinheira, Queen Mother Bailey, crescera ao serviço da família do falecido Sr. Dolarhyde. Havia alturas em que trazia uma ameixa no bolso do avental para Francis, e costumava chamá-lo de «Pequeno Diabrete, sempre a sonhar». A cozinha era quente e segura. Mas à noite, Queen Mother Bailey ia para casa.

Dezembro de 1943.

Francis Dolarhyde, com cinco anos, estava deitado no seu quarto, no andar de cima da casa da avó. O quarto estava escuro como breu, com as suas pesadas cortinas encostadas às janelas. Queria fazer xixi, mas tinha medo de se levantar no escuro.

Chamou a avó que dormia num quarto do térreo.

— Ahó, ahó. — O som assemelhava-se ao balido de um cabrito. Chamou até se sentir cansado. — Ahó, ahó.

Por último não se conteve e molhou a cama; um calor inicial nas pernas e no traseiro, e depois a sensação de frio, o pijama colando-se ao corpo. Não sabia o fazer. Respirou fundo e voltou-se para a porta. Nada aconteceu. Pôs os pés no chão. Ficou de pé no escuro, a calça do pijama colada às pernas, a cara em fogo. Correu para a porta. O puxador da porta bateu-lhe na sobrancelha, o que o fez cair sentado no meio do chão, completamente encharcado. Voltou a ficar de pé e correu pelas escadas abaixo, os dedos agarrando o corrimão, em direção ao quarto da avó. Rastejando por cima dela às escuras e metendo-se debaixo da roupa, encostado a ela e novamente quente.

A avó agitou-se, tensa, com os músculos das costas onde ele apoiava o queixo endurecidos.

— Nunca tinha vixto... — Um ruído na mesinha de cabeceira quando encontrou a dentadura, um ruído quando a colocou. — Nunca tinha visto uma criança tão aborrecida e porca como você. Saia, saia da minha cama.

Acendeu o abajur da mesinha de cabeceira. Ele permanecia no carpete tremendo. Passou-lhe o polegar por cima da sobrancelha. Quando o retirou tinha vestígios de sangue.

— Machucou-se?

Abanou a cabeça tão violentamente que gotas de sangue caíram na camisola da avó.

— Já lá para cima. Vamos.

Enquanto subia as escadas a escuridão voltou a envolvê-lo. Não podia acender as luzes porque a avó tinha encurtado os cordões e só ela conseguia alcançá-los. Não queria voltar para a cama molhada. Permaneceu no escuro aos pés da cama por um longo tempo. Pensou que ela não viria. Os cantos mais escuros do quarto sabiam que ela não viria.

Mas afinal ela veio, puxando o curto cordão da luz do teto, os braços ocupados com os lençóis que trazia com ela. Não falou enquanto mudava a cama.

Agarrou-o pela parte de cima do braço, empurrando-o para o hall, em direção ao banheiro. A luz ficava por cima do espelho e teve que ficar na ponta dos pés para ligá-la. Deu-lhe uma esponja de banho, molhada e fria.

— Tire o pijama e lave-se.

Cheiro de adesivo e o ruído metálico da tesoura brilhante. Cortou um pedaço de adesivo, o fez subir em cima da tampa do sanitário e fechou-lhe o corte que tinha sobre o olho.

— Agora — disse ela. Encostava-lhe a tesoura na parte inferior do ventre, fazendo-lhe sentir o frio do metal. — Olha — insistiu. Agarrou-lhe pela nuca, fazendo-o curvar-se para frente para que pudesse ver o seu pequeno pênis em cima da lâmina inferior da tesoura aberta. Foi fechando a tesoura lentamente até que começou a machucá-lo.

— Quer que o corte?

Tentou olhar para cima para encará-la, mas a avó mantinha sua cabeça na mesma posição. Soluçou e a saliva caiu-lhe na barriga.

— Quer?

— Nah, ahó, nah, ahó.

— Dou-lhe a minha palavra de que se molhar a cama mais uma vez o corto. Entendeu?

— Hin, ahó.

— Mesmo no escuro pode encontrar o penico e pode se sentar nele como um menino ajuizado. Não tem que sair do quarto. Agora volte para a cama.

Eram cerca de duas da manhã quando o vento começou a aumentar de intensidade, soprando o calor vindo de sudeste, partindo os ramos das macieiras que tinham secado e arrancando as folhas das que ainda estavam verdejantes. O vento arrastou uma chuva morna que fustigava a parte lateral da casa onde Francis Dolarhyde, com quarenta e dois anos de idade, dorme.

Está deitado de lado e chupa o polegar, o cabelo úmido colado à testa e à nuca.

Entretanto acorda. Ouve a sua respiração no escuro e os pequenos ruídos das suas pálpebras que pestanejam. Os dedos cheiram levemente a gasolina. Tem a bexiga cheia.

Na mesinha de cabeceira procura o copo que contém a dentadura.

Dolarhyde põe sempre a dentadura antes de se levantar. Dirige-se agora para o banheiro. Não acende a luz. Encontra o sanitário às escuras e senta-se nele como um menino ajuizado.

# CAPÍTULO 27

A mudança na avó tornou-se evidente pela primeira vez no Inverno de 1947, quando Francis tinha oito anos.

Deixou de tomar as refeições no quarto dela com Francis. Mudaram-se para a mesa comum na sala de jantar, onde presidia às refeições com os residentes mais antigos.

A avó aprendera quando era moça a arte que faria dela uma anfitriã encantadora. Desembrulhou e poliu a campainha de prata que passou a colocar ao lado do prato.

Manter uma refeição em movimento, vigiando o serviço, dirigindo as conversas, adaptando temas fáceis de conversa aos aspectos em que os mais tímidos se sentiam mais à vontade, salientando as melhores facetas dos mais brilhantes diante dos outros hóspedes, é uma arte notável que infelizmente se encontra em declínio.

No seu tempo a avó era boa nesta arte, e de fato os seus esforços à mesa, de início abrilhantaram as refeições para os dois ou três residentes que eram capazes de uma conversação linear.

Francis sentava-se na cadeira de hóspedes no outro extremo da avenida de cabeças que acenavam, enquanto a avó conseguia fazer sobressair as recordações daqueles que ainda mantinham um pouco de memória. Exprimia um interesse delicado pela lua-de-mel que a Sra. Floder tinha passado em Kansas City, passava algumas vezes pelo ataque de febre-amarela que o Sr. Eaton tivera e ouvia diplomaticamente a confusão dos sons ininteligíveis dos outros.

— Não acha interessante, Francis? — disse ela, e tocou a campainha para servirem o prato seguinte. A alimentação era constituída por diferentes vegetais e almôndegas de carne, mas dividia o conjunto em diversos pratos, o que causava enormes problemas no trabalho da cozinha.

Os incidentes à mesa nunca eram mencionados. Um toque de campainha e um gesto a meio de uma frase eram o suficiente para se tomar conta dos que se tinham engasgado, dos que tinham adormecido e até dos que se tinham esquecido de onde é que estavam. A avó mantinha o número máximo de pessoal que as suas posses lhe permitiam.

À medida que a saúde da avó ia declinando, ia perdendo peso, e começou

a poder usar vestidos que há muito tempo se encontravam guardados. Alguns deles eram elegantes. No conjunto do seu aspecto e do seu penteado podia se dizer que se parecia muito com George Washington na nota de dólar.

Na Primavera, os seus hábitos transformaram-se sensivelmente. Era ela quem dirigia a mesa e não permitia qualquer interrupção enquanto contava histórias dos seus tempos de moça em Saint Charles, revelando até assuntos de natureza pessoal que serviam para inspirar e instruir Francis e os outros.

Era um fato que em 1907 a avó tinha desfrutado uma época em que era a mais bela, tendo sido convidada para alguns dos melhores bailes ao longo do rio em Saint Louis.

Havia nisto uma «lição objetiva» para todos eles, dizia ela. Olhava em especial para Francis, que cruzava as pernas debaixo da mesa.

— Nasci numa altura em que pouco se podia fazer, sob o ponto de vista médico, para ultrapassar os pequenos acidentes da natureza — disse ela. — Tinha um cabelo e uma pele maravilhosos e tirei toda a vantagem que me foi possível desse fato. Ultrapassei o problema dos meus dentes à custa da força de personalidade e de um espírito brilhante, de fato, com tanto sucesso que se tornaram a minha «marca de beleza». Acho que até poderia chamar de «minha marca registrada de sedução». Não os trocaria por nada deste mundo.

Explicava com amplos detalhes que não acreditava nos médicos, mas quando se tornou evidente que os problemas das gengivas ia fazer com que perdesse os dentes, procurou um dos mais afamados dentistas no Midwest, o Dr. Feliz Bert I, um suíço. Os «dentes suíços» do Dr. Bert I eram muito populares dentro de uma certa classe de gente, dizia a avó, e ele tinha uma prática notável.

Cantores de ópera com receio de que novas formas da boca pudessem alterar o tom da voz, atores e outras pessoas com vida pública vinham de tão longe como São Francisco para serem tratados.

O Dr. Bert I era capaz de reproduzir exatamente os dentes naturais do paciente e tinha feito experiências com vários compostos e os seus efeitos de ressonância.

Quando o Dr. Bert I completou a sua dentadura, os dentes pareciam exatamente como antes. Usou-os com personalidade e não tinha perdido uma pitada do seu encanto especial, dizia ela com um sorriso astucioso.

Se havia uma lição objetiva nisto tudo, Francis só conseguiu perceber isso mais tarde; não haveria mais cirurgia para ele até que estivesse em condições de pagá-la.

Francis era capaz de suportar as refeições porque havia uma coisa que ele desejava e que sempre acontecia depois. O marido de Queen Mother Bailey vinha buscá-la todas as noites no carro puxado por uma mula que ele usava para transportar lenha. Se a avó estava ocupada no primeiro andar, Francis conseguia ir com eles de carroça durante o caminho que levava até à estrada principal.

Esperava durante todo o dia pelo passeio noturno: sentado no banco da carroça ao lado de Queen Mother, observava o vulto alto e esguio do marido, em silêncio e quase que invisível na escuridão, as rodas de ferro da carroça esmagando o cascalho do caminho, que por vezes saltava em direções inesperadas. Duas mulas, castanhas e por vezes enlameadas, as crinas esticadas como se fossem escovas, sacudindo o lombo com as caudas permanentemente em movimento. O cheiro de suor e pano de algodão fervido, de poeira e do couro dos arreios. Havia ainda o cheiro de fumaça de madeira queimada, nos dias em que o Sr. Bailey tinha estado a limpar novos terrenos, e por vezes, quando levava a espingarda, podia ver-se um par de coelhos ou de esquilos que jaziam na caixa da carroça, esticados como se ainda estivessem correndo.

Nunca falavam durante o caminho que levava à estrada; o Sr. Bailey falava só com as mulas. Os pulos da carroça atiravam o rapaz de encontro aos Bailey de uma forma que lhe agradava. Saltando da carroça no fim do caminho, fazia a sua promessa de todas as noites de ir direto para casa, e ficava vendo a lanterna da carroça que desaparecia na noite. Conseguia ouvi-los conversando ao longe na estrada. Por vezes Queen Mother fazia o marido rir e ria com ele. De pé na escuridão era agradável ouvi-los e saber que não estavam rindo dele.

Mais tarde iria modificar o seu modo de pensar a esse respeito...

A companheira ocasional de brincadeiras de Francis Dolarhyde era a filha de um rendeiro que vivia a alguma distância. A avó deixava-a vir brincar porque se divertia vestindo a criança de vez em quando com as roupas que Marian tinha usado quando era pequena.

Era uma criança ruiva absolutamente apática e a maior parte das vezes estava muito cansada para brincar.

Numa tarde quente de Junho em que se cansara de caçar escaravelhos com uma palha no pátio das galinhas, disse a Francis para lhe mostrar as suas partes privadas.

Num canto entre o galinheiro e uma sebe baixa que os ocultava das janelas do térreo da casa, fez-lhe a vontade. Ela mostrou igualmente as dela, ficando de pé, com a roupa interior de algodão em volta dos tornozelos. Quando ele se

preparava para ver melhor, um galo sem cabeça surgiu da esquina, deslizando de costas e levantando nuvens de poeira. A rapariga, espantada, recuou involuntariamente quando foi salpicada de sangue nos pés e nas pernas.

Francis deu um pulo com as calças ainda arriadas, no momento em que Queen Mother Bailey apareceu na esquina atrás do galo e os viu.

— Olha aqui, rapaz — disse ela calmamente — se queria ver como é que as coisas são, pronto, já viu. Agora vão ver se encontram qualquer coisa para fazer. Ocupem-se com assuntos de crianças e mantenham as roupas vestidas. Você e essa criança, ajudem-me a apanhar aquele galo.

O embaraço das crianças passou rapidamente com a caça do galo. Mas a avó os observava da janela do primeiro andar...

A avó viu Queen Mother entrar de novo. As crianças foram para o galinheiro. Esperou cinco minutos e foi silenciosamente atrás deles. Abriu a porta de repente e encontrou-os apanhando penas para almofadas.

Mandou a menina embora e conduziu Francis para casa. Disse-lhe que ia mandá-lo de volta para o orfanato do irmão Buddy, depois de castigá-lo.

— Vá lá para cima. Vá para o seu quarto, tire as calças e espere por mim enquanto vou buscar a tesoura.

Esperou enquanto ouvia os sons da ceia e os ruídos do carro de lenha e das mulas, quando o marido de Queen Mother chegou.

Perto da manhã adormeceu e quando acordou em sobressalto voltou a ficar à espera.

A avó nunca chegou a vir. Possivelmente tinha se esquecido. Esperou através da rotina dos dias que se seguiram, lembrando-se muitas vezes durante o dia num sentimento de pavor absoluto. Nunca mais acabaria de esperar.

Evitava Queen Mother Bailey, não falava com ela e não lhe dizia porquê: erradamente pensava que ela tinha contado à avó o que vira no pátio do galinheiro. Agora estava convencido de que o riso que ouvira, enquanto via a lanterna da carroça afastar-se ao longe, era a seu respeito. Não havia dúvida de que não podia acreditar em ninguém.

Era difícil ficar deitado sem se mexer e tentar dormir quando tinha tanta coisa em que pensar. Era difícil ficar deitado ali sem se mexer quando estava uma noite tão bonita.

Francis sabia que a avó tinha razão. Tinha-a magoado. Tinha-a envergonhado. Todo mundo devia saber o que ele fizera, mesmo em Saint

Charles. Não estava zangado com a avó. Sabia que gostava muito dela. Queria fazer as coisas como devia ser.

Imaginou que os ladrões estavam assaltando a casa, que ele protegia a avó e que esta retirava o que tinha dito.

— Afinal não é um filho do diabo, Francis. É o meu rapazinho ajuizado.

Imaginou um ladrão que queria entrar na casa. Um ladrão que queria entrar na casa para mostrar à avó as partes privadas.

Como é que Francis podia protegê-la? Era pequeno demais para poder lutar com um ladrão crescido.

Pensou sobre isso. Havia a machadinha de Queen Mother junto da lenha. Depois de ter matado a galinha, limpara-a com uma folha de jornal. Precisava pensar a respeito da machadinha. Era a sua responsabilidade. Devia combater o mundo do escuro. Se ele de fato amava a avó, ele é que devia ser a coisa de que se tinha medo no escuro. Qualquer coisa de que o ladrão deveria ter medo.

Desceu as escadas e encontrou a machadinha pendurada no prego. Tinha um cheiro estranho, semelhante ao cheiro que a banca tinha quando estavam depenando frangos. Estava afiada e o peso dela ao empunhá-la dava-lhe uma certa confiança.

Dirigiu-se ao quarto da avó de machadinha na mão, para se certificar de que não havia ladrões.

A avó estava dormindo. Estava muito escuro, mas ele sabia exatamente onde ela estava. Se houvesse um ladrão ouvi-lo-ia respirar, do mesmo modo que era capaz de ouvir a avó respirar. Conseguiria saber onde estava o pescoço dele, do mesmo modo como sabia onde estava o pescoço da avó. Era logo depois da respiração.

Se houvesse um ladrão, o atacaria em silêncio, como devia ser. Levantaria a machadinha acima da cabeça, agarrando-a com ambas as mãos, daquela maneira.

Francis parou ao lado dos chinelos da avó, que se encontravam ao lado da cama. A machadinha oscilou no escuro e esbarrou no metal do abajur de leitura.

A avó voltou-se na cama e produziu um ruído úmido com a boca. Francis ficou imóvel. Os braços tremiam com o esforço de manter a machadinha erguida. A avó começou a ressonar.

O afeto que Francis sentia quase que o fazia explodir.

Saiu do quarto. Estava ansioso por se sentir pronto para protegê-la. Era

preciso fazer alguma coisa. Já não tinha medo da casa escura, mas abafava-o.

Saiu pela porta dos fundos e ficou de pé olhando a noite brilhante, o rosto sem se voltar, arfando como se quisesse respirar a luz. Uma minúscula fatia da lua, distorcida no branco dos olhos que não queriam se voltar, apresentou-se em todo o seu esplendor quando finalmente se voltou e ela pôde se centrar nas pupilas.

O afeto que sentia apertava-o de tal forma que não conseguia se libertar dele. Caminhou em direção ao galinheiro, em passos apressados, sentindo o frio do chão debaixo dos pés, o frio do metal da machadinha que lhe batia na perna, até que começou a correr antes que rebentasse...

Francis, enquanto se lavava na bomba do pátio do galinheiro, sentia uma paz e um relaxamento que nunca sentira antes. Analisou os seus sentimentos cautelosamente e concluiu que a paz que sentia era duradoura e que o envolvia completamente.

Aquilo que a avó amavelmente não tinha cortado ainda estava ali como um prêmio, quando lavou o sangue do ventre e das pernas. A sua mente estava límpida e calma.

Tinha que fazer alguma coisa em relação ao pijama. O melhor era escondê-lo debaixo dos sacos que se encontravam no defumador.

A descoberta das galinhas mortas deixou a avó espantada. Disse que não parecia ter sido feito por uma raposa.

Um mês depois, Queen Mother encontrou mais uma quando foi buscar ovos. Desta vez a cabeça tinha sido arrancada.

Quando estavam sentados à mesa, a avó disse que estava convencida de que alguém fizera aquilo por despeito, alguém «a quem recusei ajuda». Disse ainda que telefonara ao xerife contando-lhe o que tinha acontecido.

Francis, sentado em silêncio no seu lugar, abria e fechava a mão, recordando um olho que pestanejava contra a palma da mão. Algumas vezes, quando estava deitado, procurava por todo o corpo, com receio de ter se cortado. Algumas vezes, quando procurava por todo o corpo, tinha a impressão de que conseguia ver um pestanejar.

A avó estava se modificando rapidamente. Estava se tornando extraordinariamente implicante e era incapaz de agüentar o pessoal. Embora tivesse falta de empregadas para o serviço do resto da casa, era da cozinha que ela se encarregava pessoalmente, dirigindo Queen Mother Bailey, em detrimento da alimentação. Queen Mother, que trabalhara toda a sua vida para os

Dolarhyde, era o único elemento permanente do pessoal.

Corada devido ao calor da cozinha, a avó se movia sem descanso de uma tarefa para outra, deixando muitas vezes pratos meios-feitos, que nunca seriam servidos. Fazia guisado de restos de outras refeições, enquanto os vegetais iam apodrecendo lentamente.

Ao mesmo tempo tornou-se fanática a respeito de gastos.

Reduziu a quantidade de sabão e de lixívia para o tratamento da roupa, o que fez que aos poucos os lençóis começassem a ficar bastante encardidos.

No mês de Novembro, contratou cinco mulheres negras, para ajudarem nos trabalhos da casa. Nenhuma delas conseguiu agüentar.

Na noite em que a última tinha ido embora, a avó estava furiosa. Andava pela casa aos gritos. Até que foi à cozinha e viu que Queen Mother Bailey se esquecera de uma colher de chá de farinha em cima do balcão, quando estivera preparar umas frituras.

No vapor e no calor da cozinha, meia hora antes do jantar, dirigiu-se a Queen Mother e esbofeteou-a.

Queen Mother, absolutamente chocada, deixou cair o que tinha na mão. Os olhos encheram-se de lágrimas. A avó esboçou o mesmo gesto mais uma vez. Uma enorme mão rosada empurrou-a.

— Nunca mais faça isso. Não está em si, Sra. Dolarhyde, mas nunca mais faça isso.

Proferindo insultos em voz alta, a avó entornou com as mãos nuas uma panela de sopa que se encontrava em cima do fogão e que escorreu para a fornalha, enquanto se elevavam nuvens de vapor. Foi para o quarto, batendo com a porta. Francis ouvia-a praguejar no quarto e o ruído dos objetos que ela atirava contra as paredes. Durante toda a noite não saiu do quarto.

Queen Mother limpou a sopa e deu de comer aos velhos. Guardou num cesto as poucas coisas que lhe pertenciam, vestiu um velho casaco de malha e pôs um boné na cabeça. Procurou Francis, mas não conseguiu encontrá-lo.

Já se encontrava na carroça quando viu o rapaz sentado num canto do alpendre. Viu-a descer pesadamente de novo e dirigir-se a ele.

— Olha, seu diabinho, vou embora agora. Nunca mais volto. Vou pedir à Sironia da mercearia que telefone à sua mãe. Se precisar de mim antes da sua mãe chegar aqui, vá à minha casa.

Afastou-se evitando tocá-lo na face.

O Sr. Bailey chicoteou as mulas. Francis ficou observando a lanterna da carroça que se afastava. Já o tinha feito outras vezes, com um sentimento de tristeza e de vazio, desde que compreendera que Queen Mother o traíra. Agora já não se importava. Sentia-se contente. Uma frágil lanterna de querosene de uma carroça que se distanciava ao longe na estrada. Não era nada comparado com a lua.

Tentou imaginar o que sentiria se matasse uma mula.

Marian Dolarhyde Vogt não apareceu quando Queen Mother Bailey telefonou.

Veio duas semanas depois, depois de um telefonema do xerife de Saint Charles. Chegou no meio da tarde, conduzindo ela mesma um Packard de antes da guerra. Usava luvas e chapéu.

Um ajudante do xerife a esperava na extremidade da propriedade e parou junto da janela do carro.

— Sra. Vogt, a sua mãe telefonou para o nosso escritório por volta do meio-dia, dizendo qualquer coisa sobre o pessoal que andava a roubá-la. Quando cheguei, vai me desculpar, mas ela estava completamente desvairada e as coisas pareciam ser bem diferentes do que ela afirmava. O xerife achou que o melhor seria avisar a senhora antes de mais nada, entende o que quero dizer? Atendendo que o Sr. Vogt é uma figura pública e tudo o mais.

Marian estava entendendo. O Sr. Vogt era o comissário para as obras públicas em Saint Louis e não estava nas melhores graças do partido.

— Tanto quanto sei, ninguém mais veio aqui — disse o ajudante do xerife.

Marian encontrou a mãe dormindo. Dois dos velhos ainda estavam sentados à mesa à espera do almoço. Uma mulher estava no pátio dos fundos, só com as roupas de baixo.

Marian telefonou ao marido.

— Com que freqüência inspecionam estes lugares?... Nunca devem ter visto nada... Não sei se alguns familiares se queixaram, estou convencida de que esta gente já não tem família... Não. Não se meta nisso. Preciso de alguns negros. Arranje-me alguns negros... e o Dr. Waters. Eu tomo conta disso.

O doutor e um auxiliar vestido de branco chegaram quarenta e cinco minutos depois, seguidos por um carro  que trazia a criada de Marian e mais cinco empregadas domésticas.

Marian, o médico e o auxiliar encontravam-se no quarto da avó quando Francis chegou da escola. Este podia ouvir a avó praguejando. Quando a transportaram para uma das cadeiras de rodas ela já tinha os olhos vítreos e um pedaço de algodão fixado no braço. Sem os dentes o rosto parecia esquálido e completamente diferente. O braço de Marian também tinha um penso; tinha sido mordida.

A avó foi transportada no carro do médico, sentada no banco de trás ao lado do auxiliar. Francis viu-os partir. Começou a dizer adeus, mas deixou cair a mão ao longo do corpo.

A equipe de limpeza de Marian esfregou e arejou a casa, lavou tudo de alto a baixo e deu banho nos idosos. Marian trabalhou lado a lado com o pessoal e supervisionou a preparação de uma refeição simples.

Só falou com Francis para perguntar onde estavam as coisas.

A seguir mandou a equipe embora e chamou as autoridades municipais. A Sra. Dolarhyde fora vítima de uma trombose, explicou.

Já era noite quando os trabalhadores dos serviços sociais vieram buscar os pacientes num ônibus da escola. Francis pensou que também iam levá-lo. Esse ponto não foi discutido.

Finalmente só ficaram Marian e Francis na casa. Ela sentou-se à mesa da sala de jantar com a cabeça entre as mãos. Ele saiu e trepou num galho da macieira.

Algum tempo depois, Marian o chamou. Tinha feito uma pequena mala com as suas roupas.

— Tem que vir comigo — disse ela dirigindo-se para o carro. — Entre. Não coloque os pés no assento.

Afastaram-se no Packard, deixando no pátio a cadeira de rodas vazia.

Não houve nenhum escândalo. As autoridades municipais disseram que, de fato, era uma pena, que a Sra. Dolarhyde sempre conseguira manter as coisas correndo que era uma maravilha. Os Vogt safaram-se sem qualquer mácula.

A avó foi internada num sanatório privado de doenças nervosas. Só catorze anos mais tarde Francis voltaria para casa com ela.

— Francis, aqui estão as suas meias-irmãs e o seu meio-irmão — disse-lhe a mãe. Estavam todos na biblioteca dos Vogt.

Ned Vogt tinha doze anos, Victoria treze e Margaret nove. Ned e Victoria olhavam um para o outro. Margaret olhava para o chão.

Deram a Francis um quarto no alto das escadas, na zona dos criados. Desde a eleição desastrosa de 1954 os Vogt nunca mais tinham empregado uma criada de quarto.

Foi matriculado na Escola Elementar Gerard Potter, que ficava relativamente perto de casa, o que permitia ir a pé, e que era suficientemente distante da escola particular que as outras crianças freqüentavam, a Escola Episcopal.

Nos primeiros dias as crianças dos Vogt ignoravam-no tanto quanto possível, mas no final da primeira semana Ned e Victoria foram chamá-lo no alto das escadas.

Francis ouviu-os murmurar durante alguns minutos antes do puxador da porta rodar. Quando viram que o fecho estava travado, bateram na porta. Ned disse:

— Abre a porta.

Francis abriu-a. Não voltaram a falar com ele enquanto inspecionavam as suas roupas no guarda-roupas. Ned Vogt abriu a gaveta do pequeno toucador e foi tirando as coisas que encontrava com dois dedos: lenços de aniversário com «F. D.» bordado, um travão para uma guitarra, um escaravelho brilhante dentro de um frasco para comprimidos, um exemplar do Baseball Joe in the World Series, que já tinha se molhado, e um cartão lhe desejando melhoras que era assinado: «A sua companheira de classe Sarah Hughes.»

— O que é isto? — perguntou Ned.

— Um travão.

— Para que serve?

— Para uma guitarra.

— Tem uma guitarra?

— Não.

— Então para que quer isso?

— Eha do heu pai.

— Não consigo entender. O que disse? Faça-o repetir o que disse, Ned.

— Disse que era do pai. — Ned assoou num dos lenços e voltou a colocá-lo na gaveta.

— Vieram buscar os pôneis hoje — disse Victoria. Sentou-se na estreita cama. Ned sentou-se ao lado dela, as costas encostadas à parede, os pés em cima da colcha.

— Acabaram-se os pôneis — disse Ned. — Acabou-se a casa do lago durante o Verão. Sabe porquê? Fala seu idiotazinho. — perguntou Victoria.

— O pai está muito doente e já não ganha tanto dinheiro — disse Victoria. — Há dias em que já nem vai ao escritório.

— Sabe por que é que ele está doente, seu idiotazinho? — perguntou Ned. — Fale de modo que consiga compreender.

— A avó diz que ele é um alcoólatra. Compreende isso, não compreende?

— Está doente por causa da sua cara horrível — disse Ned.

— Foi por causa disso também que as pessoas não votaram nele — disse Victoria.

— Rua — disse Francis. Quando se voltou para abrir a porta, Ned deu-lhe um pontapé nas costas. Francis tentou esfregar os rins com ambas as mãos, o que fez que os dedos não fossem atingidos quando Ned lhe deu um pontapé no estômago.

— Oh, Ned — disse Victoria. — Oh, Ned.

Ned agarrou Francis pelas orelhas e segurou-o em frente do espelho que se encontrava por cima da cômoda.

— É por causa disso que ele está doente! — Ned bateu sua cara no espelho. — É por causa disso que ele está doente. — O espelho estava cheio de sangue e de muco. Ned largou-o e ele sentou-se no chão. Victoria olhou para ele com os olhos arregalados, segurando o lábio inferior entre os dedos. Deixaram-no ali. Tinha o rosto molhado de sangue e saliva. Os olhos estavam cheios de lágrimas por causa das dores, mas não chorou.

# CAPÍTULO 28

Na noite de Chicago a chuva cai em bátegas, fustigando a cobertura da sepultura aberta de Freddy Lounds.

Os trovões tornam-se insuportáveis para Will Graham, que, com a cabeça latejando, se arrasta da mesa para uma cama onde sabe que os sonhos se aninham escondidos por baixo da almofada.

A velha casa acima de Saint Charles, enfrentando o vento, faz ecoar o seu longo gemido, que se eleva acima do sibilar da chuva contra as janelas e dos ecos dos trovões.

As escadas rangem na escuridão. Dolarhyde vem descendo, o quimono roçando o corrimão, os olhos bem abertos depois de ter acabado de dormir.

O cabelo está úmido e perfeitamente penteado. Escovou as unhas. Move-se suave e lentamente, «carregando» a sua concentração como se tratasse de uma xícara frágil.

Um filme ao lado do projetor. Dois assuntos. Outras bobinas encontram-se empilhadas no cesto de papéis para serem queimadas. Separou dois, escolhidos entre as dúzias de filmes particulares que copiou na firma e que trouxe para casa para ver.

Confortável na sua cadeira regulável, com um prato de queijo e fruta a seu lado, Dolarhyde prepara-se para ver os filmes.

O primeiro filme é sobre um piquenique feito no fim-de-semana do 4 de Julho. Uma família agradável: três crianças, o pai com um pescoço de touro, metendo os seus dedos espessos no frasco de pickles, e a mãe.

As melhores imagens dela são no jogo de softball com os filhos dos vizinhos. Só quinze segundos com ela; sai da segunda base, enfrenta o pitcher, voltada para a placa, pés afastados pronta para partir em qualquer dos dois sentidos, os seios oscilando debaixo do pullover quando se inclina com o peito para a frente. Uma interrupção irritante quando uma criança executa uma batida. A mulher de novo, regressando à base. Coloca um pé na almofada inflável que usam como base e fica de pé, as ancas tensas, notando-se a contração dos músculos da perna de base.

Dolarhyde observa interminavelmente as imagens da mulher. O pé na base, a saliência da pélvis, a contração dos músculos sob os jeans justos.

Pára na última imagem. A mulher e os filhos. Estão cansados e todos sujos. Abraçam-se e um cão agita-se no meio das suas pernas.

Um estrondo terrível de trovão faz chocalhar os cristais do candelabro da avó. Dolarhyde estende a mão para pegar uma pêra.

O segundo filme foi feito em vários segmentos. O título, A Casa Nova, surge escrito em moedas de cêntimo num cartão de uma caixa de camisas, fixado num banco onde falta uma das pernas. Começa com o pai se dirigindo para o letreiro «Para venda» que se encontra no jardim. Pega nele e enfrenta a câmera com um sorriso embaraçado. Os bolsos estão virados do avesso.

Uma imagem desfocada da mãe e de três crianças nos degraus da frente. É uma casa bonita. Uma mudança de imagem e surge a piscina. Uma criança dirige-se para a prancha de saltos, deixando pegadas úmidas nos mosaicos. Cabeças que surgem na água. Um cão pequeno nada em direção da filha, as orelhas para trás, o focinho erguido, conseguindo distinguir-se o branco dos olhos.

A mãe dentro da água segura-se à escada e olha para a câmera. O cabelo negro encaracolado tem o brilho de azeviche, o traseiro esplendoroso destacando-se com um brilho úmido, as pernas indistintas agitando-se debaixo da água em golpes de tesoura.

Noite. Uma vista da casa tirada do outro lado da piscina, com uma exposição péssima, as luzes refletindo-se na água.

Interiores e a família que se diverte. Caixas por todos os lados, juntamente com materiais de embalagem. Uma velha arca que ainda não foi guardada no sótão.

Uma das filhas pequenas está experimentando as roupas da avó. Pôs um enorme chapéu de garden-party. O pai encontra-se no sofá. Está levemente embriagado. Agora deve ter sido o pai que pegou a câmera. Não está bem estabilizada. A mãe está no espelho, de chapéu.

As crianças pulam em volta dela, os meninos rindo e brincando. A menina observa a mãe friamente, procurando escolher a hora em que deve intervir.

Um close-up. A mãe volta-se e faz uma pose para a câmera, com um sorriso aberto, uma mão na nuca. É encantadora. Na garganta vê-se um camafeu.

Dolarhyde pára a imagem. Faz rodar o filme para trás.

Vezes sem fim ela se volta do espelho e sorri.

Com um modo ausente, Dolarhyde pega no filme do jogo de softball e

joga-o no cesto de papéis. Tira a bobina do projetor e olha para a etiqueta que se encontra na caixa: «Bob Sherman, Star Route 7, Box 603, Tulsa, Okla».

Também era uma viagem fácil.

Dolarhyde coloca o filme na palma da mão e cobre-o com a outra, como se fosse um pequeno ser vivo que pudesse tentar escapar. Dava-lhe a idéia de que se agitava na palma da mão como se fosse um grilo.

Lembra-se da confusão, da pressa que tinha havido na casa de Leeds quando as luzes se acenderam. Teve que se ocupar do Sr. Leeds antes de ter acendido os projetores de cinema.

Desta vez quer que tudo se desenrole com uma seqüência mais suave. Era formidável conseguir deslizar pelo meio das pessoas adormecidas, parando a câmera aqui e ali. Depois podia atacar no escuro e sentar-se no meio deles, enquanto se deixava invadir pelo prazer de se molhar.

É possível fazer isso com filme infravermelho e sabe onde pode arranjar algum.

O projetor ainda está ligado. Dolarhyde deixa-se ficar sentado, ainda segurando o filme na mão, enquanto na tela branca brilhante outras imagens se movem para ele, ao som do longo gemido do vento.

Não existe nele qualquer sentimento de vingança, apenas amor e o pensamento da glória que virá; o pulsar de corações que acelera ao mesmo tempo que vai se tornando cada vez mais débil, tal como passos que se diluem no silêncio.

Ele em ação. Ele em ação, cheio de amor, os Sherman abrindo-se para ele.

Não se lembra de modo nenhum do passado; pensa apenas na glória que virá. Não pensa na casa da sua mãe. Na realidade, as suas memórias conscientes desse tempo são muito poucas e indistintas.

Na altura dos seus vinte anos, as memórias de Dolarhyde sobre a casa da mãe desaparecem, deixando apenas um rastro tênue na superfície da sua mente.

Recorda-se de que só viveu lá um mês. Não se lembra de que o mandaram embora quando tinha nove anos por ter enforcado o gato de Victoria.

Uma das poucas imagens que conseguiu reter foi a da própria casa, iluminada, vista da rua no crepúsculo de Inverno, quando ele passava da Escola Elementar Gerard Potter para a casa onde o tinham hospedado a uma milha de distância.

Conseguia recordar-se do cheiro da biblioteca dos Vogt, bem como de um

piano de cauda que se encontrava sempre aberto, onde a sua mãe se sentava para lhe dar as prendas de feriados. Não se recordava dos rostos nas janelas do primeiro andar, quando se afastou pelo passeio gelado, transportando os presentes úteis que lhe tinham sido dados debaixo do braço, tendo a sensação de que o queimavam como ferro em brasa; ansiando voltar para casa, uma casa que só existia na sua mente e que era muito diferente de Saint Louis.

Com onze anos a sua vida de fantasia era ativa e intensa e quando a pressão do seu amor o fez crescer para uma dimensão que não podia ser descrita, libertou-o. Atacava animais de estimação, analisando cuidadosa e friamente as conseqüências. Eram tão confiantes que se tornava fácil. As autoridades nunca o relacionaram com os pequenos farrapos sangrentos que eram encontrados nos pavimentos sujos das garagens.

Aos quarenta e dois não se lembrava disso — nem se lembrava das pessoas que havia na casa da sua mãe — a sua mãe, as suas meias-irmãs ou o seu meio-irmão.

Às vezes via-os quando dormia, nos fragmentos brilhantes de um sonho febril; diferentes e mais altos, rostos e corpos em cores brilhantes como se fossem papagaios, atacavam-no de uma forma encarniçada.

Quando decidia refletir, o que era raro, tinha muitas recordações agradáveis. Eram as recordações do seu serviço militar.

Apanhado quando tinha dezessete anos entrando pela janela da casa de uma mulher, com um propósito que ninguém nunca chegou a descobrir, foi-lhe dado a escolher entre alistar-se no Exército ou ser acusado. Escolheu o Exército.

Depois do treino básico foi enviado para uma escola de especialistas em câmera escura e despachado para Saint Antonio, onde trabalhou nos filmes de treino do corpo médico no Brooke Anny Hospital.

Os cirurgiões no Brooke interessaram-se por ele e decidiram melhorar seu rosto.

Executaram no nariz uma cirurgia plástica tipo Z, usando cartilagem da orelha para aumentar o comprimento da colunela, e repararam o lábio usando a técnica Abbé, o que arrastou uma audiência incrível de médicos para a sala de operações.

Os cirurgiões sentiam-se orgulhosos com o resultado.

Dolarhyde recusou o espelho e olhou pela janela.

Os registros na filmoteca provam que Dolarhyde requisitou muitos filmes,

quase todos sobre traumas, e que os entregava logo no dia seguinte.

Voltou a alistar-se em 1958 e na sua segunda licença conhecia Hong Kong. Estacionado em Seul, na Coréia, trabalhava na revelação de filmes que os pequenos aviões de observação faziam ao sobrevoarem o paralelo trinta e oito, por alturas de 1950. Conseguiu ter duas licenças em Hong Kong. Em 1959 Hong Kong e Kowloom eram capazes de satisfazer qualquer apetite.

A avó conseguiu sair do sanatório em 1961, numa tranqüilidade muito vaga provocada pela thorazine. Dolarhyde requereu, e lhe foi concedida, a saída do serviço militar a título excepcional, dois meses mais cedo do que aquilo que estava programado, indo para casa para tomar conta dela.

Para ele também foi um período curiosamente pacífico. Com o seu novo trabalho na Gateway, Dolarhyde podia contratar uma mulher para ficar com a avó durante o dia. À noite sentavam-se na sala de visitas, sem dirigirem a palavra um ao outro. A única coisa que quebrava o silêncio era o trabalhar do velho relógio e o barulho produzido pelo seu carrilhão.

Viu a mãe uma única vez, no funeral da avó, em 1970.

Olhou para ela como se não a visse, o olhar fixo num ponto distante, com uns olhos amarelos extraordinariamente semelhantes aos dela. Agiu como se fosse uma desconhecida.

O seu aspecto surpreendeu a mãe. Um tronco bem desenvolvido e muito elegante, um bronzeado esplêndido e um pequeno bigode que ela julgava ter sido resultado de um transplante.

Ela telefonou uma vez na semana seguinte e ouviu o auscultador ser reposto lentamente no lugar.

Depois da morte da avó, e durante nove anos, Dolarhyde não foi perturbado nem perturbou ninguém. O seu cérebro estava suave como uma semente. Sabia que estava à espera. De quê, não sabia.

Um pequeno acontecimento, que acontece a qualquer um, informou a semente que se encontrava no seu cérebro de que o tempo tinha chegado: de pé junto a uma janela virada para norte, enquanto examinava um filme, notou o envelhecimento das mãos. Era como se de repente as suas mãos, que seguravam o filme, tivessem aparecido pela primeira vez diante dele e viu àquela luz do norte que a pele tinha se tornado flácida sobre os ossos e tendões e que aparecia coberta por pequenos diamantes, tão pequenos como escamas de lagarto.

Quando as expôs à luz sentiu-se invadido por um cheiro intenso de couve e tomates guisados. Estremeceu, embora a sala estivesse quente. Essa noite

trabalhou mais duramente do que era habitual.

Na parede do ginásio que Dolarhyde instalara na água-furtada havia o único espelho de corpo inteiro que existia na casa. Podia observar o seu corpo à vontade porque usava sempre uma máscara.

Observou-se cuidadosamente enquanto fazia sobressair os músculos. Aos quarenta podia ter tomado parte com sucesso em qualquer competição regional de musculação. Mas não se achava satisfeito.

Uma semana depois deu-se o caso da gravura de Blake.

Dominou-o instantaneamente.

Viu-a numa fotografia a cores em tamanho grande no Times, ilustrando uma reportagem sobre uma retrospectiva de Blake no Tate Museum em Londres. O Brooklin Museum tinha enviado O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol para a exibição.

O crítico do Times dissera: «Poucas imagens demoníacas na arte ocidental irradiam tal carga de pesadelo e de energia sexual... » Dolarhyde não precisou ler o texto para compreender isso.

Trouxe a gravura consigo durante dias, fotografada e ampliada na câmara escura a altas horas da noite. A maior parte do tempo sentia-se agitado. Colocou a gravura ao lado do espelho na sala de pesos, e ficava olhando para ela enquanto praticava. Só conseguia dormir depois de ter trabalhado até à exaustão e de ter visto os seus filmes médicos que o ajudavam no seu alívio sexual.

Desde os nove anos que sabia que se encontrava só e que estaria sempre só, uma conclusão que se acentuou mais por volta dos quarenta.

Agora que atingira os quarenta, sentia-se dominado por uma vida de fantasia com o brilho, a frescura e a prontidão típicos da infância. Conduziu-o a um passo de distância de «só».

Na altura em que os outros homens viam e receavam o seu isolamento, Dolarhyde começou a compreender a si mesmo: estava só porque era único. Com o fervor da conversão viu que se trabalhasse nesse sentido, se seguisse as verdadeiras urgências que tinha mantido durante tanto tempo em estado adormecido, se as cultivasse como inspirações que eram na realidade, poderia transformar-se.

A face do Dragão não era visível mas, incrivelmente, Dolarhyde conseguiu saber como ela era.

Vendo os seus filmes médicos na sala de visitas, depois de ter acabado o

treino físico, abriu os maxilares o mais que podia e colocou a dentadura da avó. Não se adaptava às suas gengivas distorcidas e rapidamente ficou com os maxilares doridos.

Começou a trabalhar nos maxilares quando estava só, mordendo um bloco de borracha dura, até que os músculos da face sobressaíam, parecendo autênticas nozes.

No Outono de 1979 Francis Dolarhyde retirou do banco uma parte considerável de suas economias e ausentou-se da Gateway, tirando três meses de férias. Foi para Hong Kong e levou consigo os dentes da avó.

Quando voltou, a ruiva Eileen e os outros trabalhadores da firma concordaram que as férias tinham lhe feito bem. Estava calmo. Praticamente nem notaram que nunca mais usou os armários ou os chuveiros do pessoal — embora antes também não o fizesse muitas vezes.

Os dentes da avó tinham voltado para o copo na mesinha de cabeceira. A sua nova dentadura estava fechada à chave na escrivaninha do andar superior.

Se Eillen o tivesse visto com a dentadura, diante do espelho, a nova tatuagem brilhando à luz crua do ginásio, com certeza teria gritado. Uma única vez.

Chegara a hora; não era preciso se apressar. Tinha todo o tempo. Passaram-se cinco meses antes de ter escolhido os Jacobi.

Os Jacobi foram os primeiros a ajudá-lo, os primeiros a começar a erguê-lo na glória da sua transformação. Os Jacobi eram melhores do que qualquer coisa, melhores do que qualquer coisa que ele jamais tivesse conhecido.

Até surgirem os Leeds.

E agora, à medida que crescia em força e glória, havia os Sherman e novas intimidades em infravermelho. Muito promissor.

# CAPÍTULO 29

Francis Dolarhyde foi obrigado a sair do seu próprio território na Gateway Filra para conseguir aquilo que pretendia.

Dolarhyde era chefe de produção da maior divisão da Gateway — processamento de filmes particulares —, havendo no entanto mais quatro divisões.

A recessão de 1970 tinha provocado uma quebra acentuada na quantidade de filmes produzidos por particulares e começava a se verificar uma competição crescente dos sistemas de gravação em vídeo. Gateway via-se forçada a diversificar.

A firma criou departamentos em que os filmes eram transportados para videotape, em que se produziam cartas topográficas a partir de filmagem aérea e onde se preparavam os pequenos formatos de filmes comerciais incluídos nas pautas alfandegárias.

Em 1979 foi posto um desafio à Gateway. A firma estabeleceu um contrato com o Departamento de Defesa e o Departamento de Energia para desenvolver e testar novas emulsões para fotografia infravermelha.

O Departamento de Energia precisava de filme sensível ao infravermelho para os seus estudos de conservação de calor. A defesa precisava do mesmo tipo de filme para reconhecimento noturno.

Nos finais de 1979 a Gateway comprou uma pequena companhia que ficava ao pé da porta, a Baeder Chemical, e iniciou aí o desenvolvimento do projeto.

Na hora do almoço e debaixo de um céu azul-metálico, Dolarhyde atravessou a rua dirigindo-se à Baeder e evitando cuidadosamente os reflexos que se produziam nos charcos do asfalto. A morte de Lounds tinha-o deixado com excelente disposição.

Na Baeder dava a impressão que todo mundo tinha saído para almoçar.

Encontrou a porta que queria no final de um labirinto de salas e corredores. A placa ao lado da porta dizia: «Materiais sensitivos infravermelhos a serem utilizados. Não são permitidas lanternas, é proibido fumar. Não são

permitidas bebidas quentes.» Por cima da placa havia uma lâmpada vermelha acesa.

Dolarhyde apertou um botão e instantaneamente a luz de aviso passou para verde. Entrou num vestíbulo de segurança entre duas portas e bateu com os nós dos dedos na porta interior.

— Entre — ouviu-se uma voz de mulher dizer.

Estava uma atmosfera fresca e a escuridão era absoluta. Ouvia-se o correr de água e o ambiente estava impregnado do cheiro familiar do revelador D-76 misturado com um leve vestígio de perfume.

— Eu me chamo Francis Dolarhyde. Vim por causa do secador.

— Oh, ótimo. Peço desculpas, mas estou com a boca cheia.

Estava acabando de almoçar.

Ouviu o ruído de papéis sendo amassados e jogados num cesto.

— O Ferguson é que tinha pedido o secador — disse a voz no escuro. — Está de férias, mas eu sei onde é que deve ser montado. Tem algum em Gateway?

— Tenho dois. Um é maior. Ele não indicou o espaço disponível. — Havia já algumas semanas que Dolarhyde vira um memorando sobre o problema do secador.

— Eu lhe mostro, se não se importar de esperar um pouquinho.

— Eu espero.

— Encoste as costas na porta — a voz adquiriu um tom que traduzia o hábito de dar estas instruções — dê três passos em frente, até sentir mosaico debaixo dos pés. Nessa altura vai encontrar um banco exatamente à sua esquerda.

Encontrou-o. Agora estava mais perto dela. Conseguia ouvir o roçar da sua bata de laboratório.

— Obrigada por ter vindo — disse ela. Tinha uma voz clara, embora com um leve matiz de dureza. — É o chefe do processamento no edifício grande, não é?

— Um-humm.

— O mesmo «Sr. D.» que se manda ao ar quando as requisições são mal preenchidas?

— Exatamente.

— Sou Reba McLane. Espero que aqui não haja problemas.

— Este projeto já não é meu. Limitei-me a projetar a câmara escura quando o edifício foi comprado. Há seis meses que não venho aqui. — Para ele fora um longo discurso, mas mais fácil por se encontrar no escuro.

— Só mais um minuto e acendo-lhe uma luz. Precisa de uma fita métrica?

— Tenho uma.

Dolarhyde achava estranhamente agradável falar com a mulher no escuro. Ouviu o ruído de uma bolsa sendo remexida e o click de uma caixa de pó de arroz.

Teve pena quando o timer tocou.

— Pronto. Agora vou pôr esta história no «buraco negro» disse ela.

Sentiu uma corrente de ar frio, uma porta de um armário que se fechava sobre vedantes de borracha e o assobio de um sistema de fecho a vácuo. Quando ela passou, sentiu uma leve fragrância e uma deslocação de ar.

Dolarhyde apertou os nós dos dedos contra o nariz, compôs uma expressão pensativa e esperou pela luz.

As luzes se acenderam. Ela permanecia junto da porta sorrindo mais ou menos na sua direção. Sob as pálpebras semicerradas os olhos deslocavam-se levemente de um lado para o outro.

Viu a bengala branca que ela tinha encostada a um canto. Tirou a mão do rosto e sorriu.

— Posso tirar uma ameixa? — disse ele. Havia várias em cima do balcão, junto do lugar onde tinha estado sentada.

— Com certeza, olhe que são muito boas.

Reba McLane devia ter cerca de trinta anos e o rosto era suave, embora com traços de energia e determinação que lhe eram dados por uma ossatura firme. Tinha uma pequena cicatriz em forma de estrela no alto do nariz. O cabelo era uma mistura de tons de trigo e de ouro avermelhado, cortado à chanel, o que lhe dava um tom levemente fora de moda, e o rosto e as mãos estavam agradavelmente cobertos de sardas provocadas pela exposição ao sol. Em contraste com os mosaicos e o aço inox da câmara escura possuía o brilho do Outono.

Podia olhar para ela à vontade. O seu olhar podia percorrê-la tão

livremente como o ar. Não havia nada que impedisse o seu olhar.

Quando falava com uma mulher, Dolarhyde sentia muitas vezes na pele pontos mais quentes ou que chegavam a doer. Percorriam-lhe o corpo, dependendo do ponto para onde ele pensasse que a mulher estava olhando. Mesmo quando uma mulher estava olhando para outro lado, convencia-se de que estava vendo o seu reflexo. Procurava sempre evitar as superfícies refletoras, conhecia os ângulos de reflexão do mesmo modo que um tubarão conhece as margens.

A sua pele agora estava fria. A dela estava arrepiada, com gotas de suor na garganta e no interior dos pulsos.

— Vou lhe mostrar a sala onde ele quer instalar — disse ela. — Podemos tirar as medidas.

Foi o que fizeram.

— Agora queria pedir-lhe um favor — disse Dolarhyde.

— Okay.

— Precisava de algum filme infravermelho. Filme para calor, sensível até cerca de mil nanômetros.

— Vai ter que conservá-lo na geladeira e voltar a pô-lo no frio depois de ter fotografado.

— Eu sei.

— Se puder me dar uma idéia das condições, talvez eu...

— Fotografias a cerca de oito pés, com um par de filtros Wratten sobre as luzes. — Parecia-se muito com um projeto de vigilância. — No Zoológico — acrescentou. — No mundo da escuridão. Querem fotografar os animais noturnos.

— Devem ser de fato horríveis se não é possível usar infravermelho comercial.

— Ummm-hmmmm.

— Estou convencida de que podemos ajudá-lo. No entanto há uma coisa. Sabe que a maior parte do nosso material é abrangida pelo contrato DD. Terá que assinar por qualquer coisa que leve daqui.

— Está bem.

— Quando precisa disso?

— Por volta do dia 20. Mas não pode ser mais tarde.

— Sei que não é preciso avisá-lo, quanto mais sensível é o filme, mais difícil se torna manuseá-lo. Vai precisar de gelo seco, arrefecedores, tudo isso. Se quiser estar presente, por volta das quatro vão preparar algumas amostras. Poderá escolher a emulsão mais apropriada para aquilo que quer fazer.

— Vou dar uma olhada.

Depois de Dolarhyde ter saído, Reba McLane contou as ameixas. Ele tinha tirado uma.

Estranho homem, o Sr. Dolarhyde. A sua voz não tinha traduzido nenhuma pausa de simpatia ou de preocupação quando tinha ligado as luzes. Talvez já soubesse que ela era cega. Melhor ainda, talvez não ligasse a mínima para isso.

Era uma possibilidade agradável.

# CAPÍTULO 30

Em Chicago acontecia o funeral de Freddy Lounds. O The National Tattler pagara por um serviço requintado, fazendo pressão para que as cerimônias tivessem lugar na quinta-feira, o dia seguinte ao seu falecimento. Deste modo, as fotografias da cerimônia poderiam ser publicadas na edição do Tattler de quinta à noite.

As cerimônias do funeral foram demoradas, tanto na capela como no cemitério.

Um pastor evangelista que trabalhava na rádio fez uma elegia interminável e cansativa. Graham procurou aproveitar o tempo estudando a multidão que se encontrava à sua volta.

O coro contratado para atuar junto da sepultura procurou merecer o dinheiro que lhe tinham pago, enquanto as máquinas automáticas dos fotógrafos do Tattler zumbiam. Duas equipes de TV com câmeras fixas e postos móveis estavam presentes. Fotógrafos da polícia munidos de credenciais da imprensa fotografaram a multidão.

Graham reconheceu diversos agentes à paisana do Departamento de Homicídios de Chicago. Eram os únicos rostos que para ele significavam alguma coisa.

E havia Wendy, de Wendy City, a namorada de Lounds. Estava sentada debaixo do toldo próximo da urna. Graham quase não a reconhecia. A peruca loura estava penteada para trás, formando um carrapito, e envergava um conjunto preto de saia e casaco.

Ergueu-se durante o último hino, avançou cambaleante, e ajoelhou-se pousando a cabeça na urna, os braços abertos apoiados na coroa de crisântemos, enquanto crepitavam os flashes dos fotógrafos.

A multidão, enquanto se encaminhava para os portões do cemitério, fez pouco ruído sobre a relva esponjosa.

Graham caminhava ao lado de Wendy. Uma multidão de todos aqueles que não tinham sido convidados espiava por entre as barras da alta vedação de ferro.

— Sente-se bem? — perguntou Graham.

Pararam no meio das sepulturas. Os olhos estavam secos enquanto o fitava diretamente.

— Melhor do que você — disse ela. — Bebeu demais, não bebeu?

— Um bocadinho. Tem alguém a vigiando?

— A esquadra mandou gente para esse serviço. Arranjaram roupas civis no clube. Agora há muito que fazer. Mais lunáticos do que é habitual.

— Lamento que tenha passado por isto tudo. Você... Gostei muito de a ver no hospital. Admirei a sua coragem.

Acenou com a cabeça.

— Freddy era um desportista. Não devia ter-se esforçado tanto. Obrigada por ter me deixado entrar no quarto. — Tinha o olhar perdido na distância, pestanejava enquanto pensava, a sombra das pálpebras parecendo poeira de rocha. Encarou Graham. — Olhe, o Tattler vai me dar algum dinheiro, já calculava isso, não é verdade? Por uma entrevista e por ter estado junto da sepultura. Estou convencida de que Freddy não se importaria.

— Ficaria doido se você não aproveitasse.

— É o que eu acho também. São uns estupores, mas pagam. O mais grave foi terem tentado me obrigar a dizer que estava convencida de que a culpa era sua, empurrando deliberadamente esse lunático para cima do Freddy ao aparecer naquela fotografia como se fossem grandes amigos. Recusei-me. Se aparecerem com isso no jornal é tudo mentira.

Graham não disse nada enquanto observava seu rosto.

— Pode ser que não gostasse dele... não tem importância. Mas se estivesse convencido de que isso podia acontecer, abateria o Dentuço, não abateria? — disse Wendy.

— É verdade, Wendy, haveria de apanhá-lo.

— Já conseguiu saber alguma coisa? Os únicos rumores que ouvi foram dessa gente.

— Temos pouca coisa. Algumas indicações do laboratório que estamos tentando seguir. Foi um trabalho limpo e teve muita sorte.

— E você?

— Eu o quê?

— Se tem sorte.

— Vai e vem.

— Freddy nunca teve sorte. Disse-me que ia se safar com isto. A mania dos grandes negócios por toda a parte.

— E se calhar até ia ter.

— Olhe uma coisa, Graham, quando quiser uma bebida, vá falar comigo.

— Obrigado.

— Mas mantenha-se sóbrio enquanto andar na rua.

— Com certeza.

Dois policiais abriram caminho para Wendy através da multidão de curiosos que se encontrava do lado de fora do portão. Um dos mirones usava uma blusa onde se podia ler: «O Dentuço é uma recordação de uma noite». Assobiou quando viu Wendy. A mulher que se encontrava ao lado dele deu-lhe uma bofetada.

Um policial corpulento instalou-se no 280ZX ao lado de Wendy e esta mergulhou no tráfego. Um segundo policial seguiu-os num carro sem marca.

Na tarde quente, Chicago tinha o cheiro de queimado de um rastilho de foguete.

Graham sentia-se só e sabia porquê; os funerais fazem muitas vezes despertar em nós o apetite sexual — é um meio certo de esquecer a morte.

Junto dos seus pés passavam coroas de flores de um funeral, já secas, arrastadas pelo vento. Por instantes recordou-se do sussurrar das palmeiras acariciadas pelo vento do mar. Sentia um desejo enorme de voltar para casa, sabendo que não era possível, que não podia até que o Dragão estivesse morto.

# CAPÍTULO 31

A sala de projeções na Baeder Chemical era pequena. Cinco filas de cadeiras dobráveis com uma coxia ao centro.

Dolarhyde chegou tarde. Deixou-se ficar na retaguarda de braços cruzados enquanto projetavam cartões cinzentos, cartões coloridos e cubos iluminados de diferentes maneiras, filmados com diferentes emulsões infravermelhas.

A sua presença perturbou Dandridge, o jovem encarregado. No trabalho, Dolarhyde apresentava um ar de autoridade. Era o especialista consagrado em câmara escura da companhia vizinha pertencente ao mesmo grupo, e era conhecido por ser um fanático perfeccionista.

Há meses que Dandridge não o consultava, uma rivalidade infantil que se arrastava desde que a Gateway comprara a Baeder Chemical.

— Reba, dê-nos as características de revelação da amostra... oito — disse Dandridge.

Reba estava sentada na extremidade de uma fila, uma pasta pousada no colo. Falando numa voz clara, enquanto os dedos deslizavam na semi-escuridão ao longo das linhas, salientou as características do mecanismo de revelação — produtos químicos, temperatura e tempos, além dos procedimentos aconselhados antes e depois de filmar.

Os filmes sensíveis aos infravermelhos devem ser manipulados em escuridão total. Fizera todo o trabalho de câmara escura, mantendo as diferentes amostras catalogadas por um código de tato e elaborando o respectivo registro, tudo feito na escuridão. Era fácil calcular o valor que ela tinha para a Baeder.

A projeção continuou até o fim.

Reba deixou-se ficar sentada enquanto os outros saíam.

Dolarhyde aproximou-se cuidadosamente. Enquanto ainda havia outras pessoas na sala falou-lhe a uma certa distância. Não queria que ela se sentisse observada.

— Pensei que não tinha conseguido — disse ela.

— Tinha uma máquina avariada. Foi isso que me fez atrasar.

As luzes estavam ligadas. De pé junto dela, observava o brilho do couro cabeludo na risca do cabelo.

— Conseguiu ver a amostra 1000C?

— Consegui.

— Disseram que parecia em condições. É muito mais fácil de manusear do que a série 1200. Acha que lhe serve?

— Acho que sim.

Junto dela estava a bolsa e uma gabardina leve. Recuou quando ela se deslocou ao longo da coxia, auxiliada pela bengala que empunhava. Não parecia esperar que a ajudassem. Não se ofereceu para ajudá-la.

Dandridge espreitou à porta.

— Reba, minha querida, a Márcia tem que ir. Acha que consegue se virar sozinha?

Surgiram-lhe rosetas de cor no rosto.

— Consigo desembaraçar-me perfeitamente, muito obrigada, Danny.

— Lhe daria carona, pequena, mas também já estou atrasado. A propósito, Sr. Dolarhyde, seria muito incômodo se...

— Danny, sei ir sozinha para casa. — Controlou a irritação. As nuances de expressão poderiam denunciá-la, pelo que manteve o rosto descontraído. No entanto não era capaz de controlar o fato de corar.

Observando-a com os seus frios olhos amarelados, Dolarhyde conseguia compreender perfeitamente a sua irritação; sabia que ela sentia a desajeitada preocupação de Dandridge como se lhe cuspissem no rosto.

— Eu a levo — disse, embora com um certo atraso.

— Obrigada, mas não é preciso. — Tinha pensado que ele pudesse se oferecer e a sua idéia era aceitar, mas não queria que ninguém se sentisse forçado a isso. Dandridge que fosse para o diabo junto com toda aquela história, ia no estupor do ônibus e não se falava mais nisso, porra. Tinha o bilhete, sabia o caminho e poderia ir onde muito bem lhe aprouvesse.

Deixou-se ficar no banheiro das senhoras o tempo suficiente para que os outros fossem embora. O porteiro abriu-lhe a porta para deixá-la sair.

Seguiu um dos separadores do parque de estacionamento em direção à parada de ônibus, a gabardina pelas costas e a bengala batendo ritmicamente no eixo do separador, sentindo quando esta mergulhava por vezes nas poças de água que tinham se formado.

Dentro da caminhonete, Dolarhyde observava o seu trajeto. Os seus

sentimentos provocavam-lhe um estado de inquietação; à luz do dia tornavam-se perigosos.

Por momentos e sob o sol que descia lentamente no horizonte, os pára-brisas, as poças de água e as rodas metálicas dos pneus rivalizavam com a tesoura que empunhava nos reflexos produzidos.

A bengala branca confortou-o. Afastou o reflexo da tesoura e arrumou-a, enquanto a recordação da sua impotência o tranqüilizou. Pôs o motor para funcionar.

Reba McLane ouviu a caminhonete atrás de si. Agora estava ao seu lado.

— Obrigada pelo seu convite.

Acenou com a cabeça, sorriu e continuou o caminho e o bater rítmico da bengala.

— Venha comigo.

— Obrigada, mas vou sempre de ônibus.

— Dandridge é um tolo. Venha comigo... — que mais é que se poderia dizer? — para me ser agradável.

Ela parou. Ouviu-o sair da caminhonete.

Normalmente as pessoas agarravam-na pelo braço, não sabendo o que mais poderiam fazer. Os cegos não gostam de perder o equilíbrio tendo alguém que lhes agarra firmemente no braço. Torna-se desagradável para eles, perturbando-lhes a noção de peso. Como qualquer outra pessoa, não gostam de ser empurrados.

Ele não a tocou. Momentos depois foi ela que disse:

— É melhor se eu segurar o seu braço.

Tinha uma larga experiência dos mais diversos braços, mas este surpreendeu os seus dedos. Era duro como uma pedra.

Não fazia a menor idéia da concentração e da coragem que lhe foi necessária para que deixasse que ela o tocasse.

A caminhonete parecia ser grande e alta. Rodeada por ressonâncias e ecos diferentes dos de um carro, segurou-se no assento até que Dolarhyde lhe apertou o cinto de segurança. A tira diagonal do cinto de segurança comprimia-lhe um dos seios. Deslocou-a de modo a ficar entre ambos.

Pouco falaram durante o percurso. Enquanto esperavam nos sinais vermelhos podia olhar para ela.

Vivia no lado esquerdo de um duplex, numa rua tranqüila próximo da Universidade Washington.

— Entre e ofereço-lhe um copo.

Em toda a sua vida Dolarhyde não chegara a estar numa dúzia de casas particulares. Nos últimos dez anos estivera em quatro: a sua, a de Eileen por um curto espaço de tempo, a dos Leeds e a dos Jacobi. As casas das outras pessoas eram para ele qualquer coisa de estranho.

Sentiu a caminhonete oscilar quando ele saiu. A sua porta se abriu. O degrau da caminhonete era muito alto. Ao descer, esbarrou levemente contra ele. Era como esbarrar numa árvore. Era muito mais forte, muito mais sólido do que aquilo que tinha avaliado a partir da sua voz e dos seus passos. Sólido e ao mesmo tempo com um andar leve.

Depois de passarem a porta da frente, Reba McLane pousou a bengala num canto e encontrou-se de repente livre. Movia-se sem qualquer esforço, ligando a música, pendurando o casaco.

Dolarhyde teve que confirmar que ela era cega para se sentir tranqüilo. O fato de estar numa casa excitava-o.

— Que tal um gin tônico?

— Para mim só água tônica.

— Prefere um suco?

— Água tônica.

— Não gosta de álcool, não é?

— Não.

— Venha para a cozinha. — Abriu a geladeira. -Gostaria... — fez um inventário rápido com as mãos — de uma fatia de torta? Olha que é muito picante, é dinamite autêntica.

— Aceito.

Tirou uma torta inteira do congelador e colocou-a sobre o balcão. Percorreu as bordas da torta com os dedos afastados até que sentiu que os dedos médios se encontravam numa posição às nove e às três. Em seguida reuniu os polegares e baixou-os sobre a superfície da torta de modo a localizar o centro. Marcou o centro com um palito.

Dolarhyde tentou alimentar a conversa de modo a evitar que ela sentisse como a olhava.

— Há quanto tempo trabalha na Baeder? — Não havia «ss» nesta frase.

— Três meses. Não sabia?

— Dizem-me muito pouca coisa.

Ela sorriu.

— Provavelmente pisou muitos calos quando organizou as câmaras escuras. Não se esqueça de uma coisa, os técnicos adoram-no por causa disso. A canalização funciona e há montes de tomadas. Duzentos e vinte em todos os pontos onde precisar.

Colocou o dedo médio da mão esquerda no palito, o polegar na borda do estanho e cortou-lhe uma fatia de torta, guiando a faca com o indicador esquerdo.

Observava-a enquanto ela manuseava a faca brilhante. Era estranho poder olhar de frente para uma mulher tanto quanto quisesse. Quando não estamos sós, quantas vezes se pode olhar à vontade para onde queremos?

Preparou para ela um gin tônico bem servido e foram para a sala de estar. Passou a mão pela lâmpada de um candeeiro, sentiu que não estava quente e ligou-o.

Dolarhyde comeu a fatia de torta em três mordidas e sentou-se rigidamente no sofá, o cabelo revolto brilhando à luz da lâmpada, as mãos poderosas apoiadas nos joelhos.

Ela recostou a cabeça no encosto da cadeira onde estava sentada e colocou os pés num apoio.

— Quando vão fazer o filme no Zoológico?

— Possivelmente na próxima semana. — Sentia-se contente por ter telefonado para o Zoológico e ter oferecido o filme infravermelho: Dandridge podia se lembrar de verificar.

— É um grande jardim zoológico. Fui lá com a minha irmã e a minha sobrinha quando elas vieram me ajudar a fazer a mudança. Há a área de contato, sabe. Dei um abraço no lama. Foi agradável, mas se falarmos do cheiro, meu Deus... até ter mudado de blusa tinha a impressão de que era seguida constantemente por um lama.

Chamava-se a isto manter uma conversa. Tinha que dizer alguma coisa ou então ir embora.

— Como é que conseguiu entrar na Baeder?

— Puseram um anúncio no Instituto Reiker, em Denver, onde eu estava trabalhando. Um dia estava verificando o boletim diário e aconteceu dar com este anúncio. Na realidade, o que aconteceu foi a Baeder ter-se visto obrigada a modificar as suas técnicas de contratação para conseguir manter o contrato que tinha com a Defesa. Conseguiram contratar seis mulheres, dois negros, dois mexicanos, um oriental, um paraplégico e eu, fazendo um total de treze contratos. Todos nós estamos classificados pelo menos em duas categorias.

— Seu trabalho na Baeder tem sido excelente.

— Dos outros também. Aliás, a Baeder não dá nada de graça.

— E antes disso? — Estava transpirando levemente. A conversa era difícil. No entanto, era bom poder olhar à vontade. Tinha umas pernas estupendas. Tinha feito um corte num tornozelo ao raspar os pêlos das pernas. A visão das pernas dela fazia com que não sentisse força nos braços.

— No Instituto Reiker, em Denver, depois de ter saído do colégio, treinei pessoas que tinham acabado de ficar cegas durante 10 anos. Este é o meu primeiro emprego no exterior.

— No exterior de quê?

— Aqui fora, no mundo de todos os dias. Não podemos nos esquecer de que o Reiker era como uma ilha. Ou seja, treinávamos as pessoas para viverem no mundo daqueles que podiam ver e no entanto nós não vivíamos nesse mundo. Falava-se demais. Chegou uma hora em que cheguei à conclusão de que tinha que ver como era. A minha idéia era freqüentar um curso de terapia da fala para ajudar crianças com problemas de fala e de audição. E estou convencida de que um dias desses volto a me virar para essa idéia. — Bebeu o último gole do copo. — Olha, tenho ali umas bolas de miolo de caranguejo que foram feitas pela Sra. Paul. São muito boas. Não devia ter servido a sobremesa em primeiro lugar. Quer provar?

— Um-hmmm.

— Sabe cozinhar?

— Um-hmmm.

Na testa dela surgiu uma leve ruga. Dirigiu-se para a cozinha.

— E um café? — perguntou ela em voz alta.

— Uh-huh.

Falou de coisas insignificantes como os preços do supermercado, mas não obteve qualquer resposta. Voltou à sala de estar e sentou-se no apoio de pés

com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Vamos falar de um assunto só por uns instantes e depois esquecemos daquilo que foi dito, combinado?

Silêncio...

— Já não sei há quanto tempo não diz nada. Aliás, calou-se a partir do momento em que eu me referi à terapia da fala. — A sua voz era suave mas firme. Não tinha qualquer laivo de compaixão. — Compreendo-o perfeitamente porque você fala bem e porque eu sou capaz de ouvi-lo. A maior parte das pessoas não prestam atenção. Passam a vida a me perguntar o quê? o quê? Se não quer falar, tudo bem. Mas espero que queira falar. Porque você é capaz e eu estou interessada em ouvir o que você tiver para dizer.

— Unhum. Acho ótimo — disse Dolarhydc suavemente. Era nítido que esta pequena frase fora extraordinariamente importante para ela. Será que o estava convidando para aderir ao clube de categoria dupla a que ela e a chinesa paraplégica pertenciam? Tentava adivinhar qual seria a outra categoria.

A frase que ela proferiu a seguir foi para ele absolutamente incrível.

— Posso tocar no seu rosto? Quero saber se está sorrindo ou de cenho carregado. — Uma situação estranha. — Quero saber se devo ou não me calar.

Ergueu a mão e esperou.

Como é que ela se sentiria com os dedos arrancados à mordida? pensou Dolarhyde. Mesmo com a dentadura com que saía na rua podia fazê-lo tão facilmente como se trincasse um pedaço de pão. Se apoiasse os pés no chão e se recostasse no sofá, agarrando-lhe o pulso com ambas as mãos, ela nunca conseguiria se libertar a tempo. Crunch, crunch, crunch, crunch, talvez lhe deixasse o polegar. Para poder medir as tortas.

Agarrou-lhe o pulso com o polegar e o indicador e virou-lhe a mão enérgica, mas com vestígios de um trabalho duro, para examiná-la à luz da lâmpada. Tinha pequenas cicatrizes e uma série de novas feridas e esfoladelas. Uma leve cicatriz nas costas da mão podia ter sido de uma queimadura.

Muito perto de casa. Muito cedo para a sua transformação. Nessa altura ela já não estaria ali para ver.

Para pedir uma coisa daquelas, ela não devia saber nada a seu respeito. Não se envolvia nos mexericos.

— Dou-lhe a minha palavra de que estou sorrindo — disse. Nenhum problema com o «s». Era verdade que ostentava uma espécie de sorriso que

expunha os seus dentes que usava em público.

Moveu-lhe o pulso até deixar cair sobre o colo. A mão manteve-se sobre a coxa, semifechada, os dedos deslizando sobre o tecido, como se tivesse esperado pela reação.

— Acho que o café está pronto — disse ela.

— Vou embora. — Tinha que ir. Voltar para casa para se descontrair.

Ela acenou com a cabeça.

— Se o ofendi não era minha intenção.

— Não pense nisso.

Ficou sentada, à escuta para ter a certeza de que a porta ficara bem fechada quando ele saiu.

Reba McLane preparou mais um gin tônico. Colocou no aparelho alguns discos de Segóvia e encolheu-se no sofá. Dolarhyde deixara no sofá uma depressão que ainda se encontrava morna. Permaneciam no ar vestígios da sua presença — a graxa dos sapatos, o cheiro de um cinto novo de couro, uma boa loção de barbear.

Um homem intensamente fechado em si mesmo. No escritório ouvira poucos comentários a seu respeito — Dandridge dizendo para um dos seus parceiros «esse filho da mãe do Dolarhyde» e pouco mais.

A privacidade era importante para Reba. Quando criança, tentando adaptar-se depois de ter perdido a visão, não tinha tido um mínimo de privacidade.

Presentemente, quando se encontrava em público, nunca podia ter certeza se era ou não observada. Era por isso que compreendia o desejo de privacidade de Francis Dolarhyde. Não sentira da parte dele qualquer vestígio de compaixão e isso era bom.

Mas o gin também era.

De repente os discos de Segóvia pareceram-lhe muito ruidosos. Mudou para música de baladas.

Três meses duros numa cidade nova. O Inverno que se avizinhava com a dificuldade de se deslocar na neve. Reba McLane, enérgica e destemida, detestava a autocomiseração. Não podia ceder-lhe. Tinha consciência do sentimento de irritação que a invadia pela sua incapacidade, mas enquanto não fosse capaz de se livrar dele, decidira que havia de fazê-lo trabalhar a seu favor,

preenchendo o seu desejo de independência e reforçando a sua determinação para tirar vantagem de tudo o que encontrasse no dia-a-dia.

À sua maneira, era uma dura. A fé em qualquer espécie de justiça natural não passava de uma luz fugaz no meio da noite; sabia disso. Fizesse o que fizesse, acabaria como todo mundo: deitada de costas com um tubo no nariz, pensando: «Isto é tudo?»

Sabia que nunca conseguiria alcançar a luz, mas havia coisas que podia ter. Havia coisas para serem apreciadas. Sentia prazer em ajudar os seus alunos, e esse prazer era estranhamente ampliado pela sensação de que nunca seria recompensada ou punida por tê-los ajudado.

A idéia de fazer amigos trazia-lhe sempre o receio das pessoas que procuram uma dependência e se agarram a ela. Estivera envolvida com alguns — os cegos atraem-nos, mas não deixam de constituir o inimigo.

Envolvida. Reba sabia que atraía os homens fisicamente. Só Deus sabia quantos tinham sentido as suas mãos em resposta à atitude que tomaram depois de lhe agarrarem o braço.

Gostava muito de sexo, mas já a alguns anos que aprendera um princípio básico sobre os homens: sentiam-se aterrorizados quando deparavam com a possibilidade de terem que enfrentar uma responsabilidade. No seu caso esse medo aumentava sensivelmente.

Detestava a idéia de homens entrarem e a saírem da sua cama como se roubassem galinhas.

Ralph Mandy vinha buscá-la para jantar. O medo da vida dera-lhe uma atitude de tal modo covarde que era incapaz de amar. Ralph tivera o cuidado de repetir muitas vezes, o que a levara a refugiar-se na defensiva. Ralph era divertido, mas não estava interessada em depender dele.

Não tinha vontade de ver Ralph. Não se sentia com disposição para manter uma conversação entremeada dos comentários à sua volta das pessoas que a viam comer.

Seria tão bom ser desejada por alguém com a coragem de ir embora ou de ficar conforme fosse a vontade, e que estivesse de acordo em que ela fizesse o mesmo. Alguém que não se preocupasse com ela.

Francis Dolarhyde — tímido, com um corpo de atleta, e além disso sincero.

Nunca tinha visto ou tocado num lábio leporino e não possuía qualquer

associação visual com o som. Pensava se Dolarhyde estaria convencido de que ela o compreendia facilmente porque «os cegos ouvem melhor do que as outras pessoas». Era uma convicção muito divulgada. Talvez devesse ter explicado que isso não era verdade, que os cegos simplesmente prestam mais atenção àquilo que ouvem.

Havia tantas concepções erradas sobre os cegos. Gostaria de saber se Dolarhyde compartilhava a crença popular de que os cegos são mais puros de espírito do que as outras pessoas, de que são de certo modo santificados pela cruz que têm que carregar. Sorriu sozinha. Mais uma convicção que não correspondia à realidade.

# CAPÍTULO 32

A polícia de Chicago trabalhava sob pressão dos jornalistas e da «contagem decrescente» dos noticiários dos dias que faltavam para a próxima lua cheia: eram onze dias.

As famílias de Chicago estavam aterrorizadas.

Ao mesmo tempo, aumentou a audiência dos filmes de terror que a uma semana deviam ter terminado nos cinemas ao ar livre. Fascínio e horror. O empresário que inundara o mercado com camisetas dizendo «Dentuço» lançara um novo modelo com a inscrição «O Dragão Vermelho é uma recordação de uma noite». As vendas dividiam-se igualmente entre os dois modelos.

O próprio Jack Crawford, depois do funeral, foi obrigado a comparecer numa conferência de imprensa juntamente com responsáveis da polícia. Recebera ordens de cima para fazer que a presença federal se tornasse mais evidente; não a tornou mais audível uma vez que se manteve calado.

Quando as investigações realizadas por muitos elementos pouco descobrem, têm a tendência para se curvarem sobre elas mesmas, cobrindo o mesmo terreno repetidamente até não haver nada para encontrar. Apresentam a forma circular de um tufão ou de um zero.

Onde quer que Graham se deslocasse encontrava detetives, máquinas fotográficas, um desfilar contínuo de agentes fardados e o incessante ruído de fundo dos rádios. Precisava se manter firme.

Crawford, arrasado com a conferência de imprensa, encontrou Graham ao cair da noite, numa sala de júri absolutamente tranqüila que não estava sendo usada, no andar de cima do gabinete do procurador-geral.

Graham espalhou os seus papéis e fotografias no tampo de feltro verde da mesa de júri, iluminado por fortes lâmpadas suspensas a pouca altura. Tirara o casaco e a gravata e encontrava-se enterrado na cadeira olhando para duas fotografias. Diante de si estava a fotografia emoldurada dos Leeds e ao lado, fixada numa pasta encostada a uma jarra, a fotografia dos Jacobi.

As fotografias de Graham faziam lembrar a Crawford as relíquias de um toureiro, prontas para serem instaladas num quarto qualquer de um hotel. Não havia qualquer fotografia de Lounds. Estava convencido de que Graham nem

sequer pensava no caso de Lounds. Não queria aborrecer Graham.

— Isto parece um gabinete de secretariado — disse Crawford.

— Deu cabo deles? — Graham estava pálido mas sóbrio.

Tinha na mão uma embalagem pequena de suco de laranja.

— Meu Deus. — Crawford deixou-se cair numa cadeira. — Tentar pensar numa situação daquelas é a mesma coisa que tentar mijar num trem.

— Há novidades?

— A única coisa importante que eu vi foi o comissário  suando com as perguntas que lhe faziam e coçando os tomates diante das câmeras de televisão. Se não acredita, veja os noticiários das seis e das onze horas.

— Quer suco de laranja?

— Preferia beber arame farpado.

— Melhor, sobra mais para mim. — O rosto estava tenso. Os olhos muito brilhantes. — O que há sobre o gás?

— Deus abençoe Liza Lake. Há quarenta e um postos de venda do Servco Supreme no centro de Chicago. Os rapazes do capitão Osbome viraram tudo do avesso, à procura de vendas em contentores efetuadas a motoristas de caminhonetes. No momento não há nada, mas não foram verificados todos os turnos ainda. A Servco tem mais de cento e oitenta postos, encontram-se espalhados por oito estados. Pedimos ajuda às jurisdições locais. Vai demorar um bocado. Se Deus atendesse ao meu pedido, o fulano devia ter usado cartão de crédito. É uma possibilidade.

— Deixa de ser se ele for capaz de aspirar por uma mangueira.

— Pedi ao comissário para não citar a possibilidade do Dentuço viver nesta área. Já estão suficientemente aterrorizados. Se lhes dissesse isto, esta terra passaria a parecer-se com a Corcia à noite quando os bêbados voltam para casa.

— Ainda está convencido de que ele está próximo?

— E você? Pelo menos é o que parece. — Crawford pegou no relatório de autópsia de Lounds e leu-o depois de ter colocado os seus óculos de meia-lua.

— O ferimento na cabeça era mais antigo do que os ferimentos na boca. Cerca de cinco a oito horas, não se sentem muito seguros. Além disso, as feridas na boca já tinham várias horas quando ele chegou ao Hospital. Também sofreram queimaduras, mas foi possível verificar dentro da boca. Reteve vestígios de clorofórmio no seu... porra, em qualquer lugar das narinas. Acha que estava

inconsciente quando o Dentuço o mordeu?

— Não, devia querer que estivesse acordado.

— É o que eu penso. Muito bem, abate-o com uma pancada na cabeça — isto na garagem. Tem que mantê-lo tranqüilo com o clorofórmio até chegar a algum lugar onde não haja problemas se houver barulho. O traz de volta e chega aqui horas depois da mordida.

— Podia ter feito isso tudo nos fundos da caminhonete estacionada num lugar qualquer — disse Graham.

Crawford massageava os lados do nariz com os dedos dando à voz um efeito de megafone.

— Está esquecendo das rodas da cadeira. Bev encontrou dois tipos de material de carpete, lã e sintético. Sintético possivelmente da caminhonete, se consideramos que não é normal ver-se um tapete de lã numa caminhonete. Quantos tapetes de lã já viu em qualquer coisa que seja para alugar? Muito poucos com certeza.

— O tapete de lã representa uma casa, Will. E a sujeira e o bolor eram de um lugar escuro onde a cadeira de rodas estava armazenada, uma adega com o chão todo sujo.

— É possível.

— Agora olhe para isto. — Crawford tirou da pasta um mapa das estradas da Rand McNally. Tinha desenhado um círculo no mapa «Quilometragem dos Estados Unidos e tempo de condução». —Freddy desapareceu durante cerca de quinze horas e os seus ferimentos ocorreram ao longo deste período de tempo. Vou tirar algumas conclusões. Não gosto de fazer isto mas aqui vai... do que está rindo?

— Lembrei-me de quando fez aqueles exercícios em Quântico, quando o aluno disse que também concluíra não sei o quê.

— Não me lembro disso. Aqui está...

— Obrigou-o a escrever «concluir» no quadro negro e sublinhaste a palavra várias vezes, ao mesmo tempo que lhe gritava na cara: «Quando concluir está nos fazendo de bobos», foi o que lhe disse, lembro-me perfeitamente.

— Precisava de uma repreensão para entrar na linha. Agora olhe para isso. Imagine que se meteu no trânsito de Chicago na terça à tarde, para sair da cidade com Lounds. Considere um par de horas para chegar com Lounds ao local para onde o levou, e o tempo de regresso. Não podia ter se afastado muito mais do

que uma distância de Chicago equivalente a seis horas de condução. Muito bem, este círculo representa as distâncias que podiam ser percorridas com seis horas de condução. Repare que mesmo assim é impreciso porque em algumas estradas é possível andar mais depressa do que noutras.

— Talvez ele tenha ficado aqui.

— Certo, mas estes são os pontos mais distantes que ele podia ter alcançado.

— Quer dizer que o limitou a Chicago ou dentro de um círculo cobrindo Milwaukee, Madison, Dubuque, Peoria, Saint Louis, Indianápolis, Cincinnati, Toledo e Detroit, isto para citar só algumas localidades.

— Melhor do que isso. Sabemos que conseguiu um Tattler rapidamente. Possivelmente na segunda à noite.

— Podia ter conseguido isso em Chicago.

— Eu sei, mas quando sai da cidade, na segunda à noite, não encontra muitas localidades onde consiga encontrar o Tattler. Tem aqui uma lista do departamento de distribuição do Tattler, locais para onde o Tattler é enviado por avião ou por viatura, na segunda à noite, e que se encontrem dentro deste círculo. Repare que deixa de lado Milwaukee, Saint Louis, Cincinnati, Indianápolis e Detroit. São enviados para os aeroportos e para cerca de noventa bancas que permanecem abertas toda a noite, sem contarmos as que temos em Chicago. Estou usando os agentes em campo para procederem as verificações. Talvez algum dos empregados se lembre de um cliente com um aspecto fora do normal a quem tenha vendido um jornal na segunda à noite.

— Talvez, Jack. Pelo menos é um bonito esforço.

Não havia dúvida de que a mente de Graham estava muito longe. Se Graham fosse um agente do quadro, Crawford teria ameaçado-o com uma transferência para o resto da vida para as ilhas Aleutas. Em vez disso, disse-lhe:

— O meu irmão telefonou esta tarde. Disse-me que a Molly saiu da casa.

— Eu sei.

— Foi, com certeza, para algum lugar seguro?

Graham estava convencido de que Crawford sabia perfeitamente para onde ela tinha ido.

— Para casa dos avós de Willy.

— Ainda bem, vão ficar contentes por verem o menino.

Crawford aguardou.

Não houve qualquer comentário da parte de Graham.

— Espero que esteja tudo bem.

— Estou trabalhando, Jack. Não se preocupe com isso. Não passou tudo de uma grande tensão nervosa por se encontrar ali.

Graham pegou num pequeno embrulho atado com uma corda, que se encontrava debaixo de um monte de fotografias do funeral, e começou a desfazer o nó.

— O que é isso?

— Foi enviado por Byron Metcalf, o advogado dos Jacobi. Brian Zeller reexpediu-o para mim. Não há problema.

— Espere um minuto, deixe-me ver. — Crawford virou o embrulho com os seus dedos peludos, até ter encontrado o carimbo e assinatura de S. F., «Semper Fidelis», Aynesworth, chefe da seção de Explosivos do FBI, certificando que o embrulho tinha passado à fluoroscopia. — Sempre verificações. Sempre verificações.

— Verifico sempre, Jack.

— Foi Chester que lhe trouxe isto?

— Foi.

— Verificou o carimbo antes de entregá-lo?

— Verificou-o e mostrou-me. — Graham cortou o fio. — São cópias de todo o processo dos Jacobi. Fui eu que pedi ao Metcalf para mandá-las, podemos comparar com os documentos dos Leeds quando os recebermos.

— Tem um advogado para tratar disso.

— Me faz falta. Não conheço os Jacobi, Jack. Eram novos na cidade. Fui a Birmingham um mês depois e aquilo que lhes pertencia estava em depósitos e parte desaparecera. Tenho um pressentimento em relação aos Leeds, o que já não se verifica no que respeita aos Jacobi. Preciso conhecê-los. Quero falar com gente em Detroit que os tenha conhecido e preciso de mais alguns dias em Birmingham.

— Preciso de você aqui.

— Escute uma coisa, Lounds foi um tiro direto. Conseguimos atiçá-lo contra o Lounds. A única relação com Lounds foi a que nós provocamos. Há poucas provas consistentes em relação a Lounds e a polícia está tratando disso.

Lounds não passava de uma dor de cabeça para ele, mas os Leeds e os Jacobi são aquilo de que ele precisa. Temos que descobrir a ligação que há entre eles. Se chegarmos a apanhá-lo será desta maneira.

— Temos portanto os papéis dos Jacobi para usarmos aqui — disse Crawford. — O que procura? Que tipo de coisas?

— Qualquer porra que nos diga qualquer coisa, Jack. Para já, uma conclusão médica. — Graham tirou do embrulho o impresso do imposto estadual de IRS. — Lounds estava numa cadeira de rodas: médico. Valerie Leeds tinha sido operada seis semanas antes de morrer, lembra-se do diário? Um pequeno quisto num dos seios: mais uma vez, médico. Agora gostaria de saber se a senhora Jacobi também foi operada.

— Não me lembro de ter lido nada no relatório da autópsia falando de operações.

— Está bem, mas pode ter sido qualquer coisa que eles não descobriram. A sua história médica estava repartida entre Detroit e Birmingham. Pode ter se perdido alguma coisa. Se tinha feito alguma coisa deverá haver um pedido de reembolso de desconto e talvez um pedido de reembolso por parte do seguro.

— Qualquer enfermeiro itinerante, é nisso que está pensando, atuando em ambos os lados, Detroit ou Birmingham e Atlanta?

— Se tivesse estado num hospital para doenças mentais teria pegado o jeito. Podia passar por enfermeiro e conseguir um emprego quando saísse — disse Graham.

— Quer jantar?

— Mais tarde. Depois de comer me dá preguiça.

Ao sair, da penumbra da porta, Crawford olhou para trás na direção de Graham. Não ficou preocupado com o que viu. As lâmpadas suspensas acentuavam as sombras no rosto de Graham, enquanto este se encontrava absorvido no seu trabalho e as vítimas olhavam para ele das fotografias. A sala cheirava a desespero.

Seria melhor para o caso voltar a pôr Graham para trabalhar na rua? Crawford não podia correr o risco de deixar que ele se queimasse por nada. E se houvesse qualquer coisa?

Os excelentes instintos administrativos de Crawford não eram temperados por qualquer tipo de misericórdia. Aconselharam-no a deixar Graham sozinho.

# CAPÍTULO 33

Quando chegou às dez da noite, Dolarhyde tinha trabalhado com os pesos quase até à exaustão, estivera vendo os seus filmes e tentara satisfazer-se. No entanto, continuava inquieto.

A excitação palpitava-lhe no peito como um medalhão gelado quando pensava em Reba McLane. Não devia pensar nela. Estendido na cadeira regulável, o tronco dilatado e corado pelo esforço que tinha feito, via as notícias na televisão para saber dos progressos da polícia no caso de Freddy Lounds.

Lá estava Will Graham em primeiro plano, com o coro à sua volta. Graham era esguio. Seria fácil partir-lhe as costas. Melhor do que matá-lo. Partir-lhe as costas e torcer para ter certeza. Podiam incluí-lo na próxima investigação.

Não havia pressa. Era melhor deixar que Graham fosse vivendo nesse receio.

Dolarhyde sentia-se agora invadido pela tranqüilidade de um sentimento imenso de poder.

O Departamento de Polícia de Chicago fez um certo barulho numa conferência de imprensa que deu. Além da ladainha de como estavam trabalhando duramente no caso, resumindo tudo aquilo que foi dito, chegava-se a uma única conclusão: não havia qualquer progresso no caso de Freddy. Jack Crawford fazia parte do grupo que se encontrava atrás dos microfones. Dolarhyde reconheceu-o por uma fotografia que tinha sido publicada no Tattler.

Um porta-voz do Tattler, ladeado por dois guarda-costas, declarou: «Este ato selvagem e sem qualquer sentido só fará que a voz do Tattler soe ainda mais alto».

Dolarhyde resmungou. Talvez fosse assim. O que era certo é que já conseguira silenciar a voz de Freddy.

Os locutores dos noticiários chamavam-no agora de «o Dragão». Os seus atos englobavam aquilo que a polícia tinha designado pelos «assassinatos do Dentuço».

Um progresso, sem dúvida nenhuma.

Só faltavam as notícias locais. Um atrasado mental qualquer estava

fazendo uma reportagem do Jardim Zoológico. Compreendia-se perfeitamente que o tinham mandado para o exterior para se verem livres dele.

No momento em que Dolarhyde agarrou no controle remoto viu na tela alguém com quem falara ao telefone havia poucas horas: o diretor do Zoológico, Dr. Frank Warfield, que se mostrara encantado por receber o filme que Dolarhyde oferecera.

O Dr. Warfield e um dentista estavam tratando de um tigre com um dente quebrado. Dolarhyde queria ver o tigre, mas o locutor encontrava-se na frente. Finalmente o repórter mudou de lugar.

Recostado na cadeira, o olhar deslizando ao longo do seu poderoso tronco na direção da tela, Dolarhyde viu o enorme tigre inconsciente, estendido numa pesada mesa de trabalho.

Hoje iam preparar o dente. Dentro de alguns dias iam colocar-lhe uma coroa, anunciou o idiota.

Dolarhyde observava como trabalhavam calmamente entre as mandíbulas do focinho assustador do tigre.

«Posso tocar seu rosto?», disse Reba McLane.

Desejara ter sido capaz de dizer alguma coisa a Reba McLane. Desejara que ela tivesse feito mesmo uma parte insignificante daquilo que dissera. A sua vontade era que ela pudesse possuir uma centelha da sua glória. Mas não era possível conseguir isso e continuar vivendo. Ela devia viver: tinha sido visto com ela e estava muito perto de casa. Tentara compartilhar com Lecter e Lecter o tinha traído.

No entanto, gostaria de compartilhar. Compartilhar com ela só um pouquinho, de modo que pudesse continuar viva.

# CAPÍTULO 34

— Eu sei que é política, você sabe que é política, mas de qualquer modo é mais ou menos isso o que vai fazer — disse Crawford a Graham. Caminhavam ao fim da tarde pela State Street Mall na direção do edifício do escritório federal. — Faça o que está fazendo, limite-se a escrever sobre o paralelismo que existe entre os casos e eu farei o resto.

O Departamento de Polícia de Chicago pedira à seção de Ciência do Comportamento do FBI uma descrição detalhada do perfil das vítimas. Responsáveis da polícia declararam que essa descrição seria usada na planificação de patrulhas extras durante o período de lua cheia.

— Cobrindo a retaguarda, é aquilo que eles estão fazendo — disse Crawford, brandindo o seu saco da Tater Tots. — As vítimas têm sido pessoas de posição, querem colocar as patrulhas em bairros onde essa gente vive. Sabem que vai haver muitas ondas a esse respeito, há muito que os patrões têm lutado para conseguir mais elementos, muito antes até de Freddy ter apagado. Se forem patrulhar os bairros da classe média superior e ele atacar o lado sul, que Deus tenha piedade dos responsáveis da cidade. Mas se isso acontecer, podem apontar o dedo aos estupores dos federais. Até consigo ouvi-los: «Disseram-nos para fazer desta maneira. Foi isso que eles nos disseram para fazer».

— Não acredito que a probabilidade do ataque se realizar em Chicago seja superior à de qualquer outro lugar —disse Graham. — Não há qualquer motivo para pensar dessa maneira. É tudo uma palhaçada. Por que o Blorn não pode fazer o perfil? É um dos consultores da Ciência do Comportamento.

— Não querem que seja feito por Blorn, querem que seja feito por nós. Não teriam qualquer vantagem em recriminar Blorn. Além disso, ele ainda está no hospital. Recebi instruções para fazer isto. Houve alguém lá de cima que esteve ao telefone com a Justiça. Lá de cima dizem para ser feito. Quer fazê-lo ou não?

— Está bem. De qualquer maneira era isso que eu ia fazer.

— É tudo o que sei — disse Crawford. — Limite-se a fazer isso.

— Preferia regressar a Birmingham.

— Não — disse Crawford. — Fica comigo por causa disto.

A última réstia de luz da sexta-feira extinguiu-se a ocidente. Faltavam dez

dias.

# CAPÍTULO 35

— Não quer me dizer que tipo de «saída» é esta? — perguntou Reba McLane a Dolarhyde no sábado de manhã, depois de terem rodado em silêncio por mais de dez minutos. Tinha esperança de que fosse um piquenique.

A caminhonete parou. Ouviu que Dolarhyde descia a janela do seu lado.

— Dolarhyde — disse ele. — O Dr. Warfield deixou a indicação do meu nome.

— Sim, senhor. Importa-se de colocar isto no pára-brisas quando sair do carro?

Seguiram lentamente em frente. Reba sentiu que a estrada fazia uma curva suave. O vento trazia odores estranhos e pesados. Ouviu-se o bramir de um elefante.

— O Zoológico — disse ela. — Estupendo. — Tinha preferido um piquenique. Mas não interessava, isto também era bom. — Quem é o Dr. Warfield?

— O diretor do Zoológico.

— É seu amigo?

— Não. Fizemos um favor ao Zoológico dando-lhes o filme. Estão retribuindo.

— Como?

— Vai tocar no tigre.

— Não me arranje muitas surpresas!

— Já viu um tigre alguma vez?

Sentiu-se contente por ele fazer a pergunta.

— Não. Lembro-me de ter visto um puma quando era pequena. Era tudo o que tinham no Zoológico de Red Deer. Acho que seria melhor falarmos sobre isto.

— Estão tratando dos dentes do tigre. Têm que fazê-lo... dormir. Se quiser pode tocá-lo.

— Vai haver muita gente, pessoas esperando?

— Não. Não há espectadores. O Dr. Warfield, eu e mais uma ou duas pessoas. A TV chegará na hora em que formos embora. Está interessada? — Uma urgência estranha na pergunta.

— Com certeza que sim, estou interessada! Muito obrigada... é uma surpresa estupenda.

A caminhonete parou.

— Hum, como vou saber se ele está dormindo?

— Faça-lhe cócegas. Se ele rir, fuja.

Ao caminhar, Reba tinha a sensação de que o chão da sala de tratamentos era forrado de linóleo. A sala era ampla e propagavam-se ecos em todos os sentidos. Do lado mais distante da sala chegava um foco de calor radiante.

Um ritmo cadenciado de passos pesados e Dolarhyde guiou-a para um dos lados até que ela sentiu a pressão em garfo de um canto.

Já estava lá. Sentia o cheiro.

Uma voz.

— Levantem. Com calma. Para baixo. Podemos deixar a correia debaixo dele, Dr. Warfield?

— Está bem. Forrem essa almofada com uma das toalhas verdes e ponham debaixo da cabeça. Quando tivermos terminado mando John chamá-los.

Passos de alguém que se afastava.

Esperou que Dolarhyde lhe dissesse alguma coisa. Não disse.

— Ele já está aqui — disse ela.

— Está. Foi transportado por dez homens, preso por correias. É grande. Dez pés. O Dr. Warfield está auscultando o coração. Agora está levantando uma das pálpebras.

Um corpo à sua frente fez de barreira contra os ruídos que ouvia.

— Dr. Warfield, Reba McLane — disse Dolarhyde.

Estendeu a mão em frente. Foi agarrada por uma mão grande e suave.

— Obrigada por ter me deixado vir — disse. — É um desafio.

— Sinto-me contente por ter vindo. É uma alegria que me dá. A propósito, estamos muito agradecidos pelo filme.

A voz do Dr. Warfield era de um homem de meia-idade, profunda, culta, de um negro. Da Virgínia, calculou ela.

— Estamos à espera, para termos certeza de que não há problemas com a respiração e com o coração, antes do Dr. Hassler começar. Hassler está ali ajustando o seu espelho de cabeça. Cá para nós, que ninguém nos ouça, só usa aquilo para conseguir segurar a peruca. Venha comigo para que possa apresentá-lo, Sr. Dolarhyde.

— Vá na frente.

Ela estendeu a mão para Dolarhyde. O contato tardou a fazer-se e foi suave quando se realizou. A palma da sua mão dele umedeceu os nós dos dedos dela com suor.

O Dr. Warfield colocou-lhe a mão no braço e avançaram lentamente ao mesmo tempo que descrevia o que ia acontecendo.

— Está dormindo profundamente. Tem uma idéia geral?... Descrevo-lhe tudo aquilo que quiser. — Fez uma pausa, inseguro sobre o modo como devia colocar as coisas.

— Lembro-me de que vi fotografias em livros quando era criança, e uma vez vi um puma num zoológico próximo de casa.

— Este tigre é como se fosse um superpuma — disse. O peito mais desenvolvido, uma cabeça mais maciça e uma estrutura e musculatura mais desenvolvidas. É um macho de Bengala com quatro anos de idade. Tem cerca de dez pés de comprimento, do nariz até à ponta da cauda, e pesa oitocentas e quinze libras. Está deitado sobre o lado direito, iluminado por lâmpadas potentes.

— Consigo sentir as luzes.

— É listrado, riscas alaranjadas e negras, o laranja tão brilhante que dá a sensação que se dilui no ar à sua volta. -

De repente o Dr. Warfield verificou que estava sendo cruel falando de cores. Um olhar rápido para o rosto dela tranqüilizou-o.

— Está a uma distância de seis pés, consegue sentir o cheiro dele.

— Consigo.

— O Sr. Dolarhyde deve ter lhe contado que um idiota qualquer o atacou através das grades com uma das enxadas do nosso jardineiro. Com a lâmina cortou-lhe parte da crina na parte superior esquerda. Está pronto, Dr. Hassler?

— Está ótimo. Vamos dar-lhe mais um minuto ou dois.

Warfield apresentou o dentista a Reba.

— Minha cara, é a primeira surpresa agradável que já tive de Frank Warfield — disse Hassler. — Talvez queira examinar isto, é um dente de ouro, mais exatamente um canino. — Colocou-o na mão. — É pesado não é? Limpei o dente quebrado e fiz um molde a alguns dias atrás. Hoje vou aplicar esta coroa. É certo que podia tê-lo feito com acrílico, mas acho que assim tem mais graça. O Dr. Warfield pode dizer-lhe que nunca perco uma oportunidade de me exibir. É desconsideração da parte dele não me deixar pôr um anúncio no lado de fora da jaula.

Com os seus dedos sensitivos sentiu a coroa, curva e pontiaguda.

— Um excelente trabalho! — Próximo dela sentia uma respiração lenta e profunda.

— Vai deixar as crianças espantadas quando ele bocejar — disse Hassler. — E estou convencido de que não vai tentar nenhum ladrão. Agora a parte divertida. Não está com medo, não é? O musculoso cavalheiro que está ali nos observando como um falcão. Está obrigando-a a assistir a isso?

— Não! Não, eu é que quis.

— Estamos de frente para o seu dorso — disse o Dr. Warfield. — Encontra-se dormindo a uma distância de pouco mais de dois pés e meio de você, em cima de uma mesa de trabalho que lhe chega ao peito. Vamos fazer uma coisa: vou colocar a sua mão esquerda — é destra, não é? —, vou colocar a sua mão esquerda na beira da mesa e poderá explorar com a mão direita. Fico aqui mesmo ao seu lado.

— E eu também — disse o Dr. Hassler. Estavam se divertindo com tudo aquilo. Debaixo dos potentes holofotes o cabelo dela tinha o cheiro de serragem fresca exposta ao sol.

Reba sentia o calor na parte superior da cabeça. Fazia-lhe doer levemente o couro cabeludo. Conseguia sentir o cheiro do cabelo aquecido, do sabonete de Warfield, de álcool e desinfetante e do gato. Teve uma leve tontura que passou rapidamente.

Agarrou a borda da mesa e estendeu a mão hesitante até que as pontas dos dedos tocaram o pêlo aquecido pelas luzes, a seguir uma zona mais fria e por último sentiram o calor constante que vinha de baixo. Colocou a mão aberta sobre a espessa pele e moveu-a suavemente, sentindo a pele deslizar sob a palma, os pêlos acamados num e no outro sentido, a depressão entre as amplas

costelas, enquanto a mão subia e descia.

Agarrou-lhe a crina e os pêlos saltaram-lhe entre os dedos. Na presença do tigre ficou corada e permitiu-se certos tiques característicos dos cegos, movimentos faciais inapropriados que nas suas aulas sempre criticara.

Warfield e Hassler viram-na esquecer-se de si mesma e sentiram-se contentes.

Dolarhyde, meio-oculto pelas sombras, observava a cena enquanto sentia uma sensação dolorosa nos músculos das costas. Uma gota de suor escorreu-lhe pelas costelas.

— Do outro lado é só trabalho — disse-lhe Warfield junto do ouvido.

Conduziu-a em volta da mesa, enquanto a mão dela agarrava a cauda.

Dolarhyde sentiu uma súbita contração dos músculos do peito quando os dedos dela passaram pelos testículos. Agarrou-os na mão continuando em seguida o seu caminho.

Warfield ergueu uma pata enorme e colocou-a na mão dela.

Sentiu a aspereza das almofadas e um leve cheiro do chão da jaula. Fez pressão num dos dedos para que a garra saísse. Os músculos dos ombros, pesados, mas flexíveis, enchiam-lhe as mãos.

Sentiu as orelhas do tigre, a largura da cabeça e, guiada cuidadosamente pelo veterinário, tocou na língua áspera. Um bafo quente levantava-lhe os pêlos dos antebraços.

Por último, o Dr. Warfield colocou-lhe o estetoscópio nos ouvidos. As mãos pousadas sobre o peito que se agitava ritmicamente, o rosto voltado para cima, deixou-se invadir pelo bater do coração do tigre.

Enquanto se afastavam de carro, Reba McLane permanecia calada, o rosto corado, ainda sob o efeito da excitação. Voltou-se uma vez para Dolarhyde e disse lentamente.

— Muito... obrigada. Se não se importar, gostaria muito de tomar um martini.

— Espere só um momento — disse-lhe Dolarhyde quando estacionaram no seu pátio.

Sentia-se contente por não terem ido para o apartamento dela. Era discreto e seguro.

— Não faça cerimônia. Leve-me para dentro e diga-me que está tudo em

ordem.

— Espere aqui.

Levou para dentro o saco da loja de bebidas e deu uma volta rápida de inspeção. Parou na cozinha por momentos, com as mãos cobrindo o rosto. Não estava seguro sobre o que fazia. Sentia o perigo, mas sabia que não vinha da mulher. Não podia olhar para o lado de cima das escadas. Precisava fazer alguma coisa e não sabia o quê. Devia levá-la de volta para casa.

Antes da sua transformação não se atreveria a uma coisa dessas.

Verificou naquele momento que podia fazer qualquer coisa. Qualquer coisa. Qualquer coisa.

Voltou a sair, deixando-se envolver pela luz do sol poente e mergulhando na longa sombra azul da caminhonete. Reba McLane apoiou-se no seu ombro até o pé ter tocado o chão.

Sentiu a imponência da casa. O eco da porta da caminhonete se fechando deu-lhe uma idéia da sua altura.

— Quatro degraus a partir da relva. A seguir há uma rampa — disse ele.

Agarrou-lhe o braço. Um tremor que o atravessou. Através do algodão podia sentir nitidamente a transpiração.

— Tem uma rampa. Para quê?

— Gente idosa que esteve aqui.

— Mas já não está.

— Não.

— Parece fria e muito alta — disse ela já na sala de estar. Um ar de museu. E o que era aquilo, incenso? Ao longe ouvia-se o tiquetaque de um relógio. — É uma casa muito grande, não é? Quantos quartos tem?

— Catorze.

— É antiga. As coisas aqui são antigas. — Roçou num abajur com franjas e tocou-o com os dedos.

O tímido Sr. Dolarhyde. Tinha perfeita consciência de que se sentira excitado por tê-la visto com o tigre; estremecera como um cavalo quando ela agarrou seu braço para saírem da sala de tratamentos.

Um gesto elegante em tudo o que tinha organizado.

Possivelmente também eloqüente, não, estava bem certa.

— Martini?

— Deixe-me ir junto prepará-lo — disse ela tirando os sapatos.

Mediu com um dedo o vermute que serviu no copo. Acrescentou duas onças e meia de gin e duas azeitonas.

Rapidamente ia tomando pontos de referência na casa — o tiquetaque do relógio, o zumbido do ar condicionado de janela. Próximo da porta da cozinha o assoalho encontrava-se mais quente — a zona que fora iluminada pela luz do sol durante toda a tarde.

Conduziu-a para a sua grande cadeira. Sentou-se no sofá.

Havia uma carga no ar. De um modo semelhante à fluorescência no mar, representava uma ausência de movimento; descobriu um lugar para pousar a bebida, numa mesinha que se encontrava ao lado, enquanto ele punha música.

Para Dolarhyde a sala parecia-lhe diferente. Era a primeira companhia voluntária que tinha tido em casa e agora a sala parecia-lhe dividida na parte dela e na parte dele.

Quando a luz se extinguiu estava tocando Debussy.

Fez-lhe perguntas sobre Denver e ela respondeu de modo ausente, como se estivesse pensando em outra coisa. Descreveu-lhe a casa e o grande quintal ladeado de sebes. Não havia muita necessidade de falar.

No silêncio que se fez enquanto mudava o disco, ela disse:

— Aquele magnífico tigre, esta casa, você é um homem cheio de surpresas, D. Estou convencida de que ninguém o conhece como deve ser.

— Perguntou-lhes?

— A quem?

— Aos outros.

— Não.

— Então como é que sabe que ninguém me conhece?

A sua concentração no dobrar da língua fez que o tom da pergunta parecesse neutro.

— Oh, algumas das mulheres da Gateway nos viram entrar na sua caminhonete outro dia. Nem imagina como estavam curiosas. De um momento para o outro passei a ter companhia na máquina de Coca-Cola.

— O que querem saber?

Tentara transformar a curiosidade ávida das mulheres numa espécie de humor que lhe fosse diretamente dirigido. Mas não estava dando resultado.

— Querem saber tudo — disse ela. — Acham-no muito misterioso e interessante. Vamos lá, olha que isso é um elogio.

— Disseram-lhe qual é o meu aspecto?

A pergunta foi posta num tom ligeiro, num modo absolutamente correto, mas Reba sabia que ninguém leva tudo na brincadeira. Encarou o problema de frente.

— Não perguntei. Mas de qualquer modo me disseram qual era a idéia que tinham a seu respeito. Quer ouvi-la? Tintim-por-tintim? Se não quiser, não me pergunte. — Tinha certeza de que iria perguntar.

Não houve resposta.

De repente Reba teve a sensação de que estava sozinha na sala, de que o lugar onde se encontrava estava mais vazio do que vazio, um buraco negro absorvendo tudo e não emanando nada. Sabia que não podia ter saído sem que ela o ouvisse.

— Acho que vou lhe contar — disse ela. — Disseram que tem um aspecto limpo e enérgico, que as agrada. Disseram que tem um corpo notável. — Era evidente que não podia ficar por ali. — Disseram que era muito sensível por causa do seu rosto, mas que não devia ser. Okay, esta foi a observação mais profunda, feita pela Dentine, é Eileen, não é?

— Eileen.

Ah, um sinal de retorno. Sentia-se como um rádio-astrônomo.

Reba era uma imitadora excelente. Poderia ter reproduzido a fala de Eileen com uma fidelidade espantosa mas era suficientemente prudente para não reproduzir as observações de quem quer que fosse a respeito de Dolarhyde. Citou Eileen como se estivesse ler uma transcrição:

— «Não é um rapaz de mau aspecto. Palavra que já saí com muitos rapazes de muito pior aspecto do que ele. Uma vez saí com um jogador de hóquei — parece que jogava nos Blues que tinha uma pequena cova no lábio por causa da ponte da gengiva ter se afundado. Os jogadores de hóquei quase todos têm coisas assim. Lhes dá um aspecto de macho, percebe? O Sr. D. tem uma pele estupenda e nem imagina o que eu daria para ter o cabelo dele». Satisfeito? Oh, e ainda me perguntou se era tão forte como de fato parecia.

— E?

— Disse que não sabia. — Despejou o copo e levantou-se.

— Onde raio você está, D. — Sabia quando ele se movia entre ela e um dos alto-falantes. — Ah! Está aí. Quer que eu lhe diga o que penso a esse respeito?

Encontrou-lhe a boca com os dedos e beijou-a, comprimindo os lábios levemente contra os seus dentes salientes. Notou imediatamente que a sua rigidez era uma questão de timidez e não de aversão.

Ele estava espantado.

— Agora quer me dizer onde fica o banheiro? — Agarrou-lhe no braço e os dois atravessaram o hall. — Sou capaz de descobrir o caminho de volta.

No banheiro alisou o cabelo e percorreu o topo do lavatório com os dedos, em busca de pasta de dentes ou dentifrício. Tentou encontrar a porta do armário de medicamentos, mas não havia porta, apenas suportes e prateleiras. Tocou cuidadosamente os objetos nas prateleiras, apercebendo-se de uma navalha, até que encontrou um frasco. Tirou a tampa, cheirou para verificar que era dentifrício, e entornou um pouco.

Quando voltou para a sala de estar ouviu um som conhecido — o zumbido de rebobinagem de um projetor.

— Tenho que acabar o meu trabalho de casa — disse Dolarhyde estendendo-lhe um novo martini.

— Com certeza — disse ela. Não sabia como devia encarar a situação. — Se estou atrapalhando seu trabalho, é melhor ir embora. Os táxis vêm aqui?

Começou a conduzi-la para a cadeira grande. Ela sabia onde é que ficava o sofá e foi aí que se sentou.

— Tem registro sonoro?

— Não.

— Posso conservar a música?

— Um-hmmm.

Sentiu que ele estava atento. Queria que ela ficasse, sentia-se apenas atemorizado. Não deveria estar. Tudo bem. Sentou-se.

O martini estava deliciosamente fresco e ácido.

Ele sentou-se na outra extremidade do sofá, o seu peso fazendo que o gelo tilintasse no copo. O projetor ainda estava rebobinando.

— Acho que vou me esticar por uns minutos, se não se importa — disse ela.

— Não, fique à vontade, tenho bastante espaço.

— Se eu adormecer, acorde-me, está bem?

Deitou-se no sofá, segurando o copo em cima do estômago; as pontas do cabelo roçaram-lhe a mão que mantinha apoiada no sofá ao lado da anca.

Acionou o comutador do controlo remoto e o filme começou. Dolarhyde queria ver o filme dos Leeds ou o dos Jacobi com a mulher na sala. Queria ter a possibilidade de olhar alternadamente para a tela e para Reba. Sabia que nunca conseguiria sobreviver a uma coisa dessas. As mulheres a viram entrar na caminhonete. Nem sequer pense nisso. As mulheres a viram entrar na caminhonete.

Ia ver o filme dos Sherman, a família que visitaria a seguir. Veria a promessa de alivio se aproximando, fazendo-o na presença de Reba, olhando à vontade para ela.

Na tela, A Casa Nova, soletrada em moedas de cinco cêntimos na tampa de cartão de uma caixa de camisas. Uma fotografia à distância da Sra. Sherman e das crianças. Divertimento na piscina. A Sra. Sherman segura a escada e olha para a máquina, o brilho úmido do peito que quase salta do traje de banho, as pernas de um tom pálido executando golpes de tesoura.

Dolarhyde estava orgulhoso do seu autocontrole. Pensaria neste filme e não no outro. Mas na sua mente começou a falar com a Sra. Sherman, da mesma maneira como tinha falado com Valerie Leeds em Atlanta.

Está me vendo, sim.

É assim que se sente por me ver, sim.

Brincadeiras com roupas velhas. A Sra. Sherman pôs o chapéu grande. Está diante do espelho. Volta-se com um amplo sorriso e faz uma pose para a câmara, a mão colocada na nuca. Tem um camafeu na garganta.

Reba McLane agita-se no sofá. Pousa o copo no chão. Dolarhyde sente um peso e calor que o invade. Deitou a cabeça na sua coxa. A nuca tem um tom pálido e as luzes do filme desenham sobre ela arabescos fugitivos.

Senta-se muito ereto, mexe apenas o polegar para parar o filme e voltar ao início. Na tela, a Sra. Sherman com o chapéu na cabeça, faz uma pose diante do espelho. Vira-se para a câmara e sorri.

Está me vendo agora, sim.

É assim que se sente por me ver, sim.

Sente-me agora?, sim.

Dolarhyde sente calor. As calças o incomodam de uma forma insuportável. Sente calor. Através do tecido sente um bafo quente. Reba fez uma descoberta.

Convulsivamentte aciona o comutador.

Está me vendo agora, sim.

É assim que se sente por me ver, sim.

Sente isso?, sim.

Reba desapertou-lhe as calças.

Invade-o um sentimento de pânico; nunca teve uma ereção diante de uma mulher viva. Ele é o Dragão, não tem nada que ter receio.

Dedos atarefados libertam-no.

Oh!

Sente-me agora?, sim.

Sente isso?, sim.

Sabe que eu sei, sim.

Ouço o seu coração, sim.

Tem que manter as mãos afastadas da nuca de Reba.

Mantê-las afastadas. As mulheres os viram na caminhonete. A mão agarra desesperadamente o braço do sofá. Os dedos rompem o tecido do sofá.

Ouço o seu coração, sim.

E agora está tentando saltar. Está tentando saltar agora. Está tentando sair, sim.

E agora é rápido e leve e mais rápido e leve e...

Foi-se.

Oh, foi-se.

Reba repousa a cabeça na sua coxa e vira o rosto brilhante para ele. Com a mão acaricia-lhe o peito pela camisa entreaberta, transmitindo-lhe um calor agradável.

— Meu Deus, ainda não veio, não é?

Uma mulher viva. Que estranho. Cheio de poder, do Dragão ou dele próprio, ergueu-a facilmente do sofá. Não pesava nada e era muito mais fácil de carregar porque não se encontrava inconsciente. Para o andar de cima não. Para o andar de cima não.

Depressa. Para qualquer lugar. Rápido. A cama da avó, o conforto do cetim deslizando debaixo deles.

— Oh, espere, eu tiro. Oh, agora se rasgaram. Não interessa. Venha. Meu Deus, oh. É tão bom. Por favor não me ponha por baixo, deixe-me ir para cima de você e recebê-lo.

Com Reba, a sua única mulher viva, prisioneiro com ela nesta bolha de tempo, sentiu pela primeira vez que tudo estava certo: era a sua vida que libertava, o seu eu para além de toda a mortalidade que enviava para a escuridão impenetrável dela, longe deste planeta de dor, atingindo longínquas distâncias harmônicas de paz e de promessa de repouso.

Ao lado dela na escuridão, pousou a mão nela e apertou-a contra si para selar o caminho de volta. Enquanto ela dormia, Dolarhyde, maldito assassino de onze, ouvia o tempo passar e mais uma vez o seu coração.

Imagens. Pérolas barrocas voando através da escuridão amiga. Um very-light que tinha disparado na direção da lua. Um grande fogo-de-artifício que vira em Hong-Kong chamado «O Dragão atira as suas pérolas».

O Dragão.

Sentia-se em estado de choque, sem forças. E durante toda a noite que passou ao lado dela escutava, com receio de ouvir a si mesmo descer as escadas vestido com o quimono.

Durante a noite ela se mexeu uma vez, procurando, ensonada, até ter encontrado o copo na mesinha de cabeceira. Os dentes da avó chocalharam dentro do copo.

Dolarhyde trouxe-lhe água. Ela o abraçou na escuridão. Quando voltou a adormecer, tirou a mão que ela descansava na tatuagem e colocou-a no seu rosto.

De madrugada dormiu como uma pedra.

Reba McLane acordou às nove e ouviu a sua respiração regular. Espreguiçou-se na enorme cama. Ele não se mexeu. Relembrou a disposição da casa, a seqüência de tapetes e de assoalho, a direção do tiquetaque do relógio. Quando conseguiu uma imagem definida, levantou-se em silêncio e dirigiu-se para o banheiro.

Depois do chuveiro interminável que ela tinha tomado ele continuava dormindo. No chão encontrava-se a sua roupa de baixo em farrapos. Encontrou-a com o pé e guardou-a na bolsa. Enfiou o vestido de algodão pela cabeça, pegou a bengala e saiu para o exterior.

Ele lhe dissera que o pátio era grande e nivelado, cercado por sebes que tinham crescido de uma forma selvagem sem serem aparadas, mas mesmo assim procurou, de início, proceder com cuidado.

A aragem da manhã era fresca e o sol estava quente. Permaneceu no pátio deixando que o vento lhe soprasse das mãos as sementes dos arbustos. O vento moldava-lhe o corpo, fresco do chuveiro que tomara. Ergueu os braços e o vento fez-lhe sentir a frescura da manhã nos seios e nos braços e por entre as pernas. Próximo zumbiam abelhas. Não tinha medo delas, talvez por isso a deixaram em paz.

Dolarhyde acordou, admirado por instantes por não se encontrar na sua cama no andar de cima. Os seus olhos amarelados arregalaram-se quando se lembrou. Voltou-se para a almofada ao lado como se fosse um mocho. Vazia.

Andaria às voltas pela casa? O que é que ela podia encontrar? Ou tinha acontecido alguma coisa durante a noite? Alguma coisa que fosse preciso limpar. Seria suspeito. Podia ter que fugir.

Espreitou no banheiro e na cozinha. No subsolo onde estava a sua outra cadeira de rodas. No andar de cima. Não queria subir as escadas. Tinha que ver. A sua tatuagem ondulava à medida que subia as escadas. Do quadro que se encontrava no quarto o Dragão brilhou para ele. Não era capaz de permanecer no quarto com o Dragão.

De uma janela do andar de cima viu-a no pátio.

— FRANCIS. — Soube que a voz veio do seu quarto. Soube que era a voz do Dragão. Este novo confronto com o Dragão desorientou-o. Sentiu o que ia acontecer quando colocou a mão no coração de Reba pela primeira vez.

O Dragão nunca tinha falado com ele antes. Era aterrador.

— FRANCIS, VEM AQUI.

Tentou não ouvir a voz que o chamava, que o chamava enquanto ele se apressava pelas escadas abaixo.

O que é que ela poderia ter descoberto? Os dentes da avó tinham chocalhado no copo, mas colocara-os de lado quando lhe trouxe água. Não podia ter visto nada.

A fita de Freddy. Havia um leitor de cassetes na sala de visitas. Verificou-a. A cassete estava rebobinada até o início. Não se lembrava se a rebobinara quando a transmitira por telefone para o Tattler.

Ela não devia voltar para casa. Não sabia o que podia acontecer na casa. Podia ter uma surpresa. O Dragão podia descer as escadas. Sabia como era fácil ela começar a chorar.

As mulheres a viram entrar na caminhonete. Warfield ia se lembrar de tê-los visto juntos. Vestiu-se às pressas.

Reba McLane sentiu o frescor agradável da sombra do tronco de uma árvore e mais uma vez o calor do sol enquanto vagueava pelo pátio. Podia saber sempre onde é que se encontrava pelo calor do sol e pelo ruído do do ar condicionado de janela. Aqui era fácil a navegação, a disciplina da sua vida. Voltou-se uma vez e mais uma vez, passando as mãos pelos arbustos e pelas flores desabrochadas.

Uma nuvem ocultou o sol e ela parou, não sabendo a direção para onde se encontrava voltada. Tentou ouvir o ar condicionado. Estava desligado. Sentiu um laivo de incerteza, mas a seguir bateu palmas e sentiu o eco tranqüilizador da casa. Reba abriu a tampa do seu relógio de cristal e pelo tato verificou as horas. Precisava ir acordar D. Precisava ir para casa.

A porta de tela bateu.

— Bom dia — disse ela.

As chaves tilintaram enquanto ele se aproximava, atravessando a relva.

Aproximou-se dela cautelosamente, como se a deslocação de ar do seu movimento pudesse derrubá-la, e verificou que ela não tinha medo dele.

Não parecia embaraçada ou envergonhada pelo que tinham feito durante a noite. Não parecia zangada. Não fugiu dele nem o ameaçou. Pensou se a razão não seria por não ter visto as suas partes privadas.

Reba colocou os braços em volta dele, apoiando-lhe a cabeça de encontro ao peito. O coração dele batia num ritmo apressado.

Conseguiu dizer «bom dia».

— Passei um tempo estupendo, D.

Sério? O que é que se devia responder?

— Ótimo. Eu também. — Parecia que estava tudo bem. Tire-a daqui.

— Mas preciso ir para casa agora — estava ela dizendo. — A minha irmã

vem me buscar para almoçar. Também podia vir, se quisesse.

— Tenho que ir para a fábrica — disse ele, modificando a mentira que já tinha pronta.

— Vou buscar a minha bolsa.

— Oh não. Eu vou buscá-la.

Quase cego para com os seus próprios sentimentos, incapaz de exprimi-los do mesmo modo que uma cicatriz não é capaz de adquirir a cor da pele circundante, Dolarhyde não sabia o que tinha lhe acontecido com Reba McLane, ou porquê. Sentia-se confuso, desnorteado com a nova carga de ser dois.

Ela o ameaçava, ela não o ameaçava.

Havia o assunto da sua deslumbrante atitude de aceitação na cama da avó.

Na maioria das vezes, Dolarhyde era incapaz de descobrir o que sentia até chegar o momento de atuar. Não sabia o que sentia em relação a Reba McLane.

Enquanto a conduzia para casa, um desastre terrível conseguiu esclarecê-lo um pouco.

Depois de ter passado o Lindbergh Boulevard, na saída da Interestadual 70, Dolarhyde parou numa estação Servco Supreme para abastecer a caminhonete.

O empregado era um homem corpulento e desmazelado, com um hálito de moscatel. Fez uma careta quando Dolarhyde pediu para verificar o óleo.

A caminhonete estava um quarto abaixo do nível. O empregado abriu a tampa da lata e colocou-a num funil que introduziu na tampa aberta do motor.

Dolarhyde saiu para pagar.

O empregado parecia entusiasmado na limpeza do pára-brisas; o pára-brisas do lado do passageiro. Limpou e voltou a limpar.

Reba McLane sentava-se no assento de estofo alto, as pernas cruzadas, as saias acima dos joelhos. A bengala encontrava-se entre os dois assentos.

O empregado continuou a limpeza do pára-brisas.

Espiava as pernas por entre a saia.

Dolarhyde ergueu os olhos da carteira e apanhou-o.

Estendeu a mão pela janela da caminhonete e ligou em alta velocidade os limpa-pára-brisas, que foram chicotear as mãos do empregado.

— Hey, tenha cuidado. — De um momento para o outro o empregado

ficou muito atarefado, tirando a lata de óleo do compartimento do motor. Sabia que fora apanhado e ostentava um leve sorriso quando Dolarhyde deu a volta na caminhonete na sua direção.

— Seu filho da puta. — Passou rápido sobre o «s».

— Que raio se passa com você? — O empregado tinha aproximadamente a altura e o peso de Dolarhyde, mas a musculatura estava muito longe de se poder comparar. Era novo para ter dentadura e não se preocupava com ela.

A sua inexperiência desgostou Dolarhyde.

— O que aconteceu aos seus dentes? — perguntou ele suavemente.

— O que você tem com isso?

— Tirou-os para dá-los ao seu amiguinho, seu estupor ordinário? — Dolarhyde estava muito perto.

— Desapareça da minha frente. Porco. Idiota. Escumalha. Doido.

Com um empurrão de uma das mãos Dolarhyde atirou-o em vôo de encontro à caminhonete. A lata de óleo e o funil ressaltaram no asfalto. Dolarhyde apanhou-os.

— Não corra. Eu o pego. — Tirou o funil da lata e olhou para sua borda afiada.

O empregado estava pálido. Havia qualquer coisa no rosto de Dolarhyde que nunca vira antes, em lugar nenhum.

Por instantes em que viu tudo vermelho, Dolarhyde visualizou o funil enterrado no peito do homem, despejando o seu coração. Viu o rosto de Reba através do pára-brisas. Estava abanando a cabeça e dizia alguma coisa. Procurava encontrar o punho para fazer descer a janela.

— Já quebrou alguma coisa alguma vez, seu cara de cú?

O empregado abanou a cabeça rapidamente.

— Não tive nenhuma intenção de ofender, palavra de honra.

Dolarhyde empunhou o funil curvo em metal diante do rosto do homem. Segurou-o com ambas as mãos e os músculos do peito dilataram-se quando o dobrou em dois. Puxou o cinto do homem e deixou-lhe cair o funil na parte da frente das calças.

— Guarde os seus olhos de porco para si. — Meteu o dinheiro da gasolina no bolso da camisa do homem. — Agora pode sumir — disse. — Mas posso apanhá-lo a qualquer hora.

# CAPÍTULO 36

A fita chegou no sábado, num pequeno embrulho dirigido a Will Graham, sede do FBI, Washington. Tinha sido expedido por correio em Chicago, no dia em que Lounds fora morto.

O laboratório e as Impressões Latentes não encontraram nada de interesse na cassete ou no papel de embrulho.

Uma cópia da cassete seguiu para Chicago na mala da tarde. Ao meio da tarde o agente especial Chester trouxe-a a Graham, que se encontrava na sala de júri. Com a cassete vinha uma nota de Lloyd Bowman:

O registro de voz confirma que se trata de Lounds. É óbvio que repetiu aquilo que lhe ditaram. Trata-se de uma fita nova, fabricada nos últimos três meses, e que não tinha sido utilizada antes. A Ciência do Comportamento está fazendo uma análise. Logo que esteja minimamente restabelecido, o Dr. Blorn deve ouvi-la, a decisão a este respeito fica ao seu critério.

É evidente que o assassino pretende apanhá-lo.

Estou convencido de que tentará fazê-lo vezes demais para o meu gosto.

Um voto de confiança seco, muito apreciado.

Graham sabia que tinha que ouvir a fita. Esperou até Chester ir embora.

Não queria ficar fechado naquela sala ouvindo-a. Era melhor a sala de audiências vazia — entrava uma réstia de sol pelas altas janelas. A mulher da limpeza passara por ali e ainda havia pó no ar, visível no contraste com os raios de sol.

O leitor de cassetes era pequeno e cinzento. Graham colocou-o numa das mesas dos advogados e apertou o botão.

A voz monótona de um técnico:

«Processo 426238, artigo 814, etiquetado e registrado, uma fita de cassete. Isto é uma gravação de uma gravação.»

Uma mudança na qualidade de som.

Graham agarrou-se com ambas as mãos na divisória da seção do júri.

Freddy Lounds parecia cansado e aterrorizado.

«Tive um grande privilégio. Vi... vi maravilhado... vi maravilhado e com

espanto... espanto... o poder do Grande Dragão Vermelho».

A gravação original tinha sido interrompida com freqüência à medida que era feita. A máquina apanhava o ruído do botão cada vez que se fazia a paragem. Graham viu o dedo no botão. O dedo do Dragão.

«Menti a respeito dele. Tudo o que escrevi foram mentiras de Will Graham. Foi ele que me fez escrevê-las. Eu... eu blasfemei contra o Dragão. E mesmo assim... o Dragão é misericordioso. Agora desejo servi-lo... Ele... ajudou-me a compreender... o seu esplendor e eu hei-de louvá-lo.

Ele sabe que me fez mentir, Will Graham. Porque eu fui obrigado a mentir. Ele será mais... mais misericordioso para mim do que para você, Will Graham.

Apalpe por baixo de si, Will Graham... e sinta os pequenos nódulos no alto da sua pélvis. Sinta a espinha entre eles ... é o local exato... onde o Dragão a partirá».

Graham manteve as mãos na divisória de separação. Raios me partam se vou fazer uma coisa dessas. Será que o Dragão não conhecia a nomenclatura da zona ilíaca da espinha, ou preferiu não utilizá-la?

«Há muitas coisas... que tem que recear. Dos... meus próprios lábios aprenderá mais coisas que deverá recear».

Uma pausa antes do grito desgarrador. Pior ainda, o grito balbuciante de alguém sem lábios: «Seu ilho da hãe, ocê hrometeu».

Graham colocou a cabeça entre os joelhos até que as manchas brilhantes deixaram de dançar diante dos olhos. Abriu a boca e respirou fundo.

Passou-se uma hora antes de ter sido capaz de ouvir aquilo de novo.

Levou o leitor para a sala do júri e tentou ouvir de novo. Perto demais. Deixou o gravador trabalhando e voltou à sala de audiências. Conseguia ouvir através da porta aberta.

«Tive o grande privilégio... »

Havia alguém na porta da sala de audiências. Graham reconheceu o jovem empregado dos escritórios do FBI em Chicago e lhe fez um sinal para entrar.

— Chegou uma carta para você — disse o empregado. — O Sr. Chester me disse para trazer a carta. Disse para verificar e deu indicações ao inspetor dos correios para passá-la na fluoroscopia.

O empregado tirou a carta do bolso do peito. Papel espesso, de cor malva.

Graham esperava que fosse de Molly.

— Está selada, está vendo?

— Obrigado.

— Além disso é dia de pagamento. — O empregado estendeu-lhe o cheque. Na fita, Freddy gritava. O jovem pestanejou.

— Desculpe — disse Graham.

— Não entendo como é capaz de agüentar — disse o jovem.

— Vá para casa — respondeu Graham.

Sentou-se na divisão do júri para ler a carta. Precisava de um mínimo de alívio. A carta era do Dr. Hannibal Lecter.

Uma breve nota de parabéns por aquilo que conseguiu obter do Sr. Lounds. Admirei isso de uma forma extraordinária. Que astucioso que você é!

O Sr. Lounds ofendeu-me muitas vezes com as suas atitudes ignorantes mas pelo menos esclareceu-me sobre um ponto — o seu internamento num hospital para doenças mentais. O incompetente do meu advogado devia ter mencionado isso em tribunal, mas agora já não interessa.

Sabe de uma coisa, Will, você se preocupa demais. Nem imagina como se sentiria muito mais confortável se descontraísse.

Nós não inventamos a nossa natureza, Will; nos é fornecida juntamente com os pulmões, o pâncreas e todo o resto. Porquê lutar contra isso?

Quero ajudá-lo, Will, e gostaria de começar perguntando o seguinte: quando se sentiu deprimido depois de ter disparado mortalmente contra o Sr. Garrett Jacobbs, não foi o ato em si que o derrubou, não é? Na realidade, não será antes o caso de ter se sentido tão mal porque matá-lo foi uma sensação tão boa?

Pense nisso mas não fique preocupado. Por que é que não deveria ser bom? Deve ser bom para Deus — Ele está constantemente a fazê-lo e não será que nós somos feitos à Sua imagem?

Provavelmente leu nos jornais de ontem que na quarta-feira à noite, no Texas, Deus deixou cair o telhado de uma igreja em cima de trinta e quatro dos Seus adoradores exatamente quando se esganiçavam no canto de um hino. Acha que não gostou disso?

Trinta e quatro. Por que é que não deveria lhe dar Hobbs?

Na semana passada conseguiu cento e sessenta filipinos num avião que caiu — não se importaria de lhe ceder o insignificante Hobbs. Não iria regatear um reles assassinozinho. Neste momento dois. Está tudo bem.

Não se esqueça de ler os jornais. Deus está sempre um passo à frente.

Os melhores cumprimentos de

Hannibal Lecter, M. D.

Graham sabia que Lecter estava absolutamente errado a respeito de Hobbs, mas por instantes pensou se Lecter não teria um bocadinho de razão no caso de Freddy Lounds. O inimigo dentro de Graham concordava com qualquer acusação.

Na fotografia do Tattler tinha posto a mão no ombro de Freddy para confirmar que de fato tinha dito todas aquelas coisas insultuosas sobre o Dragão. Ou a idéia dele tinha sido colocar Freddy numa posição de risco, mesmo que levemente? Não estava certo disso.

O conhecimento certo de que não perderia de modo nenhum qualquer chance sobre o Dragão colocavam-no numa posição defensiva.

— Estou mais que farto de vocês, seus filhos da mãe — disse Graham em voz alta.

Precisava de uma pausa. Telefonou para Molly, mas ninguém atendeu o telefone na casa dos avós de Willy.

— Provavelmente saíram com o estupor da casa rolante murmurou.

Saiu para tomar café, em parte para convencer a si mesmo de que não pretendia se esconder na sala do júri.

Na vitrine de uma joalheria viu uma delicada pulseira de ouro antigo. Custou-lhe grande parte do salário. Pediu para embrulharem e selou-a para enviá-la pelo correio. Só quando verificou que se encontrava sozinho na estação dos correios é que escreveu o endereço de Molly no Oregon. Graham ainda não se convencera, como Molly já o fizera, de que dava presentes quando se encontrava irritado.

Não tinha vontade de voltar ao trabalho na sala do júri, mas não tinha outra alternativa. Pensar em Valerie Leeds compeliu-o a isso.

«Peço desculpas por não poder atender o telefone», dissera Valerie Leeds.

Desejava ter tido oportunidade de conhecê-la. Desejava. Pensamentos

vãos e infantis.

Graham estava cansado, egoísta, ressentido, fatigado a ponto de se encontrar num estado mental muito semelhante ao de uma criança, em que os padrões de medida eram os primeiros que aprendera; em que a direção «norte» era representada pela auto-estrada n. 61 e «seis pés» era definitivamente a altura do seu pai.

Fez um esforço para se acalmar e analisar em detalhe o perfil da vítima, que organizava a partir do monte de elementos amontoados à sua frente e das suas próprias observações.

Afluência. Não deixava de ser um paralelo. Ambas as famílias eram afluentes. Estranho como Valerie Leeds poupava dinheiro em meias de vidro.

Graham tentava imaginar se teria sido pobre quando criança.

Estava convencido que sim; os seus próprios filhos eram levemente mimados.

Graham tivera uma infância pobre, seguindo o seu pai das docas em Biloxi e Greenville até às docas no lago Erie.

Sempre o novo aluno na escola, sempre o estranho. Existia nele um ressentimento semienterrado contra os ricos.

Valerie Leeds podia ter sido uma criança pobre. Sentiu a tentação de observar mais uma vez o filme dela. Podia fazê-lo na sala de audiências. Não. Os Leeds não eram o seu problema imediato. Conhecia os Leeds. Não conhecia os Jacobi.

A sua falta de um conhecimento íntimo dos Jacobi atormentava-o. O incêndio da casa em Detroit levara tudo — álbuns de família, provavelmente até diários.

Graham tentava conhecê-los através dos objetos que eles ambicionavam, compraram e usaram. Era tudo o que tinha.

O processo dos Jacobi tinha três polegadas de espessura, e grande parte era constituída pela lista dos seus haveres —salientava-se a aquisição de uma nova casa desde que tinham chegado a Birmingham. Olha para toda esta merda. Estava tudo no seguro, listado por números de série conforme era imposto pelas companhias de seguros. Podia se acreditar num homem que perdera tudo num incêndio e que se preocupava com montes de seguros prevendo um próximo acidente.

O delegado Byron Metcalf mandara-lhe cópias químicas das declarações

de seguro, em vez de fotocópias. As cópias em papel químico estavam desbotadas e era difícil lê-las.

Jacobi tinha um barco de ski, Leeds tinha um barco de ski. Jacobi tinha um triciclo, Leeds tinha uma bicicleta de montanha. Graham umedeceu o dedo para virar a página.

O quarto item da segunda página era um projetor de filmes Chinon Pacific.

Graham parou. Como era possível ter passado isso? Examinara cada um dos caixotes de todas as paletas no armazém de Birmingham, alerta para qualquer coisa que lhe desse uma visão mais pessoal dos Jacobi.

Onde é que estava o projetor? Ia comparar de novo a declaração de seguro com o inventário que Byron Metcalf preparara como executor testamentário ao armazenar os haveres dos Jacobi. Os artigos tinham sido verificados pelo supervisor do armazém que assinou o contrato de armazenagem.

Levou-lhe quinze minutos para percorrer toda a lista de artigos armazenados. Nada de projetor, câmera ou filme.

Graham recostou-se na cadeira e fitou o sorriso dos Jacobi na fotografia à sua frente.

Que raio fizeram com ele?

Foi roubado?

Foi roubado pelo assassino?

Se o assassino o roubou, deixou uma pista?

Meu Deus, dê-me uma pista visível.

Graham já não se sentia cansado. Queria verificar se faltava mais alguma coisa. Durante uma hora comparou o inventário do armazém com as declarações de seguro. Estava tudo em ordem, exceto aqueles preciosos artigos. Devia estar tudo incluído na lista que Byron guardava no cofre do banco em Birmingham.

Os artigos estavam todos na lista. Com a exceção de dois. «Caixa de cristal com tampa de prata» aparecia na declaração de seguro mas não estava na lista que se encontrava no cofre do banco. «Moldura em prata, T x 11’, trabalhada com ramos de videira e flores» também não constava da lista do cofre.

Roubados? Perdidos? Eram artigos pequenos que se escondiam facilmente. Normalmente os artigos de prata roubados eram derretidos

imediatamente. Era quase impossível encontrar a pista. Mas o equipamento de filmagem tinha números de série dentro e fora. Era uma pista que podia ser seguida.

Seria o assassino o ladrão?

Enquanto olhava para a fotografia manchada dos Jacobi, Graham sentiu a alegria inefável de uma nova pista. Mas quando viu a resposta, tudo lhe parecia vago, pequeno e desapontador.

Na sala do júri havia um telefone. Graham ligou para os Homicídios de Birmingham. Conseguiu falar com o graduado de serviço do turno das três às onze.

— Reparei que no caso dos Jacobi manteve um registro de todas as entradas e saídas depois da casa ter sido selada. Foi assim não foi?

— Deixe-me pedir a alguém para verificar — respondeu-lhe o graduado de serviço.

Graham sabia que existia esse registro. Era o procedimento adequado para manter a indicação de toda e qualquer pessoa que entrasse ou saísse da cena do crime e Graham verificara com agrado que Birmingham adotara esse procedimento. Esperou cinco minutos até que um amanuense pegou no telefone.

— Okay, entradas e saídas, o que é que quer saber?

— Niles Jacobi, filho do falecido, está na lista?

— Umm-hmmm, está, 2 de Julho, sete da tarde. Foi dada autorização para levantar artigos pessoais.

— Diz se tinha alguma mala?

— Não. Lamento.

Quando respondeu ao telefone, a voz de Byron Metcalf era áspera e a respiração pesada. Graham tentou imaginar o que estaria fazendo.

— Espero não estar incomodando.

— O que posso fazer por você, Will?

— Preciso de uma pequena ajuda a respeito de Niles Jacobi.

— O que ele fez agora?

— Estou convencido de que afanou meia-dúzia de coisas da casa dos Jacobi depois de terem sido assassinados.

— Ummm.

— Do inventário que se encontrava no banco falta uma moldura em prata. Quando estava em Birmingham vi no quarto de Niles uma fotografia da família. Estivera antes numa moldura, podia se ver as marcas que as bordas da moldura deixaram.

— O idiotazinho. Dei-lhe licença para tirar as roupas e alguns livros que lhe faziam falta — disse Metcalf.

— Niles tem amizades caras. Este é o ponto fundamental que eu investigo, no entanto, falta também um projetor e uma câmera de filmar. Preciso saber se ele os levou. Provavelmente foi isso que aconteceu, mas se não foi, é muito possível que tenham sido levados pelo assassino. Nesse caso precisamos saber os números de série para se investigar nas casas de penhores. Quanto à moldura, provavelmente já foi derretida.

— Vai se lembrar da «moldura» quando falar com ele.

— Uma coisa: se Niles levou o projetor, é possível que tenha guardado o filme. Não conseguiria nada com ele. Quero o filme. Preciso vê-lo. Se o confrontar é bem capaz de se negar e destruir o filme.

— Okay — disse Metcalf. — O título de propriedade do carro reverteu a favor do Estado. Sou o executor, pelo que não tenho necessidade de um mandato. O meu amigo juiz não se importa de tratar da papelada por minha causa. Telefono depois.

Graham voltou ao trabalho.

Afluência. Era preciso colocar afluência no perfil que a polícia tinha delineado.

Graham tentou imaginar se tanto a Sra. Leeds como a Sra. Jacobi iam às compras com roupas de tênis. Em algumas zonas era uma coisa que estava na moda. Noutras áreas era uma estupidez fazer uma coisa dessas porque era duplamente provocante excitando ao mesmo tempo o ressentimento de classe e a luxúria.

Graham imaginava-as empurrando carrinhos de supermercado, saias curtas exibindo as coxas morenas, as pequenas bolas das meias balançando de um lado para o outro, passando pelo homem estranho com olhos de barracuda que comprava um almoço de carnes frias para mastigar dentro do carro.

Quantas famílias havia ali tendo três filhos e um animal de estimação, e apenas uma fechadura comum a separá-las do Dragão enquanto dormiam?

Ao tentar visualizar possíveis vítimas, Graham via gente inteligente e de

sucesso morando em belas casas.

Mas a pessoa que deparou com o Dragão a seguir não tinha filhos ou animal de estimação, e a sua casa não era elegante. A pessoa que deparou com o Dragão foi Francis Dolarhyde.

# CAPÍTULO 37

O cair dos pesos no assoalho da água-furtada ecoava por toda a casa.

Dolarhyde fazia levantamentos muito superiores a tudo aquilo que até então fizera. O seu traje era diferente; calças de treino ocultavam a sua tatuagem. A camiseta estava pendurada sobre O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol. O quimono estava pendurado na parede como a pele de uma cobra nas árvores por onde esta tivesse passado. Cobria o espelho.

Dolarhyde não tinha qualquer máscara.

Para cima. Duzentas e oitenta libras do solo ao peito num único movimento. Agora acima da cabeça.

— EM QUE ESTÁ PENSANDO?

Espantado com a voz quase que deixou cair os pesos, oscilando debaixo deles. Para baixo. Os discos bateram e ressaltaram no solo.

Voltou-se, os grandes braços pendentes, olhando na direção da voz.

— EM QUE ESTÁ PENSANDO?

Parecia vir de um ponto por trás da camiseta, mas o seu tom e volume arranhavam-lhe na garganta.

— EM QUE ESTÁ PENSANDO?

Sabia quem falava e estava aterrorizado. Desde o início ele e o Dragão tinham sido um só. Estava se transformando e o Dragão era o seu ego superior. Os seus corpos, vozes e vontades eram um só.

Agora não. Mudara desde Reba. Não pense em Reba.

— QUEM É ACEITÁVEL? — perguntou o Dragão.

— A Sra.... erhman, Sherman. — Para Dolarhydc era difícil de pronunciar.

— FALA, NÃO CONSIGO COMPREENDÊ-LO. EM QUEM ESTÁ PENSANDO?

Dolarhyde, o rosto impassível, voltou-se para a barra. Para cima. Sobre a sua cabeça. Muito mais difícil desta vez.

— A Sra.... erhman molhada, dentro da água.

— ESTÁ PENSANDO NA SUA AMIGUINHA, NÃO ESTÁ? QUER

QUE ELA SEJA A SUA AMIGUINHA, NÃO QUER?

O peso caiu com um baque surdo.

— Eu hão tenho u'a ahiguinha. — O medo fazia que a sua fala fosse mais difícil. Precisava tapar as narinas com o lábio superior.

— UMA MENTIRA ESTÚPIDA. — A voz do Dragão era forte e distinta. — ESQUECEU DA TRANSFORMAÇÃO. PREPARE-SE PARA OS SHERMAN. LEVANTE OS PESOS.

Dolarhyde agarrou a barra e fez um esforço. A sua mente esforçava-se em sintonia com o corpo. Desesperadamente tentou pensar nos Sherman. Obrigou-se a pensar no peso da Sra. Sherman nos seus braços. A Sra. Sherman vinha a seguir. Era a Sra. Sherman. Lutava no escuro com o Sr. Sherman. Agarrando-o até que a perda de sangue fizesse que o seu coração estremecesse como um pássaro. Era o único coração que ouvia. Não ouvia o coração de Reba. Não ouvia.

O medo minava suas forças. Trouxe o peso até às coxas, mas não conseguiu dar a volta para trazê-lo à altura do peito. Imaginou os Sherman, em volta dele, os olhos vazios, enquanto ele desempenhava o papel do Dragão. Não prestava. Estava insensível, vazio. O peso caiu com um baque surdo.

— NÃO É ACEITÁVEL.

— A Sra....

— NEM SEQUER É CAPAZ DE DIZER «SENHORA SHERMAN». NUNCA TENCIONOU TOMAR OS SHERMAN. QUER REBA MCLANE. QUER FICAR COM ELA PARA SER A SUA AMIGUINHA, NÃO QUER? QUER QUE SEJAM «AMIGOS».

— Não.

— MENTIRA!

— Xó or algum tempo.

— SÓ POR UM BOCADINHO? SEU ESTUPOR DE LÁBIO RACHADO, QUEM É QUE QUER SER SEU AMIGO? CHEGA AQUI, VOU LHE MOSTRAR AQUILO QUE VOCÊ É.

Dolarhyde não se moveu.

— NUNCA VI UMA CRIANÇA TÃO IRRITANTE E PORCA COMO VOCÊ. VENHA AQUI.

Foi.

— TIRE A BLUSA.

Tirou.

— OLHE PARA MIM.

O brilho do Dragão irradiava da parede.

— TIRE O QUIMONO. OLHE PARA O ESPELHO.

Olhou. Não podia evitar ou afastar o rosto da luz escaldante. Viu-se de uma forma esquisita.

— OLHE PARA VOCÊ. VOU DAR UMA SURPRESA PARA A SUA AMIGUINHA. TIRE ESSE TRAPO.

As mãos de Dolarhyde lutaram contra o cinto das calças de treino. As calças de treino se rasgaram. Tirou-as com a mão direita e em seguida segurou os trapos com a mão esquerda.

A sua mão direita arrancou os trapos que a mão esquerda, tremente, segurava. Atirou-os para um canto e deixou-se cair no tapete, enrolando-se sobre si mesmo como uma lagosta pescada viva. Cruzou os braços sobre o peito num abraço, gemendo e arfando profundamente, a tatuagem brilhando nas luzes cruas do ginásio.

— NUNCA VI UMA CRIANÇA TÃO IRRITANTE E PORCA COMO VOCÊ. VÁ PEGÁ-LOS.

— Aaayah.

— PEGUE-OS.

Saiu da sala e voltou com os dentes do Dragão.

— COLOQUE-OS NA PALMA DA MÃO. FECHE OS DEDOS E APERTE BEM OS MEUS DENTES.

Os músculos peitorais de Dolarhyde dilataram-se.

— SABE COMO ELES PODEM MORDER. AGORA SEGURE-OS DEBAIXO DA BARRIGA. FAÇA QUE OS DENTES TE AGARREM A BARRIGA.

— Não.

— FAÇA O QUE EU DIGO... AGORA OLHE.

Os dentes estavam começando a machucá-lo. Saliva e lágrimas caíam-lhe sobre o peito.

— Or havor.

— ENCONTRA-SE MUITO LONGE DA TRANSFORMAÇÃO, ENCONTRA-SE MUITO LONGE E EU IREI CHAMÁ-LO. É UM CARA DE CÚ. REPETE.

— Sou Cara de Cú. — Tapou as narinas com os lábios para dizer as palavras.

— DENTRO EM BREVE ME LIBERTAREI DE VOCÊ — disse o Dragão sem esforço. — VAI SER BOM?

— Bom.

— QUEM SERÁ A PRÓXIMA QUANDO CHEGAR A HORA?

— A Sra.... ehrinan ...

Uma dor aguda invadiu Dolarhyde, dor e um medo atroz.

— VOU RASGAR TUDO.

— Reba, Reba, dou-lhe a Reba. — A sua fala começava a melhorar.

— NÃO ME DÁ NADA. ELA É MINHA. SÃO TODOS MEUS. REBA MCLANE E OS SHERMAN.

— Reba e a seguir os Sherman. A lei vai descobrir.

— FIZ PLANOS PARA ESSE DIA. TEM DÚVIDAS?

— Não.

— QUEM É VOCÊ?

— Cara de Cú.

— PODE ARRUMAR OS MEUS DENTES. SEU DESGRAÇADO E DÉBIL LÁBIO RACHADO. IA GUARDAR A SUA AMIGUINHA ESCONDIDA DE MIM NÃO IA? VOU DESFAZÊ-LA EM PEDAÇOS E ESFREGÁ-LOS NA SUA CARA FEIA. SE ME CONTRARIAR ENFORCO-O COM O ENORME INTESTINO DELA. SABE QUE POSSO FAZÊ-LO. COLOQUE TREZENTAS LIBRAS NA BARRA.

Dolarhyde acrescentou as placas à barra. Até àquele momento nunca levantara mais do que duzentas e oitenta libras.

— LEVANTA.

Se ele não fosse tão forte como o Dragão, Reba morreria. Sabia que era assim. Esforçou-se até que a sala pareceu vermelha aos seus olhos esbugalhados.

— Não consigo.

— NÃO, VOCÊ NÃO PODE. MAS EU POSSO.

Dolarhyde agarrou a barra. Curvou quando o peso foi transmitido aos ombros.

— ACIMA. — Acima da cabeça facilmente. — ADEUS, CARA DE CÚ — disse o Dragão orgulhoso, estremecendo à luz.

# CAPÍTULO 38

Na segunda-feira de manhã Francis Dolarhyde não voltou ao trabalho.

Saiu de casa à mesma hora, como sempre fizera. O seu aspecto era impecável, a sua condução absolutamente correta. Colocou os óculos escuros quando fez a curva depois da ponte do rio Missouri e começou a conduzir tendo o sol de frente.

Ouvia-se o ruído que a sua caixa térmica fazia ao roçar no assento a seu lado. Inclinou-se e colocou-a no chão, lembrando-se de que precisava de ir buscar o gelo seco e levantar o filme da...

Cruzava agora o canal do Missouri, a água correndo debaixo dele. Olhou para as cristas de espuma no rio deslizante e de repente imaginou que era ele que andava enquanto o rio se mantinha estático. Sentiu que era invadido por um sentimento estranho e desconexo. Afrouxou no acelerador.

A caminhonete abrandou na pista exterior até parar. O tráfego atrás dele ia se acumulando com o inevitável concerto de buzinas. Não o ouviu.

Sentado, deslizava lentamente em direção a norte sobre o rio imóvel, encarando o sol nascente. Por baixo dos óculos deslizavam-lhe lentamente lágrimas mornas que iam caindo nos antebraços.

Alguém estava batendo à janela. Um motorista, o rosto pálido pela hora matutina e inchado do sono, saíra do carro que se encontrava atrás. O motorista estava gritando qualquer coisa do lado de lá da janela.

Dolarhyde olhou para o homem. Da outra extremidade da ponte aproximava-se o flash de uma luz azul. Sabia que devia continuar dirigindo. Pediu ao seu corpo para acelerar e foi obedecido. O homem que se encontrava ao lado da caminhonete deu um pulo para trás para evitar que as rodas passassem por cima dos pés.

Dolarhyde entrou no parque de estacionamento de um grande motel que ficava próximo do cruzamento da US 270. No parque encontrava-se um ônibus escolar, vendo-se através do vidro traseiro a campânula de uma tuba.

Dolarhyde pensou se devia entrar no ônibus com as pessoas mais velhas.

Não, não era assim que as coisas deviam ser feitas. Olhou em volta, à procura do Packard da sua mãe.

«Entre. Não ponha os pés no assento» — dissera a sua mãe. Também não era isso.

Estava no parque de estacionamento de um motel na parte ocidental de Saint Louis, queria ser capaz de decidir e sentia-se impotente.

Em seis dias, se pudesse esperar tanto tempo, iria matar Reba McLane. De repente produziu um som agudo através do nariz.

Talvez o Dragão quisesse apanhar primeiro os Sherman e esperar mais uma lua.

Não. Não queria.

Reba McLane não sabia nada sobre o Dragão. Pensou que estava com Francis Dolarhyde. Quisera entregar o seu corpo a Francis Dolarhyde. Deu as boas-vindas a Francis Dolarhyde na cama da avó.

«Passei um tempo estupendo, D.» dissera Reba McLane no pátio.

Talvez gostasse de Francis Dolarhyde. Para uma mulher era uma coisa pervertida e desprezível. Compreendia que a devia desprezar por causa disso, mas oh meu Deus, era tão bom!

Reba McLane era culpada por gostar de Francis Dolarhyde. Culpada, sem sombra de dúvida.

Se não tivesse sido pelo poder da sua transformação, se não tivesse sido pelo Dragão, nunca teria sido capaz de levá-la à sua casa. Não teria sido capaz de ter feito sexo. Ou teria?

«Meu Deus, oh. É tão bom».

Era o que ela dissera. Tinha dito «oh».

A multidão do café-da-manhã estava saindo do motel, passando pela sua caminhonete. Os seus olhares espantados passavam por ele como uma série de minúsculos pés.

Precisava pensar. Não podia ir para casa. Registrou-se no motel, telefonou para o escritório e disse que estava doente. O quarto era ameno e tranqüilo. A única decoração era constituída por más reproduções de barcos a vapor. Das paredes não chegava qualquer brilho.

Dolarhyde deitou-se vestido. O estuque do teto tinha fissuras brilhantes. A intervalos muito curtos levantava-se para urinar. Primeiro teve tremores e depois suou. Passou-se uma hora.

Não queria dar Reba McLane ao Dragão. Pensou no que o Dragão faria se

não a entregasse.

Um medo intenso surgiu em ondas; o corpo não pode suportar esta situação por períodos muito longos. Na calma pesada entre as ondas Dolarhyde conseguia pensar.

Como ele poderia evitar ter que entregá-la ao Dragão? Havia uma solução que se debatia no cérebro. Levantou-se.

O interruptor de luz deu um estalo seco no banheiro forrado de azulejo. Dolarhyde olhou para o varão da cortina do chuveiro, um tubo sólido de uma polegada, parafusado às paredes do banheiro. Tirou a cortina do chuveiro e colocou-a sobre o espelho.

Agarrando o tubo, pendurou-se com um braço, as pontas dos pés roçando o lado da banheira. Era suficientemente resistente. O seu cinto também era suficientemente resistente. Conseguia fazê-lo. Não tinha medo daquilo.

Atou a ponta do cinto à volta do tubo num nó de marinheiro. A ponta da fivela formava um gancho. O cinto espesso não escorregava, mantinha-se absolutamente tenso.

Sentou-se na tampa do sanitário e olhou para ele. Não conseguiria uma queda, mas podia remediar o assunto. Podia manter as mãos afastadas do laço até que estivesse suficientemente fraco para não ser capaz de erguer os braços.

Mas como é que ele poderia ter certeza de sua morte afetar o Dragão, agora que ele e o Dragão eram dois? Talvez não fosse possível. E como é que ele podia estar certo de que o Dragão a deixaria em paz?

Poderia levar dias antes de encontrarem o seu corpo. Ela tentaria imaginar onde é que ele podia estar. Entretanto, ela iria até sua casa para procurá-lo? Subir as escadas à sua procura e ter uma surpresa?

O Grande Dragão levaria uma hora para espalhar os seus restos pelas escadas abaixo.

Deveria telefonar e avisá-la? O que é que ela poderia fazer contra o Dragão, mesmo avisada? Nada. Podia restar-lhe a esperança de morrer rapidamente, a esperança de que na sua raiva ele a mordesse com força suficiente.

No andar de cima da sua casa, o Dragão aguardava em gravuras que ele tinha emoldurado com as suas próprias mãos. O Dragão aguardava em livros de arte e revistas sem conta, renascido cada vez que um fotógrafo... fazia o quê?

Na sua mente, Dolarhyde conseguia ouvir a poderosa voz do Dragão

amaldiçoando Reba. Iria amaldiçoá-la primeiro, antes de mordê-la. Também iria amaldiçoar Dolarhyde, dizendo-lhe que ele não era nada.

— Não faça isso. Não... faça isso — disse Dolarhyde para os azulejos que ecoavam à sua volta. Ouvia a sua própria voz, a voz de Francis Dolarhyde, a voz que Reba McLane compreendeu facilmente, a sua própria voz. Toda a vida se sentira envergonhado dela, tendo dito aos outros com essa mesma voz coisas ásperas e ordinárias.

Mas nunca ouvira a voz de Francis Dolarhyde a amaldiçoá-lo.

— Não faça isso.

A voz que ele agora ouvia nunca, nunca o amaldiçoara.

Repetira o ultraje do Dragão. A recordação envergonhava-o.

Pensou que provavelmente não seria muito homem. Ocorreu-lhe que na realidade nunca determinara exatamente até que ponto isso se verificava, e agora sentia-se curioso a este respeito.

Possuía um laivo de orgulho que lhe fora concedido por Reba McLane. Concluiu que morrer num banheiro era um fim muito triste.

Que mais? Que outra maneira haveria?

Havia uma maneira e, quando lhe ocorreu, verificou que era blasfêmia. Mas era uma maneira.

Andou de um lado para o outro no quarto, caminhou entre as camas e entre a porta e as janelas. Enquanto caminhava ia ensaiando o discurso. As palavras saíam corretamente quando respirava fundo entre as frases e não se apressava.

Conseguia falar perfeitamente entre os acessos de medo. Tinha agora uma dessas crises, uma que o fazia vomitar. A seguir vinha a calma. Esperou por ela e, quando chegou, dirigiu-se apressadamente para o telefone e fez uma chamada para Brooklin.

Uma banda escolar juvenil estava subindo para o ônibus que se encontrava no parque de estacionamento do motel. As crianças viram Dolarhyde que se aproximava. Tinha que passar por elas para atingir a sua caminhonete.

Um garotinho gordo e de cara redonda, com o seu cinto Sam Browne todo retorcido, dilatou o peito e flexionou os bíceps depois de Dolarhyde ter passado. Duas meninas sorriram. Ouviu-se o soar da tuba na janela do ônibus quando Dolarhyde passava, por isso este nem chegou a ouvir os risos atrás dele.

Passados cerca de vinte minutos, parou a caminhonete na estrada a trezentas jardas da casa da avó. Agarrou a chave da casa com a mão esquerda, enquanto segurava o volante com a direita.

Com o nariz produziu um som agudo. E mais uma vez, mais alto. Mais alto, ainda mais alto. Vai.

O saibro restolhou debaixo da caminhonete quando seguiu em frente, a casa tornando-se cada vez maior no pára-brisas. A caminhonete deslizou para um dos lados em direção ao pátio e Dolarhyde saiu correndo.

Já dentro de casa, sem olhar para a esquerda ou para a direita, descendo a quatro as escadas do subsolo, lutando contra o cadeado da arca que se encontrava lá, olhando para as suas chaves.

As chaves da arca encontravam-se no andar de cima. Nem sequer deu tempo a si mesmo para pensar. Um silvo agudo através do nariz, tão alto quanto era capaz para neutralizar o pensamento, as vozes abafadas enquanto subia a escada correndo.

Já na escrivaninha, remexendo a gaveta à procura das chaves, não olhando para a gravura do Dragão aos pés da cama.

— O QUE ESTÁ FAZENDO?

Onde é que estavam as chaves, onde é que estavam as chaves?

— O QUE ESTÁ FAZENDO? PÁRA. NUNCA VI UMA CRIANÇA TÃO IRRITANTE E TÃO PORCA COMO VOCÊ. PÁRA.

O movimento de busca das mãos abrandou.

— OLHE... OLHE PARA MIM.

Agarrou a borda da escrivaninha — tentou não se virar para a parede. Desviou os olhos com dificuldade quando a cabeça se voltou contra a sua vontade.

— O QUE ESTÁ FAZENDO?

— Nada.

O telefone estava tocando, telefone tocando, telefone tocando. Levantou-o, de costas para a gravura.

— Olá, D., como está? — A voz de Reba McLane.

Pigarreou.

— Okay — pouco mais do que um murmúrio.

— Tentei telefonar para o seu escritório. Disseram-me que estava doente, está com uma voz horrível.

— Fale comigo.

— Com certeza que falo contigo. Por que acha que telefonei? O que se passa?

— Gripe — disse ele.

— Vai ao médico?... Alô? Perguntei se vai ao médico?

— Fale mais alto. — Remexia numa gaveta, tentava a gaveta seguinte.

— Tem problemas com a ligação? D., não devia estar sozinho aí, doente.

— DIGA-LHE PARA VIR ESTA NOITE E TOMAR CONTA DE VOCÊ.

Dolarhyde quase conseguiu tapar o fone com a mão.

— Meu Deus, o que foi isso? Há alguém com você?

— É o rádio, mexi no botão errado.

— Olhe D., quer que mande alguém? Não me parece bem. Vou eu mesma. Vou pedir a Márcia que me dê uma carona na hora de almoço.

— Não. — As chaves encontravam-se debaixo de um cinto enrolado dentro da gaveta. Já as tinha. De costas para a parede disse ao telefone. — Estou bem. Vejo-a em breve.

Correu para as escadas. O fio de telefone foi arrancado da parede e o aparelho rolou pelas escadas atrás dele.

Um grito de raiva selvagem.

— VEM AQUI CARA DE CÚ.

Para o subsolo. Na arca, ao lado da caixa de dinamite, estava uma pequena pasta com dinheiro em notas de banco, cartões de crédito e carteiras de motoristas em vários nomes, a sua pistola, faca e moca.

Agarrou a pasta e correu para o térreo, pronto para lutar se o Dragão descesse ao seu encontro. Dentro da caminhonete e dirigindo com dificuldade, saiu pelo pavimento de saibro.

Abrandou na auto-estrada e encostou à beira para vomitar bílis amarela. Parte do medo dissipou-se.

Continuando à velocidade legal, usando os sinais de luzes muito antes das mudanças de direção, dirigiu cuidadosamente em direção ao aeroporto.

# CAPÍTULO 39

Dolarhyde pagou o táxi em frente de um edifício de apartamentos na Eastem Parkway, a dois blocos do Museu de Brooklin. Foi a pé o resto do caminho. Passavam jovens por ele a caminho do Prospect Park.

De pé na placa de tráfego próximo da estação de metro IRT, tinha uma vista ótima do edifício da Greek Revival. Nunca visitara o Museu de Brooklin antes, embora já tivesse lido o guia — encomendara o livro quando lera pela primeira vez em letras minúsculas «Museu de Brooklin» por baixo das fotografias de O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol.

Os nomes dos grandes pensadores, desde Confúcio a Demóstenes, estavam gravados na pedra sobre a entrada. Era um edifício imponente com jardins botânicos ao lado, uma casa de repouso para o Dragão.

O metrô troava por baixo da rua, fazendo-lhe vibrar as solas dos pés. Das grades de ventilação do metro exalava um ar viciado que vinha misturar-se com o cheiro da tinta corante do seu bigode.

Faltava uma hora para fechar. Atravessou a rua e entrou. O empregado da seção de guarda de bagagens recebeu a mala que lhe entregou.

— Esta seção está aberta amanhã? — perguntou.

— Amanhã o Museu está fechado. — O empregado era uma mulher corpulenta que envergava uma bata azul. Afastou-se dele.

As pessoas que vêm amanhã utilizam o depósito de bagagens.

Não. O Museu está fechado, o depósito de bagagens está fechado.

Ótimo.

— Obrigado.

— Não tem de quê.

Dolarhyde passou pelas enormes caixas de vidro no átrio Oceânico e no átrio das Américas, situados no térreo. Cerâmica dos Andes, armas primitivas, artefatos e máscaras imponentes dos índios da costa noroeste.

Agora só faltavam quarenta minutos para que o Museu fechasse. Não havia mais tempo para se familiarizar com o andar térreo. Sabia onde eram as saídas e o elevador público.

Dirigiu-se para o quinto andar. Sentia que agora se encontrava mais próximo do Dragão, mas estava tudo certo — não iria acontecer dobrar uma esquina e deparar com ele.

O Dragão não estava em exposição ao público; o quadro tinha sido fechado num compartimento escuro desde o seu regresso da Tate Gallery, em Londres.

Ao telefone, Dolarhyde conseguira saber que O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol raras vezes era exibido. Tratava-se de uma aquarela e tinha mais de duzentos anos corria-se o risco da luz apagá-lo lentamente.

Dolarhyde parou diante da obra de Albert Bierstadt Uma Tempestade nas Montanhas Rochosas — Monte Rosalie 1866. Daquele ponto conseguia ver as portas fechadas do estúdio de pintura e do departamento de armazenagem. Era onde estava o Dragão. Não uma cópia nem uma fotografia: o Dragão. Era onde viria amanhã, onde tinha o seu encontro marcado.

Percorreu o perímetro do quinto andar, passando pelas galerias de quadros, embora nem sequer reparasse neles. As saídas era aquilo que lhe interessava. Encontrou as saídas de incêndio e a escadaria principal e marcou a localização dos elevadores públicos.

Os guardas eram homens de meia-idade, delicados, com sapatos de solas espessas, com anos de prática de permanecerem em pé por horas intermináveis. Dolarhyde reparou que nenhum estava armado, só um dos guardas do átrio trazia uma arma. Talvez fosse um dos guardas da noite.

O aviso de que iam fechar foi feito pelo sistema de alto-falantes.

Dolarhyde deixou-se ficar no térreo junto à figura alegórica de Brooklin, enquanto observava a multidão que saía para o ameno fim de tarde de Verão.

Continuavam a passar pessoas que praticavam jogging, esperando pacientemente que a multidão atravessasse em direção ao metro.

Dolarhyde passou alguns minutos nos jardins botânicos. A seguir fez sinal a um táxi e deu-lhe o endereço de um armazém que descobrira nas Páginas Amarelas.

# CAPÍTULO 40

Às nove da noite de segunda-feira, Graham pousou a pasta no chão à porta do apartamento de Chicago onde estava morando enquanto procurava a chave no bolso.

Tinha passado um longo dia em Detroit entrevistando pessoal e verificando registros de emprego num hospital onde a Sra. Jacobi trabalhara como voluntária antes da família ter se mudado para Birmingham. Procurava um estranho, alguém que pudesse ter trabalhado em Detroit e Atlanta ou em Birmingham e Atlanta; alguém com acesso a uma caminhonete e a uma cadeira de rodas que tivesse conhecido as Sra., Jacobi e Leeds antes de lhes ter assaltado as casas.

Crawford estava convencido de que a viagem era uma perda de tempo, mas animou-o. Crawford tivera razão. Raios partissem o Crawford. Tinha razão vezes demais.

Graham ouvia o telefone tocando no apartamento. As chaves enfiaram-se no forro do bolso. Quando conseguiu tirá-las, vinha com elas um bom bocado de linha. As moedas caíram-lhe por dentro da perna da calça e espalharam-se no chão.

— Filho da mãe.

Ia a meio caminho do quarto quando o telefone deixou de tocar. Talvez fosse MoIly tentando ligar.

Telefonou para Oregon.

O avô de Willy atendeu, falando com a boca cheia. No Oregon era hora de jantar.

— Só peça a Molly que me telefone quando tiver terminado — disse-lhe Graham.

Estava no chuveiro com os olhos cheios de shampoo quando o telefone tocou de novo. Sacudiu a cabeça e dirigiu-se ao telefone, deixando atrás de si um rastro da água que lhe escorria do corpo.

— Olá, Lábios de Fogo.

— Seu diabo ordinário, fala Byron Metcalf, de Birmingham.

— Desculpe.

— Tenho boas notícias e más notícias. Tinha razão sobre Niles Jacobi. Foi ele que tirou aqueles artigos da casa. Livrou-se deles, mas espremi-o por causa do haxixe que apanhei no quarto e ele se abriu. Estas são as más notícias; acho que você estava convencido de que o Dentuço os tinha roubado e que os escondera.

»Quanto às boas notícias, apanhamos um bocado de filme. Ainda não o recebi. Niles diz que tem duas bobinas escondidas no assento do automóvel. Ainda o quer, não é verdade?

— Com certeza que quero.

— Bom, esse amigo íntimo, Randy, anda com o carro e ainda não o apanhamos, mas não vai demorar muito. Quer que lhe mande o filme no primeiro avião para Chicago e que lhe telefone quando o expedir?

— Se fizer o favor. É estupendo, Byron, obrigado.

— Não tem de quê.

Molly telefonou quando Graham estava quase adormecendo.

Depois de terem garantido um ao outro que estavam bem, não havia muito mais que pudesse ser dito.

Willy estava passando uns dias magníficos, disse Molly.

Deixou que Willy desse boa-noite.

Willy tinha muito mais que dizer do que um simples boa noite — contou a Will a novidade que o excitava: o avô comprara-lhe um pônei.

Molly não lhe dissera nada a este respeito.

# CAPÍTULO 41

Às terças, o Museu de Brooklin está fechado para o público, mas os estudantes de Belas-Artes e os investigadores podem entrar.

O Museu é muito prático para todos aqueles que queiram fazer aí os seus estudos. O pessoal é competente e compreensivo; permite muitas vezes aos investigadores virem às terças, com entrevista marcada, para verem as obras que normalmente não são exibidas ao público.

Francis Dolarhyde saiu do metrô pouco depois das duas horas da tarde; levava debaixo do braço um bloco de notas, um catálogo da Tate Gallery e uma biografia de William Blake.

Sob a camisa tinha também uma arma automática, uma matraca e uma faca. Um adesivo elástico segurava as armas contra o ventre liso. Isso não o impedia de abotoar o casaco esporte. No bolso transportava um saco de plástico contendo um tampão embebido em clorofórmio.

Na mão transportava um estojo de guitarra novo.

No meio da Eastern Parkway, perto da entrada do metro, havia três cabines telefônicas. Um dos aparelhos fora arrancado, mas mesmo assim havia um que funcionava. Introduziu as moedas e aguardou até ouvir Reba dizer «alô».

Como ruído de fundo percebia os sons característicos do trabalho na câmara escura.

— Bom dia, Reba — disse ele.

— Viva, D. Como se sente?

Ouvia com dificuldade por causa das viaturas que passavam de um lado e do outro.

— Estou bem.

— Parece que você está numa cabine pública. Achei que não queria sair de casa.

— Preciso lhe falar, logo mais.

— De acordo, ligue-me no fim da tarde.

— Tenho necessidade de... vê-la.

— Gostaria muito, mas esta noite é impossível. Tenho trabalho. Volta a

me ligar?

— Sim. Se nada...

— Como?

— Eu volto a ligar.

— Espero que volte o mais depressa possível, D.

— Com certeza. Adeus... Reba.

Perfeito. O medo escorria-lhe do plexo ao umbigo.

Enxugou-se e atravessou a rua.

Às terças entra-se no Museu de Brooklin por uma pequena porta situada no extremo do lado direito. Dolarhyde entrou atrás de quatro estudantes de História de Arte. Os estudantes colocaram os sacos e as pastas encostados à parede antes de apresentarem os passes de entrada. Um guarda sentado atrás de uma escrivaninha fez o controle dos passes.

Dirigiu-se a Dolarhyde.

— Tem entrevista marcada?

Dolarhyde acenou com a cabeça.

— Harper, das Reservas.

— Faça o favor de assinar o registro. — O guarda estendeu-lhe uma esferográfica.

Dolarhyde já tinha uma esferográfica na mão. Assinou «Paul Crane».

O guarda ligou para um número interno. Dolarhyde voltou as costas ao guarda, estudando a Festa das Vindimas, o quadro de Robert Blum pendurado por cima da entrada, enquanto o guarda confirmava a entrevista. Pelo canto do olho viu um responsável da segurança que ocupava o seu posto no átrio. Era aquele que se encontrava armado.

— Ao fundo do átrio, junto do posto de vendas, há um banco ao lado dos elevadores — disse o guarda. — Harper virá buscá-lo. — Estendeu a Dolarhyde um passe em plástico rosa e branco.

— Posso deixar minha guitarra aqui?

— Vá descansado, não tiro os olhos dela.

Com as luzes apagadas o Museu era diferente. As grandes vitrines pareciam mergulhadas numa espécie de crepúsculo. Dolarhyde aguardou três minutos junto do banco e Miss Harper saiu do elevador público.

— Sr. Crane? Sou Paula Harper.

Era mais nova do que imaginara ao telefone quando ligara de Saint Louis; uma mulher distinta, de uma beleza severa. Usava a saia e a blusa como se fosse um uniforme.

— Telefonou a respeito da aquarela de Blake — disse ela. Vamos ao andar de cima e eu lhe mostro. Vamos no elevador do pessoal. Por aqui por favor.

Conduziu-o através do armazém do Museu que se encontrava na penumbra e de uma pequena sala onde se alinhavam armas primitivas. Olhou rapidamente à sua volta para manter o sentido de orientação. Num dos cantos da seção da América havia um corredor que conduzia diretamente ao pequeno elevador.

Miss Harper apertou o botão. Cruzou os braços sobre o peito e aguardou. Os seus olhos, de um azul-claro, fixaram-se no passe cor-de-rosa sobre fundo branco pendurado na lapela de Dolarhyde.

— Deram-lhe um passe para o sexto andar — disse ela. Não tem importância. Hoje não há guardas no quinto andar. Que tipo de investigação está fazendo?

Até àquele momento Dolarhyde limitara-se a sorrisos e acenos de cabeça.

— Um estudo sobre Butts.

— Sobre William Butts?

Acenou com a cabeça.

— Não li muita coisa a respeito dele. Só se consegue ouvir falar dele em anotações como tendo sido patrono de William Blake. Tem interesse?

— Estou só no início. Vou ter que ir à Inglaterra.

— Acho que a National Gallery tem duas aquarelas que ele fez para Butts. Já as viu?

— Ainda não.

— O melhor é adiantar-se na parte escrita.

Acenou com a cabeça. Entretanto chegou o elevador.

Quinto andar. Estava levemente nervoso, mas o sangue continuava circulando nas pernas e nos braços. Dentro em breve seria apenas uma questão de sim ou não. Se corresse mal não deixaria que o levassem.

Conduziu-o ao longo do corredor dos retratos americanos. Não era por

aqui que ele viera antes. Era capaz de dizer onde estava. Estava tudo certo.

Mas havia qualquer coisa que o esperava no corredor e quando se apercebeu disso estacou absolutamente imóvel.

Paula Harper notou que ele deixara de segui-la e virou-se.

Mantinha-se rígido diante de um nicho que se encontrava na galeria de retratos.

Ela voltou atrás e viu para onde ele estava olhando.

— É um retrato de George Washington pintado por Gilbert Stuart — disse ela.

Não, não era.

— Nas notas de dólar pode ver um retrato semelhante. Chamam-no de retrato Landsdowne porque Stuart o fez para o marquês de Landsdowne, para agradecer o apoio que lhe dera na Revolução Americana... Sente-se bem, Sr. Crane?

Dolarhyde estava pálido. Isto era pior do que todas as notas de dólar que jamais tinha visto. Washington, com os seus olhos encovados e a horrível dentadura, sobressaía da moldura. Meu Deus, parecia-se com a avó. Dolarhyde sentiu-se como uma criança apanhada com uma faca de borracha.

— Sr. Crane, sente-se bem?

Responde ou estraga tudo. Ultrapasse isto. «Meu Deus, oh. É tão bom.» É O MAIS PORCO... Não. Diga alguma coisa.

— Estou fazendo um tratamento de cobalto — disse ele.

— Quer se sentar por uns minutos? — Havia nele um leve cheiro de medicamentos.

— Não. Vamos andando. Já está passando.

E não vai me impedir, avó. Raios te partam, se já não estivesse morta seria agora que a mataria. Se já não estivesse morta. Se já não estivesse morta. A avó já morrera! Estava morta agora, estava morta para sempre. «Meu Deus, oh, é tão bom».

No entanto o outro ainda não estava morto e Dolarhyde sabia disso.

Seguiu Miss Harper através de uma nuvem de medo.

Atravessaram a porta dupla do Estúdio de Pintura e Departamento de Armazenagem. Dolarhyde olhou rapidamente à sua volta. Era uma sala comprida

e tranqüila, bem iluminada e cheia de suportes rotativos com pinturas protegidas por invólucros. Ao longo da parede havia uma série de pequenos cubículos que serviam de gabinetes. A porta do cubículo no extremo da fila estava aberta e ouvia-se o matraquear de uma máquina de escrever.

Via apenas Paula Harper.

Ela levou-o para uma mesa de trabalho da altura de um balcão e trouxe-lhe um banco.

— Espere aqui. Vou buscar a pintura.

Desapareceu atrás das estantes.

Dolarhyde desabotoou um botão na barriga.

Miss Harper vinha ao seu encontro. Trazia uma caixa negra de pouca espessura, pouco maior do que uma pasta. Estava ali. Como é que ela tinha força para transportar a pintura? Nunca pensara nela como sendo plana. Vira as dimensões nos catálogos, mas não prestara atenção. Tinha uma idéia de que fosse imenso. Mas era pequeno. Era pequeno e estava aqui numa sala tranquila. Nunca se apercebera da força que o Dragão adquiria na velha casa no meio do pomar.

Miss Harper estava dizendo qualquer coisa.

— É preciso mantê-la nesta caixa porque a luz desbotava-lhe as cores. É por essa razão que não se encontra em exibição na maior parte do tempo. — Colocou a caixa em cima da mesa e abriu os fechos. Ouviu-se um ruído na porta dupla. — Desculpe-me só um momento, tenho que ir abrir a porta ao Júlio. — Voltou a fechar a caixa e dirigiu-se para as portas de vidro levando a caixa com ela. Um homem com um carrinho de rodas esperava no exterior. Manteve as portas abertas enquanto ele entrava com o carrinho.

— Está bem aqui?

— Está sim, muito obrigada, Júlio.

O homem foi embora.

E ali vinha de novo Miss Harper transportando a sua caixa.

— Peço desculpas, Sr. Crane. Hoje é dia do Júlio limpar o pó e tirar as manchas de algumas molduras. — Abriu a caixa e retirou uma pasta em cartão branco. — Compreende que não lhe é permitido tocar. Sou eu que a mostro, são as regras. Okay?

Dolarhyde acenou com a cabeça. Não podia falar.

Abriu a pasta e retirou a folha de plástico e a proteção.

Ali estava. O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol — o dragão macho pousado sobre a mulher implorante, que se encontrava prostrada, dominada por uma volta da sua cauda.

Era certo que era pequeno, mas transmitia um sentimento de poder. Espantoso. As melhores reproduções não faziam justiça aos detalhes e às cores.

Dolarhyde viu isso claramente, apercebeu-se disso num instante — a escrita de Blake nas margens, duas manchas castanhas na borda direita do papel... as cores eram muito mais fortes.

Olha para a mulher presa na cauda do Dragão. Olha.

Viu que o cabelo dela era exatamente da mesma cor do cabelo de Reba McLane.Viu que estava a vinte pés da porta. Sentiu vozes.

«Espero que não tenha se chocado», disse Reba McLane.

— Parece que usou giz em simultâneo com as aquarelas — estava Paula Harper a dizer. Permaneceu a um canto de modo a poder ver o que ele estava fazendo. Os seus olhos nunca deixaram de fitar a pintura.

Dolarhyde colocou a mão dentro da camisa.

Em algum lugar um telefone estava tocando. O barulho da máquina de escrever parou. Uma mulher enfiou a cabeça pela porta do último cubículo.

— Paula, telefone para você. É a sua mãe.

Miss Harper não voltou a cabeça. Os seus olhos nunca deixaram a pintura e Dolarhyde.

— Pode lhe um recado? — disse ela. — Diga-lhe que lhe telefono mais tarde.

A mulher desapareceu no gabinete. Pouco depois ouvia-se de novo o barulho da máquina de escrever.

Dolarhyde não podia agüentar mais. Dá tudo por tudo, agora. Mas o Dragão moveu-se primeiro.

— NUNCA VI...

— O quê? — Os olhos de Miss Harper estavam arregalados.

— ...um rato daquele tamanho! — Disse Dolarhyde enquanto apontava.

— Subiu por aquela estante!

Miss Harper estava se virando.

— Onde?

A moca deslizou de dentro da camisa. Mais com o pulso do que com o braço, deu-lhe uma pancada na parte de trás da cabeça. Curvou-se enquanto Dolarhyde conseguia agarrar a blusa e lhe colocava um pano com clorofórmio sobre o rosto. Produziu um único som, não muito alto, e ficou completamente inerte.

Colocou-a no solo entre a mesa e as estantes de pinturas, pousou a pasta com a aquarela no chão e debruçou-se sobre ela. Lutando, agitando-se, a respiração ofegante e um telefone tocando.

A mulher saiu do último gabinete.

— Paula? — Percorreu a sala com o olhar. — É a sua mãe — disse em voz alta. — Precisa falar com você agora. — Dirigiu-se para a parte de trás da mesa. — Tomo conta do visitante se você... — Foi então que os viu. Paula Harper inerte no chão, o cabelo sobre o rosto, e debruçado sobre ela, pistola na mão, Dolarhyde metendo na boca o último pedaço da aquarela. Erguendo-se, mastigando, correndo. No seu encalço.

Correu para o seu gabinete, bateu a frágil porta, agarrou o telefone que lhe escorregou e deixou-se cair de quatro no chão procurando agarrá-lo freneticamente, tentando marcar um número sem conseguir porque a linha estava ocupada, enquanto a porta saltava em estilhaços. O brilho do telefone desfez-se em mil cores luminosas quando recebeu a pancada na nuca. O receptor caiu no solo com estrondo.

Dolarhyde no elevador do pessoal observava as luzes indicadoras que piscavam, a pistola apoiada no estômago e coberta pelos seus livros.

Primeiro andar.

Fora, nas galerias desertas. Caminhava rapidamente, os sapatos produzindo um som estridente no pavimento do corredor. Uma volta no sentido errado e estava passando pela zona das máscaras, a grande máscara de Sisuit, perdendo tempo, correndo agora pela zona dos grandes totens Haida e dando conta de que estava perdido. Na zona dos totens olhou para a esquerda, viu ao longe as armas primitivas e soube onde estava.

Voltou a esquina do átrio.

O recepcionista estava de pé junto do placar a cerca de trinta pés do

balcão de recepção.

O guarda armado estava mais perto da porta. O coldre rangeu quando se abaixou para limpar uma mancha na ponta do sapato.

Se oferecerem resistência abata-o primeiro.

Dolarhyde entalou a arma no cinto e apertou o casaco. Atravessou o átrio, tirando o passe da lapela.

O recepcionista voltou-se quando ouviu os passos.

— Obrigado — disse Dolarhyde. Segurou o passe pela borda, deixando-o cair em cima do balcão.

O guarda fez um aceno com a cabeça.

— Importa-se de colocá-lo na ranhura, por favor?

O telefone da recepção tocou.

Era difícil pegar o passe no tampo de vidro.

O telefone tocou mais uma vez. Depressa.

Dolarhyde conseguiu agarrar o passe e introduziu-o na ranhura. Do monte de bagagens apanhou a sua caixa de guitarra. O guarda dirigia-se para o telefone.

Já fora, caminhando apressado para os jardins botânicos, estava pronto para virar e disparar se sentisse que o perseguiam.

Dentro dos jardins e para a esquerda, Dolarhyde agachou-se num espaço entre uma pequena cobertura e uma sebe. Abriu a caixa da guitarra e retirou uma raquete de tênis, uma bola de tênis, uma toalha, um saco de supermercado dobrado e um grande molho de salsa.

Tremia com nervosismo enquanto despia o casaco e a camisa num único movimento e se desembaraçava das calças. Por baixo trazia uma blusa com os dizeres «Brooklin College» e calças de treino. Enfiou os livros e a roupa no saco de supermercado, a seguir as armas, e no topo colocou o ramo de salsa. Limpou o punho e os fechos da caixa e atirou-a por cima da sebe.

Atravessando os jardins, agora em direção a Prospect Park, a toalha em volta do pescoço, foi parar no Empire Boulevard. À sua frente encontravam-se praticantes de jogging. Enquanto seguia atrás deles pelo parque passaram os primeiros carros de polícia num lamento estridente. Nenhum dos praticantes de jogging prestou atenção. Dolarhyde procedeu de igual modo.

Alternou o jogging e o caminhar, transportando o seu saco de supermercado e a raquete, fazendo ressaltar no chão a sua bola de tênis, um

homem que se acalmava depois de um exercício violento e que a caminho de casa passara pelo supermercado.

Fez um esforço para andar mais devagar; não devia correr com o estômago cheio. Agora podia decidir sobre o seu andamento.

Podia decidir sobre qualquer coisa.

# CAPÍTULO 42

Crawford sentou-se na fila de trás da seção do júri comendo amendoins, enquanto Graham corria as persianas da sala do tribunal.

— Espero que me entregue o perfil ao fim da tarde — disse Crawford. — Disse-me que seria na terça-feira. Hoje é terça-feira.

— Vou acabá-lo. Quero ver isto primeiro.

Graham abriu o envelope de correio expresso enviado por Byron Metcalf e retirou o que vinha dentro — duas bobinas de filme enferrujadas, cada uma delas embrulhada num saco de plástico de sanduíche.

— Metcalf vai apresentar queixa contra Niles Jacobi?

— Por roubo, não, de qualquer modo é ele que vai herdar, ele e o irmão de Jacobi — disse Graham. — Quanto ao haxixe, não sei. O Ministério Público de Birmingham está com vontade de quebrar a louça.

— Ótimo — disse Crawford.

A tela desceu do teto da sala de audiências para ficar colocado em frente da seção do júri, um dispositivo que permitia mostrar facilmente aos jurados as provas filmadas. Graham preparou o projetor.

— Na verificação que fizemos das bancas de jornais, onde o Dentuço poderia ter conseguido rapidamente um exemplar do Tattler, recebi relatórios de Cincinnati, Detroit e um molho deles.

Graham começou a projetar o filme. Era um filme de pesca. As crianças dos Jacobi sentadas na margem de um lago, com varas de pesca e anzóis.

Graham tentou não pensar neles dentro dos seus pequenos caixões descendo à cova. Tentou imaginá-los apenas pescando.

A bóia da menina estremeceu e desapareceu. Tinha fisgado. Crawford esmagou o seu saco de amendoins.

— Indianápolis está fazendo um trabalho extenuante com perguntas aos jornais e verificando todas as estações de serviço da Servco Supreme — disse ele.

— Quer ver isto ou não quer? — disse-lhe Graham.

Crawford manteve-se calado até terem passado os dois minutos que o

filme levou a correr.

— Espantoso, conseguiu apanhar uma perca — disse ele. Agora o perfil...

— Jack, estava em Birmingham logo depois das coisas terem acontecido. Só fui lá um mês depois. Viu a casa quando ainda era a casa deles, eu não. Quando cheguei lá tinham retirado toda a mobília e estava completamente remodelada. Agora, pelo amor de Deus, deixe-me olhar para esta gente e depois acabo o perfil.

Começou o segundo filme.

Uma festa de aniversário surgiu na tela da sala de audiências.

Os Jacobi estavam sentados em volta da mesa da sala de jantar. Estavam cantando. Graham leu nos lábios «Parabéns pra você».

Donald Jacobi, de onze anos, olhava para a câmera. Estava sentado numa das extremidades da mesa com o bolo na frente dele. A luz das velas refletia-se nos copos.

Num dos lados da mesa estavam sentados o irmão e a irmã, que o viam soprar as velas. Graham agitou-se na cadeira.

A senhora Jacobi, o cabelo escuro caindo em cascata, inclinou-se para a frente para sacudir o gato que saltara para cima da mesa.

Na cena seguinte via-se a Sra. Jacobi que trazia um grande envelope para o filho. Do envelope pendia uma fita comprida. Donald Jacobi abriu o envelope e tirou um cartão de aniversário enorme. Voltou-se para a câmara e exibiu o cartão à sua volta, que dizia: «Feliz aniversário — siga a fita».

Uma progressão em sobressaltos à medida que a câmera seguia a procissão em direção à cozinha. Uma porta presa com um gancho. A descida das escadas em direção ao subsolo, Donald à frente, a seguir os outros, seguindo a fita pelas escadas abaixo. A extremidade da fita estava amarrada ao guidon de uma bicicleta de dez marchas.

Graham procurou imaginar por que não lhe deram a bicicleta no exterior.

Um salto brusco para a cena seguinte e a sua pergunta foi automaticamente respondida. No exterior, e podia ver perfeitamente agora, estivera chovendo intensamente. O pátio estava cheio d’água. A casa parecia diferente. Geehan, o agente de propriedades, mudara a cor quando remodelara a casa depois dos assassinatos. A porta do subsolo estava aberta e surgiu o Sr. Jacobi transportando a bicicleta. Era a primeira imagem dele em todo o filme. Uma aragem despenteava o cabelo cuidadosamente alinhado sobre a sua calva.

Pousou a bicicleta no chão cerimoniosamente.

O filme terminou com as imagens de Donald montando cautelosamente na bicicleta pela primeira vez.

— É bastante triste tudo isto — comentou Crawford — mas não é nada que não soubéssemos.

Graham voltou o filme da festa. Crawford abanou a cabeça e começou a ler qualquer coisa que tinha dentro da pasta com a ajuda de uma lanterna tipo lapiseira.

Na tela via-se mais uma vez o Sr. Jacobi saindo do subsolo com a bicicleta. A porta se fechou atrás dele. No gancho estava pendurado um cadeado.

Graham parou a imagem.

— Olha. Era para isto que ele queria a tesoura de corte, Jack, para cortar o cadeado e entrar no subsolo. Por que é que ele não foi por ali?

Crawford apagou a lanterna e por cima dos óculos olhou para a tela.

— O que se passa?

— Eu sabia que ele tinha uma tesoura de corte, utilizou-a para cortar o ramo que lhe dificultava a visão quando estava observando do bosque. Por que é que não a usou para entrar pela porta do subsolo?

— Não podia. — Com um leve sorriso, Crawford aguardou.

Adorava apanhar as pessoas em conclusões precipitadas.

— Tentou ao menos? Deixou alguma marca? Nem sequer cheguei a ver a porta. Quando cheguei lá, Geehan a tinha substituído por uma porta de aço com rebites.

Crawford abriu as mandíbulas.

— Parte do princípio de que foi instalada por Geehan. Mas não foi Geehan. A porta de aço já estava lá quando foram assassinados. Deve ter sido Jacobi que a colocou. Era um filho de Detroit e portanto um favorito dos rebites.

— Quando é que Jacobi a colocou?

— Não sei. Obviamente deve ter sido depois do aniversário do filho. Quando é que foi isso? Deve estar no relatório de autópsia, se o tem aqui.

— O aniversário foi em 14 de Abril, uma segunda-feira — respondeu Graham, enquanto olhava para a tela, o queixo apoiado na mão. — Preciso saber quando Jacobi trocou a porta.

O couro cabeludo de Crawford encheu-se de rugas que desapareceram quando conseguiu descortinar o ponto de vista.

— Está convencido de que o Dentuço marcou a casa dos Jacobi quando ainda tinha a porta antiga com o cadeado — disse ele.

— Trouxe uma tesoura de corte, não trouxe? Como é que entra num local qualquer com uma tesoura de corte? —perguntou-lhe Graham. — Corta cadeados, barras ou correntes. O Jacobi não tinha portões com barras ou correntes, não é?

— Não.

— Então quando para foi lá, estava à espera de encontrar um cadeado. Uma tesoura de corte não é muito pesada e não é comprida demais. Deslocou-se à luz do dia e do lugar onde estacionou o carro ainda teve que caminhar um bom bocado até à casa dos Jacobi. Tanto quanto sei, dava-lhe a possibilidade de poder se retirar rapidamente se alguma coisa corresse mal. Nunca traria uma tesoura de corte se não soubesse que precisaria dela. Estava contando com um cadeado.

— Está partindo do princípio de que ele marcou a casa antes de Jacobi ter trocado a porta. Então aparece para matá-los, espera no bosque...

— Do bosque não consegue ver este lado da casa.

Crawford acenou com a cabeça.

— Espera no bosque. Vão para a cama e ele avança com a tesoura de corte e encontra a porta nova com os rebites.

— Digamos que ele encontra a nova porta. Estava tudo planejado e agora acontecia-lhe uma coisa destas — disse Graham erguendo os braços. — Está realmente chateado, frustrado, torna-se difícil entrar. É por causa disso que se decide por um trabalho rápido e ruidoso na porta do pátio. Foi um desastre a maneira como entrou. Acordou Jacobi e teve que abatê-lo nas escadas. Não é trabalho próprio do Dragão. Não é trapalhão a este ponto. É cuidadoso e não deixa nada para trás. Fez um trabalho limpo no modo como entrou na casa dos Leeds.

— Okay, está certo — respondeu Crawford. — Se conseguirmos saber quando Jacobi trocou a porta, talvez seja possível estabelecer o intervalo entre a altura em que foi marcado e a altura em que foi morto. Pelo menos o tempo mínimo que tenha decorrido. Parece que é útil sabermos disso. Talvez se adapte a qualquer tipo de intervalo que a convenção de Birmingham e o gabinete de visitantes nos mostrem. Podemos verificar de novo os aluguéis de carros. Desta vez também vamos verificar as caminhonetes. Vou falar com o gabinete de

Birmingham.

As palavras de Crawford devem ter sido imperiosas: em quarenta minutos exatos, um agente do FBI de Birmingham, com o agente de propriedades Geehan a reboque, estava gritando com um carpinteiro que trabalhava na estrutura de uma nova casa. A informação do carpinteiro foi transmitida via rádio para Chicago.

— Na última semana de Abril — disse Crawford pousando o telefone. — Foi quando eles colocaram a porta nova. Meu Deus, foi dois meses antes dos Jacobi terem sido atacados. Por que raio é que os teria marcado com dois meses de antecedência?

— Não sei, mas garanto que viu a Sra. Jacobi ou a família inteira antes de ter verificado a casa. A não ser que os tenha seguido desde Detroit, deve ter visto a Sr. Jacobi em algum lugar entre 10 de Abril, quando se mudaram para Birmingham, e o fim de Abril, quando a porta foi substituída. O gabinete está seguindo o caso no local?

— E os polícias também — respondeu Crawford. — Diga-me uma coisa: como é que ele sabia que havia uma porta interior entre o subsolo e a casa? Normalmente isso não acontece, especialmente no Sul.

— Não há dúvida de que viu o interior da casa.

— O seu amigo Metcalf conseguiu os documentos de depósitos bancários?

— Estou convencido que sim.

— Vamos verificar as chamadas que eles fizeram entre 10 de Abril e o fim do mês. Sei que as chamadas foram verificadas num período de um par de semanas antes dos assassinatos, mas talvez não tenhamos andado suficientemente para trás. A mesma coisa no caso dos Leeds.

— Estivemos sempre convencidos de que ele verificou a casa dos Leeds pelo interior — disse Graham. — Da avenida não conseguia ver o vidro da porta da cozinha. Existe uma porta de tela. Mas estava preparado com o corta-vidros. E não houve qualquer chamada de serviço nos três meses antes de terem sido assassinados.

— Se a marcação foi feita a uma distância dessas, talvez não tenhamos verificado suficientemente para trás. Mas vamos fazê-lo agora. No entanto, no caso dos Leeds, quando se encontrava na avenida lendo os contadores na parte de trás da casa dos Leeds, dois dias antes de tê-los assassinado, talvez os tenha visto entrar em casa. Pode ter olhado para dentro quando a porta da varanda

estava aberta.

— Não, as portas não se encontram alinhadas, lembra-se? Olha aqui.

Graham começou a projetar o filme sobre a casa dos Leeds.

O pêlo-de-arame cinzento dos Leeds arrebitou as orelhas e correu para a porta da cozinha. Valerie Leeds e as crianças entraram carregando os sacos do supermercado. Através da porta da cozinha apenas a tela era visível.

— Muito bem, quer pôr Byron Metcalf para trabalhar nos documentos bancários de Abril? Qualquer tipo de chamada de serviço ou transação que um vendedor porta a porta possa ter efetuado. Não, prefiro fazer isso enquanto você trabalha no perfil. Tem o número de Metcalf?

O fato de ver os Leeds deixou Graham preocupado. Assim, foi sem pensar que disse a Crawford três números de Byron Metcalf.

Passou os filmes de novo, enquanto Crawford utilizava o telefone na sala do júri.

Primeiro o filme dos Leeds.

Havia o cão dos Leeds. Não tinha coleira, a vizinhança estava cheia de cães, mas o Dragão sabia qual era o cão deles.

E ali estava Valerie Leeds. A imagem dela chamou a atenção de Graham. Havia a porta atrás dela, vulnerável com o seu grande painel de vidro. As crianças brincavam na tela da sala de audiências.

Graham nunca se sentira tão próximo dos Jacobi como se sentia dos Leeds. Naquela altura o filme sobre eles perturbou-o. Incomodava-o a consciência de que pensara nos Jacobi apenas como marcas de giz num chão ensangüentado.

Havia as crianças dos Jacobi, sentadas no canto da mesa, a luz das velas de aniversário tremeluzindo nos seus rostos.

Por instantes Graham recordou-se do pingo de cera na mesinha de cabeceira dos Jacobi, as manchas de sangue no canto do quarto dos Leeds. Alguma coisa...

Crawford estava de volta.

— Metcalf disse para te perguntar...

— Não fale comigo!

Crawford não estava ofendido. Permaneceu imóvel e os seus pequenos olhos tornaram-se fendas brilhantes.

O filme continuou, as suas luzes e sombras deslizando pelo rosto de Graham.

Quanto ao gato dos Jacobi. O Dragão sabia que era o gato dos Jacobi.

Havia a questão da porta interior do subsolo.

Havia a porta exterior do subsolo com o seu cadeado. O Dragão trouxera uma tesoura de corte.

O filme terminou. Finalmente a ponta saltou da bobina agitando-se espasmodicamente no ar.

Tudo aquilo que o Dragão precisava saber estava contido nos dois filmes.

Não fora exibido em público, não havia nenhum clube de cinema, festival de fil...

Graham olhou para a caixa verde de aspecto familiar em que o filme dos Leeds fora recebido. Continha o nome e direção deles. E ainda Gateway Filra, Saint Louis, Mo. 63102.

A sua mente sublinhou «Saint Louis», como o teria feito com qualquer número de telefone que nunca tivesse visto. O que se passava com Saint Louis? Era um dos locais onde se podia comprar o Tattler na segunda-feira à noite, no mesmo dia em que saía da tipografia, o dia antes de Lounds ter sido raptado.

— Oh, valha-me Deus — disse Graham.

Agarrou os lados da cabeça com as mãos, como se pretendesse que os pensamentos não escapassem.

— Metcalf ainda está ao telefone?

Crawford estendeu-lhe o telefone.

— Byron, fala Graham. Ouça uma coisa, as bobinas do filme dos Jacobi que me enviou estavam em caixas?... Certo, certo, compreendo que não, mas ia mandar. Há um ponto em que preciso desesperadamente de ajuda. Tem os documentos dos movimentos bancários dos Jacobi? Okay, quero saber se há alguma parcela que se refira a revelação de filmes. Provavelmente emitido por um armazém. Se houver cheques para farmácias ou para armazéns de máquinas fotográficas, podemos descobrir onde as transações foram feitas. É urgente, Byron. Logo que possa explico. O FBI de Birmingham vai começar a passar em revista os armazéns agora. Se encontrar alguma coisa, informe-os imediatamente e logo a seguir a nós. Faz isso? Estupendo. O quê? Não, não o apresento à Lábios de Fogo.

Os agentes do FBI de Birmingham inspecionaram quatro armazéns de máquinas fotográficas antes de terem encontrado aquele onde os Jacobi tinham feito a transação. O gerente disse que todos os filmes dos clientes eram enviados para revelação para um único lugar.

Crawford já vira o filme uma dúzia de vezes quando voltaram a telefonar de Birmingham. Recebeu a mensagem. Estranhamente formal, estendeu a mão para Graham.

— É a Gateway — disse.

# CAPÍTULO 43

Crawford estava dissolvendo uma alka-seltzer num copo de plástico quando a voz da comissária se fez ouvir no sistema de alto-falantes do 727.

— Passageiro Crawford, por favor?

Quando ergueu o braço, no seu lugar da coxia, ela deslocou-se na sua direção.

— Sr. Crawford, importa-se de se deslocar ao cockpit, por favor?

Crawford demorou cerca de quatro minutos. Voltou a sentar-se no lugar ao lado de Graham.

— O Dentuço esteve hoje em Nova Iorque.

Graham franziu as sobrancelhas ao mesmo tempo que simulou uma mordida, fazendo o barulho correspondente.

— Não. Limitou-se a dar umas pancadas na cabeça de duas mulheres do Museu de Brooklin e agora ouça isso, comeu uma pintura.

— Comeu-a?

— É verdade, comeu. O Departamento de Obras Artísticas de Nova Iorque atirou-se ao caso quando souberam o que ele comeu. Conseguiram duas impressões parciais no passe de plástico que lhe fora dado e transmitiram-nas a Price há pouco tempo. Quando Price as colocou em conjunto na tela subiu pelas paredes. Não há identificação, mas é o mesmo polegar que foi encontrado no globo ocular do menino dos Leeds.

— Nova Iorque — repetiu Graham.

— Não quer dizer nada o fato de ter estado hoje em Nova Iorque. Pode continuar trabalhando na Gateway. Se é esse o caso, hoje faltou ao trabalho. Torna as coisas mais fáceis.

— O que ele comeu?

— Um quadro intitulado O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol. Dizem que foi pintado por William Blake.

— O que é que há quanto às mulheres?

— Bateu-lhes relativamente devagar com uma moca. São jovens, pelo que se encontram no hospital apenas para observação. A mais velha teve de levar

quatro pontos. Uma concussão ligeira.

— Conseguiram fornecer uma descrição?

— A mais nova foi capaz. Calmo, corpulento, cabelo e bigode escuros estou convencido de que possivelmente usaria peruca. O guarda da porta disse a mesma coisa. Quanto à mulher mais velha, por aquilo que ela viu, o homem até podia ter usado uma fantasia de coelho.

— Mas não matou ninguém.

— É estranho — disse Crawford. — Seria mais compreensível se tivesse apagado as duas, ficaria com a garantia de um tempo de avanço e evitaria que ambas pudessem fazer uma descrição dele. A Ciência do Comportamento telefonou para o hospital para falar com Blorn a este respeito. Sabe o que ele disse? Blorn respondeu que era possível que ele estivesse tentando parar.

# CAPÍTULO 44

Dolarhyde ouviu o ruído de descida dos flaps. As luzes de Saint Louis deslizavam lentamente por debaixo da asa negra. Debaixo dos seus pés o trem de aterrissagem rugiu com o escape do ar e fechou-se em posição com uma pancada seca.

Rodou a cabeça de um lado para o outro para aliviar a tensão no seu poderoso pescoço.

Voltava para casa.

Correra um grande risco e o prêmio que trazia era o do poder para escolher. Podia escolher ficar com Reba McLane viva. Podia tê-la para falar com ela e podia ter a sua deslumbrante e inofensiva mobilidade na cama.

Não precisava temer a sua casa. Agora tinha o Dragão no ventre. Podia ir para casa, dirigir-se para uma cópia do Dragão e rasgá-la, se lhe apetecesse.

Não precisava se preocupar com o fato de sentir amor por Reba. Se sentisse amor por Reba, podia atirar os Sherman para o Dragão, facilitando as coisas sob esse aspecto, voltar para Reba calmo e descontraído e tratá-la bem.

Do aeroporto Dolarhyde telefonou para o apartamento dela. Não estava em casa ainda. Tentou a Baeder Chemical. A linha noturna estava ocupada. Imaginou Reba caminhando para a parada do ônibus depois do trabalho, explorando o caminho com a bengala, a gabardina sobre os ombros.

Dirigiu até o laboratório de filmes através do tráfego de luzes noturnas em menos de quinze minutos.

Não estava na parada de ônibus. Estacionou na rua que ficava na parte de trás da Baeder Chemical, junto à entrada que ficava mais próxima das câmaras escuras. Ficaria por ali esperando até que ela acabasse de trabalhar para conduzi-la para casa. Sentia-se orgulhoso do seu novo poder que lhe permitia escolher. Tinha vontade de usá-lo.

Havia coisas que podia ir pondo em ordem no seu gabinete enquanto esperava.

Havia poucas luzes na Baeder Chemical.

A câmara escura de Reba estava fechada. A luz por cima da porta não estava nem vermelha nem verde. Estava apagada. Tocou à campainha. Não

houve resposta.

Talvez tivesse deixado uma mensagem no seu gabinete.

Ouviu passos no corredor.

Dandridge, o supervisor da Baeder, passou pela área da câmara escura sem olhar para cima. Caminhava apressado, transportando debaixo do braço um maço espesso de dossiês de pessoal.

Na testa de Dolarhyde surgiu-lhe uma pequena ruga.

Dandridge estava a meio caminho do parque de estacionamento, dirigindo-se para o edifício da Gateway, quando Dolarhyde surgiu do edifício da Baeder e começou a segui-lo.

No parque de estacionamento encontravam-se duas caminhonetes de entregas e meia-dúzia de carros. O Buick pertencia a Fisk, o diretor de pessoal da Gateway. O que é que eles estavam fazendo?

Na Gateway não havia turno da noite. A maior parte do edifício estava às escuras. Dolarhyde podia confirmar isso pelos sinais vermelhos indicadores da saída que se encontravam ao longo do corredor. Havia luzes do lado de lá da porta de vidro martelado do departamento de pessoal. Dolarhyde ouviu vozes, entre elas a de Dandridge e a de Fisk.

Passos de mulher que se aproximava. A secretária de Fisk virou a esquina no corredor à frente de Dolarhyde. Trazia registros da contabilidade. Estava cheia de pressa. Os registros eram pesados, uma grande braçada deles. Bateu à porta do gabinete de Fisk com a ponta do pé.

Will Graham abriu-lhe a porta.

Dolarhyde estacou gelado na escuridão do hall. A arma ficara na caminhonete.

A porta do gabinete fechou-se de novo.

Dolarhyde moveu-se rapidamente, os sapatos pisavam o chão sem qualquer ruído enquanto corria. Colou o rosto ao vidro da porta de saída e inspecionou o parque de estacionamento. Um movimento qualquer sob os candeeiros de iluminação. Um homem que se desloca. Estava ao lado de uma das caminhonetes de entrega e empunhava uma lanterna. Fazia alguma coisa. Estava cobrindo o espelho retrovisor exterior de pó à procura de impressões digitais.

Atrás de Dolarhyde, em algum lugar num dos corredores, ouvia-se os passos de um homem. Afasta-se da porta. Dobrou a esquina que se encontrava

próximo dele e desceu as escadas em direção ao subsolo, encaminhando-se para a sala da fornalha, no outro lado do edifício.

Pondo-se de pé numa das bancadas, conseguia espiar pelas janelas que se encontravam por trás das sebes, ao nível do pavimento exterior. Passou através de uma das aberturas e caiu em cima dos arbustos, apoiado nas mãos e nos joelhos, pronto para correr ou lutar.

Não houve qualquer movimento neste lado do edifício.

Pôs-se de pé, meteu uma mão no bolso e atravessou a rua. Correndo quando o passeio não estava iluminado, caminhando quando os carros passavam por ele, deu uma longa volta circundando a Gateway e a Baeder Chemical.

A sua caminhonete estava estacionada junto ao passeio atrás da Baeder. Próximo dela não havia qualquer lugar onde pudesse se esconder. Atravessou a rua correndo e entrou, ao mesmo tempo que agarrava a mala.

Um carregador completo na automática. Meteu uma bala na câmara e pousou a pistola no console, cobrindo-a com uma blusa.

Afastou-se dirigindo lentamente — não passando as luzes vermelhas —, dobrando a esquina devagar e mergulhando na confusão do tráfego.

Agora tinha que pensar, e era difícil pensar.

Tinha que ser por causa dos filmes. Não sabia como, mas Graham sabia a respeito dos filmes. Graham sabia onde. Não sabia quem. Se soubesse quem, não precisava dos registros de pessoal. Para que eram os registros da contabilidade? Por causa das faltas, era isso. Para comparar as faltas com as datas em que o Dragão atacara. Não, fora aos sábados, exceto no caso de Lounds. Faltas nos dias antes desses sábados; ele não deixaria passar isso em branco. E no entanto era um engano — a administração não arquivava os talões do trabalho de compensação.

Dolarhyde dirigiu lentamente até o Boulevard Lindberg, gesticulando com a mão livre, enquanto enunciava os diferentes pontos.

Andavam à procura de impressões digitais. Não lhes dera qualquer hipótese com as impressões digitais — talvez com uma exceção quanto ao passe de plástico no Museu de Brooklin. Pegara nele cheio de pressa, praticamente pelas bordas.

Eram capazes de ter uma impressão digital. Porquê procurar impressões digitais se não tinham nada para comparar?

Estavam procurando impressões digitais naquela caminhonete.

Não havia tempo para ver se estavam à procura de impressões digitais nos carros também.

Caminhonete. O transporte de Lounds na cadeira de rodas. Fora uma indicação para eles. Ou talvez alguém em Chicago tivesse visto a caminhonete. Na Gateway havia uma quantidade enorme de caminhonetes, caminhonetes privadas, caminhonetes de entrega.

Não, Graham sabia apenas que ele tinha uma caminhonete.

Graham sabia porque sabia. Graham sabia. Graham sabia. O filho da mãe era um monstro.

Também iam tirar as impressões digitais de todo mundo na Gateway e na Baeder. Se não o identificassem esta noite, amanhã o fariam com certeza. Tinha que fugir o resto da vida com o seu rosto estampado em todos os boletins e avisos, nos correios e nas esquadras. Estava tudo desmoronando. Diante deles era pequeno e vulnerável.

— Reba — chamou em voz alta. Agora Reba não conseguia salvá-lo. Estavam se aproximando dele e não passava de uma lebre indefesa...

— LAMENTA O FATO DE ME TER TRAÍDO?

A voz do Dragão rugiu vinda de dentro dele, profunda como a pintura aos pedaços que se encontrava nas suas tripas.

— Não traí. Apenas queria escolher. Chamaste-me...

— ME DÊ O QUE QUERO E O SALVO.

— Não, vou fugir.

— ME DÊ O QUE QUERO E OUVIRÁ O ESTALO DA ESPINHA DE GRAHAM SE QUEBRANDO.

— Não.

— ADMIRE AGORA O QUE FEZ HOJE. ESTAMOS PRÓXIMOS. PODEMOS VOLTAR A SER UM SÓ. SENTE-ME DENTRO DE VOCÊ? SENTE, NÃO SENTE?

— Sim.

— E SABE QUE EU POSSO SALVÁ-LO. SABE QUE VÃO MANDÁ-LO PARA UM LUGAR PIOR DO QUE O DO IRMÃO BUDDY. ME DÊ O QUE EU QUERO E TERÁ A LIBERDADE.

— Não.

— VÃO MATÁ-LO. VAI SE CONTORCER NO CHÃO.

— Não.

— QUANDO TIVER PARTIDO ELA IRÁ FODER COM OUTROS, ELA...

— Não! Cale-se.

— ELA IRÁ FODER COM OUTROS, COM GENTE BONITA, IRÁ PÔR A SUA...

— Pára. Cale-se.

— VÁ MAIS DEVAGAR E NÃO DIREI MAIS NADA.

Dolarhyde aliviou o pé do acelerador.

— ASSIM ESTÁ BEM. ME DÊ O QUE EU QUERO E ISSO NÃO VAI ACONTECER. ME DÊ, E A PARTIR DE AGORA DEIXO-O ESCOLHER, PODERÁ ESCOLHER SEMPRE E FALARÁ CORRETAMENTE, QUERO QUE FALE CORRETAMENTE, DIMINUA, ASSIM ESTÁ BEM, ESTÁ VENDO A ESTAÇÃO DE SERVIÇO? ENCOSTE ALI E DEIXE-ME FALAR COM VOCÊ...

# CAPÍTULO 45

Graham saiu do gabinete e por momentos repousou os olhos no ambiente de luzes suaves do hall. Estava inquieto, enervado. Tudo isto estava demorando demais.

Crawford estava passando as fichas dos trezentos e tantos empregados da Gateway e da Baeder em revista, tão depressa quanto podia — o homem era espantoso neste tipo de trabalho —, mas o tempo continuava correndo e seria impossível manter o segredo das diligências por muito mais tempo.

Crawford reduzira a um mínimo o grupo de trabalho da Gateway. «Queremos apanhá-lo e não espantá-lo», dissera-lhes Crawford. «Se conseguirmos identificá-lo esta noite, podemos apanhá-lo fora da fábrica, talvez em casa ou nas redondezas».

O Departamento de Polícia de Saint Louis estava colaborando. O tenente Fogel do Homicídios de Saint Louis chegou discretamente num carro sem marca, acompanhado de um sargento. Trazia uma máquina de fax.

Ligada a um dos telefones da Gateway, em poucos minutos a máquina de fax estaria transmitindo a lista de empregados simultaneamente para a Seção de Identificação do FBI em Washington e para o Departamento de Veículos Automóveis do Missouri.

Em Washington os nomes seriam verificados pelos registros de impressões digitais civis e criminais. Nomes de empregados da Baeder com estatuto especial de segurança eram assinalados para um manuseamento mais rápido.

O Departamento de Veículos Automóveis procuraria os proprietários de caminhonetes.

Só quatro empregados estavam presentes — o diretor de pessoal, Fisk, a secretária de Fisk, Dandridge, da Baeder Chemical, e o chefe da contabilidade da Gateway.

Os telefones não foram usados para convocar os empregados para esta reunião noturna na fábrica a uma hora tão tardia. Foram enviados agentes às residências, transmitindo-lhes a mensagem pessoalmente. «Olhem-nos bem de frente antes de lhes dizerem por que precisam deles», dissera Crawford. «E depois disso não os deixem usar o telefone. Estas notícias espalham-se

rapidamente».

Tinham contado com uma rápida identificação dos dentes.

Nenhum dos quatro empregados os reconheceu.

Graham percorreu com o olhar os corredores iluminados com as débeis luzes vermelhas dos sinais de saída. Porra, não conseguia sentir-se tranqüilo!

O que mais ele podia fazer durante a noite?

Crawford pedira para que a mulher do Museu de Brooklin, —Miss Harper, lhe fosse enviada no primeiro avião logo que estivesse em condições de viajar. Provavelmente seria na manhã seguinte. O Departamento de Polícia de Saint Louis tinha uma caminhonete estupenda para missões de vigilância. Podia se sentar nela e observar os empregados que entravam.

Se não conseguissem identificá-lo ainda durante a noite, todos os vestígios da operação seriam removidos da Gateway antes do trabalho começar na manhã seguinte. Graham não se iludia — tinham tido sorte em terem conseguido um dia completo para trabalhar antes que a notícia se espalhasse para fora da Gateway. O Dragão estaria à espreita de qualquer coisa suspeita. E desapareceria.

# CAPÍTULO 46

Uma ceia tardia com Ralph Mandy parecera-lhe apropriada. Reba McLane sabia que mais cedo ou mais tarde precisaria dizer-lhe e não gostava de deixar assuntos pendentes.

No momento estava convencida de que Mandy calculava o que estava para acontecer quando ela insistira nesta saída. Disse-lhe no carro quando ele a trazia de volta para casa: que não era grave, que tinha passado bons momentos com ele e que desejava continuar a ser sua amiga, mas que no momento se encontrava envolvida com alguém.

É possível que se sinta levemente ferido, mas por outro lado também se sentiria aliviado. Era extraordinário nesse tipo de coisas, pensou ela.

Quando chegaram à porta dela, não pediu para entrar.

Pediu para lhe dar um beijo de adeus, ao que ela concordou alegremente. Abriu-lhe a porta e entregou-lhe as chaves. Esperou até que ela tivesse entrado e trancado a porta.

Quando se virou, Dolarhyde disparou-lhe um tiro na garganta e dois no peito. Três plops da pistola com silenciador. Uma scooter faz mais ruído.

Dolarhyde ergueu com facilidade o corpo de Mandy, depositou-o entre os arbustos e a casa e deixou-o ali.

Para Dolarhyde, ter visto Reba beijar Mandy fora pior do que uma punhalada. Mas depois do que acontecera, a dor desvaneceu-se completamente.

Ainda se parecia e falava como Francis Dolarhyde — o Dragão era um ator extraordinário; fazia muito bem o papel de Dolarhyde.

Reba estava lavando o rosto quando ouviu a campainha da porta. Tocou quatro vezes antes dela ter conseguido chegar à porta. Tocou no cadeado, mas não o tirou.

— Quem é?

— Francis Dolarhyde.

Abriu a porta ainda com o cadeado.

— Diga de novo.

— Dolarhyde. Sou eu.

Sabia que era ele. Tirou o cadeado.

Reba não gostava de surpresas.

— Achei que tinha dito que telefonaria, D.

— Eu sei. Mas acredite que isto é uma emergência — disse, comprimindo-lhe o pano embebido em clorofórmio contra o rosto enquanto entrava na casa.

A rua estava vazia. A maior parte das casas estava às escuras. Transportou-a para a caminhonete. Do pátio viam-se os pés de Ralph Mandy que sobressaíam dos arbustos. Dolarhyde já não se preocupava com eles.

Ela acordou durante a viagem. Estava deitada de lado, o rosto encostado ao tapete cheio de pó da caminhonete, o ruído metálico da transmissão ecoando junto ao ouvido.

Tentou levar as mãos ao rosto. O movimento fez-lhe comprimir o peito. Os antebraços estavam amarrados.

Tateou-os com o rosto. Estavam amarrados dos cotovelos até os pulsos com alguma coisa que parecia ser uma tira de tecido macio. As pernas estavam amarradas da mesma maneira, dos joelhos até os tornozelos. Tinha alguma coisa na boca.

O quê... o quê?... estava à porta e a seguir...

Lembrava-se de ter desviado o rosto e da terrível força dele. Oh, meu Deus... o que era aquilo?... D. encontrava-se à porta e logo a seguir encontrava-se semiasfixiada com alguma coisa fria, tentava desviar o rosto, mas havia aquela enorme força que lhe imobilizava a cabeça.

Agora estava na caminhonete de D. Reconheceu as ressonâncias metálicas. A caminhonete estava em movimento. O medo invadiu-a. O seu instinto dizia-lhe para se manter calma, mas a fumaça invadia-lhe a garganta, o clorofórmio e a gasolina. Vomitou sobre a mordaça.

A voz de Dolarhyde.

— Já falta pouco.

Sentiu que faziam uma curva e agora rolavam sobre saibro, ouvindo as pedras que ressaltavam nos pára-lamas e na parte inferior do pavimento do carro.

É louco. Tudo bem. É isso: louco.

«Louco» é uma palavra que provoca sempre um sentimento de medo.

O que estava acontecendo? Ralph Mandy. Devia tê-lo visto na porta de

casa. Foi o que desencadeou tudo.

Meu Deus, faça que tudo volte ao normal. Uma vez no Instituto Reiker um homem tentara esbofeteá-la. Ela estava quieta e ele não conseguia encontrá-la — também era cego. Mas este podia ver bem demais. Prepara as coisas. Prepare-se para dar uma explicação. Meu Deus, podia ter me matado com essa mordaça na boca. Meu Deus, podia ter morrido sem que ele fosse capaz de compreender o que eu estava dizendo. Prepare-se. Prepare-se e não diga coisas do tipo, «Ei!». Diga-lhe que pode reconsiderar e que não há problema. Que não vai dizer nada. Procure ser passiva, tanto quanto for possível. Se não conseguir ser passiva, espere até conseguir encontrar-lhe os olhos.

A caminhonete parou e oscilou quando ele saiu. A porta lateral que desliza quando a abrem. No ar o cheiro de grama e de pneus aquecidos. Grilos. Dirigia-se para a caminhonete.

Quando ele a tocou, instintivamente tentou libertar-se da mordaça e afastou o rosto.

As pancadinhas suaves no ombro não impediram que deixasse de tremer. Mas uma bofetada brutal conseguiu o resultado esperado.

Tentou falar mesmo com a mordaça. Pegou-a e transportou-a. Os passos que ecoavam na rampa. Agora sabia onde estava. A casa dele. Em que ponto da casa? À direita o tiquetaque do relógio. Tapete e a seguir assoalho. O quarto onde tinham feito amor. Sentiu que os braços a desciam, sentiu a cama por baixo dela.

Tentou falar com a mordaça. Ele ia embora. Ruídos lá fora. O bater da porta da caminhonete. Aí vem ele. Pousando alguma coisa no chão: recipientes metálicos.

Sentiu o cheiro de gasolina.

— Reba. — Não havia qualquer problema com a voz de D., mas estava calmo demais. Terrivelmente calmo e estranho. — Reba, não sei o que... dizer. Sentiu-se tão bem e não imagina o que eu fiz por você. E estava errado, Reba. Fez que eu me tornasse fraco e em seguida magoou-me.

Ela tentou falar com a mordaça.

— Se eu a desamarrar e deixar que se sente, ficará calma? Não tente fugir. Posso pegá-la. Mantenha-se calma. — Virou a cabeça na direção da voz e acenou.

Um toque de aço frio contra a pele, o roçar de uma faca através de tecido e

os braços estavam livres. Agora as pernas. O rosto estava úmido quando lhe tirou a mordaça. Cuidadosamente  e devagar sentou-se na cama. Faça o melhor que puder.

— D., não fazia idéia de que se preocupava tanto comigo. Sinto-me contente por dar conta dos seus sentimentos, mas me assustou com isto.

Não houve resposta. Ela sabia que ele estava ali.

— D., foi o velho idiota Ralph Mandy que o irritou? Viu-o na minha casa? Foi isso, não foi? Estava lhe dizendo que não queria vê-lo mais. Porque é com você que quero estar. Nunca mais voltarei a ver Ralph. ,

— Ralph morreu — disse Dolarhyde.

— Acho que não deve ter gostado muito.  Nunca o magoei, D., nunca quis fazê-lo. Podemos ser amigos e foder, passar um tempo bom e esquecer isso tudo.

— Cale-se — disse ele calmamente. — Vou lhe dizer uma coisa. A coisa mais importante que jamais ouviu. Tão importante como o Sermão da Montanha. Tão importante como os Dez Mandamentos. Entendeu?

Fantasia. Espero que esteja assumindo o papel de Jesus.

— Sim, D. Eu...

— Cale-se. Reba, em Birmingham e Atlanta aconteceram coisas notáveis. Sabe do que estou falando?

Ela abanou a cabeça negativamente.

— Foi muito noticiado. Dois grupos de pessoas foram transformados. Leeds e Jacobi. A polícia pensa que eles foram assassinados. Agora já sabe?

Começou a abanar a cabeça. E de repente sabia e lentamente fez um aceno de assentimento com a cabeça.

— Sabe como chamam o ser que visitou essa gente? Pode dizer.

— O Dentu...

Uma mão agarrou-lhe o rosto impedindo que continuasse a falar.

— Pense cuidadosamente e responda como deve ser.

— É Dragão qualquer coisa. Dragão... Dragão Vermelho.

Estava próximo dela. Sentia a sua respiração no rosto.

— EU SOU O DRAGÃO.

Deixando-se cair para trás, arrasada pelo volume e pelo tom terrível da

voz, bateu contra a cabeceira da cama.

— O Dragão a quer, Reba. Sempre quis. Eu não queria entregá-la a ele. Hoje fiz uma coisa para que ele não pudesse tê-la. E estava errado.

Este era D., ela podia falar com D.

— Por favor. Por favor não deixe que ele me tenha. Não é capaz disso, por favor não deixe que isso aconteça. Sou sua. Guarde-me para você. Gosta de mim, sei que gosta.

— Ainda não decidi. Talvez não consiga evitar ter que entregá-la a ele. Não sei. Vou verificar se faz as coisas como eu lhe digo. É capaz disso? Posso contar com você?

— Vou tentar. Tentarei. Não me meta muito medo ou então não serei capaz.

— Levante-se, Reba. Fique de pé junto da cama. Sabe em que parte do quarto está?

Ela aquiesceu com um aceno de cabeça.

— Sabe em que parte da casa está, não sabe? Deu uma volta na casa enquanto eu estava dormindo, não deu?

— Dormindo?

— Não se faça de estúpida. Quando passamos a noite aqui. Andou pela casa, não andou? Encontrou alguma coisa esquisita? Qualquer coisa que tenha levado com você e que tenha mostrado a alguém? Fez isso, Reba?

— Limitei-me a ir até lá fora. Estava dormindo e fui até lá fora. Palavra.

— Então sabe onde fica a porta principal, não sabe?

Ela acenou com a cabeça.

— Reba, apalpe o meu peito. Estenda as mãos lentamente.

Tento os olhos?

Os polegares e os dedos tocaram de leve cada lado da traquéia.

— Não faça o que está pensando ou dou cabo de você. Apalpe apenas o meu peito. Junto à garganta. Sente a chave na corrente? Tire-a pela cabeça. Com cuidado... isso. Agora vou ver se posso confiar em você. Vá fechar a porta da frente, tranque-a e volte me trazendo a chave. Vá, siga. Espero aqui, não saio daqui. Não tente correr porque posso pegá-la.

Agarrou a chave, a corrente batendo na coxa. Era difícil deslocar-se de

sapatos, mas não os tirou. O tiquetaque do relógio ajudou.

Tapete e a seguir assoalho, tapete de novo. A curva do sofá. Siga para a direita.

Qual é a minha melhor atitude? Qual? Continuar a fingir ou atirar-me de cara? Será que os outros também fingiram? A respiração arfante fez que sentisse uma tontura. Não se deixes ir abaixo. Não morra. Tudo depende da porta estar ou não aberta. Descubra onde ele está.

— Estou indo bem? — Sabia que estava.

— São cerca de mais cinco degraus. — Não havia dúvida de que a voz vinha do quarto.

Sentiu uma brisa no rosto. A porta estava meio aberta. Manteve o corpo entre a porta e a voz atrás dela. Introduziu a chave no orifício por baixo do punho. Do lado de fora.

Agora. Sair rapidamente e fechar a porta, rodando a chave. Descer a rampa, sem bengala, tentando se lembrar onde é que a caminhonete estava, correndo. Correndo. Em direção a quê —a uma sebe — agora gritando. Gritando: «Socorro. Socorro. Socorro, socorro». Correndo sobre o cascalho. Muito distante, o som de um caminhão. A auto-estrada ficava para aquele lado, um andar apressado, um passo quase que correndo até chegar a correr, tão rápido quanto podia, mudando de direção quando sentia grama em vez de cascalho, seguindo pelo caminho afora.

Atrás dela passos pesados que se aproximavam rapidamente, correndo no cascalho. Parou e pegou num punhado de cascalho, esperou até que ele se aproximasse e atirou-lhe as pedras, sentiu que elas batiam nele.

Um empurrão no ombro fez que ela desse uma volta, um braço enorme debaixo do queixo, em volta do pescoço, apertando, apertando, o sangue que latejava nos ouvidos. Deu um pontapé para trás, atingiu uma canela ao mesmo tempo que tudo ficava cada vez mais calmo.

# CAPÍTULO 47

Em duas horas ficou pronta a lista de empregados brancos do sexo masculino com idades entre vinte e cinqüenta anos que possuíam caminhonetes. Era uma lista com vinte e seis nomes.

O DMV de Missouri informou sobre a cor dos cabelos a partir das carteiras de motoristas mas este aspecto não foi utilizado como fator de exclusão; o Dragão podia usar uma peruca.

Miss Trillman, a secretária de Fisk, fez cópias da lista e distribuiu-a para todo mundo.

O tenente Fogel estava acabando de ler todos os nomes da lista quando o beeper começou a tocar.

Fogel telefonou para a sede da polícia, mantendo uma conversa em frases curtas, e em seguida colocou a mão no fone.

— Sr. Crawford... Jack, um indivíduo branco, do sexo masculino, Ralph Mandy, trinta e oito anos, foi encontrado na Cidade Universitária há alguns minutos, morto a tiros, fica no centro da cidade, próximo da Universidade de Washington, foi no jardim de uma casa ocupada por uma mulher de nome Reba McLane. Os vizinhos dizem que ela trabalha para a Baeder. A porta dela não está trancada e não há ninguém na casa.

— Dandridge! — chamou Crawford. — Reba McLane, o que é que se passa com ela?

— Trabalha na câmara escura. É cega. É de um lugar qualquer no Colorado...

— Conhece um tipo chamado Ralph Mandy?

— Mandy? — disse Dandridge. — Randy Mandy?

— Ralph Mandy, ele trabalha aqui?

Uma verificação da lista demonstrou que não trabalhava.

— Talvez seja uma coincidência — disse Fogel.

— Talvez — respondeu Crawford.

— Espero que não tenha acontecido nada a Reba — disse Miss Trillman.

— Conhece-a? — perguntou Graham.

— Falei com ela várias vezes.

— O que há com Mandy?

— Não o conheço. O único homem com quem a vi, foi quando ela entrou na caminhonete do Sr. Dolarhyde.

— A caminhonete do Sr. Dolarhyde, Miss Trillman? Qual é a cor da caminhonete do Sr. Dolarhyde?

— Deixe ver, castanho-escuro ou talvez preto.

— Onde é que o Sr. Dolarhyde trabalha? — perguntou Crawford.

— É supervisor de produção — respondeu Fisk.

— Onde fica o seu escritório?

— Bem ao fundo do hall.

Crawford voltou-se para falar com Graham, mas este já estava em movimento.

O gabinete do Sr. Dolarhyde estava trancado. Uma chave-mestra abriu a porta.

Graham entrou e acendeu a luz. Ficou imóvel à entrada enquanto os seus olhos iam percorrendo o compartimento. Estava extremamente limpo. Não se viam nenhuns artigos pessoais. A estante só continha manuais técnicos.

A luminária de mesa encontrava-se do lado esquerdo da cadeira, pelo que se podia concluir que era destro. Era preciso uma impressão do polegar esquerdo de um homem destro.

— Vamos verificar a prancheta dele — disse a Crawford. Com certeza usa o polegar esquerdo sobre a mola.

Tinham começado a revistar as gavetas quando a agenda chamou a atenção de Graham. Folheou as páginas até voltar ao dia de sábado, 28 de Junho, a data do assassinato dos Jacobi.

O calendário não estava marcado na quinta e sexta antes desse fim-de-semana.

Voltou a folhear até chegar à última semana de Julho. A quinta e sexta estavam em branco. Na quarta havia uma nota que dizia: «Am 552 3:45-6:15.»

Graham copiou a anotação.

— Tenho que saber para onde vai este vôo.

— Deixe-me fazer isso, continue aqui com o serviço — disse Crawford.

Dirigiu-se para um telefone do outro lado do hall.

Graham estava olhando para um tubo de fixador de dentaduras que se encontrava no fundo da gaveta da escrivaninha, quando Crawford o chamou da porta.

— Vai para Atlanta, Will. Vamos apanhá-lo.

# CAPÍTULO 48

Água fria no rosto de Reba, que lhe escorria também dos cabelos. Entontecida. Qualquer coisa dura debaixo dela que a incomodava. Voltou a cabeça. Madeira debaixo dela. Uma toalha molhada e fria limpou-lhe o rosto.

— Sente-se bem, Reba? — A voz de Dolarhyde estava calma. Tentou emitir um som.

— Uhhhh.

— Respire fundo. — Passou-se um minuto. — Acha que consegue ficar de pé? Tente ficar de pé.

Conseguiu ficar de pé com o braço dele em volta dela. Sentiu o estômago dar voltas. Ele esperou até que o espasmo tivesse passado.

— Suba a rampa. Lembra-se onde está?

Ela acenou com a cabeça.

— Tire a chave da porta, Reba. Entre. Agora feche a porta e pendure a chave no meu pescoço. Ótimo. Vamos só verificar se está fechada.

Ouviu o ruído metálico do trinco.

— Está bom. Agora vá para o quarto, sabe o caminho.

Tropeçou e caiu de joelhos, a cabeça curvada. Ergueu-a pelos braços e amparou-a até o quarto.

— Sente-se numa cadeira.

Ela se sentou.

— Me dê agora.

Lutou para se pôr de pé; mãos enormes nos seus ombros mantiveram-na na mesma posição.

— Fique sentada e quieta ou não consigo afastá-lo de você — disse-lhe Dolarhyde.

A sua memória estava voltando. Não queria.

— Por favor, tente — disse ela.

— Reba, para mim acabou tudo.

Estava de pé fazendo qualquer coisa. O cheiro de gasolina era intenso.

— Estenda a mão. Apalpe isto. Não o agarre, apalpe.

Sentiu alguma coisa que se parecia com narinas de aço, gorduroso da parte de dentro. O cano de uma arma.

— É uma espingarda, Reba. Calibre 12 Magnum. Sabe qual é o efeito?

Ela acenou com a cabeça negativamente.

— Abaixe a mão. — A extremidade fria do cano apoiou-se na cavidade de sua garganta. — Reba, quem me dera ter confiado em você. Eu queria confiar em você.

A voz soava como se estivesse quase chorando.

— Foi tão bom.

Estava chorando.

— Para mim também, D. Adorei. Por favor, não me magoe.

— Está tudo acabado para mim. Não posso deixá-la para ele. Sabe o que ele lhe faria? — Agora gritava. — Sabe o que ele lhe faria? A morderia até morrer. É melhor se for comigo.

Ouviu o raspar de um fósforo, sentiu o cheiro de enxofre, ouviu um whoosh. Calor no quarto. Fumaça. Fogo. A coisa de que mais tinha medo. Fogo. Qualquer coisa era sempre melhor do que isso. Esperava que o primeiro tiro a matasse. Os músculos das pernas estavam tensos, preparada para correr.

— Oh, Reba, não consigo ficar aqui vendo-a morrer queimada.

A ponta do cano deixou a garganta.

Ambos os canos dispararam ao mesmo tempo quando ela caiu de joelhos.

Os ouvidos zumbiam, achava que tinha sido atingida, achava que estava morta, sentiu mais do que ouviu o baque surdo no chão.

Agora era a fumaça e o crepitar das chamas. Fogo. O fogo fez com que recuperasse a noção da realidade. Sentiu calor nos braços e no rosto. Para fora. Pôs-se de pé, tropeçando num dos pés da cama ao mesmo tempo que se sentia sufocada.

«Em caso de estar envolvida por fumaça, caminhe devagar», tinham-lhe dito. Não corra, pode tropeçar em alguma coisa e morrer.

Estava fechada por dentro. Fechada por dentro. Caminhando, arrastando-

se passo a passo, os dedos aflorando o solo, encontrou pernas — a outra extremidade — encontrou cabelo, uma pala de cabelo, pôs a mão em alguma coisa mole por baixo do cabelo. Uma polpa indefinível, esquírolas de ossos e um olho no meio daquilo tudo.

A chave em volta do pescoço... depressa. Ambas as mãos na corrente, as pernas debaixo dela, puxa. A corrente partiu e ela caiu para trás, levantando-se logo em seguida. Voltou-se confusa. Tentando sentir, tentando ouvir acima do crepitar das chamas com os ouvidos entorpecidos. Lado da cama... que lado da cama? Tropeçou no corpo, tentou escutar.

Bong, bong, o bater das horas do relógio. Bong, bong, na direção da sala de estar. Bong, bong, vire à direita.

A fumaça irritava-lhe a garganta. Bong, bong. Ali estava a porta. Debaixo do punho. Fez rodar o fecho. Abre a porta. Ar. Desce a rampa. Caída na grama. De novo apoiada nas mãos e nos joelhos, rastejando.

Pôs-se de joelhos para bater palmas, ouviu o eco da casa e rastejou no sentido oposto, respirando fundo, até conseguir pôr-se de pé, caminhar, correr até tropeçar em alguma coisa, correr de novo.

# CAPÍTULO 49

Localizar a casa de Francis Dolarhyde não foi coisa fácil. O endereço registrado na Gateway era uma simples caixa postal em Saint Charles.

O próprio departamento do xerife de Saint Charles teve que verificar um mapa de serviço do gabinete da companhia de eletricidade para que pudesse confirmar.

O departamento do xerife deu as boas-vindas a SWAT de Saint Louis do outro lado do rio e a caravana seguiu tranquilamente pela auto-estrada nº 94. Um ajudante sentado ao lado de Graham no carro da frente indicava o caminho. Crawford, sentado no banco de trás, espreitava por entre os dois, enquanto chupava qualquer coisa que tinha num dente. Encontraram um tráfego ligeiro no extremo norte de Saint Charles, uma Pickup cheia de crianças, um ônibus Greyhound, um caminhão com reboque.

Viram o brilho depois de terem passado o limite norte da cidade.

— É ali! — disse o ajudante. — É o local!

Graham acelerou. O brilho tornava-se mais intenso e oscilante enquanto deslizavam pela auto-estrada. Crawford fez estalar os dedos, pedindo o microfone.

— A todas as unidades, é a casa dele que está ardendo. Tenham cuidado. Pode vir a sair. Xerife, vamos montar aqui uma barragem na estrada, se estiver de acordo.

Uma espessa coluna de fagúlhas e fumaça erguia-se a sudeste sobre os campos, espalhando-se agora por cima deles.

— Aqui — disse o ajudante — vire para este caminho de cascalho.

Foi nessa altura que viram a mulher, em silhueta sobre o fundo de chamas, viram-na ao mesmo tempo que ela os ouviu e ergueu os braços na direção deles.

Foi nessa altura que o grande incêndio explodiu na vertical e em toda a volta, vigas ardendo e molduras de janelas descrevendo arcos em câmera lenta na direção da noite, a caminhonete em chamas deitada de lado, o alaranjado das árvores em chamas terminando de repente numa explosão e em escuridão. O solo estremeceu quando o sopro da explosão fez oscilar os carros da polícia.

A mulher estava estendida na estrada de rosto para baixo. Crawford,

Graham e os ajudantes saíram correndo para ela enquanto choviam centelhas na estrada, enquanto outros seguiam em frente empunhando as suas armas.

Crawford recebeu Reba dos braços de um ajudante, que lhe sacudia as fagulhas dos cabelos.

Segurou-lhe os braços, o rosto próximo do dela, vermelho pela luz que as chamas projetavam.

— Francis Dolarhyde — disse ele. Abanou-a com suavidade. — Francis Dolarhyde, onde ele está?

— Está ali — disse ela erguendo a mão enfarruscada na direção do calor e deixando-a cair logo em seguida. — Está ali dentro, morto.

— Tem certeza disso? — Crawford fitou os seus olhos sem vida.

— Eu estava com ele.

— Conte-me por favor.

— Disparou no próprio rosto. Coloquei as minhas mãos no rosto. Ateou fogo na casa. Disparou contra ele. Pus as mãos no rosto dele. Estava no chão. Coloquei as minhas mãos no rosto, e agora, posso me sentar?

— Pode — disse Crawford. Voltou com ela ao assento da parte de trás do carro da polícia. Colocou o braço em volta dela e deixou que chorasse no seu ombro.

Graham ficou de pé no meio da estrada observando as chamas até o rosto ficar corado e coberto de suor.

Os ventos dispersavam a fumaça que ocultava parcialmente a lua.

# CAPÍTULO 50

O vento da manhã era morno e úmido. Dispersava farrapos de nuvens sobre as chaminés enegrecidas do que tinha sido a casa de Dolarhyde. Um resto de fumaça evolava sobre os campos.

Algumas gotas de chuva atingiram brasas que explodiram com um puff em vapor e cinzas.

Um carro de bombeiros parou próximo com a luz giratória ainda em movimento.

S. F. Aynesworth, chefe da seção de Explosivos do FBI, permaneceu junto de Graham, exposto à aragem que soprava das ruínas, enquanto se servia de café de uma térmica.

Aynesworth franziu as sobrancelhas quando o chefe de bombeiros começou a inspecionar as cinzas com um ancinho.

— Graças a Deus que ainda está muito quente para ele ali dentro — disse ele pelo canto da boca. Tinha se mostrado cuidadosamente cordial com as autoridades locais. Com Graham falou abertamente. — Tenho que revirar isso, porra! Dentro em breve este lugar vai estar pior do que o estupor de uma criação de perus quando os ajudantes especiais e outras pessoas do mesmo tipo acabarem de brincar de detetives. Estarão completamente por baixo para que possam prestar alguma ajuda.

Aynesworth teve que se arranjar com o material que transportara de avião até o seu adorado carro antiexplosivos ter chegado de Washington. Tirou da mala de um carro-patrulha um saco desbotado dos Marine e desembrulhou a sua roupa interior Nomex, botas de amianto e macacão.

— Qual foi o aspecto quando aquilo foi pelos ares, Will?

— Um flash de uma luz muito intensa que se desvaneceu logo a seguir. Depois parecia mais escuro na base. Uma série de coisas atiradas pelos ares, caixilhos de janelas, partes planas do telhado e madeiras ardendo que saltavam de todos os lados e iam cair nos campos em volta. Houve uma onda de choque e o sopro a seguir. Soprou de dentro para fora e depois voltou a sugar. Quase pareceu que o incêndio tinha se apagado.

— Quando as coisas estouraram estava ardendo muito?

— Estava, as chamas saíam pelo telhado e pelas janelas do andar de cima e do térreo. As árvores também estavam ardendo.

Aynesworth recrutou dois bombeiros locais para ficarem de vigia com uma mangueira e um outro, protegido com amianto, ficou próximo, equipado com uma linha de tração, para o caso de qualquer coisa cair de cima.

Limpou as escadas do porão que agora se encontrava a céu aberto e desceu para o amontoado de madeiras enegrecidas. Só conseguia ficar alguns minutos de cada vez. Fez oito viagens.

Depois de todo o esforço que fez, a única coisa que conseguiu foi um bocado de metal plano, mas parecia que o achado o deixara feliz.

Corado e banhado em suor, despiu o traje de amianto e sentou-se na borda do carro de bombeiros com o casaco de um dos elementos sobre os ombros.

Colocou a peça de metal no solo e soprou a camada de cinza que ela tinha.

— Dinamite — disse a Graham. — Veja aqui, está vendo o entalhe no metal? Isto faz parte da aba direita de uma arca ou de um puxador de armário. É o que provavelmente deve ser. Dinamite num armário. No entanto não estourou no porão. Para mim parece ter acontecido no térreo. Está vendo aquele corte na árvore, onde foi atingida pelo tampo da mesa de mármore? Explodiu lateralmente. A dinamite estava dentro de alguma coisa que a preservou do fogo durante algum tempo.

— E quanto aos restos?

— É capaz de não haver grande coisa, mas pelo menos sempre ficam vestígios. Temos montes de buscas para fazer. Havemos de encontrá-lo. Entrego-o num saquinho.

No Hospital DePaul, Reba McLane adormecera finalmente com um sedativo, pouco antes da madrugada. Quis que a policial se sentasse na cama perto dela. Várias vezes durante a manhã acordou e estendeu o braço à procura da mão da agente. Quando pediu o café-da-manhã foi Graham que o trouxe.

Qual a atitude a adotar? Às vezes era mais fácil para eles se agissem de uma forma impessoal. Com Reba McLane achou que não devia ser assim.

Disse-lhe quem era.

— Conhece-o? — perguntou à policial.

Graham apresentou as suas credenciais à agente. Ela não precisava delas.

— Sei que é um agente federal, Miss McLane.

Finalmente contou-lhe tudo. Tudo o que se passara durante o tempo que estivera com Francis Dolarhyde. Tinha a garganta inflamada e parava freqüentemente para chupar gelo.

Ele fez as perguntas desagradáveis e ela foi respondendo à medida que elas surgiam, fazendo-lhe sinal a certa altura para que saísse enquanto a policial segurava a bacia para ela vomitar o café-da-manhã.

Quando voltou ao quarto estava pálida, o rosto suado e brilhante.

Fez-lhe a última pergunta, e depois fechou o bloco de anotações.

— Não voltarei a fazê-la passar por uma coisa destas de novo — disse ele — mas gostaria de poder voltar a passar por aqui. Só para lhe dizer «olá» e ver como está.

— Como poderia ajudar?, alguém como eu?

Pela primeira vez viu-lhe lágrimas e verificou onde ela fora mais atingida.

— Nos dá licença por um minuto, minha senhora? — disse Graham à policial. Pegou na mão de Reba. — Escute. Havia montes de coisas erradas com Dolarhyde, mas não há nada de errado com você. Disse que era amável e atencioso com você. Acredito. Foi o que conseguiu retirar dele. Afinal de contas não conseguia matá-la nem conseguia vê-la morrer. As pessoas que estudam este tipo de coisas dizem que ele estava tentando parar. Porquê? Porque você o ajudou. Possivelmente isso terá salvo algumas vidas. Não conviveu com um bandalheiro. Conviveu com um homem que tinha um bandalheiro nas costas. Não há nada de errado com você, pequena. Se deixar se convencer de uma coisa dessas é uma tolinha. Dentro de um dia ou dois passo por aqui para vê-la. Passo a vida olhando para policiais e de vez em quando tenho que mudar de cenário; tente dar um jeito no cabelo enquanto está aqui.

Ela abanou a cabeça e fez-lhe um gesto de adeus enquanto ele se dirigia para a porta. Talvez tivesse um leve sorriso, não tinha certeza.

Graham, telefonou para Molly do gabinete do FBI em Saint Louis. O avô de Willy atendeu o telefone.

— É Will Graham, mamãe — respondeu. — Olá Sr. Graham.

Os avós de Willy sempre o tratavam por Sr. Graham.

— A mamãe disse que ele se matou. Estava vendo o Donahue e interromperam para dar a notícia. Foi uma sorte danada. Poupou a você e aos rapazes uma série de chatices para apanhá-lo. E a nós contribuintes poupa um bom dinheiro do pagamento das faturas de toda essa atividade. Ele era branco

mesmo?

— Era. Louro. Parecia escandinavo. — Os avós de Willy eram escandinavos. — Posso falar com a Molly, por favor?

— Vai voltar para a Florida agora?

— Brevemente. A Molly está aí?

— Mamãe, ele quer falar com a Molly. Ela está no banho, Sr. Graham. O meu neto voltou a tomar o café-da-manhã. Tem saldo para andar a cavalo com este ar estupendo. Devia ver aquele fedelho comendo. Aposto que já engordou umas dez libras. Aqui está ela.

— Olá.

— Olá, artista.

— Boas notícias, ahn?

— Parece que sim.

— Eu estava lá fora no jardim. A mamãe veio falar comigo e disse que tinha visto na televisão. Quando soube?

— A noite passada, já era bem tarde.

— Por que não me telefonou?

— Pensei que a mamãe estivesse dormindo.

— Não, estava vendo o Johnny Carson. Nem sabe como me sinto, Will. Estou tão contente por não ter tido que pegá-lo.

— Ainda vou ficar aqui mais algum tempo.

— Quatro ou cinco dias?

— Não tenho certeza. Talvez nem tanto. Estou ansioso para vê-la, pequena.

— Eu também estou ansiosa para vê-lo, quando tiver terminado tudo o que tem que fazer.

— Hoje é quarta. Na sexta devo...

— Will, a mamãe convidou todos os tios e tias de Willy que vivem em Seattle na próxima semana, e...

— Porra para a mamãe. A propósito, que raio é isso de mamãe?

— Quando Willy era muito pequeno não era capaz de dizer...

— Vem para casa comigo.

— Will, esperei por você. Eles nunca têm oportunidade de ver o Willy e mais alguns dias...

— Venha você. Deixe o Willy aí e a sua ex-sogra pode enviá-lo num avião na próxima semana. Escute, vamos parar em New Orleans. Há um lugar chamado...

— Acho que não. Tenho trabalhado, só meio período, num armazém western que há na cidade, e tenho que dar um pré-aviso por menor que seja.

— O que se passa, Molly?

— Nada. Está tudo bem... Senti-me tão triste, Will. Sabe que vim para cá quando o pai de Willy morreu. — Dizia sempre «o pai de Willy» como se tratasse de qualquer coisa oficial. Nunca empregava o nome dele. — E estávamos todos juntos, consegui me recompor, consegui recuperar a calma. Agora também consegui recuperar a calma, e eu...

— Há uma pequena diferença: não morri.

— Não faça assim.

— Assim como? Não fique como?

— Está fulo.

Graham fechou os olhos por um momento.

— Alô?

— Não estou fulo, Molly. Faça o que quiser. Telefono quando as coisas por aqui estiverem arrumadas.

— Podia vir até aqui.

— Acho que não.

— Por que não? Há montes de espaço. A mamãe podia...

— Molly, eles não gostam de mim e você sabe porquê. Sempre que olham para mim faço-lhes recordar.

— Isso não é justo e também não é verdade.

Graham estava muito cansado.

— Okay, estão cheios de peçonha e me fazem ficar doente, pense isso.

— Não diga isso.

— Querem o menino. Talvez também gostem de você, é até capaz de ser verdade, se chegaram a pensar nisso alguma vez. Mas querem o menino e a

aceitam por isso. Não me querem, mas também pouco me importa. Quero você. Na Flórida. E o Willy também, quando se sentir cansado do pônei.

— Depois de ter dormido vai se sentir melhor.

— Tenho dúvidas. Olha, telefono quando souber alguma coisa de concreto aqui.

— Combinado. — Desligou.

— Merda — disse Graham. — Merda.

Crawford enfiou a cabeça pela porta.

— Será verdade que te ouvi dizendo «merda»?

— Ouviu.

— Vamos, alegre-se. Aynesworth telefonou do local. Tem alguma coisa para você. Disse que devíamos ir lá, ouvia-se muito mal, a transmissão estava cheia de interferências.

# CAPÍTULO 51

Quando Graham e Crawford chegaram às ruínas enegrecidas que tinham sido a casa de Dolarhyde, Aynesworth estava colocando cuidadosamente cinzas em latas de tinta novas.

Estava coberto de pó e via-se uma bolha enorme debaixo da orelha. O agente especial Janowitz dos Explosivos estava trabalhando no porão.

— Você é que é Crawford?

— Exato.

— Sou Robert L. Dulaney. Sou o juiz do tribunal de investigação e esta é a minha jurisdição. — Mostrou-lhe o seu cartão. Dizia: «Votem em Robert L. Dulaney».

Crawford esperou.

— O seu homem tem provas que deveria me entregar. Fez-me esperar quase uma hora.

— Peço desculpa pelo incômodo, Sr. Dulaney. Limitou-se a seguir as minhas instruções. Por que não se senta no carro enquanto eu esclareço a situação?

Dulaney seguiu-os.

Crawford voltou-se.

— Desculpe-me Sr. Dulaney. Vá se sentar no seu carro.

O chefe de seção Aynesworth ria, os dentes brancos sobressaindo na face enfumaçada. Estivera peneirando cinzas durante toda a manhã.

— Como chefe de seção me dá um prazer enorme...

— Só para chatear o próximo, já sabemos disso — disse Janowitz enquanto saía do buraco negro do porão.

— Silêncio nas fileiras, índio Janowitz. Pegue os artigos que têm interesse. — Atirou a Janowitz um conjunto de chaves de automóvel.

Da mala de um Sedan do FBI, Janowitz trouxe uma caixa de papelão comprida. Uma espingarda, a coronha queimada e os canos torcidos com o calor,

estava presa com arames no fundo da caixa. Uma caixa menor continha uma pistola automática enegrecida.

— A pistola escapou em melhor estado — disse Aynesworth. — A Balística é capaz de fazer alguma coisa com ela. Anda Janowitz, vamos a isso.

Do material que ele trazia, Aynesworth pegou em três sacos congeladores de plástico.

— Frente e centro, Graham. — Por momentos o humor abandonou o rosto de Aynesworth. Era um ritual de caçador, como se estivesse esfregando a testa de Graham com sangue.

— Foi de fato um espetáculo e tanto. — Aynesworth colocou os sacos nas mãos de Graham.

Um dos sacos continha cinco polegadas de um fêmur humano carbonizado e a parte redonda do osso da anca. Outro continha um relógio de pulso. O terceiro continha os dentes.

A placa estava enegrecida e partida, só se encontrava metade ali, mas continha o inconfundível incisivo lateral aguçado. Graham pensou que era conveniente dizer alguma coisa.

— Obrigado. Muito obrigado.

Sentiu por instantes uma tontura para logo em seguida se sentir invadido por uma descontração agradável.

— ...peça de museu — estava dizendo Aynesworth. — Temos que entregar tudo a esse espertalhão, não temos, Jack?

— Temos. Mas ainda há alguns profissionais no gabinete do Sr. Dulaney. Vão fazer boas cópias. Vamos conseguir uma dessas cópias.

Crawford e os outros juntaram-se ao juiz ao lado do seu carro.

Graham estava só junto da casa. Ouviu o vento que assobiava nas chaminés. Esperava que Blorn viesse aqui quando estivesse melhor. Estava convencido que sim.

Graham queria saber mais coisas sobre Dolarhyde. Queria saber o que acontecera ali, o que alimentara o Dragão. Mas para o momento, já tinha o suficiente.

Um corvo empoleirou-se no alto de uma chaminé e assobiou. Graham assobiou em resposta.

Ia para casa.

# CAPÍTULO 52

Graham sorriu quando sentiu o impulso ascensional do jato levá-lo para longe de Saint Louis, cruzando a pista do sol em direção a sul para seguir por último em direção a leste a caminho de casa.

Molly e Willy estariam à sua espera.

«Não vamos ficar dando voltas sobre quem é culpado e de quê. Estou a sua espera em Marathon, pequeno», dissera ela ao telefone.

Com o tempo esperava poder vir a recordar-se dos poucos bons momentos — a satisfação de ver gente trabalhando, profundamente dedicada às suas especialidades. Estava convencido de que podia encontrar esta situação em qualquer parte, desde que se soubesse o que procurar.

Teria sido um pouco forçado agradecer a Lloyd Bowman e Everly Katz, pelo que se limitou a dizer-lhes ao telefone que se sentia contente por ter trabalhado com eles mais uma vez.

Havia uma coisa que o preocupava levemente: o modo como se sentiu quando Crawford em Chicago pousou o telefone e disse: «É a Gateway».

Possivelmente fora a mais intensa e selvagem alegria que já o invadira. Era inquietante saber que o momento mais feliz da sua vida surgira então naquela sala abafada de júri na cidade de Chicago. Mesmo antes de saber, ele sabia.

Não disse a Lloyd Bowman como se sentia; não tinha que fazê-lo.

«Sabe, quando o seu teorema o fez subir pelas paredes, Pitágoras ofereceu cem bois ao templo», disse Bowman. «Não há nada melhor, não é? Não responda, dura mais se não falar».

À medida que se aproximava de casa e de Molly, Graham ficava mais impaciente. Em Miami teve que sair para embarcar no Aunt Lula, o velho DC-3 que voava para Marathon.

Gostava do DC-3. Atualmente gostava de tudo.

O Aunt Lula fora construído quando Graham tinha cinco anos e as suas asas estavam permanentemente sujas com uma camada de óleo que escorria dos motores. Tinha absoluta confiança nele. Correu para ele como se tivesse aterrissado numa clareira da selva para salvá-lo.

As luzes de Islamorada estavam se acendendo quando a ilha deslizou por baixo da asa do avião. Do lado do Atlântico, Graham conseguia ver os flocos de espuma do topo das ondas. Poucos minutos depois estavam descendo em Marathon.

Sentia-se como da primeira vez que chegara a Marathon. Daquela vez também viera no Aunt Lula e desde aí foi muitas vezes ao fim da tarde ao aeroporto para vê-lo chegar, lento e firme, os flaps descidos, centelhas saindo dos exaustores e os passageiros em segurança por trás das janelas iluminadas.

Também era agradável de ver quando levantava vôo, mas quando o velho aeroplano descrevia aquele grande arco em direção a norte deixava-o triste e vazio e o ar tornava-se acre com as despedidas. Habituou-se a observar apenas as aterrissagens e os helicópteros.

Tudo isto foi antes de Molly.

Com um resmungo final o aparelho pousou. Graham viu Molly e Willy atrás da vedação, iluminados pelos postes de iluminação.

Willy estava solidamente plantado diante dela. E ficaria ali até que Graham se juntasse a eles. Só então vaguearia por ali, examinando tudo aquilo que lhe interessasse. Graham gostava dele por causa disso.

Molly tinha a mesma altura de Graham, um metro e setenta e cinco. Um beijo ao mesmo nível em público dá uma alegria inesperada, possivelmente porque beijos ao mesmo nível normalmente são trocados na cama.

Willy ofereceu-se para levar a mala. Em vez disso Graham entregou-lhe a pasta.

A caminho de casa em Sugarloaf Key, Molly dirigindo, Graham recordava-se das coisas que tinha apanhado pelos cabeçalhos, imaginando o resto.

Quando chegaram em casa e abriu a porta do carro, conseguiu ouvir o murmúrio do mar.

Willy entrou em casa, segurando a mala acima da cabeça, enquanto a parte de baixo lhe batia nas pernas.

Graham deixou-se ficar no pátio com um ar ausente, enquanto sacudia mosquitos do rosto.

Molly colocou-lhe a mão no queixo.

— Acho que devia entrar antes que te comam completamente.

Acenou com a cabeça. Tinha os olhos úmidos.

Ela esperou mais um momento, colocou a cabeça de lado e fitou-o, erguendo as sobrancelhas.

— Martinis Tanqueray, bifes e acompanhamento até se fartar. Por aqui, por favor... e a conta da luz e a conta da água, e uma conversa muito comprida com o meu filho — acrescentou, falando pelo canto da boca.

# CAPÍTULO 53

Tanto Graham como Molly desejavam muito que tudo voltasse a ser como antes, que continuasse onde tinham parado.

Quando viram que não era a mesma coisa, o conhecimento adquirido e não confesso vivia entre eles como uma companhia que não fosse desejada.

Molly nunca lhe parecera com melhor aspecto.

Tentava ser boa para ele mas estivera no Oregon e ressuscitara os mortos.

Willy sentira essa sensação e comportava-se friamente com Graham, irritantemente polido.

Chegou uma carta de Crawford. Molly trouxe o correio para dentro e não fez qualquer alusão.

Continha uma fotografia da família Sherman, conseguida a partir do filme. Nem tudo se queimara, explicava a nota de Crawford. Uma busca nos campos em volta da casa tinha permitido descobrir esta fotografia, bem como mais meia-dúzia de coisas que a explosão atirara para longe do fogo.

«Acho que esta gente estava provavelmente no seu itinerário», escreveu Crawford. «Agora estão em segurança. Lembrei-me de que gostaria de ser informado».

Graham mostrou-a a Molly.

— Está vendo? É por causa disso — disse ele. — É por causa disso que valia a pena.

— Eu sei — respondeu. — Compreendo tudo isso, palavra que compreendo.

Os peixes azuis saltavam ao luar. Molly preparou refeições, pescaram, fizeram fogueiras, mas nada era como antes, nada era bom.

O avô e a avó mandaram a Willy uma fotografia do pônei, que ele pregou na parede do quarto.

O quinto dia em casa era a véspera do dia em que tanto Graham como Molly regressariam a Marathon para trabalhar. Pescaram e caminharam ao longo da baía até um local onde tinham sido felizes antes.

Graham, decidira falar aos dois juntos.

A expedição não começou bem. Willy pôs expressamente de lado a vara que Graham preparara para ele e levou a vara de liga metálica que o avô lhe dera.

Pescaram em silêncio durante três horas. Por várias vezes Graham abriu a boca para falar, mas não lhe pareceu apropriado.

Estava farto de sentir que não gostavam dele.

Graham apanhou quatro peixes usando como isca moscas da areia. Willy não apanhou nada. Estava lançando com uma enorme rapala e três anzóis corridos que o avô lhe dera. Estava pescando depressa demais, lançando ininterruptamente, recolhendo depressa demais, até se encontrar imensamente corado e com a camiseta colada ao tronco.

Graham entrou na água, evitou a areia do rebentar de uma onda e voltou a sair com duas moscas da areia, as patas que sobressaíam das carapaças agitaram-se descontroladamente.

— Que tal uma dessas, sócio? — Estendeu uma das moscas da areia a Willy.

— Vou usar a rapala. Era do meu pai, sabia?

— Não. — respondeu Graham. Olhou para Molly.

Ela abraçou os joelhos e olhou para longe, fitando um pássaro que planava nos céus. Levantou-se e sacudiu a areia.

— Vou preparar uns sanduíches — disse ela.

Quando Molly se afastou, Graham sentiu-se tentado a falar a sós com o garoto. Não. Willy devia se sentir como a mãe se sentia.

Devia esperar até que ela viesse para ter os dois juntos. Desta vez era preciso fazê-lo.

Molly não se demorara e estava de volta sem os sanduíches, caminhando suavemente sobre a areia ondulada da baía.

— Jack Crawford está ao telefone. Disse-lhe que ligaria mais tarde, mas respondeu que era urgente — disse ela, olhando para uma das unhas. — É melhor apressar-se.

Graham sentiu-se corar. Enterrou a extremidade da vara na areia e correu em direção às dunas. Era mais perto do que dar a volta pela praia, desde que não se transportasse nada que pudesse ficar preso nos arbustos.

Ouviu um som indistinto transportado pelo vento; alertado por um raspar

metálico, observou o terreno enquanto passava por baixo do velho cedro.

Descortinou botas no meio dos arbustos, o reflexo de uma lente e uma sombra rápida de cáqui que se movia.

Olhou para os olhos amarelos de Francis Dolarhyde e o medo fez seu coração bater loucamente.

O ruído do acionamento de uma pistola, uma automática que se prepara para disparar, e Graham pontapeou-a no momento em que o amarelo pálido do disparo se distinguia contra o sol, fazendo que a pistola fosse parar no meio dos arbustos. Graham de costas, uma sensação de ardência no lado esquerdo do peito, deslizou de cabeça pela duna abaixo em direção à praia.

Dolarhyde deu um salto para cair em cima do estômago de Graham com ambos os pés, a faca na mão, não erguendo a cabeça quando se ouviu o débil grito junto da borda d'água. Segurou Graham com os joelhos, ergueu a faca bem alto e grunhiu enquanto a fazia descer num golpe violento. A lâmina falhou o olho de Graham e enterrou-se na face.

Dolarhyde inclinou-se para frente, colocando todo o seu peso no punho da faca para atravessar a cabeça de Graham.

A vara assobiou quando Molly a utilizou para chicotear com violência o rosto de Dolarhyde. Os grandes anzóis rapala enterraram-se firmemente no rosto e o carreto fez um ruído metálico agudo enquanto ela recuava para voltar a atacar.

Grunhiu, levou a mão ao rosto quando ela o atingiu, e os anzóis enterraram-se também na mão. Com uma das mãos livres, a outra presa no anzol que se encontrava enterrado no rosto, desenterrou a faca e correu atrás dela.

Graham rolou sobre si mesmo, pôs-se de joelhos, a seguir pôs-se de pé, os olhos alucinados e esvaindo-se em sangue, correu atrás de Dolarhyde, correu até desmaiar.

Molly correu para as dunas com Willy à frente dela.

Dolarhyde aproximava-se, arrastando a vara. Ficou presa num arbusto, dando um puxão que o fez parar, sem sequer pensar em cortar a linha.

— Corra, bebê, corra bebê, corra bebê! Não olhe para trás — arfava ela. As pernas dela eram compridas e empurrava o garoto à sua frente, o ruído de passos atrás deles aproximando-se cada vez mais.

Tinham um avanço de cem jardas quando deixaram as dunas, setenta jardas quando alcançaram a casa. Tropeçando pelas escadas acima. Fechando

Willy num armário.

— Não saia daqui — disse a Willy.

Descendo de novo, indo ao seu encontro. Descendo em direção à cozinha, ainda sem estar preparada, atrapalhada com o carregador.

Esqueceu onde se encontrava, esqueceu o que tinha à sua frente, mas agarrou firmemente na pistola com as duas mãos e quando a porta explodiu para o lado de dentro abriu-lhe um buraco na coxa do tamanho de um ninho de ratos, e disparou-lhe diretamente no rosto quando deslizava de encontro à porta e voltou a disparar no rosto quando ele caiu sentado no chão e correu para ele e voltou a disparar duas vezes no rosto quando ele rastejava na direção da parede, o escalpe caído até o queixo e o cabelo em chamas.

Willy rasgou um lençol e foi à procura de Will. As pernas tremiam ao atravessar o pátio caiu por várias vezes. O xerife e os seus ajudantes e as ambulâncias chegaram bem antes de Molly ter pensado em chamá-los. Ela estava tomando uma ducha quando eles entraram na casa de pistolas apontadas. Esfregava avidamente os restos de sangue e de osso que tinha no rosto e no cabelo e não foi capaz de responder quando um ajudante tentou falar com ela através da cortina do chuveiro.

Finalmente um dos ajudantes pegou no telefone que ainda se encontrava suspenso e falou com Crawford, em Washington, que ouvira os tiros e os avisou do que estava acontecendo.

— Não sei o que se passa, estão a trazê-lo agora — disse o ajudante. Olhou pela janela na hora em que a maca passava. Não me parece que esteja lá muito bem — acrescentou.

# CAPÍTULO 54

Na parede aos pés da cama havia um relógio com números suficientemente grandes para que pudessem ser vistos através das drogas e da dor.

Quando Will Graham conseguiu abrir o olho direito avistou o relógio e soube onde estava — uma unidade de tratamento intensivo. Sabia olhar para o relógio, e esse movimento garantia-lhe que as coisas estavam passando, que tudo passaria.

Era por isso que ele estava ali. Cautelosamente rodou o olho. Era Molly que se encontrava olhando pela janela. Estava magra. Tentou falar, mas uma dor intensa encheu-lhe o lado esquerdo da cabeça quando mexeu o maxilar. A cabeça e o peito não funcionavam em simultâneo. Produziu um ruído quando ela abandonou o quarto.

A claridade entrava pela janela quando eles o puxaram e viraram e lhe fizeram coisas que lhe deixaram os músculos do pescoço tensos.

Uma luz amarela quando viu o rosto de Crawford debruçado sobre ele.

Graham conseguiu pestanejar. Quando Crawford sorriu conseguiu distinguir-lhe um bocado de espinafre entre os dentes.

Estranho. Crawford mascava muitos vegetais.

Com a mão, Graham fez um gesto de escrever sobre o lençol. Crawford colocou o bloco de anotações debaixo da mão de Graham e pôs-lhe uma caneta entre os dedos.

«Willy está bem?», escreveu.

Graham desenhou um ponto de interrogação no bloco.

— Já vamos a isso. Vou estar por aqui, posso contar-lhe tudo quando se sentir melhor. Só me deram cinco minutos.

«Agora», escreveu Graham.

— Está, está ótimo — respondeu Crawford. — A Molly também. Esteve aqui enquanto estava dormindo. Dolarhyde morreu. Will, dou-lhe a minha

palavra de que morreu. Fui eu mesmo que lhe tirei as impressões digitais e pedi a Price para compará-las. Não há qualquer dúvida. Está morto. — O médico falou contigo? Não? Primeiro sobre você: vai ficar bom. O olho encontra-se fechado só por causa da facada profunda que levou no rosto. Já arranjaram as coisas, mas vai levar tempo. Tiraram o baço. Mas quem precisa de um baço? Price deixou o dele em Burma, em 1941.

Uma enfermeira tamborilou no vidro da porta.

— Tenho que ir embora. Por estes lados não respeitam credenciais, não respeitam nada. Quando o tempo chega ao fim limitam-se a colocá-lo na rua. Até breve.

Molly estava na sala de espera da UTI. Muitas outras pessoas com um aspecto fatigado também aguardavam ali.

Crawford dirigiu-se a ela.

— Molly ...

— Olá, Jack — respondeu ela. — Está de fato com um aspecto ótimo. Querem fazer uma cirurgia plástica do rosto?

— Acho que não, Molly.

— Olhou para ele?

— Olhei.

— Sempre pensei que não seria capaz de olhar para ele, mas consegui.

— Vai ficar bom. Foi o médico que me disse. Conseguem fazer isso. Quer que alguém fique com você, Molly? Trouxe Phyllis comigo, ela...

— Não, não faça mais nada por mim.

Voltou-se enquanto procurava um lenço de papel. Jack viu a carta quando ela abriu a bolsa: papel de carta de qualidade que já tinha visto antes.

Crawford detestava isto, mas tinha que fazê-lo.

— Molly.

— O que é?

— Will recebeu uma carta?

— Recebeu.

— Foi a enfermeira que te deu?

— Sim, deu a mim. Também guardaram flores que foram enviadas por

todos os seus amigos de Washington.

— Posso ver a carta?

— Dou a ele quando se sentir com forças.

— Por favor, deixe-me ver a carta.

— Porquê?

— Porque não tem necessidade de ter notícias... dessa pessoa em particular.

Qualquer coisa estava errada com a expressão do seu rosto e ela olhou para a carta e deixou-a cair, juntamente com a bolsa e todo o resto. Um batom rolou pelo assoalho.

Abaixando-se para apanhar as coisas de Molly, ouviu os passos dela que se afastavam, abandonando a bolsa. Crawford entregou-a a uma enfermeira.

Ele sabia que seria praticamente impossível para Lecter conseguir aquilo que ele precisaria, mas com Lecter era melhor não facilitar.

Pediu a um interno para passar a carta na fluoroscopia do departamento de raios X. Crawford abriu o envelope nos quatro lados com um canivete e examinou a superfície interior e a mensagem, à procura de qualquer mancha ou poeira — havia sempre possibilidades de conseguir obter diversos produtos no Hospital Chesapeake, mesmo sem considerar a existência da farmácia.

Satisfeito, finalmente leu a nota:

Caro Will:

Aqui estamos nós, você e eu, sofrendo nos nossos hospitais. Você com as suas dores e eu sem os meus livros — o Dr. Chilton fez que assim acontecesse.

Vivemos numa época primitiva não acha, Will? Nem selvagem, nem civilizada. Meias medidas são a maldição de tudo isto. Qualquer sociedade racional ou me mataria ou me devolveria os livros.

Desejo-lhe uma convalescença rápida e espero que não fique muito feio.

Penso muitas vezes em você.

Hannibal Lecter.

O interno olhou para o relógio.

— Ainda precisa de mim?

— Não — respondeu Crawford. — Onde fica o incinerador?

Quatro horas depois, quando Crawford voltou para uma nova visita, Molly não estava na sala de espera nem na UTI.

Graham estava acordado. Desenhou imediatamente no bloco um ponto de interrogação.

«Como é que D. morreu?», escreveu por debaixo do sinal.

Crawford contou-lhe. Graham ficou imóvel por mais de um minuto. A seguir escreveu:

«O que aconteceu?»

— Okay — respondeu Crawford. — Saint Louis. Dolarhyde deve ter procurado Reba McLane. Veio ao laboratório quando ainda estávamos lá e nos avistou. Encontramos as suas impressões digitais na janela aberta de uma sala de fornalha, só ontem é que soubemos disso.

Graham bateu no bloco.

«Corpo.»

— Acho que se trata de um tipo chamado Arnold Lang, não aparece. O seu carro foi encontrado em Memphis. Foi examinado de uma ponta à outra. Devo ter informações dentro de minutos. Deixe-me contar as coisas de uma forma ordenada.

»Dolarhyde sabia que estávamos ali. Na fábrica conseguiu se safar e dirigiu até uma estação Servco Supreme no cruzamento da Lindbergh e da US 270. Arnold Lang trabalhava lá.

»Reba McLane disse que Dolarhyde teve uma briga com o empregado de uma estação de serviço no sábado antes deste último. Estamos convencidos de que se tratava de Lang.

»Matou Lang e levou o corpo para casa. A seguir foi encontrar Reba McLane. Estava namorando Ralph Mandy na porta de casa. Matou Mandy a tiros e atirou o corpo atrás dos arbustos.

A enfermeira entrou.

— Pelo amor de Deus, é um assunto de polícia — disse Crawford. Tentou falar rapidamente enquanto ela o arrastava pela manga do casaco na direção da porta. — Cloroformizou Reba McLane e levou-a para casa. O corpo estava lá — disse Crawford, já no hall.

Graham teve que esperar mais quatro horas para saber o resto.

— Disse-lhe isto e mais aquilo, está entendendo, «mato ou não?», etc. — disse Crawford logo que entrou no quarto.

— Já sabe a intenção da chave pendurada ao pescoço: era para ter certeza de que ela apalparia o corpo. Deste modo ela poderia nos dizer que de fato tinha apalpado um corpo. A seguir as histórias de sempre, «não suporto vê-la morrer queimada», diz ele, e estoura a cabeça de Lang com um tiro de espingarda.

»Lang era ideal. Além disso não tinha dentes. Talvez Dolarhyde soubesse que a arcada do maxilar sobrevive muitas vezes a incêndios, quem pode adivinhar o que ele sabia? Além disso, Lang não tinha arcada do maxilar depois de Dolarhyde ter se ocupado dele. Disparou contra a cabeça de Lang e deve ter empurrado uma cadeira ou outra coisa qualquer para imitar o baque de um corpo caindo. Por último pendurou a chave no pescoço de Lang.

»A seguir temos Reba, completamente desnorteada, à procura da chave. Dolarhyde mantém-se num canto observando. Ela ainda tem os ouvidos zumbindo com o disparo da espingarda. Não está em condições de ouvir estes pequenos ruídos.

»Na hora em que ateou o incêndio não utilizou a gasolina. A gasolina estava na sala. Ela consegue sair de casa sem problemas. Se ela tivesse entrado em pânico agudo, se tivesse ido de encontro a uma parede ou qualquer outra coisa, ou se tivesse ficado sem ser capaz de se mexer, estou convencido de que lhe daria uma pancada para fazê-la desmaiar e que a arrastaria para fora da casa. Para que o plano funcionasse ela tinha que sair de casa. Oh, porra, aí vem a chata da enfermeira de novo.

Graham escreveu rapidamente: «E o veículo?»

— Temos que considerar esse ponto — respondeu Crawford. —Ele sabia que precisava deixar a caminhonete junto da casa. Não conseguia dirigir dois veículos e precisava de qualquer coisa para escapar.

»Fez o seguinte: obrigou Lang a atrelar o reboque da estação de serviço à caminhonete. Apagou Lang, fechou a estação de serviço e rebocou a caminhonete para casa. A seguir estacionou o reboque numa estrada de terra nos campos por trás da casa, voltou à caminhonete e foi ver o que se passava com Reba. Quando ela saiu de casa dispôs a dinamite nos locais que tinha previsto, espalhou a gasolina em volta do fogo e escapou pelos fundos. Voltou com o reboque à estação de serviço, estacionou-o e meteu-se no carro de Lang. Não deixou pontas soltas.

»Estava ficando doido até ter conseguido ver como é que tudo aconteceu. Sei que foi assim porque deixou várias impressões no gancho do reboque.

»É possível que tenhamos passado por ele na estrada, quando nos dirigíamos para a casa... Sim, minha senhora. Já vou embora. Sim, minha senhora.

Graham queria fazer uma pergunta, mas já era tarde demais.

Molly foi a visita de cinco minutos que se seguiu.

Graham escreveu no bloco de Crawford:

«Te amo». Ela acenou com a cabeça e segurou-lhe a mão.

Passado um minuto voltou a escrever:

«Willy está bem?»

Acenou com a cabeça afirmativamente.

«Aqui?»

Ergueu rapidamente os olhos do bloco para ele e apontou para a enfermeira que se aproximava.

Ele agarrou-lhe o polegar.

«Onde?», insistiu, sublinhando duas vezes.

— Oregon — respondeu ela.

Crawford ainda apareceu mais uma vez.

Graham já tinha a pergunta escrita. Dizia:

«Dentes?»

— Eram da avó — respondeu Crawford. — Os que encontramos na casa eram da avó. O Departamento de Polícia de Saint Louis localizou um tal Ned Vogt, a mãe de Dolarhyde era madrasta de Vogt. Este viu a Sra. Dolarhyde quando era pequeno e nunca mais esqueceu os dentes.

»Foi por isso que te telefonei na hora em que Dolarhyde apareceu. Smithsonian acabara de me telefonar. Finalmente tinham conseguido os dentes da parte das autoridades do Missouri, apenas para examinarem por uma questão de curiosidade. Verificaram que a parte de cima era feita de vulcanite em vez de acrílico, como se usa agora. A trinta e cinco anos que ninguém faz placas com vulcanite.

»Dolarhyde tinha uma placa nova em acrílico exatamente igual à outra. A nova estava no corpo. O Smithsonian examinou o tipo de fabricação. Fabricação

chinesa. A antiga era suíça.

»Também tinha com ele a chave de um cacifo em Miami. Havia guardado um livro enorme lá. Uma espécie de diário, uma coisa diabólica. Quando quiser ver sou capaz de conseguir.

»Olha, atleta, tenho que voltar para Washington. No fim-de-semana, se puder, volto aqui. Fica bem?

Graham desenhou um ponto de interrogação, a seguir riscou-o e escreveu:

«Fique descansado.»

A enfermeira entrou depois de Crawford ter saído. Injetou uma percentagem de demerol na linha intravenosa e o relógio ficou lentamente envolto em nevoeiro. Não era capaz de seguir o ponteiro dos minutos.

Tentou imaginar se o demerol seria capaz de influenciar os seus sentimentos. Com aquela cara ficaria com Molly durante algum tempo. Pelo menos até que tivessem acabado de tratá-lo. Era tudo muito fácil. Ficar com ela para quê? Estava deslizando para um poço sem fundo e só esperava não ter pesadelos.

Vogava entre recordações e pesadelos, mas seria isso assim tão mau? Nos sonhos não apareciam nem Molly indo embora nem Dolarhyde. Era uma velha recordação, o sonho de Shiloh interrompido por luzes projetadas no rosto e o ruído monótono do indicador de pressão sanguínea...

Quando Graham visitou Shiloh era Primavera e pouco tempo se passara desde que abatera Garrett Jacob Hobbs.

Num ameno dia de Abril atravessou a estrada de asfalto em direção a Bloody Pond. A relva nova, de um verde ainda muito claro, crescia na encosta descendo até à borda de água. A água límpida subia até à relva e esta era visível dentro da água, espraiando-se na direção do fundo, como se cobrisse tudo. Graham sabia o que acontecera ali em Abril de 1862.

Sentou-se na relva sentindo a umidade trespassar o tecido das calças.

Um automóvel de turistas passou na estrada depois dele a ter atravessado e Graham distinguiu movimento estranho atrás de si. O carro atropelara uma cobra. Esta deslizou pelo asfalto em intermináveis oitos, uns mostrando o dorso negro, outros o ventre esbranquiçado.

Uma presença estranha em Shiloh invadia-o de frio, embora estivesse suando devido ao sol de Primavera.

Graham levantou-se da relva, o traseiro das calças umedecido. Sentia-se

tonto.

A cobra estava enrolada sobre ela mesma. Parou junto dela, agarrou-a pela parte macia da ponta da cauda e, com um movimento longo e fluido, a fez estalar no ar como um chicote.

Os miolos foram projetados na lagoa. Uma perca lançou-se sobre eles.

Pensara que Shiloh estava assombrada, com a sua beleza sinistra semelhante a bandeiras esvoaçantes.

Agora, vogando entre as recordações e o sono narcótico, viu que Shiloh não era sinistra; era indiferente. A beleza de Shiloh, não podia testemunhar nada. A sua beleza imperdoável limitava-se a resvalar pela indiferença da natureza, a Máquina Verde. O encanto de Shiloh zombava da nossa luta.

Ergueu-se e olhou para o relógio irracional, mas não era capaz de deixar de pensar.

Na Máquina Verde não há qualquer tipo de misericórdia; nós fazemos a misericórdia, a fabricamos na parte mais vil do nosso cérebro.

O assassinato não existe. Nós é que criamos o assassinato e este só existe para nós.

Graham sabia que possuía todos os elementos para cometer um assassinato; e talvez também para ter misericórdia.

Tentava imaginar se no grande corpo da humanidade, nas mentes dos homens que criaram a civilização, os impulsos viciosos que controlamos dentro de nós e o conhecimento dos instintos ocultos desses mesmos impulsos funcionam como os vírus letais contra os quais o corpo se debate.

Tentava imaginar se os velhos e estranhos impulsos serão os vírus com os quais se produz a vacina.

Sim, enganara-se a respeito de Shiloh. Shiloh não está assombrada — os homens é que estão assombrados.

Shiloh não tem qualquer importância.

*E dei o meu coração para conhecer a sabedoria, e para conhecer a fúria e a loucura;*

*Percebi que isso também é humilhação do espírito.*

ECLESIASTES.

{1} Depois da morte de Blake, este poema foi encontrado juntamente com as gravuras de Cantos de Experiência. Só apareceu mais tarde em edições póstumas.

{2} s. m., homem andrajoso;desprezível; fig., pessoa sem dignidade nem pudor; pessoa indecente. *(N.T.)*

{3} No original, «Tooth Fairy» [Fada do Dente].